

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
DEPARTAMENTO DE TEORIA E HISTÓRIA LITERÁRIA

O refratário e abnegado José Severiano de Rezende

RENATO RODRIGUES DE LIMA JÚNIOR

Dissertação de Mestrado apresentada na área de Teoria e História Literária
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Eugenia da Gama Alves Boaventura Dias
Banca examinadora: Prof. Dr. Paulo Elias Allane Franchetti e Prof.^a Dr.^a Francine
Fernandes Weiss Ricieri

Campinas – 2002

UNIVERSIDADE	BC
CHAMADA	F/UNICAMP
	L628r
	EX
NUMERO BC/	61032
OC.	16.11.04
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	16,00
DATA	19.11.04
CPD	

B.6 71 334484

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

L628r Lima Júnior, Renato Rodrigues de
O refratário e abnegado José Severiano de Rezende / Renato Rodrigues de Lima Júnior. - - Campinas, SP: [s.n.], 2002.

Orientador: Maria Eugenia da Gama Alves Boaventura Dias
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Rezende, José Severiano, 1871-1931 - Biografia. 2. Literatura - História. 3. Poesia. I. Boaventura, Maria Eugenia da Gama Alves. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Resumo

Biografia literária ilustrada do jornalista, agitador cultural, filósofo e escritor simbolista brasileiro José Severiano de Rezende, elaborada a partir de simetrias entre sua vida e a da personagem Fausto, para mostrar o curso de sua existência como um arquétipo do homem na busca do conhecimento. Nessa perspectiva, a dissertação ajusta o foco de sua atuação política, social e cultural apoiada em suas obras jornalística e literária; na recepção crítica das mesmas, e em vasta documentação. Além disso, traz em anexo: uma cronologia da vida e obra do autor; sua ode *Hymne à l'Homme qui viendra*, e o discurso inédito "Un poète brésilien: José Severiano de Rezende", de André Delacour.

Abstract

An literary illustrated biography of the Brazilian journalist, radical promoter of culture, philosopher and symbolist writer José Severiano de Rezende, formulated from the construction of the correspondence between Rezende's and Faust's life, in order to demonstrate the author's life course as an archetype of man in search of knowledge. From that point of view, this dissertation adjusts the focus of the author's performance in politics, in society and in culture, supported by his literary and journalistic works as well as their reception by critics, and by a wide documentation. Besides, there are in the annexe: author's life and works chronology, his ode *Hymne à l'Homme qui viendra* and the unpublished discourse "Un poète brésilien: José Severiano de Rezende", by André Delacour.

Este exemplar e a redação final da tese
defendida por Renato Rodrigues
de Lima Júnior.

e aprovada pela Comissão Julgadora em
02/10/04.

*Para meu pai
Renato Rodrigues de Lima,
In memoriam,
e
Helenita de Carvalho Queiroz,
minha mãe.*

Sumário

Nota prévia	7
Fausto ainda e sempre	11
A mutabilidade do mito	12
O mito em <i>Mysterios</i>	14
Uma personalidade ambivalente	16
A busca da unidade primordial	19
Uma encarnação fáustica	22
Um ilustre infausto	25
Os passos iniciais	26
A experiência acadêmica	29
O Simbolismo em São Paulo	36
A conversão inexplicada	39
A vida no Seminário	41
O padre jornalista	46
Combatendo a República	52
A decepção com Dom Silvério	57
Uma tentativa de submissão	60
O jornalismo na Capital Federal	67
O padre Rezende no <i>Correio da Manhã</i>	70
As revistas da <i>belle époque</i> carioca	85
O padre Severiano e o mundanismo	87
A Academia Brasileira de Letras e as conferências literárias	93
Os últimos anos no Brasil	101
Resquícios dos primeiros anos em Paris	103
A primeira viagem ao Brasil	110
De volta à França	115
Agruras no Consulado brasileiro de Paris	120
A última viagem ao Brasil	132
O reconhecimento tardio em Paris	135
Conclusão	146
Fontes	148
Bibliografia de José Severiano de Rezende	148
Livros	148
Opúsculo	148
Folheto	148
Publicação em periódicos	148
Bibliografia sobre José Severiano de Rezende	162
Escorços biográficos	162
Crônicas	163
Notas	165
Críticas	170

Notas críticas	171
Poesias dedicadas a ele	172
Charge e quadras humorísticas	173
Diversos	173
Iconografia	174
Documentos	176
Fac-símiles de poemas manuscritos	183
Correspondências	183
Correspondência ativa de José Severiano de Rezende	183
Correspondência passiva de José Severiano de Rezende	190
Correspondência de outros	191
Bibliografia	191
Monografias, periódicos e folheto	191
Artigos	195
Anexos	197
Cronologia da vida e obra de José Severiano de Rezende	198
<i>Hymne à l'Homme qui viendra</i>	204
“Un poète brésilien: José Severiano de Rezende”	214



Nota prévia

Tendo em vista a obscuridade que envolve José Severiano de Rezende, para desenvolver este trabalho, investiguei com minúcias toda pista surgida na expectativa de lhe traçar um retrato nítido. Quando paro e olho para trás, às vezes pergunto-me como tive tanto fôlego para seguir as pistas que iam se sucedendo, pois questionei até evidências de que seria homossexual, assim como investiguei as de que sua vida teria sido objeto de um filme e de um romance franceses, e ainda de que teria sido membro da Academia das Ciências de Lisboa. Sendo assim, muito do que se escreveu ou se fala sobre José Severiano de Rezende são afirmações mal fundamentadas, apesar de muitas vezes condizentes com o seu perfil boêmio e iconoclasta. Por isso, Gilberto Amado o apontou como alcoólatra e muitos outros disseram que se envergonhava da fé católica, como afirmou Otávio Tarquínio de Souza a Carlos Drummond de Andrade:

Otávio Tarquínio de Souza conta-me que o poeta Severiano de Rezende se casou com uma francesa, omitindo o fato de que fora padre. E todas as manhãs, em Paris, onde morava, saía de casa sem dizer à mulher o que ia fazer. E entrava sorrateiramente numa igreja, para ouvir missa, já que não poderia mais celebrá-la.¹

É importante dizer que mantive a grafia original do sobrenome Rezende com a letra *z* apesar da norma ortográfica atual impor a troca pelo *s*; assim como preservei a grafia de *Mysterios*², de *Villa Kyrial* e do *Valle* de José de Freitas, por simpatizar com a tese de se manter o nome de pessoas, cidades, sítios geográficos, etc. que têm identidade própria e são tradicionais, com a grafia original, como acontece com *Alphonsus de Guimaraens* e

¹ ANDRADE, Carlos Drummond. *O observador no escritório*: páginas de diário. Rio de Janeiro: Record, 1985. p. 96.

² Contudo mantive a grafia atualizada do título da segunda edição: *Mistérios*.

Itamaraty. Também é importante registrar que caso alguém queira fazer cópia de alguma ilustração reproduzida no trabalho, é recomendável antes solicitar permissão à instituição detentora do original.

Ainda que não me sinta à vontade para fazer agradecimentos, muito menos para citar nomes, em horas como esta é imprescindível mencionar alguns, mesmo correndo o risco de esquecer outros. Portanto, é com carinho que me recordo de Luciana Gama Santos, Tânia Angélica Martuscelli, Carioca, Camilo, Flávia Trocoli, Luiz Dantas, Antonia Maria Nunes, Cássia dos Santos, Elizabeth Gonzaga de Lima, Edouard Boulanger, Cláudia Cristina Silveira, Flávio Antônio Fernandes Reis, Arlete Auxiliadora Gomes e família.

Saudoso relembro-me de monsenhor Almir de Rezende Aquino que batalhou durante toda a sua vida para retirar o primo José Severiano do ostracismo e que faleceu antes de ver o meu trabalho concluído, depois de tanto assessorá-lo. O maior impulso dado a minha pesquisa veio por intermédio dele ao me emprestar a documentação que recolheu e ao responder pronta e pacientemente a todos os meus questionamentos.

Quando já pensava que a pesquisa estava terminada, providencialmente, apareceram Francine Fernandes Weiss Ricieri e o professor Pierre Rivas apresentando-me perspectivas novas que enriqueceram mais ainda a biografia.

Agradeço a Paulo Franchetti pelo apoio na viabilização do Mestrado.

Agradeço a Maria Eugenia Boaventura pela orientação.

Agradeço também ao IEL/UNICAMP pela oportunidade de crescimento intelectual e pessoal e à CAPES pela bolsa de mestrado.

Não posso cometer o lapso de deixar de citar as seguintes instituições que não constam nas Fontes deste trabalho, mas que me abriram seus acervos:

Arquivo Alexandre Eulálio/IEL-UNICAMP, Campinas – SP

Arquivo da Câmara Municipal de Mariana, Mariana – MG
Arquivo do Museu Regional de São João del-Rei, São João del-Rei – MG
Arquivo do Pilar, Ouro Preto – MG
Arquivo Edgar Leuenroth/IFCH-UNICAMP, Campinas – SP
Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, Belo Horizonte – MG
Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte – MG
Biblioteca Alphonsus de Guimaraens/ICHS-UFOP, Mariana – MG
Biblioteca Central/UNICAMP, Campinas – SP
Biblioteca do IEL/UNICAMP, Campinas – SP
Biblioteca do IFCH/UNICAMP, Campinas – SP
Biblioteca Geral/UFMG, Belo Horizonte – MG
Biblioteca Pública Municipal Batista Caetano de Almeida, São João del-Rei – MG
Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, Belo Horizonte – MG
Bibliothèque de l'École de Médecine, Paris – França.
Bibliothèque Forney, Paris – França
Bibliothèque Historique de la Ville de Paris, Paris – França
Bibliothèque Interuniversitaire des Langues Orientales, Paris – França
Casa de Cultura (Biblioteca), Mariana – MG
Consulat de France, Rio de Janeiro – RJ
Escola Nacional de Música – RJ
Gabinete Português de Leitura, Salvador – BA
Maison de France (Biblioteca), Rio de Janeiro – RJ
Mosteiro de São Bento (Biblioteca), Rio de Janeiro – RJ
Palácio Episcopal (Biblioteca), Mariana – MG
Seminário Maior de Filosofia (Biblioteca), Mariana – MG
Seminário Maior de Teologia (Biblioteca), Mariana – MG



J. S. de R.

Fausto ainda e sempre

Une vie ne se joue pas deux fois [...] Un homme qui ferait deux fois, qui recommencerait, qui vivrait, qui jouerait deux fois sa vie, ne serait point un homme, une misérable créature pécheresse et précaire, un chrétien; il serait un être imaginaire, un Faust. Un homme qui aurait le droit, qui aurait ce pouvoir exorbitant, de recommencer, il ne serait point un homme, il serait un dieux, mon ami.

Charles Péguy

Abordar um símbolo, um mito ou um comportamento arcaico, enquanto expressão de situações existenciais, já pressupõe o reconhecimento de uma dignidade humana e uma significação filosófica.

Mircea Eliade

L'histoire de Faust, depuis quatre siècles, c'est l'histoire des générations successives, tentées, les unes après les autres de céder à leur rêve de grandeur ou de réussite et que le schéma dramatique – souvent aussi le poids de la réalité ou de événements – ramène au drame de Faust affronté au Mal, comme à l'image authentique de la condition humaine. A chaque génération nouvelle, le mythe rappelle qu'il est donné à l'homme de choisir sa vie, d'être, avec son dieu ou son démon, créateur ou négateur de lui-même, et que, dans cette tâche qui constitue l'humanité, il sera renvoyé sans cesse de ses vastes rêves à son trop réel drame.

André Dabezies

A mutabilidade do mito

No Ocidente, desde o século XVI, o mito³ de Fausto vem sendo reescrito por sua capacidade de diálogo com as mais diversas ideologias, das quais toma emprestado vocabulários e ou orientações, visto que ele e o seu drama mantêm uma certa constância que dota a forma literária de alguns elementos de estabilidade. Sendo assim, a vida de Fausto possibilita ilustrar a eterna busca humana de realização, principalmente, a trajetória na busca do conhecimento, pois a estrutura de sua existência é uma sucessão de aventuras de caráter dramático que sugerem a epopéia da vida do homem. A personagem as repete de maneira que cada movimento se encadeia no seguinte formando uma linha sinusoidal com as sucessivas tentativas e quedas do herói típico, sendo que o prólogo e o epílogo oferecem o enquadramento cósmico e religioso esperado na epopéia. A unidade da personagem é flexível e até casual. Em sua psicologia pode faltar coerência e unidade, procedendo melhor por lampejos fulgurantes do que por análise, pois o fantástico pode impelir um realismo e uma cronologia bastante frouxos, iluminados e transmitidos por uma visão hesitante do mundo e do homem romântico.

Na última metade do século XIX, a personagem tomou um grande impulso com a popularização do *Segundo Fausto* (1832), de Goethe, que desencadeou polimórficas interpretações que a levaram até as telas de cinema. Por conseguinte, Fausto se difundiu pelo mundo ocidental, alcançando *status* de universalidade, após receber o toque do individualismo romântico que alterou o aspecto puritano de sua simbólica, transcendentalizando-a. Foi nessa onda, que o anticonformista compositor italiano Arrigo Boito incorporou a obra goethiana a sua ópera *Mefistofele* (1868), deslocando o interesse da

³ Conforme André Dabezies em *Le mythe de Faust*, o termo *mito* é aqui utilizado no sentido de narrativa, ou de personagem exemplar aos olhos de uma comunidade, para a qual ele exprime e esclarece um aspecto da existência, seja justificando uma situação, um traço da condição humana, seja propondo uma caminhada ativa, um exemplo a imitar ou não, uma norma moral ou um projeto revolucionário.

tragédia para o drama de idéias, para a discussão sobre a salvação de Fausto, para o significado de seu destino e para o valor de seu exemplo de vida, ao invés de reduzir a amplitude do drama a uma história de juventude e amor como a ópera *Faust* (1859), de Charles François Gounod que alcançou grande sucesso popular.

Assim para Boito, como para muitos das gerações formadas no culto da história e da filosofia idealista do *Segundo Fausto*, a personagem passou a representar o homem moderno em seu esforço e procura, tornou-se o símbolo da humanidade que constrói um futuro luminoso através de misérias e erros. Fausto ressurgiu como um sábio austero nobremente consagrado a sua tarefa, espírito livre, visionário intrépido, sempre pronto para relevantes empreendimentos. E, dessa idealização do herói e do seu drama, a ópera de Boito é um bom testemunho da glorificação da personagem.

No entanto, o prestígio do Fausto goethiano junto ao público cultivado fez com que esse pilhasse a obra retomando suas fórmulas, seus movimentos líricos, suas cenas inteiras a seu bel-prazer. Por conseguinte, o drama era freqüentemente esquecido, a personagem perdia sua originalidade e encarnava qualquer movimento, a ponto de Boito afirmar que Todo homem que aspira ao Desconhecido, ao Ideal, é um Fausto.⁴ E sua afirmativa é incorreta, pois os motivos goethianos acabavam dispersos pelos empréstimos formais tomados, arbitrariamente, sem o menor respeito à coerência interna da obra. Haja vista, o que aconteceu com a ópera de Gounod que suprimiu o drama do conhecimento e tornou a personagem um ser sem aspirações metafísicas e sobre-humanas. Segundo Luís Filipe Ribeiro muitos desprezaram o fato do mito estar alicerçado numa ordem de valores da sociedade medieva e que, portanto, o pacto com o demônio está ligado à questões daquela época. Sendo assim, o mito ao ser desligado de sua memória deixa de ser fáustico, apesar

dos comparativismos baseados em arquétipos atemporais afirmarem o contrário. Em outros termos, o mito apresenta uma estrutura orgânica bipolar em transformação que não se deixa violentar, pois se um dos pólos desaparece, o mito tende rapidamente a se tornar um clichê ideológico, no qual cada um extrai as suas próprias conveniências e fantasias.

Contudo, em reação ao materialismo científico que dominava a mentalidade do final do século XIX, a teosofia e outras doutrinas espiritualistas buscaram vidas emblemáticas para tentar remodelar a humanidade, encontrando no Fausto goethiano o paradigma perfeito por ele conjugar a herança cristã e a sabedoria oriental num só conhecimento espiritualista. Em vista disso, a *Belle Époque* viu surgir um considerável número de novos Faustos, porém esses são pouco significativos do clima intelectual vigente, a não ser sob a forma de reação contrária, numa onda de comédias e paródias que fazem sátira e crítica social. Raras obras renovaram o drama fáustico ou tentaram prolongar o espírito da obra goethiana, por isso, no começo do século XX, Fausto que tudo exprimia, não exprimia mais grande coisa por si mesmo. O grande mito romântico parecia esgotado, restando um tema fácil, sobre o qual era possível sempre tecer variações novas, simbólicas ou irônicas.

O mito em *Mysterios*

Após as duas Grandes Guerras, novas ondas de reescritura despontaram e boa parte dessas refletiu a atualidade política, revelando as angústias, entusiasmos, crises de consciência e catástrofes de algum país ou de alguma geração. Na onda levantada após a Primeira Guerra Mundial surgiu entre as espumas *Mysterios* (1920), de José Severiano de

⁴ DABEZIES, André. *Le mythe de Faust*. Paris: A. Colin, 1990. p. 143.

Rezende, editado em Lisboa e que, mesmo tendo sido enviado de Paris aos amigos do meio literário, passou despercebido no Brasil.

Somente em 1957, o escritor Alberto da Costa e Silva, ao reler a obra, percebeu sua importância e dedicou-lhe um artigo mais completo do que aquele publicado em 1954⁵. O texto intitulado “José Severiano de Rezende e alguns temas de sua poesia” destaca a recorrência do tema fáustico, levantando a suspeita de que existiria uma relação biográfica na sua utilização:

O Doutor Fausto é a personagem predileta de Severiano de Rezende, e está no eixo de suas imagens, no fundamento da poesia desse homem enamorado pelo drama da queda e freqüentado pelo mistério. Até que ponto essas visões foram simples recursos de poeta? pergunto a mim mesmo, embora não possa dar nenhuma resposta. Até que ponto estava ligada a sombra do demônio à sua vida?⁶

A dedução de Costa e Silva foi baseada nas lendas sobre a vida de Severiano de Rezende e na comparação de sua obra poética com *Doktor Faustus* (1947), de Thomas Mann. Através desta, percebeu na personagem Adrian Leverkühn a mesma fascinação pelo demônio manifestada por José Severiano em *Mysterios*. Observou o fato dos dois escritores manterem uma atmosfera interrogativa e enigmática, na qual o nome do anjo decaído pouco é dito, e estranhou a possibilidade de se seguir o roteiro do romancista alemão pelos poemas de Rezende também ligados ao drama de Fausto.

Entretanto, a análise de Costa e Silva sugere que não tinha consciência da diferença existente entre o Fausto de Goethe e o de Mann, ou seja, que o primeiro tem a salvação garantida no final da história, enquanto o segundo está fadado à condenação. Mas teria Costa e Silva apenas relacionado o fim triste de Severiano de Rezende que morreu pobre

⁵ SILVA, Alberto da Costa e. “Um poeta estranho: José Severiano de Rezende”. *A Noite*, Rio de Janeiro, ano 9, n. 308, 20 jul. 1954. Letras e Artes, p. 4.

⁶ Idem. “José Severiano de Rezende e alguns temas de sua poesia”. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro: INL, ano 2, n. 6, p. 69, jun. 1957.

em Paris e desconhecido no Brasil, com o fim de Adrian que morre sem merecer nenhuma misericórdia? Mesmo que seja isso, o Fausto goethiano é destinado a receber o perdão, ainda que muitos erros tenha cometido, visto que nunca cessou de se inclinar para a sublimidade e, Severiano, como indica *Mysterios* e fatos conhecidos de sua vida, arrependeu-se, logo não faleceu excomungado.

Por outro lado, o artigo de Costa e Silva revela que, antes de Thomas Mann, José Severiano de Rezende, encantado com o tentador, esboçou-lhe um novo e grandioso retrato, porém calcado na ópera *Mefistofele*, de Arrigo Boito, conforme sugerem duas epígrafes inseridas em *Mysterios*, que o próprio Costa e Silva destacou em sua análise. Talvez, Severiano de Rezende tenha se identificado com o wagnerismo sinfônico de Boito e percebido que aspirando a originalidade ele obteve um resultado que soa estranho, mas que tende ao grandioso, pois *Mefistofele* é uma onda de esplendor musical que se eleva no sentido da realizada conclusão⁷, mesmo sendo, como *Mysterios*, uma construção de cenas matrizes mais do que uma composição cerrada.

Uma personalidade ambivalente

Para André Dabezies, as reescrituras de Fausto são essencialmente autobiográficas, pois é notório que cada um encontra na personagem o que lá projetou de si mesmo. Por conseguinte, fica fortalecida a hipótese do eu poético de Severiano de Rezende estar expressando a sua própria história quando, no poema “Vozes Interiores”, o Pecado se manifesta, dizendo-lhe: – Dentro em ti soluça e geme o Doutor Fausto.⁸

⁷ SCHERER, Barrymore Laurence. “O tormento demoníaco de Boito”. BOITO, Arrigo. *Mefistofele*. [s. l.]: Sony classical, [s. d.]. p. 12-13.

⁸ REZENDE, José Severiano de. *Mysterios*. Lisboa: Aillaud e Bertrand, 1920. p 63.

Dabezies acrescenta ainda que os reescritores deste mito tendem a escrever apenas um único e definitivo livro, isto é, uma autobiografia total e virtualmente universal. Passam a vida aprimorando-o, burilando-o, como o personagem de Paul Valéry em *Mon Faust* (1941) o fez e, como na vida real, Severiano nos deixa intuir pelas diversas versões de seus poemas encontrados na imprensa.

O texto de Costa e Silva ainda destaca a identificação de Severiano de Rezende com o príncipe das trevas:

Penso que “A Lúcifer” é o mais pessoal de todos os trabalhos de Severiano de Rezende, aquele em que pôs por inteiro a experiência dolorosa de sua vida. Nele o poeta transpõe para Lúcifer, elevado à centésima potência, o seu próprio drama individual, o drama de um padre renegado, que continuou acordado para Deus, embora sem atingir a plenitude da caridade. Ele sabia que ele próprio, apesar de ter ousado desafiar e trair, como Lúcifer, permanecia príncipe e rei. E tudo o que há no poema sobre a solidão e a miséria do Arcanjo exilado, vivendo num clima de nostalgia do amor, não será, de certo modo, o relato de sua própria condição?⁹

Fortalece sua hipótese a mesma suposição levantada por Henriqueta Lisboa ainda que também insegura de emití-la:

Apesar da nitidez do objeto visado, Satã, algo de pessoal o transforma em sujeito: o próprio poeta, transmutado na figura simbólica de Lúcifer por envolvimento da imaginação, na afinidade instintiva do orgulho, até mesmo por analogia biográfica. Se for viável a hipótese, é o caso da perfeita metáfora, transfusão integral de objeto-sujeito, como preconiza a moderna poética. Isso ameniza igualmente a audácia do conceito.¹⁰

Como a opinião similar dos críticos solidifica a hipótese, torna-se possível concluir que a identificação com o demônio é a base do conflito existencial de Rezende: conflito entre o material e o espiritual, entre o Bem e o Mal, manifesto largamente em *Mysterios* pelo uso de oposições de imagens, de idéias, etc. Isso seria um resquício de sua formação católica que não compreende, nem aceita a interdependência dos opostos?, ou seria o esquecimento da lição cristã ...quanto à conveniência de se deixar crescer o joio junto ao trigo; lição de

⁹ SILVA, op. cit. p. 72.

¹⁰ LISBOA, Henriqueta. “Introdução I”. In: REZENDE, José Severiano de. *Mistérios*. Belo Horizonte: CEM, 1971. p. 13-14.

amenidade, doçura e confiança nas forças recônditas do bem¹¹, como escreveu Lisboa em sua análise da obra? Talvez, mas é mais certo que seja a saudade da unidade original andrógina, na qual todas as possibilidades se encontravam reunidas em Adão, o homem primordial, já que a estrutura bipolar da vida, incitava Severiano a realizar seus sonhos, enquanto os limites humanos o impediam de realizá-los. Ou teria Severiano de Rezende, como Baudelaire, apenas procurado reconciliar Satã com Deus através da poesia para alcançar a Beleza?

O fato é que ao se identificar com Lúcifer – o príncipe orgulhoso e rebelde que transporta a Luz – Severiano manifestou a sua rebelião contra os limites impostos e tomou a via heróica escolhendo a danação. Por outro lado, manifestou a sua crença no sagrado fundamental que congrega o profano, ao invés de se opor a ele.

Mesmo contrariando a ética católica, ao estender a Graça ao eterno maligno, Rezende não se afastou muito da doutrina cristã, pois a *Bíblia* registra que tal ser só pode agir com a permissão divina¹². De igual maneira, reforçou a simpatia recíproca existente entre Deus e Mefistófeles tão claramente exposta por Goethe no “Prólogo ao Céu” de seu primeiro *Fausto*, pois esse mesmo sendo uma tragédia cristã e, portanto, uma seta na direção do dualismo ético, não deixa de sinalizar, através do pacto, para a primordial harmonia sagrada perdida. Por conseguinte, torna-se óbvio que a contradição também contribui para a evolução humana, pois o mal e o erro podem incitar da mesma maneira, ou até melhor, já que é na tentativa de acertos que o homem alcança a compreensão. E a Natureza não se preocupa com os erros, ela mesma os repara sem nenhum questionamento.

Dessa forma, em Goethe, Mefistófeles mesmo sendo o espírito que nega, que

¹¹ LISBOA, op. cit. p. 7- 8.

¹² BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Rio de Janeiro: Encyclopædia Britannica, 1966. 3 Rs. 22, 22; Jó 1, 12; 2, 6; Mt. 8, 31; Tim. 2, 26; Apc. 20, 7.

protesta, aquele que tenta impedir o fluxo da vida, impedindo que as coisas se façam, ironicamente, é aquele que acaba estimulando a Vida e colaborando com a obra divina, ao invés de levar Fausto à morte em vida e à danação eterna, caso conseguisse esterilizá-lo espiritualmente. Logo, o diabo luta contra o Bem, mas acaba por fazê-lo, e é por isso que Deus o fez companheiro da humanidade: Sou parcela do Além/Força que cria o Mal e também faz o Bem¹³, disse Mefistófeles no primeiro *Fausto* goethiano.

Portanto, Severiano sendo cristão e conhecedor deste pensamento de Goethe, assim como, do tratado de Santo Agostinho *De civitate Dei* que subordina o homem a essa monarquia dual, na qual Satã reina sobre o mundo carnal, mesmo sendo o homem uma criatura divina, nata para o bem, para o infinito e para a perfeição, acabou vendo em si as duas trágicas personagens, pois

Mefistófeles, como Fausto, foi também fragmentado do grande Todo, do qual ambos se erradicaram e sentem necessidade, precisão, desejo de retorno. Mefistófeles e Fausto são seres desejanter por serem divinos e diabólicos. O pacto, entre ambos, realiza-se, portanto, no espaço da perda e da infração. Eles pactuam, em ansiosa e ansiada complementaridade, a fim de conhecerem, conhecerem e serem mais.¹⁴

A busca da unidade primordial

Ao destacar o tema *coincidentia oppositorum*, o livro *Mysterios* desvela a trajetória de vida do poeta, mostrando o seu ser facetado que perdeu a unidade primordial e sente saudade dela¹⁵. Conseqüentemente, revela um ser humano confuso e atormentado que

¹³ GOETHE, J. W. *Fausto*. Rio de Janeiro: Agir, 1968. p. 70.

¹⁴ NASCIMENTO, Dalma. "Fausto e Don Juan: o pacto com a complementaridade". *Organon*. Porto Alegre: UFRGS, n. 19, p. 42, 1992.

¹⁵ Segundo Mircea Eliade "foi o desejo de recuperar essa Unidade perdida que obrigou o homem a conceber os opostos como aspectos complementares de uma realidade única. É a partir de tais experiências existenciais, desencadeadas pela necessidade de transcender os contrários, que se articularam as primeiras especulações teológicas e filosóficas. Antes de se tornarem conceitos filosóficos por excelência, o Um, a Unidade, a Totalidade constituíam nostalgias que se revelavam nos mitos e nas crenças e se enalteciam nos ritos e nas técnicas místicas. No nível do pensamento pré-sistemático, o mistério da totalidade traduz o esforço do homem para ter acesso a uma perspectiva na qual os contrários se anulem, o Espírito do Mal se revele incitador do Bem e os Demônios apareçam como o aspecto noturno dos Deuses. O fato de esses temas e esses

... levou vida difícil, repleta de incompatibilidades consigo mesmo, de incompreensões do e com o meio social, mormente o que escolhera no entusiasmo da juventude, o da igreja católica. *Sacerdos in æternum*, ele arrasta pela vida o estigma de um engano inicial de vocação. Ou terá sido infiel a essa vocação, por excesso de soberba, intransigência e intolerância? Homem de fé, cristão de sentimentos inalienáveis e ardentes, rompeu caminho a seu modo, impugnando o erro e a hipocrisia, pagando tributo pelos próprios desacertos, buscando messianicamente uma solução salvadora não apenas para sua alma como também para a humanidade.¹⁶

Como um ser constituído de contradições manifesta uma nostalgia do passado e um impulso utópico-libertário, Severiano de Rezende se identificou com pessoas e instituições que buscavam no tempo primitivo o sentido da vida e da história, em oposição ao pensamento dominante de sua época que romperia com o passado. Ele acreditava que num passado mágico a realidade mais profunda da vida tinha se manifestado mais intensamente, por isso, defendeu a destituída Monarquia e a menosprezada Igreja Católica. Por isso, aderiu ao Decadentismo-Simbolismo e por isso, a sua obra poética traz uma quantidade de anjos maus, de animais medonhos (quiméricos ou não), pois esses sinalizam a presença de forças da morte assombrando a terra, invadindo o espaço da vida. Tais presenças representam o mundo às avessas e o tema do mundo às avessas na literatura universal é entendido como "...a expressão de um descontentamento com as coisas do mundo contemporâneo", ou melhor "uma oposição entre as gerações velhas e as gerações que rebentam."¹⁷ E Severiano de Rezende teve contato com esse tema universal, desde a infância em São João del-Rei, pois lá as lendárias histórias da *missa das almas*¹⁸ é uma tradição que revela o pacto com o demônio como sendo um pacto implícito e passivo: o destino.

motivos arcaicos sobreviverem ainda no folclore e surgirem continuamente nos mundos onírico e imaginário prova que o mistério da totalidade faz parte integrante do drama humano. Ele volta com múltiplos aspectos e em todos os níveis da vida cultural, tanto na teologia mística e na filosofia quanto nas mitologias e nos folclores universais; tanto nos sonhos e nas fantasias dos modernos quanto nas criações artísticas." ELIADE, Mircea. *Mefistófeles e o andrógino*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 128.

¹⁶ LISBOA, op. cit. p. 7.

¹⁷ SPERBER, Suzi Frankl Sperber. "O pacto: tradição e utopia". *Organon*. Porto Alegre: UFRGS, n. 19, p. 76, 1992.

¹⁸ BROCA, Brito. *Pontos de referência*. [Rio de Janeiro]: MEC, [1962], p.[?].

Em vista disso, o seu temperamento, naturalmente, o incitava a romper com os próprios limites e com os que lhe eram impostos na tentativa de uma realização mais plena, onde o simbólico pacto¹⁹ com o demônio se revela na nobre audácia de se valer das armas do próprio Lúcifer – contradizer a convenção, para tentar alcançar o ideal de sublimidade, mesmo tendo consciência das barreiras a atravessar. Sua iconoclastia revelou um ser individualista e isso foi a sua glória e a sua perdição, porque a humanidade, por não compreender as diferenças, não aceita o diverso e tenta destruí-lo para preservar a ordem estabelecida.

Em outras palavras, Severiano de Rezende, pontualmente, descreveu com sua própria vida a epopéia fáustica, buscando a misteriosa totalidade perdida, revivendo como os individualistas românticos a saudosa *coincidentia oppositorum* de um Nicolau de Cusa; dramatizando em sua arte a *res bina* ou *rebis* da alquimia medieval, e ainda, conduzindo ... para o solo cristão, o tema do andrógino do eros socrático-platônico, ao tentar recuperar oposições perdidas através de pactos, efetivados, agora, no contexto filosófico-histórico da era moderna²⁰.

Entretanto, como todo herói dramático moderno, a sua dignidade humana foi fundada na sua ação individualizada, na qual o simbólico pacto escamoteia o trágico conflito entre a infinitude e a finitude que lhe incendiava a alma, numa clara postura *ego*

¹⁹ Entende-se a partir de Sperber, que “Pacto é gesto verbal que produz uma linguagem estruturada em forma mítica – e gesto psíquico – aliciador de forças internas, tanto com Eros, como com Tanatos, tanto para a superação dos próprios limites, como para limitação dos poderes de terceiros. Pode re-unir, ou separar. É fator tanto de comunicação, como de desentendimento, conforme seus objetivos. Necessário para a sobrevivência, o pacto também pode despertar as forças aniquiladoras. É gesto fundamental que exprime a vontade humana. O pacto serve e é usado para a maniqueização. Ele define campos radicais, do Bem e do Mal, de Deus e do Diabo, do eu e do outro, dos iguais e dos diferentes, e é da natureza da palavra pacto prestar-se a tantas variações, já é instrumento para a satisfação das necessidades humanas, pessoais e coletivas.” SPERBER, op. cit. p. 83.

²⁰ NASCIMENTO, op. cit. p. 40.

contra mundum que revela a ambição de chegar, se impor e dominar²¹. E assim, *Mysterios* reescreve sua experiência guardando as marcas culturais de sua vida histórica.

Uma encarnação fáustica

Mesmo com tantas similaridades, indicando uma certa aliança entre o drama central da vida de José Severiano e a temática de seus poemas, é preciso atenção para evitar o biografismo simplista, pois literatura é um jogo de espelhos em que a distorção e a fantasia criativa do escritor encontram o ambiente perfeito para se desenvolverem na conquista da Beleza que, na opinião de Goethe, é uma das experiências supremas do homem.

Ainda assim, a identificação de José Severiano de Rezende com Fausto não se restringe apenas à trajetória de vida, pois é possível dizer que tinham em comum atitudes morais e intelectuais, eram insatisfeitos, incansáveis, vaidosos, sedutores, ambiciosos, tinham comportamentos desviantes e travavam combates com grande parte das opiniões vigentes, o que tornou suas vidas perigosas e frustradas.

Além disso tudo, é bom ressaltar que Severiano, assim como Fausto, foi um nômade solitário por vontade própria, já que se desembaraçou dos laços familiares e saiu percorrendo o mundo: jamais teve casa própria. Ao que se sabe, também nunca teve o casamento formalmente regularizado e se teve um filho, como alguns comentam²², esse

²¹ Segundo Ribeiro, Fausto, antes do pacto, é homem amargurado, pelas limitações que lhe são impostas por aquilo que lhe é permitido conhecer. Não são as mulheres, nem o dinheiro o que mais lhe interessa. Ele assume a angústia do pesquisador diante da opacidade do mundo; quer porque quer desvendar-lhe as entranhas e os mistérios, quer passar além do que estabeleciam o código escolástico e os manuais de teologia. Ele deseja um conhecimento que se configura no que se costumou denominar de curiosidade sacrílega. Uma curiosidade que, no mínimo, ultrapassa os estreitos limites ou, mais amplamente, se volta contra os ditames, não de Deus, mas seguramente da igreja, seja ela a católica ou a luterana, no caso alemão. Quer saber além do que estava estabelecido como verdade era desafiar os deuses. RIBEIRO, Luís Filipe. "Fausto: o mito da negatividade". *Gragoatá*, Niterói, n. 6, p. 220, 1º sem. 1999.

²² Andrade Muricy em *Panorama do movimento simbolista brasileiro* afirma que Severiano teria tido uma filha.

morreu ainda pequeno como os de Fausto. Mas com certeza, ambos puderam contar com a colaboração de um fiel escudeiro para resolver os inumeráveis problemas práticos, difíceis e aborrecidos, decorrentes das situações em que se metiam – Fausto pôde contar com o fãmulos Wagner e Severiano de Rezende com o amigo fraterno José de Freitas Valle²³.

Os dois também serviram, ocasionalmente, a seus governos e se dedicaram ao estudo das Ciências Ocultas. Contudo, no tocante à religião, divergiram, pois Severiano se preocupava com o destino de sua alma, foi um cristão ardente, assim como foi místico. Um e outro se definem pelas próprias falhas que os condicionou a uma punição no final das histórias, porém ambos foram salvos.

Severiano de Rezende espelha Fausto como símbolo da humanidade errática em busca de um ideal antevisto, da mesma maneira que o espelha como signo exemplar do individualismo²⁴ moderno nos aspectos positivos e negativos. Ele foi um *outsider* envolvido por sua própria solidão interior e atravessou a vida sempre se colocando à margem, rompendo os laços que lhe poderiam ter sido úteis na realização de suas ambições. O seu gênio difícil, franco, exigente, impulsivo, arrogante e romântico revelou-se através de sua personalidade refratária, contraditória e trágica, que ora oscilava para o lado das conquistas terrenas, ora para o lado da busca da sublimidade. Tal caráter deu a sua natureza afligida

²³ Segundo Marcia Camargos, Freitas Valle “foi poeta simbolista, professor de francês, advogado, perfumista, *gourmet*, mecenas, deputado e senador estadual. Como legislador, teve uma atuação voltada para a questão educacional e o ensino das artes, sendo um dos principais responsáveis pelo Pensionato Artístico do Estado de São Paulo. Graças a ele, inúmeros talentos tiveram oportunidade de se revelar, e nomes como Anita Malfatti, Victor Brecheret, Leonor Aguiar, João de Souza Lima e Francisco Mignone, por exemplo, puderam prosseguir os estudos em centros europeus.” CAMARGOS, Marcia. *Villa Kyrial: crônica da belle époque paulistana*. São Paulo: SENAC, 2000. p. 15-16. Cf. a tese: ZAVAGLIA, Adriana. *Vida e obra de Freitas Valle e Jacques d'Avray: o mecenas e o poeta sem história*.

²⁴ Tocqueville entende que “*Individualismo* é uma nova expressão, para a qual nasceu uma nova idéia. Nossos pais conheciam apenas o *egoísmo*. O *egoísmo* é um apaixonado e exagerado amor por si próprio, que leva um homem a relacionar tudo consigo mesmo, e a preferir ele mesmo a tudo o que há no mundo. O individualismo é um sentimento calmo e maduro, que leva cada membro da comunidade a distinguir-se da massa de seus pares e se manter à parte com sua família e seus amigos.” TOCQUEVILLE, Alexis de. *On democracy in America*. apud WATT, Ian. *Mitos do individualismo moderno*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997. p. 239.

uma postura titânica irrefreável que o levou a manifestar toda sua força e eficiência técnica, para afirmar sua supremacia sobre o mundo e se transformar no protótipo do herói. E o pacto manifesta uma feição libertária no sentido prometício de ruptura e superação de um estado não só pessoal, mas de ampla marca social, ainda que no início evidencie a estreiteza dos seus interesses egocêntricos.

No entanto, permanece a impressão de que Severiano de Rezende, como Fausto, era um elitista impenitente que desprezava o povo e que o seu amor por ele era impessoal e teórico como o dos intelectuais de boa vontade. É possível dizer que era um egoísta autocrático que pensava como um pessimista, e agia como um otimista. Como Fausto, condenou ou ignorou tudo que é menor do que as distinções cósmicas da ética, destinadas a servir à moralidade ou à bondade no cotidiano da maioria das pessoas. Severiano de Rezende, como a personagem, viveu exclusivamente para os seus empreendimentos pessoais e indefinidos, por isso não os realizou, tornando-se em vida, um fracassado emblemático, punido por suas tentativas ousadas de realização:

Através desta fulgurante alegoria – encarnando abstrações – consubstanciam-se as metafísicas dúvidas do insubmisso Fausto. A figura grotesca, parcela do além – pré-anunciadora de Mefistófeles – como um hierofante a seu mistério – sinaliza a Fausto o além, a que ele aspira, no aquém do código temporal em que, humanamente, ele se insere. É um além proibido à humanidade por sua contingência carnal. No entanto, este além – Fausto percebe – também coexiste nele, pois o homem é fusão de luz e treva, de Deus e Diabo, de carne e espírito. Nisto reside o seu drama eterno, o conflito que se radica no grande mistério originário. Fausto configura, pois, a trágica consciência da limitação e o desejo de reintegração...²⁵

²⁵ NASCIMENTO, op. cit. p. 42.



José Severiano de Rezende

Um ilustre infausto

Mesmo que não tivesse escrito um único verso, ou meio palmo de prosa, José Severiano de Rezende jamais poderia ser ignorado. Basta ter notícia da vida intrigante e dramática que levou.

Otto Lara Resende

... a vida desse homem ultrapassa os limites do romance e dará um grande livro, se alguém algum dia se atrever a escrevê-lo. Foi um autêntico poeta maldito, um desses homens freqüentados por não sei que mistério (embora o suspeito), dono de um amor próprio desproporcionado, e que foi bastante forte para perder-se. Há nele um pouco daquela obsessão e da força de um Capitão Ahab em busca da sua baleia, e muito de um Lamennais reacionário até o centro da medula por ter encontrado fechadas pelo seu orgulho as portas da revolução.

Alberto da Costa e Silva

Homem de fé, cristão de sentimentos inalienáveis e ardentes, rompeu caminho a seu modo, impugnando o erro e a hipocrisia, pagando tributo pelos próprios desacertos, buscando messianicamente uma solução salvadora não apenas para sua alma como para a humanidade.

Henriqueta Lisboa

Pois não resta dúvida que a personalidade mais marcante, mais nervosa, aquela cultural e espiritualmente mais complexa entre os simbolistas mineiros foi sem dúvida a de José Severiano de Rezende (1871-1931). Temperamento vibrátil, forrado de cultura, visceralmente anti-conformista, aberto a todas as experiências humanas e intelectuais, a sua figura quase ofusca na calma da província.

Alexandre Eulálio

Os passos iniciais

Apesar da parca documentação sobre a infância e adolescência de José Severiano de Rezende, é de conhecimento público que o escritor nasceu em Mariana, Minas Gerais, no dia 23 de janeiro de 1871, quando o seu pai Severiano Nunes Cardoso de Rezende acompanhado de sua mulher Custódia Augusta de Rezende, esteve na cidade lecionando Latim e Francês na escola pública.

Como o professor residiu um pouco mais de um ano em Mariana, o pequeno *Juca* foi batizado pelo padre Inácio Pereira de Almeida, no dia 23 de abril, na catedral basílica de Nossa Senhora da Assunção, tendo como padrinhos seu avô materno o advogado José Pereira de Melo e sua avó paterna Albina Joaquina da Silva Nunes. Ainda em 1871, o sacramento do Crisma foi ministrado pelo bispo Dom Antônio Ferreira Viçoso, em 4 de dezembro, na presença do parlamentar Benjamim Rodrigues Pereira, seu padrinho. E dignas de lembrança são as palavras do bispo celebrante que acariciando a criança, profetizou: – Aqui está um bom padre.²⁶

Em março de 1872, o professor Severiano de Rezende retornou com a família para São João del-Rei, sua terra natal, transferido para o Externato oficial da cidade como professor vitalício de Português. De acordo com o jornalista paulista Silvano Minense, *Juca*, nessa cidade, cresceu, educou-se e terminou o curso primário, habilitando-se no Externato em Francês, Latim e Português; sendo que, aos cinco anos, na tipografia do jornal *Arauto de Minas* de propriedade e direção de seu pai, aprendera a soletrar brincando com os tipos.

²⁶ Carta de Severiano Nunes Cardoso de REZENDE a monsenhor Júlio de Paula Dias Bicalho. São João del-Rei, 8 de março de 1894. p. 1.

Em 1886, na impossibilidade de prosseguir os estudos em São João del-Rei, José Severiano, então com 15 anos de idade, transferiu-se para Ouro Preto para cursar o secundário no Liceu Mineiro, onde foi colega de Alphonsus de Guimaraens e iniciaram a eterna amizade. Ainda nesse período se cercou de outros jovens poetas, dentre eles os desconhecidos César Franco²⁷, Francisco Lins e J. Neto que lhe dedicaram poemas, transcritos no *Arauto de Minas* e em *A Verdade Política*.

Os seus dotes literários manifestaram-se já na adolescência, pois, paralelamente, aos estudos, começou a publicar versos no jornal do pai, indicando que os publicava também no *Alvorada*, em *A Semana* e no *Regeneração*. Em 8 de janeiro de 1887, revelando domínio da língua francesa, publicou a tradução que fizera de “A cigarra e a formiga”²⁸, de La Fontaine e, em 18 de outubro de 1888, o poema “À M^{me} Marion Andrée”²⁹, composto em Francês numa homenagem a atriz francesa que o encantara durante uma récita em São João del-Rei. Nessa mesma fase, a sua personalidade desafiadora também veio a público através do jornal *O Tribunal* que dirigiu naquela cidade em 1888. Os raríssimos editoriais existentes a revelam, como bem exemplifica o seguinte trecho impresso no primeiro número que circulou:

O Tribunal vem para julgar.

Censurará franca e abertamente o que for contra a razão, contra a moralidade, contra o bom senso; não nasceu para mentir e não teme os golpes falsos das línguas viperinas, que falam para fazer o mal.³⁰

²⁷ FRANCO, Cesar. “Mente Visionária”. *Arauto de Minas*, São João del-Rei, 26 jun. 1887. p. 3.: “Oravas! lá no altar,/O Cristo silencioso/Fitava-te, lacrimoso,/Sem as preces escutar./E o teu olhar casto e santo/Para mim volvias, sereno,/E o lívido nazareno,/A fitar-te tanto e tanto...//– Depois... fugi desvairado,/Vendo o Cristo macilento,/Que chegara, lento e lento,/A beijar-te o colo amado...”

²⁸ REZENDE, José Severiano de. “A cigarra e a formiga”, de La Fontaine. Trad. José Severiano de Rezende. *Arauto de Minas*, São João del-Rei, 8 jan. 1887. p. 2-3.

²⁹ REZENDE, José Severiano de. “À Mme. Marion Andrée”. *Arauto de Minas*, São João del-Rei, 18 out. 1888. p. 2.

³⁰ REZENDE, José Severiano de. “O Tribunal”. *O Tribunal*, São João del-Rei, 1º abr. 1888. p. 1.

O que desperta a curiosidade é o fato do periódico ser de tendência republicana, quando é notório que Severiano de Rezende foi um exaltado monarquista. Será que por ser pentaneto do inconfidente José de Rezende Costa³¹ simpatizou um dia com aqueles ideais? Ninguém o sabe, pois Silvano Minense, no esboço biográfico que lhe dedicou em 1903, apenas registrou a contradição. O texto do jornalista ainda que elogioso e enaltecendor por demais, registra o surgimento da turbulenta e contraditória personalidade do escritor, como demonstra o fragmento a seguir:

Comemorando nesse periódico o martírio dos Inconfidentes, a 21 de abril de 1888, publicou uma excelente poesia sob o título “Tiradentes”, cujos alexandrinos vigorosos eram terríveis dardos lançados nas instituições monárquicas, cujas estrofes possantes eram formidáveis esquadrões investindo contra os testas coroados. Nessa época, exibiu-se ele em festejos nacionais, ouvindo-se pela primeira vez em S. João del-Rei com escândalo duma população em sua totalidade, então, monarquista – a propaganda republicana em frases violentas e em conceitos, que só a convicção profunda e o patriotismo mais acendrado podem gerar.³²

O estudo de Minense também traça um esboço da formação literária e intelectual de Severiano, evidenciando o seu espírito cosmopolita e revelando que ainda não se opunha a Renan e a Auguste Comte:

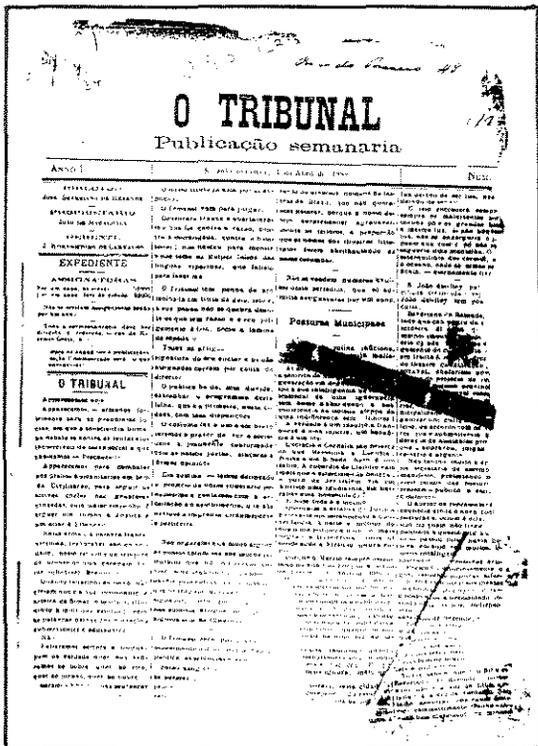
Em Ouro Preto, a convivência com os condiscípulos de idéias e princípios os mais livres, cimentados com os conceitos da filosofia do século XVIII, o conhecimento das obras de Voltaire, Rousseau e outros; a confraternização de pensamentos com os literatos modernos, especificamente Balzac, Zola, Victor Hugo, Renan – um sem número de publicistas e poetas, que na ousadia da linguagem e do pensamento pretendiam escalar o próprio Céu; a meditação das doutrinas de A. Comte, que nele tiveram logo um prosélito – tornaram José Severiano um pensador livre, cujo espírito irrequieto e revoltado buscava alar-se às mais vastas amplidões, como que achando por demais limitado o círculo, em que a educação, as conveniências sociais e a Religião o prendiam.³³

Enquanto Minense só lhe dedicou elogios, o jornalista Basílio de Magalhães, que fora seu colega no curso primário, dedicou-lhe uma crônica biográfica, que sugere alguma rivalidade e antipatia recíprocas. Contraditoriamente, apresentou José Severiano como uma

³¹ AQUINO, mons. Almir de Rezende. “Traços biobibliográficos de José Severiano de Rezende”. *A Comunidade*, São João del-Rei, jan. 1971. p. 8.

³² MINENSE, Silvano. “Padre Severiano de Rezende”: primeira fase. *O Archivo Illustrado*, São Paulo, ano 5, n. 33, p. 252-253, 1903.

³³ MINENSE, loc. cit.



Primeira página do primeiro número do jornal *O Tribunal*



A casa onde aparecem pessoas foi residência de José Severiano na infância e parte da adolescência

peessoa que, desde a adolescência, ostentava maneiras tafuis e atitudes olímpicas, além da desafiante bravura de um D'Artagnan sertanejo³⁴, mas linhas depois informou que o mesmo deixara São João del-Rei para fugir a um duelo, ocasionado pela publicação de um soneto insultuoso, no qual chamara de *burro* o diretor do jornal *A Patria Mineira* que revidou com outro encerrado da seguinte maneira: o meu burro tem o nome de fanchono³⁵. Como os dois sonetos não foram encontrados, é impossível comprovar a veracidade da rixa. No entanto, uma carta de Severiano para o amigo Randolpho Fabrino, escrita naquela época, comprova a sua insatisfação perante a vida (já registrada por Silvano Minense no esboço biográfico), através do seguinte desabafo frente às incertezas da vida:

Como é de estilo em primeiro lugar, vou-lhe desejando já aquela paz de espírito necessária às almas que vivem pensando e que é justamente o que me vai faltando, a proporção que vou subindo às escadas do Futuro, que é verdadeiramente uma escada perigosa, como aquelas que são exibidas nas funções acrobáticas.

Eu queria encher-lhe tudo isto aqui de belos conceitos filosóficos e de raciocínios práticos sobre estas coisas de – Dúvida e Certeza – ; mas, *hélas!* ando tão entorpecido como um cogumelo e aborrecido como um alho, de resto que v. tem mesmo visto que ultimamente eu não tenho tido coragem bastante para pegar da pena e escrever alguma coisa que sirva...³⁶

É possível que como agravante de seu desânimo, estivesse a insistência do pai para que cursasse Direito, pois, em seguida, embarcou para São Paulo, a fim de estudar na Faculdade do Largo de São Francisco, quando o seu interesse estava voltado para a literatura, como registra outro parágrafo da mesma carta:

... deixar-me-ia seduzir pela escola decadente, si eu tivesse a plena convicção de ser ela a melhor de todas. Como penso, porém, que o poeta deve escrever conforme o influxo das suas impressões ou dos seus sentimentos, creio que ele, não deve seguir escola alguma, a não ser a escola que se baseia no seguinte: a Forma, o Pensamento, a Convicção. Com isto, o poeta fará tudo e é essa a escola que encerra todas as outras e que há de permanecer para sempre, enquanto houver poesia.³⁷

A experiência acadêmica

³⁴ MAGALHÃES, Basílio de. “José Severiano de Rezende”. *O Estado de S. Paulo*, 13 mar. 1947. p. 4.

³⁵ MAGALHÃES, loc. cit.

³⁶ Carta de José Severiano de REZENDE a Randolpho Fabrino. São João del-Rei, não sei quantos de 89. p. 1-2.

³⁷ Carta de José Severiano de REZENDE a Randolpho Fabrino. São João del-Rei, não sei quantos de 89. p. 3.

Em 1889, quando José Severiano chegou a São Paulo, a cidade era o mais destacado pólo econômico do país, reunindo e favorecendo os mais ousados empreendimentos. Ainda que com tanta prosperidade financeira e uma população de mais de 69 mil habitantes, a Paulicéia não possuía vida social e política movimentadas, mesmo com a imprensa explorando as discussões do momento: a questão religiosa, a abolição da escravatura, a questão militar e o movimento republicano. Por isso, logo nos primeiros meses de sua estada, já queixava-se ao amigo Fabrino, insatisfeito com a vida sem novidades, monótona e pacífica, na qual só encontrava um pouco de prazer nas rodas do Café Java e do *Diario Mercantil*.

Contudo, em junho do ano seguinte, a monotonia e a pacificidade se acabaram drasticamente para ele, quando sozinho tomou a defesa do professor monarquista Justino Gonçalves de Andrade que se opôs a um encontro de estudantes republicanos durante o ano letivo. Severiano, como correspondente do *Diario da Manhã*, de Santos, publicou críticas contundentes aos estudantes membros da Comissão Justinicida, recebendo dessa, respostas no mesmo tom através do *Jornal da Tarde*, gerando uma polêmica que desfavoreceu o seu convívio na Faculdade de Direito da Cidade de São Paulo:

Aí está mais uma vez o que eu penso. Agora convém remexer o cortiço de maribondos acadêmicos, que fizeram a sua revoada de indignação diante da agência do *Jornal da Tarde*, onde foi afixada a minha carta fatídica, avidamente lida, pelos olhos coléricos e esfuziantes dessa mocidade satânica e revolucionária que fez a independência do Brasil, que fez a liberdade dos escravos, que fez a proclamação da República – e que agora vai fazer o meu estrangulamento – pelo simples fato de haver eu, mísero e mesquinho ousado discordar da turba-multa dos *novos*³⁸, desrespeitadores da velhice e enlameadores de cãs.³⁹

³⁸ Conforme Severiano de Rezende, “Logo ao sair esta carta apareceu na *Gazeta de Noticias* um artigo de Pardal Mallet, intitulado: – Os novos. Eu, que pelos artigos anteriores do brilhante escritor havia tomado a sério a sua crítica a respeito dos novos, fiquei pasmo ao ler a nomenclatura que Mallet apresentou, – uma lista numerosa de *novos*, entre os quais, por sinal, figurava o meu humilde e pálido nome.

Ora aquilo foi pilhéria, e, se não foi pilhéria, foi loucura. Nós, por enquanto, somos uns principiantes, e mais nada. Os novos chamam-se Olavo Bilac, Coelho Neto, Raul Pompéia, Aluísio Azevedo – Pardal Mallet – nomes já feitos, artistas já conhecidos que têm um nome a zelar e um dever a cumprir. Nós outros, já havemos de chegar... com um pouco de estudo.

O jornalista Manuel Viotti foi quem registrou a exaltação acadêmica frente à plausível recusa, compreendida como um crime contra a pátria naquele momento conturbado do Governo Provisório, no qual o simples fato de se ser monarquista, era motivo para condenação:

A mocidade acadêmica chegara a pedir ao ministro do Interior a jubilação sumária do velho mestre de Direito que assim menosprezava a nova forma de governo com aquele acinte.

Os ânimos exacerbaram-se ardentemente e, nos comícios do largo de São Francisco, o “conselheiro” era arrastado para a rua da amargura; sua casa residencial da rua da Boa Vista, no ângulo da rua do Rosário, onde hoje se ergue um desses arranha-céus vertiginosos, foi *pichada*, porque o piche, naqueles tempos, era apenas a suprema expressão da *revanche*. O piche e depois o “enterro” simbólico, com caixão da empresa Rodovalho, cirios acesos, cantochão e bambochata pela cidade com discursseira em frente às redações.

Enterraram o “conselheiro”... Em seguida, veio a solicitada jubilação.

Foi então que uma voz teve o ousio de erguer-se no tumulto em defesa do sábio mestre.

Severiano era um dos redatores do *Diario de Santos*⁴⁰ e, assoberbando sozinho a sanha acadêmica, arremessara-lhe nas celebradas *Cartas Paulistas* dardos formidandos, resultando daí mais de um recontro na via pública, nos quais teve de mostrar que além da pujança de seu verbo e do cálamio temível, sobravam-lhe fortaleza de ânimo e a força muscular de um atleta.⁴¹

O comportamento destemperado e inconseqüente dos estudantes evidencia o valor do levante solitário de José Severiano, possibilitando ainda a caracterização de sua personalidade audaciosa e destemida frente a vida. Da mesma forma, caracteriza a intervenção política ativa e crítica do escritor na sociedade conforme a praxe da época. No entanto, sua postura heróica favorável à monarquia, sendo anacrônica aos olhos da maioria republicana, motivou a intervenção irônica do colega Porchat de Assis, à qual respondeu da seguinte maneira:

"Tu ó Severiano de Rezende, és um moço, e moço do nosso tempo (*ça va sans dire*) cheio de idéias novas, cheio de muita esperança, rosado de muito sangue novo e bom, reforçado de seiva americana para as lutas do Belo e do Grande."

Antes de tudo: obrigado. Obrigado pelo belo juízo que fazes de mim. E dizes a verdade nua e crua, fica sabendo dessa. Que sou deste tempo, isso sou, nem que o Sr. generalíssimo me mande

Isto de encher de vento uns meninos e chamá-los logo artistas é o diabo. Demos tempo ao tempo – e o que for soar.” REZENDE, José Severiano de. *Cartas paulistas*: artigos sobre a questão acadêmica. Santos: *Diario de Santos*, 1890. p. 21.

³⁹ REZENDE, op. cit. p. 13.

⁴⁰ Esta informação não foi conferida, mas, em *Cartas paulistas*, Severiano se diz correspondente do *Diario da Manhã*. O livro sim, foi editado pela tipografia do *Diario de Santos*.

⁴¹ VIOTTI, Manuel. “Severiano de Rezende”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 28 jul. 1933. p. 9.

dizer, a mim e ao povo, que estou completamente enganado; que estou cheio de idéias novas e de muita esperança, também é certo e até posso assegurar a quem isto interesse que não tenho cá dentro outra coisa - com uma pequena diferença de ontem para hoje: é que hoje ainda me fala no ânimo o almoçozinho que ruminei esta manhã; agora o que eu sei que tenho mesmo, e isto sem modéstia nenhuma, e seriamente, é o tal sangue novo e bom, a tal seiva americana com que meu pai se dignou armar-me para as lutas do Belo e do Grande... - do Sublime, manda o meu natural orgulho que diga. Quem também manda (manda e não pede) que eu faça aqui uma pequena observação é a verdade, que é uma pessoa hoje muito esquecida entre nós, principalmente quando se trata de questões acadêmicas.⁴²

*Cartas paulistas*⁴³ desvela que o gênero epistolar em voga na França, onde era cultivado num plano mais elevado, chegou ao Brasil exatamente no período que se seguiu às transformações urbanas e políticas do final do século XIX, sendo aqui adulterado pela confusão causada pela diluição da antiga divisão entre privado e público ocorrida nessa época, o que favoreceu o habitual baixo nível das polêmicas que misturavam ataques pessoais com pregação político-social. Desvela ainda que Severiano não utilizava métodos escusos, mas que espicaçava os oponentes, apontando falhas morais e intelectuais para

⁴² Ibidem. p. 20.

⁴³ *Cartas paulistas*: artigos sobre a questão acadêmica - reúne as cartas em defesa do professor Justino de Andrade na campanha persecutória movida pelos alunos da Faculdade do Largo de São Francisco. No entanto, a obra não se resume à discussão estudantil, pois paralelamente faz uma avaliação da universidade e do seu papel socio-cultural, apontando o positivismo imposto pela República como o propiciador da queda de qualidade do ensino, ao desprezar a formação humana dos alunos. O autor defende a moral tradicional, difundida pela Faculdade no tempo da monarquia, por acreditar que a República ao abandonar as orientações morais da Igreja, levava a sociedade a uma brutal decadência, já que o progresso humano e a difusão da civilização só poderiam ser alcançados em uma sociedade que exigisse trabalho sério sustentado na virtude.

No livro, Rezende ainda avalia o comportamento do ministro Glicério como pouco crítico e imaturo, para apontar a inabilidade política e os equívocos ideológicos republicanos, já que a autoridade acobertou o descumprimento dos regulamentos acadêmicos, agindo de forma arbitrária contra as normas elaboradas pelo Legislativo, quebrando assim a harmonia dos três poderes ao instaurar a hipertrofia do Executivo. Logo, seu veredicto condena a jubilação e a avaliação do professor, por considerar errôneo tratar um mestre profissional e humanamente respeitável por sua experiência como infrator das leis do progresso e da liberdade.

O volume desvela ainda que o hábito francês de fazer polêmica, só pode ser sustentado por pessoas realmente convencidas do que defendem e que tenham uma cultura suficiente para o fazer com a necessária ponderação, espírito e independência que a verdade requer. Igualmente, registra o caráter personalista da intelectualidade brasileira do final do século XIX, período em que os iguais se digladiavam por suas idéias, procurando cada oponente se sobrepor ao outro através da exibição de erudição, numa retórica exagerada e teatral para marcar o caráter peculiar do seu ponto de vista no cenário socio-cultural. O arrebatamento nos debates às vezes era tanto que as ameaças e xingamentos levavam a duelos, processos de difamação na justiça ou ao suicídio na defesa da honra ultrajada.

Severiano de Rezende não incluiu este seu primeiro livro publicado no rol de sua obra literária, possivelmente, por considerá-lo juvenil e pouco elaborado. Mesmo assim, ele desvela características marcantes do seu pensamento e de sua escrita, como por exemplo: o uso de vocabulário arcaico e exótico; repetições vocabulares e frasais, e expressões em latim.

FACULDADE DE DIREITO
DA
CIDADE DE SÃO PAULO



Cartão que a fl. 123 do respectivo Livro 7.
de o Pai João
foi Permanente aprovado
de fls das matérias do Primeiro Ano, no
de 1890.
da Faculdade de Direito da Cidade



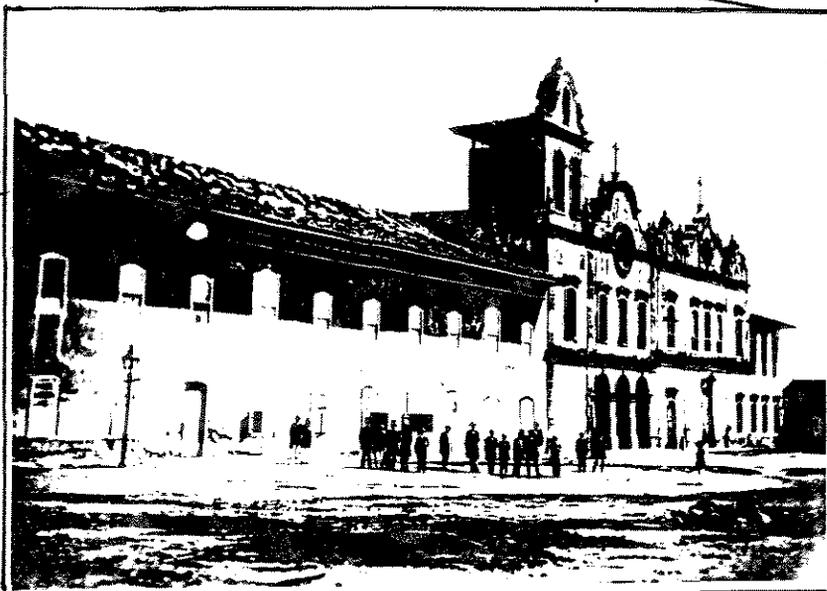
M. S. C. Conselho Dir. Director da
Faculdade de Direito de S. Paulo.

Matriculação de S. Paulo
19 de Março de 1889.
A. Cruz

João Severiano de Rezende, filho de
Severiano Nunes Cardoso de Bressane, na-
tural da cidade de Maua, em Minas
Gerais, cujo pai matriculação nas matriculas
do primeiro anno de curso juridico e
para isso apresentou-se habilitado, com
prova com os documentos junctos, - seu
requerimento a V. Ex. para mandar inserir
entre os matriculados de referido anno.

P. a V. Ex.ª Desemb. e
E. R. M.^{te}

S. Paulo, 18 de Março de 1889
João Severiano de Rezende



Documentação da passagem de Severiano de Rezende pela Faculdade do Largo de São Francisco

esclarecer os ataques sofridos fossem pessoais ou não; encarando inclusive as possíveis brigas corporais conseqüentes. Na obra, cita que bateu em Marinho de Andrade com uma bengala por causa de uma calúnia que ele lhe levantara num artigo de jornal, mas o assunto só é aventado para destacar a falta de caráter do membro da Comissão Justinicida.

Pela versão dos estudantes, o professor Justino havia declarado que não iria pactuar com vadiagem e anarquia apoiadas pelo governo do marechal Deodoro, porque isto propiciaria a formação de bacharéis burros e ignorantes. Já na ata da 6ª sessão da Congregação dos Lentes, ocorrida, no dia 23 de junho, por solicitação do conselheiro Justino, está registrado o seguinte:

O conselheiro Justino, pedindo a palavra, declarou que as referências dos jornais, bem como dos telegramas, não eram exatas. Quanto à comissão acadêmica que o procurou em casa, o que se passou foi o seguinte: convidado para assistir às festas que se projetavam, respondeu que, por costume, não assistia a festas, e que não podia comparecer às projetadas, principalmente por que as julgava intempestivas durante o ano letivo; que em todos os países as festividades universitárias tinham dias apropriados,...

Na ata da 7ª sessão, realizada no dia 21 de julho, estão registrados, os comentários sobre a audiência particular dos lentes com o ministro da Instrução Pública, na qual o professor João Monteiro, que se declarou inimigo pessoal do professor Justino, fez-lhe a defesa por considerar injusta a versão dos estudantes.

Spencer Vampré, em *Memórias para a história da academia de São Paulo* (1924), discorre sobre a Questão, registrando que o fato provocou e talvez até hoje origine desconhecidas opiniões. Contudo, ressalta que a jubilação compulsória do conselheiro foi injusta.

Basílio de Magalhães registrou que, por causa da defesa ao professor, Severiano de Rezende abandonou o curso por não suportar a hostilidade dos colegas. E isto pode ser

⁴⁴ “ATA da 6ª sessão da Congregação dos Lentes”. *Livro de atas das sessões da congregação da Academia de Direito de São Paulo*. São Paulo, 23 jun. 1890. p. 100.

verdade, se o comportamento dos estudantes durante toda a polêmica for tomado como exemplo da ética comportamental deles. No entanto, Judas Isgorogota apresentou uma outra versão mais coerente com sua personalidade:

Severiano de Rezende, tipo de espadachim, era assim, impetuoso, valente, temperamental. Revoltado contra tamanha injustiça, ele que escolhera precisamente a carreira da justiça, abandona a Academia, transferindo sua residência para Santos, onde reuniu em volume, sob o título de *Cartas Paulistas*, os seus artigos sobre o caso Justino de Andrade.⁴⁵

Ainda que as duas versões possam ser complementares, o real, ou os reais motivos do abandono do curso e da mudança para Santos não foram bem esclarecidos. O certo é que cursava Direito só para agradar ao pai e era aluno repetente do primeiro ano, pois no exame final do ano de 1889, contrariou com veemência as opiniões de um catedrático, retirando-se da sala sem concluir a prova. No ano seguinte, o seu comportamento não se modificou, quase não compareceu às aulas por exigência de outros *afazeres*, como bem registram suas palavras:

Que a Academia seja a minha mãe espiritual, não concordo; digo-lhe que não a quero para pai quanto mais para mãe. Nunca lá apareci, bem a meu contragosto, é verdade, e o que sei devo-o a mim, que nunca lá fui aprender coisa nenhuma, porque a necessidade de outros afazeres me veda o cumprimento desse dever. Mesmo assim, sem nunca ter lá ido, a não ser para fazer exame, sei mais do que vocês todos que vivem a dormir nos bancos, indiferentes às preleções, por não as compreenderem e não as assimilarem. Quando vocês acordam da soneca, é para dar vaias aos lentes e para berrarem que têm dignidade e brio. Ou o Sr. Benjamim Constant reforma radicalmente essa Academia ou rode com ela de vez, porque assim como está, o seu papel moral e instrutivo é nulo; – os estudantes são uma cambada, como muito bem disse o conselheiro Justino, e a essas bestas fulas é preciso rijíssimo freio que as dome e submeta.⁴⁶

Pouco pode ser dito dos afazeres jornalísticos de Severiano de Rezende durante sua estada em São Paulo⁴⁷, mas uma pesquisa na Biblioteca Nacional indica que a sua colaboração no *Diario Mercantil* foi a mais assídua.

⁴⁵ ISGOROGOTA, Judas. “O movimento simbolista em ...”. *A Gazeta*, São Paulo, 18 maio 1956. Reportagem Literária, p. 22.

⁴⁶ REZENDE, op. cit. p. 50.

⁴⁷ *Diario da Manhã*, de Santos. Em São Paulo: *Diario Mercantil* (seções: “Parnaso”, “Vida Alheia” e “Lira em [ilegível]”); *O Estado de São Paulo (A Província de São Paulo)*; *Correio Paulistano*; *Federação* (publicou crônicas teatrais); *O Commercio de S. Paulo* (seção: “Através da imprensa”). Redigiu também *O*

O *Diario* naquela época, era o jornal que maior espaço dedicava à literatura, recebendo inclusive abundante colaboração de escritores portugueses. Além disso, era o que melhor pagava os seus colaboradores. Nele Severiano publicou seus poemas e suas crônicas despertando as mais variadas reações nos leitores. Como exemplo de uma reação favorável, é possível destacar a publicação do poema “Teófilo Dias”⁴⁸, em 20 de abril de 1889, pois esse mereceu do já consagrado poeta Raimundo Correia uma carta elogiosa, da qual o jornal transcreveu o seguinte trecho: ...Que esplendida poesia publicaste, dedicada a Teófilo Dias e firmada por Severiano de Rezende! Há muito que não via versos tão bons. É um rapaz de grande talento aquele, incontestavelmente.⁴⁹

Gaspar da Silva mandou publicar o fragmento, para incentivar o jovem poeta, por considerá-lo competente, primoroso e destinado a ser um dos mais notáveis poetas brasileiros. E Severiano exultante com o elogio imparcial de Correia, quando mal começara a colaborar na imprensa paulistana, na mesma data da publicação, escreveu a Randolpho Fabrino comunicando o ocorrido:

Envio-lhe hoje um *Diario*. Vem uma notícia a meu respeito. Isto porque o Raimundo Correia, numa carta que escreveu ao Gaspar⁵⁰, referiu-se à minha poesia a Teófilo Dias, perguntando quem era eu e elogiando muito essa poesia. O Gaspar publicou um trecho dessa carta.

Imagine que fiquei radiante!

E por força!

Um elogio, assim, desinteressado, de Raimundo Correia, que nem é meu amigo, isto é para morrer um homem de alegria!⁵¹

Prego, jornal hipocondríaco da academia. Seria necessária uma pesquisa mais detalhada nos periódicos, para se confirmar o que ele realmente publicou neles.

⁴⁸ Pítoresco é o fato de que esse poema, uma homenagem póstuma a Teófilo Dias, apareça em *Mysterios* com algumas alterações, inclusive no título: “A assunção do poeta”, sendo dedicado à memória de Olavo Bilac.

⁴⁹ “SEVERIANO de Rezende”. *Diario Mercantil*, São Paulo, 26 maio 1889. p. 1.

⁵⁰ Gaspar da Silva Barbosa, português, primeiro visconde de São Boaventura, cavaleiro da Ordem de Cristo e da de Santiago, ambas de Portugal; oficial da Ordem da Rosa, do Brasil; condecorado com as palmas acadêmicas da França; secretário do Conservatório de Lisboa, foi jornalista, prosador e poeta. Fundou em São Paulo o conceituado *Diario Mercantil*. Foi um dos proprietários do *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro. Publicou: *O livro de Luisa*, poesias líricas; *A viagem à volta da literatura*, estudos sobre Camilo Castelo Branco, e vários opúsculos. Carta da EDITORA Chardron a monsenhor Almir de Rezende Aquino. Porto, Portugal, [16?] de junho de 1970.

⁵¹ Carta de José Severiano de REZENDE a Randolpho Fabrino. São Paulo, 26 de maio de 1889. p. 2.

Hoje, a sua prosa impressa nesse jornal é totalmente desconhecida, pois a coleção desse periódico da Biblioteca Nacional não está em condições de ser consultada. No entanto, algumas décadas atrás, a pesquisadora francesa Arline Anglade-Aurand⁵² a consultou e registrou que Severiano foi redator do *Diario Mercantil*, assinando suas crônicas com o pseudônimo *Emir*, assim como frisou que nelas, com frequência, entabulava diálogos com Alphonsus de Guimaraens que assinava as dele, às vezes, apenas como *Guy*.

No mais, alguns cronistas informaram que publicou crônicas teatrais e literárias com o costumeiro caráter polêmico na imprensa paulistana. Delas têm-se apenas a notícia de uma crítica feita à poeta Francisca Júlia, registrada numa carta enviada a Max Fleiuss, em 9 de abril de 1894, na qual desabafa seu ressentimento pelo tom sarcástico da crítica de Severiano, conforme mostra o fragmento abaixo transcrito de uma crônica de Fleiuss:

Quando publiquei a minha primeira poesia, uma balada à antiga, um dos nossos poetas, Severiano de Rezende, que, falemos a verdade, nunca fez bons versos, dedicou-me algumas linhas pela imprensa, em que me aconselhava a que não escrevesse mais versos, e terminava assim, se me não falha a memória: “Minha senhora, há ocupações mais úteis: dedique-se aos trabalhos de agulha”.⁵³

O Simbolismo em São Paulo

De acordo com artigo de Judas Isgorogota, São Paulo era a capital artística do Brasil no final do século XIX e é preciso trazer à luz o movimento simbolista que existiu lá, pois sobre esse apenas existe a informação incorreta de Andrade Muricy, no livro *Panorama do movimento simbolista brasileiro*, dizendo que deram início ao movimento paulista, os amigos Adolfo Araújo, Alphonsus de Guimaraens, Álvaro Viana, Augusto Viana do

⁵² Essa pesquisadora francesa também informa em sua tese *Les influences françaises sur Alphonsus de Guimaraens*. Toulouse: Université de Toulouse, [1970]. p. 78-79. (Tese de Doctorat 3^e cycle) que em 1891, quando Alphonsus chegou a São Paulo, foi Severiano de Rezende quem o introduziu nos melhores círculos literários e jornalísticos.

⁵³ FLEIUSS, Max. *Recordando...* Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941. p. 46.

Castelo, José de Freitas Valle, José Severiano de Rezende e alguns outros. Enquanto, para o jornalista, a informação correta que deveria a ser difundida, é a seguinte:

De fato, o movimento de renovação literária em São Paulo foi semente que germinou no seio da nossa Academia, desde quando, integrando a turma de 1884 de nossa Faculdade de Direito, o moço paranaense Emiliano Pernetá transformou o seu quarto, à rua da Glória – de tão gloriosas tradições acadêmicas! [...] em centro de literatura revolucionária, freqüentado por muitos colegas de turma e notadamente pelos jovens intelectuais, Wenceslau de Queiroz, Rodrigo Otávio, Leopoldo de Freitas, Dias da Rocha Filho, Paulo Prado, Horácio de Carvalho, Raul Pompéia e outros.⁵⁴

Também é preciso esclarecer, que José Severiano de Rezende e Alphonsus de Guimaraens não freqüentaram a famosa Villa Kyrial, quando moraram em São Paulo, como afirma Andrade Muricy e alguns outros, pois essa, situada à Vila Madalena, só foi adquirida em 1904⁵⁵ e esses já não estavam mais na cidade. Eles freqüentaram, sim, a célula original desse salão literário, na casa do estudante Freitas Valle, como se relembra José Severiano numa carta:

Mas o que te quero comunicar é que sou o mesmo Rezende das antigas ótimas e consoladoras *soirées* lá na tua casa, quando nos lias teus versos, e nós os aplaudíamos. O meu aplauso é o mesmo, como é a mesma a antiga amizade, como é a mesma a comunhão de idéias e idéias e a confraternização dos mesmos sentimentos.⁵⁶

É possível que naquela época só discutissem os próprios versos, portanto as *soirées* restringiam-se ao Simbolismo. Mas com o passar do tempo e com a chegada do prestígio e dos novos participantes, os assuntos foram se diversificando e nas reuniões passaram a discutir arte em geral não apenas o Simbolismo, como assegura a pesquisadora Marcia Camargos no lapidar parágrafo transcrito abaixo:

Impregnada de modismos europeus, foi ponto de encontro de artistas, literatos e políticos, além de parada obrigatória para personalidades em visita ao país. Ali promoviam-se saraus literários, audições musicais, banquetes e ciclos de conferências dos quais participavam Lasar Segall, Guilherme de Almeida, Blaise Cendrars, Oswald de Andrade e Mário de Andrade.⁵⁷

⁵⁴ ISGOROGOTA, op. cit. p. 86.

⁵⁵ CAMARGOS, Marcia Mascarenhas de Rezende. *Villa Kyrial e o imaginário da belle époque paulista*. São Paulo: FFLCH/USP, 1999. p. 7. (Tese em História Social).

⁵⁶ Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. São João del-Rei, [18?] de novembro de 1902. p. 2.

⁵⁷ CAMARGOS, Marcia. *Villa Kyrial: crônica da belle époque paulistana*. São Paulo: SENAC, 2000. p. 15.

Ao que parece, Severiano só veio a se referir à Villa Kyrial a partir de 1915, quando esteve no Brasil e passou, por algum tempo, a grafar após a assinatura de sua correspondência a Freitas Valle, as iniciais C.K. – que possivelmente significam Cavaleiro Kyrial. Foi ainda nessa ocasião que compôs o soneto “Atenéia” em homenagem ao salão. E tudo indica que Alphonsus de Guimaraens nunca colocou os seus pés lá, permanecendo recluso em Mariana, apesar dos insistentes convites do anfitrião. Mesmo assim, segundo palavras de Alphonsus de Guimaraens Filho, Freitas Valle afirmou a Henriqueta Lisboa que Alphonsus e Severiano freqüentaram a sua famosa Villa.

Por outro lado, é inquestionável o fato de que as idéias simbolistas frutificaram no ambiente acadêmico paulistano, freqüentado por uma elite que mesmo tentando preservar o seu *status* dos tempos coloniais, desejava absorver as mudanças em curso no Brasil e no mundo, espelhando-se nos paradigmas da cultura importada da França e da Inglaterra, por a considerarem superior.

Além disso, os laços criados lá muitas vezes foram mantidos mesmo depois que os alunos terminaram o curso e foram viver em cidades diferentes. Portanto, José Severiano de Rezende, Alphonsus de Guimaraens, José de Freitas Valle, Adolfo Araújo e Viana do Castelo constituíram um grupo simbolista significativo, apesar de passarem a se comunicar somente por correspondência.

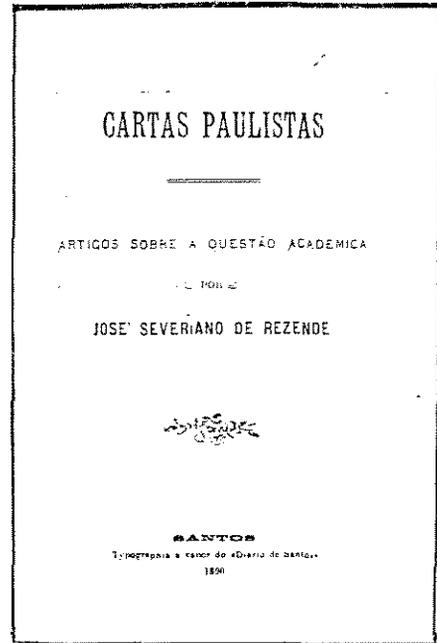
Registra tal fato Anglade-Aurand ao fazer uma referência sobre a publicação de *Kiriale* de Alphonsus de Guimaraens:

*Un fait curieux montre l'étroite liaison qui existait dans ce groupe d'amis: c'est, en effet, par l'intermédiaire de Freitas Valle que ce livre parvient à Severiano de Rezende; Alphonsus, exilé au milieu de ses montagnes a dû charger son ami pauliste de le distribuer; celui-ci prend même le soin de le dédicacer ainsi: "A Rezende, en souvenir de sa venue à São Paulo, le 3ème livre de notre Alphonsus." Jacques d'Avray, 14.12.1902.*⁵⁸

⁵⁸ ANGLADE-AURAND, Arline. *Les influences françaises sur Alphonsus de Guimaraens*. Toulouse: Université de Toulouse, [1970]. p. 78. (Tese de Doctorat 3^e cycle).



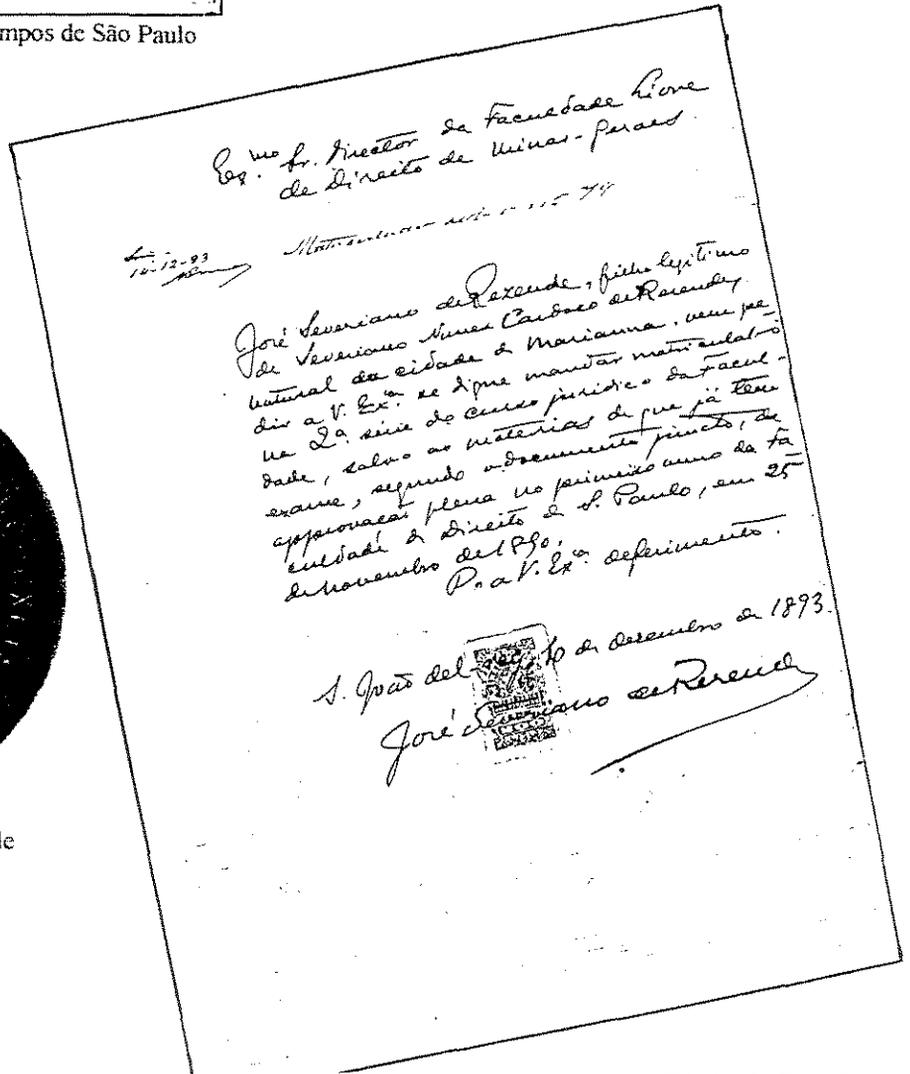
José Severiano nos tempos de São Paulo



Página de rosto de *Cartas paulistas*



Retrato de José de Freitas Valle



Requerimento de matricula na Faculdade de Direito de Ouro Preto

A afirmativa da pesquisadora francesa é melhor ilustrada por duas cartas de José Severiano: uma enviada a Alphonsus de Guimaraens, em [29?] de dezembro de 1893 e outra, a Freitas Valle, em 30 de dezembro do mesmo ano, pois elas evidenciam a fraternidade através da sensibilidade demonstrada por Rezende na carta a Valle, para evitar ferir o susceptível Alphonsus:

– Aí te envio uns versos que fiz. Depois te enviarei mais. Mestre Alphonsus gostou e, por um soneto que me mandou, há dois dias, vejo que gostou deveras, porque aproveitou um pouco a minha idéia. Isto digo-te a ti, não tencionando dizer-lhe nada a ele, sobre tal assunto. Aí vai o soneto de mestre Alphonsus.⁵⁹

A confrontação das duas cartas assegura inclusive a ascendência de Severiano sobre Alphonsus, visto que este além de aproveitar uma idéia dele, acatou sua crítica ao soneto “In Psalmos”⁶⁰, transcrito na carta ao mestre d’Avray. A epístola não especifica a idéia aproveitada, mas possivelmente deve ser o clima assombrado ou a presença do demônio tão constantes na poética de Rezende.

A conversão inexplicada

As tais cartas foram escritas logo depois de sua volta para São João del-Rei, após passar quatro anos entre São Paulo e Santos. A enviada a Freitas Valle registra que o ano de 1893 não havia sido fácil para ele, mas não revela o motivo das dificuldades que enfrentou. No entanto, Basílio de Magalhães em uma de suas crônicas afirma que Severiano voltou emocionalmente abatido devido a uma desilusão amorosa:

Deslumbrado pela peregrina beleza e pelos educados conhecimentos artísticos de uma jovem ítalo-brasileira (constou-se que era consanguínea da consorte de Osório Duque-Estrada), conjurou-se contra José Severiano de Rezende, na tentativa de desposá-la, a oposição das duas famílias. Tive oportunidade de vê-lo, então, em São João del-Rei, trazendo estampado no rosto todo o

⁵⁹ Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. São João del-Rei, 30 de dezembro de 1893. p. 3-4.

⁶⁰ O soneto “In Psalmos” se encontra reelaborado no livro *Kiriale*, caput II, “Os sonetos”, V, “Espírito Mau”.

acabrunhamento da tortura moral de seu coração insatisfeito. E foi imediatamente pedir consolo e os hábitos talvez a D. Silvério Gomes Pimenta, o santo arcebispo de Mariana...⁶¹

Já Silvano Minense justifica sua volta a Minas Gerais da seguinte maneira:

... deixou S. Paulo o jovem literato, trazendo após de si rastros luminosos da sua passagem numa carreira em que vira seu nome laureado e seus créditos de homem de letras proclamados, colocado entre os novos como poeta primoroso e admirado no círculo dos jornalistas como escritor de um estilo atraente e enérgico, de exuberância na veemente linguagem castigada e de uma fecundidade notável.

Tendo acordado com seu pai em prosseguir seus estudos de Direito, partiu para Ouro Preto e matriculou-se na Academia Livre de Minas, em março de 1894.

De novo invadiu-lhe o ânimo, ali, tédio por essa carreira, mais se decidindo a voltar costas às portas da Academia o meio em que se viu mais acanhado do que aquele em que há pouco convivera e que ainda assim não satisfizera suas aspirações, não correspondera ao seu ideal elevadíssimo.

Seguiu para a cidade de Mariana e foi bater às portas do Seminário, pedindo ao bispo D. Silvério um hábito de S. Pedro e um lugar entre os aspirantes ao sacerdócio.⁶²

Ainda que não se saiba com certeza o motivo de uma mudança tão radical de vida, pois aparentemente sua experiência jornalística foi vitoriosa, Severiano apenas registrou em uma carta a Freitas Valle que o seu último ano na Paulicéia havia sido mau e fatídico. Por outro lado, a vida em São João del-Rei não contribuiu para o restabelecimento de seus ânimos, pois corria monótona e angustiante com a insistência de seu pai para que terminasse o curso jurídico, quando era outro o seu interesse, conforme o seu desabafo ao amigo:

A minha vida, mestre, vai, ora calma, ora cheia de tristíssima insipidez. Consola-me o poder ler e escrever, mas às vezes mata-me e aniquila-me a insondável estupidez que aqui se aninha. A paz da família é boa, há momentos em que eu chego a compreender a inefabilidade inextinguível do lar tem um confuso encanto cuja plenitude só podem apreciar os que são bacharéis em direito. Mas devo-te dizer, com a minha sinceridade e dando livre expansão à minha musa do desabafo, que as mais das vezes eu penso quanto seria feliz se não tivesse nenhuma espécie de família. No entanto, sinto, quando me consulto, que se meu pai ou minha mãe morressem, eu sofreria imensamente, e há momentos em que eu deveras amaldiço o tudo e tudo abomino, dominado pela [pasmadora] inconsciência dos que não me compreendem. Meu pai toma a palavra e apoda-me: poeta, sujeito que vive no mundo da lua, leitor de Edgar Poe, literato etc. Diz-me que, enquanto outros chegam ao fastígio das altas posições, eu pareço louco e sou monarquista e sou visionário e não tenho inclinação senão pelas coisas de pouca importância. Não se come literatura, versos não enchem barriga – e, se eu algum dia estiver morrendo à fome, não será o Edgar Poe nem o Shakespeare que me virão dar de comer. Esquece-se de que, para conseguir o que desejo sou até capaz de comer bosta, como o profeta Ezequiel.

[...]

⁶¹ MAGALHÃES, loc. cit.

⁶² MINENSE, Silvano. “Padre Severiano de Rezende”: segunda fase. *O Archivo Illustrado*, São Paulo, n. 34, p. 260, 1903.

– Decidi, para ver se meu pai consegue abrir duas rugas de riso na sua carranca, ir fazer exame de direito em Ouro Preto. Em março começarei a fazer jus às altas posições.⁶³

A vida no Seminário

Realmente, Severiano de Rezende requereu matrícula no segundo ano da Faculdade Livre de Direito de Ouro Preto, em 14 de dezembro de 1893. No entanto, nesse ínterim, suas idéias devem ter se aclarado, pois em março do ano seguinte, ingressou no Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte em Mariana, após haver solicitado admissão no noviciado jesuíta da cidade paulista de Itu. A decisão deve ter sido tomada na última hora, visto que não teve tempo sequer de comunicá-la ao amigo de São Paulo, como registra Anglade-Aurand em sua tese:

*... après s'être trouvé à "la fourche des deux fleuves" comme le dit Alphonsus, il quitte São Paulo pour se faire prêtre; c'est Alphonsus qui donne à Jacques d'Avray les derniers détails de ce "changement de vie": "Rezende m'a demandé de te faire ses adieux. Il est au séminaire de Mariana, se reposant d'une vie agitée et se préparant à une autre qui sera plus tranquille et fertile. Que cela soit pour le bien de notre littérature ignoré à juste titre et pour le bien de l'idéal catholique, – qui doit être l'aspiration unique des êtres pensants."*⁶⁴

A radical mudança de vida muito decepcionou o seu pai que sempre sonhara vê-lo um advogado bem sucedido. Entretanto, a conversão deve lhe ter parecido sincera, pois não negou apoio a sua decisão de se consagrar a Deus e resignado, zelosamente, escreveu uma carta de recomendação para o monsenhor Júlio de Paula Dias Bicalho, no dia 8 de março de 1894:

Vai meu filho José entrar para o Seminário, para onde Deus o chama. Tinha-o eu destinado para a vida do mundo na carreira de juriconsulto (que ele deixou em meio) revendo-me nele como herdeiro de meu nome, na conquista de brilhantes posições. Porém um predestinado à vida sacerdotal: D. Viçoso, q.^{do} o crismou disse: Aqui está um bom padre. O meu saudoso compadre côn. Inácio, seu padrinho, dizia sempre: O meu José há de ser padre.

⁶³ Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. São João del-Rei, 30 de dezembro de 1893. p. 1-3.

⁶⁴ ANGLADE-AURAND, op. cit. p. 79.

Eu, porém, que destinava-o a outro fim encaminhei-o p.^a S. Paulo, donde volta resoluto a tomar o hábito de S. Pedro. Confesso que esta resolução lançou por terra meus planos e contrariou-me, mas... resigno-me à vontade de Deus que tudo encaminha para o bem.⁶⁵

Ao contrário do seu pai que, sem um questionamento mais profundo, resignou-se simplesmente à idéia de que tudo ocorrera por vontade de Deus, os colegas da Paulicéia logo se puseram a levantar hipóteses que pudessem explicar a repentina conversão. Alguns pensaram que era apenas leviandade para observar de perto a vida do clero e depois reproduzi-la em romances como os de Zola e os de Eça. Outros, que era um milagre realizado pela medalha da virgem de La Salette que a mãe costurara em sua roupa, enquanto alguns acreditaram no renascimento de sua fé. Porém, outros viram na mudança radical a influência das obras e vida de Huysmans.

Contudo, essas foram apenas hipóteses levantadas na ocasião, pois somente um ano depois, é que o próprio Severiano se manifestou a respeito do ocorrido transmitindo uma impressão de que sua consagração fora sincera e por intervenção divina. Contou que, naquele momento, a sua vida estava sendo regradada pela sineta e que pouco tempo lhe sobrava para cuidar de outros afazeres, visto que o ambiente propiciava o recolhimento, a reflexão e a manifestação da fé, como revela o trecho da carta a Freitas Valle:

Aquele meu coração irrequieto, sedento de luxúria e de vanglória, que procurava nas coisas deste mundo algum consolo ou alguma elevação – agora o vejo, meu Valle, e o sinto calmo, bonançoso e forte. Tu, vendo o meu retrato, notaste a mudança. Ela é radical, com efeito, como dizes, mas peço-te que vejas nela, não a confirmação das “modernas asserções da fisiopsicologia”, mas a influência da graça de Deus, a única que transforma, a única que regenera, a única que justifica. Duas coisas transformaram-me: a oração e o SS. Sacramento da Eucaristia. A oração, ainda que fraca seja a que faço, contudo mostra a Deus a minha vontade de me elevar a Ele, e a Santa Comunhão, ainda que eu a não receba com tanto ardor como os Santos, me faz unir com a substância divina de Jesus, que é Lucen me dá força para vencer a maldade da minha índole e a má inclinação da minha natureza. Glória a Deus, glória a Deus, glória a Deus, meu ótimo Valle, pois Ele existe, pois Ele nos convida, não a uma vida passageira, cheia de gravames e azedumes, mas à Vida Eterna, à Vida gloriosa que não acaba, e na qual, se a Ele obedecermos cá na terra, seremos sempre felizes, absortos no Amor inefável, contempladores do Belo, habitantes da Luz e Senhores, com Jesus, de toda a glória, de toda a virtude, de toda a imortalidade.⁶⁶

⁶⁵ Carta de Severiano Nunes Cardoso de REZENDE a monsenhor Júlio de Paula Dias Bicalho. São João del-Rei, 8 de março de 1894. p. 1-2.

⁶⁶ Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. [Mariana], 23 de janeiro de 1895. p. 1-5.

Na verdade, o aparente equilíbrio emocional, assim como a aparente tranquilidade manifestados por estas palavras supracitadas, desvelam a sua resignação cristã, e talvez escondam a sua mágoa frente as humilhações que enfrentava no Seminário pela incompreensão e inveja dos colegas de fé pelo seu renome literário.

A provação que enfrentava no Seminário fora causada por inadvertência do seu pai, deputado provincial no Congresso mineiro que, à revelia, fizera publicar em seqüência três poemas seus no *Minas Geraes*, jornal oficial da província, por desconhecimento do recato imposto aos seminaristas e pelo desejo de ver mais destacado o talento do filho. Portanto, o severo veredicto se deu pelo desconhecimento dos padres de sua inocência quanto às publicações.

O livro *Arquidiocese de Mariana* registra da seguinte maneira a traumática conversa final entre ele e o diretor do Seminário:

– Mandei-o chamar a fim de preveni-lo que não continue a exhibir-se na imprensa, provocando ruído em torno de sua pessoa com publicações de qualquer gênero e especialmente versos.

– Não dei a publicar os versos a que V. Rev.^{ma} se refere; meu pai extraíra cópias deles e, por sua conta, o *Minas Geraes* os estampara.

– Seja como for, é preciso que isso não se reproduza mesmo porque versos tão ruins não merecem publicidade. Rasgue, rasgue essa *versalhada* toda.

Nenhuma das provações por que passara o ferira tanto. As tentações que o mérito de suas produções e que a incompetência do censor lhe despertavam no espírito, instigavam-no à revolta, num protesto de indignação insopitável... Mas baixando os olhos para o crucifixo, Severiano se conteve.

– Obedeço-lhe, e cumprirei as suas ordens.

Retirando-se cabisbaixo para a sua mesa, separara as tiras do seu ato de contrição, e daí a instantes, no pátio do antigo Seminário-Maior, pegara fogo a tudo. Ao ver arderem as páginas de *O Livro da Contrição*, lágrimas silenciosas rolaram-lhe dos olhos.⁶⁷

Ao que parece, não foi apenas a publicação das contritas poesias que feriu a humildade clerical, mas sim as palavras elogiosas publicadas sobre o poeta que devem ter

⁶⁷ TRINDADE, cônego Raimundo. “José Severiano de Rezende”. *Arquidiocese de Mariana*. 2. ed. aum. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1955. v. 2, p. 197.

despertado a inveja e o despeito em muitos, visto que o *Minas Geraes* não poupou louvores ao seu talento literário e ainda lançou dúvidas sobre a sua inacreditável consagração:

José Severiano – é um nome conhecido e festejado por quantos se interessam pelo movimento literário e jornalístico do nosso país; temo-lo visto firmando primorosas composições poéticas, versos mimosíssimos, artigos de crítica severa, mas desapaixonada, escritos sobre questões momentosas de política e economia, polêmicas animadas, enfim, tudo com elevação de idéias e forma castigada e polida.

O que poucos, porém, sabem, e que a todos surpreende, é que o jovem de espírito fogoso e imaginação ardente está hoje recolhido à doce calma do Seminário de Mariana, educando seu talento e dirigindo-o, no estudo piedoso da grandiosa literatura sagrada, com o decidido propósito de dedicar à Igreja a utilíssima cooperação de suas forças intelectuais.

O futuro dirá se esse desejo é, como parece, resultado de uma resolução definitiva e ponderada, se, o que duvidamos, apenas, provém inconseqüentemente de um falso impulso de circunstâncias passageiras.⁶⁸

Por conseguinte, a severa retaliação do diretor, unida aos comentários mordazes dos seminaristas, abalou-lhe a saúde ainda fragilizada pela mal explicada experiência que motivou sua ida para o Seminário. E, Dom Silvério Gomes Pimenta*, bispo da então diocese de Mariana, tendo em vista esse ambiente desfavorável ao seu restabelecimento, achou por bem, enviá-lo para lecionar Português e Latim no Colégio do Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas do Campo, até que os ânimos se acomodassem.

Porém, é possível imaginar que a consideração de D. Silvério para com Severiano de Rezende só tenha contribuído para aumentar a má vontade e o despeito dos seminaristas, visto que o ambiente continuou hostil após o seu regresso de Congonhas. A situação devia estar insuportável realmente, pois solicitou apoio a Alphonsus, como registra o trecho de uma carta enviada a ele em 30 de janeiro de 1895:

Meu caro Afonso

Escrevo-te estas linhas p.^a te dizer que não faltes à promessa de vires cá no domingo. Estou bem necessitado da tua visita, porque não imaginas o que tenho sofrido com estes futuros ministros do

⁶⁸ “JOSÉ Severiano de Rezende”, *Minas Geraes*, Ouro Preto, 26 maio 1894. p. 5.

* Dom Silvério Gomes Pimenta se tornaria tempos depois o primeiro arcebispo de Mariana. Foi consagrado escritor ao ser recebido na Academia Brasileira de Letras, em 28 de maio de 1920, por sua obra literária dedicada ao ministério sacerdotal. Conta-se que o Papa Pio XI ao conhecê-lo surpreso com sua inteligência exclamou: *niger, sed sapiens*.

nosso bondosíssimo e suavíssimo Deus, cujo santo nome anda tão calcado aos pés pelos que deviam só render-lhe adoração, louvor e ações de graças, e que ao contrário se pronunciam com ligeireza e desamor.⁶⁹

Em contraposição, o fragmento de uma carta de Alphonsus a Freitas Valle, em 7 de fevereiro de 1895, indica que ficou sensibilizado com o apelo de Severiano, apesar da discrição em não comentar o real motivo da visita que lhe faria no Seminário.⁷⁰

Reforça a idéia de que realmente atravessava momentos muitos difíceis, a carta reconfortante que seu pai lhe escreveu em 5 de abril, para suscitar-lhe a rememoração de qualidades cristãs necessárias ao enfrentamento da vida, e acenar-lhe com o alívio de uma possível mudança de ares:

Precisas observar e estudar melhor o mundo para melhor viver nele com paciência, resignação e complacência para os erros, desvios e faltas humanas, que [dizer] Cristo se dão e hão de se dar. A perfeição geral que imaginas não é atributo deste planeta, em que vivemos. Se a dureza de um S. Jerônimo não a suportava assim fugindo para o ermo a viver com as feras – a lhaneza, paciência e brandura de um S. Francisco de Assis, S. Vicente e D. Viçoso tudo perdoava e suportava, vivendo como Cristo entre Publicanos e Fariseus, para melhor pescar almas pecadoras. Digo isto em relação ao modo de encarar as frivolidades de teus colegas que, além de tudo, por quererem ser padres, não estão obrigados, em horas de recreio de espírito, necessário e permitido, se ocupem e [façam] de assuntos vários. Há tempo para tudo.

Hoje escrevo a D. Silvério relativamente a tua ida com ele, acompanhando-o até os lugares santos e ficando v. no regresso dele em Roma, no Colégio Pio Latino para te formares em Cânones. É preciso que quando apareceres no mundo, como representante de Cristo, venhas investido da autoridade, que [essa] tua viagem e teus estudos em Roma, imprimem a tua posição.⁷¹

Depois dessas cartas, nada foi comentado sobre tais conflitos, mas por outro lado, existem indícios de que tenha ido residir no Palácio Episcopal, visto que o bispo tinha respeito e admiração pelo seu talento literário. Tudo indica que nada de muito grave aconteceu que pudesse impedir a ordenação sacerdotal, pois até a não comprovada história de que teria dado chicotadas na amante de seu pai durante uma procissão em São João del-

⁶⁹ Carta de José Severiano de REZENDE a Alphonsus de Guimaraens. Seminário, 30 de janeiro de 1895. p. 1.

⁷⁰ ANGLADE-AURAND, loc. cit. p. 79.

⁷¹ Carta de Severiano Nunes Cardoso de REZENDE a José Severiano de Rezende. São João del-Rei, 5 de abril de [1895?]. p. 2-4.

Rei, teria sido interpretada pelo Conselho do Seminário como um gesto de arrebatado zelo, segundo o conto “O chicote amaldiçoado”⁷² que a registra.

Sendo assim, as etapas legais anteriores à ordenação foram sendo transpostas, já que os mandados de diligência em nada o desabonaram e, normalmente, seguiram-se as dispensas de impedimento necessárias, para que recebesse as Ordens Menores e o diaconato, antes de ser ordenado sacerdote, no dia 18 de dezembro de 1897, por D. Silvério.

O padre jornalista

Depois da ordenação, o bispo ciente de sua competência intelectual e jornalística lhe entregou, imediatamente, a direção-redação do jornal diocesano *O Viçoso*. E, o novo sacerdote, entusiasmado com a oportunidade, já na primeira quinzena de janeiro de 1898, empreendeu uma viagem ao Rio de Janeiro, com o intuito de adquirir melhor maquinaria para a gráfica episcopal.

Aproveitando a estada, o padre Severiano celebrou uma missa festiva em homenagem aos antigos colegas de imprensa na igreja de São Francisco de Paula. A celebração foi anunciada nos diários da época e depois comentada minuciosamente. *O Paiz* do dia 14, copiando de *A Notícia*, do dia anterior, notificou a cerimônia, apresentado em seguida uma quadra humorística de *Gavroche**:

MISSA

O distinto literato padre Severiano de Rezende realizará amanhã, às 9 1/2 horas, em São Francisco de Paula, uma missa em intenção dos jornalistas fluminenses.

Se a notícia não se entende
Com jornalistas defuntos,
Pede a Deus, meu bom Rezende,
Que ao menos nos dê assuntos.⁷³

⁷² AQUINO, mons. Almir de Rezende. “O chicote amaldiçoado” Mariana, 1937. 2 p. Conto inédito.

* Pseudônimo de Artur Azevedo.

⁷³ “MISSA”. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 14 jan. 1898. p. 1.



Padre José Succesiano de Rezende

Uruçuama - Paróquia Episcopal - 21
 de Junho de 1857
 Meu querido Valle
 Apurei umas duas linhas para por
 te emprestar por no dia 18 desta secl' a
 ordem de baptisado e por conta em dia
 San Pedro - A prova meoito expens
 O dia em que podesse abençoar
 Haver uma filha em no Hypochois
 in Conciencia de Deus. Talvez em via
 baptisado. Meu respeito a D. Maria
 e um forte abraço de teu amigo
 Am. Rezende

O recém ordenado e seu cartão de visitas



Acróstico publicado no D. Figeo em dezembro de 1898

O general que a diocese de Marianna tem a for-
 tuna de possuir, dignou-se enviar ao director
 desta folha uma desvanecedora e delicada
 prova de benevolencia, amizade, e delicada
 proeza, que publicamos, agradecendo ao integro
 prelado a honrosa fineza.
 O padre és tu da Santa Igreja
 O lavanca contra o mal.
 O despreza a quem te moteja,
 O recorda, és da terra o sal,
 O também do mundo a luz.
 O preza e prega com vigor,
 O masinando a véra cruz,
 O nela a casa do Senhor.
 O spancando a treva densa
 O este valle lacrimoso,
 O ves ter a recompensa,
 O terno throno glorioso.

Quina do sobrado em que residiu o padre Rezende na rua lateral à igreja de São Francisco

A *Gazeta da Tarde*, no dia marcado, fez uma minuciosa descrição do ato solene, listando os jornalistas presentes, registrando que ofertaram ao celebrante um infólio de papel linho assinado por todos e que Léo d'Afonseca, ex-colega do *Diario Mercantil*, ofereceu-lhe um almoço em sua residência. Além disso, a folha publicou poemas de sua autoria nos dias subseqüentes.

O *Jornal do Commercio* também notificou a cerimônia no dia 14, enquanto *A Noticia* resumiu o que foi dito pela *Gazeta da Tarde*, acrescentando que o sacerdote regressaria a Mariana no dia 15. Neste dia, *O Paiz*, apenas informou o sucesso da cerimônia, mas a *Gazeta de Noticias*, no dia 16, a descreveu literariamente na seção "Crônica", expondo a grande surpresa de São Francisco de Paula frente a respeitosa participação dos cinquenta jornalista, aos quais só vira enfiados em cerimônias sociais. Além de todo este comentário na imprensa da Capital Federal, a celebração festiva retumbou em Minas Gerais através de *O Resistente*, de São João del-Rei e do *Minas Geraes*, de Ouro Preto.

De volta a Mariana, o sacerdote-jornalista arregaçou as mangas da batina e logo começou o seu trabalho, reelaborando o periódico diocesano e alterando-lhe o título para *D. Viçoso*. No dia 27 de fevereiro, circulou o primeiro número, manifestando o pensamento da Igreja, mas de acordo com o caráter independente e franco do seu único redator que convicto de sua fé, começou a enfrentar a tudo e a todos que julgasse desrespeitadores da doutrina católica:

A convicção com que defendia a causa pela qual se batia, e a dedicação sem limites pela doutrina, que pregava⁷⁴, davam-lhe a audácia de enfrentar todos, de combater o desrespeito humano de

⁷⁴ Curioso, por ser contraditório, é o registro de Mário Lotus no artigo "O púlpito mineiro": "Seu nome na velha capital, era cercado de vasto conceito, como orador. Infelizmente o perdeu logo no primeiro sermão sem vida, frouxo, repleto de lugares comuns: sermão enleiado, de sacerdote novo./ Esteve todo o tempo no púlpito, sem gesto, destilando molemente as palavras, como se as não tivesse decorado. Não olhou para o auditório, e ao beber água benzia o copo./ Falou sobre a ressurreição, mas foi um discurso absolutamente sem alma.

profligar os desvarios da nascente República brasileira (outra abjuração do passado), de arrostar os erros da terra com inexcedível heroísmo, tendo por único ponto de apoio a consciência do cumprimento de um dever.

Intolerante nos pontos da fé e dos dogmas da Igreja Católica, atirava sobre os adversários terríveis dardos, investindo-os com a ameaça de eternas penas, encarnado no caráter original de *Crispus*, saliente personagem da aplaudida narrativa de Henryck Sienkiewicz – no *Quo Vadis?*

Em laborioso lidar, dividindo o tempo entre o estudo, as práticas religiosas, o ensino do catecismo, a direção de associações religiosas, que criara, entre a administração e redação do *D. Viçoso*, passava a vida num afanoso batalhar quotidiano.⁷⁵

Cônego Raimundo Trindade, em *Arquidiocese de Mariana*, registra que, por causa desse extremado procedimento, o padre Severiano de Rezende foi acusado de colérico, destituído de mansuetude, de rudeza agressiva, de provocador e de linguagem insólita⁷⁶ por vários jornalistas, aos quais respondeu com a mesma severidade, para mostrar que um sacerdote não pode ser condescendente com os desvios e erros do seu rebanho, porque se ele agir assim, estará indo contra os ensinamentos de Jesus que prega o amor, mas não exclui a justiça.

Além disso, o sacerdote jornalista, para reafirmar sua posição, publicou os elogios mais abalizados que a folha diocesana recebera, tal como o dos jesuítas aqui transcrito:

Em geral, fugindo à praxe jornalística de transcreever as referências dos outros colegas, temos deixado de publicar nas nossas colunas as lisonjeiras e elogiosas palavras com que, desde que a nossa folha tomou novo formato e nova direção, nos tem distinguido os nossos colegas de imprensa. Hoje, porém, abrimos exceção à regra, para darmos lugar a algumas linhas sobremodo acoroçoantes, conquanto nimiamente benévolas, com que acolheram o recebimento do *D. Viçoso* os ilustres padres jesuítas de Itu no fascículo deste mês do *Mensageiro do Coração de Jesus*, tão belamente redigido por aqueles denodados paladinos da Igreja.

Eis pois como noticia o *Mensageiro* o recebimento da nossa folha, que se sente deveras desvanecida com essa referência valiosa, referência que muito nos vem alentar e consolar:

“Temos tido o prazer de receber esse belo jornal que se publica na episcopal cidade de Mariana, Minas Gerais, e que ainda não tínhamos a fortuna de conhecer. Não receamos de afirmar que temos visto no Brasil raras folhas religiosas com a orientação do *D. Viçoso*. Basta dizer que está parecendo com o *La Croix* de Paris.

Faltava-lhe entusiasmos; parecia que se envergonhava de repetir conceitos já tantas vezes emitidos; daí a lassidão com que pregou, à maneira de um professor que explica a lição à mesma turma que não quer compreender. / A sobrepeliz não lhe assentava, trepava com desembaraço pelo pescoço e as mangas pareciam compridas, dando-lhe um ar de *gaucherie* que o embaraçava. [...] Padre Severiano só era conhecido como poeta e como estudante desenfreado e talentoso; daí o concluir-se que devia ser um grande orador. A desilusão foi completa; mas, um ano depois, quando de novo subiu ao púlpito em Ouro Preto conseguiu agradar, embora não tivesse perdido aquele ar embuçado e esquivo de padre da roça, professor ou regente de Seminário.” LOTUS, Mário. “O púlpito de Minas VI”. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 24 dez. 1913.

⁷⁵ MINENSE, op. cit. p. 262.

⁷⁶ TRINDADE, op. cit. p. 197.

Não se arrependem os que tomarem uma assinatura.
Recomendamo-lo, pois aos católicos.”⁷⁷

Se o jornal recebeu muitos elogios, por outro lado, deve ter recebido também muitas críticas, pois o padre Rezende precisou transcrever, em três números, um editorial explicativo, que definia a independência do seu posicionamento e inocentava o bispo de qualquer responsabilidade, alertando aos leitores para não sobrecarregar D. Silvério com reclamações.

Contudo, esse caráter polêmico do semanário eclesiástico deu-lhe fama e boa aceitação junto ao público leitor, visto que a partir do quarto número, já circulava em edições de dois mil exemplares. Tal fato é muito significativo, quando se tem conhecimento do alto grau de analfabetismo no Brasil daquela época, em que os periódicos da Capital Federal publicavam edições pouco maiores, se guardadas as devidas proporções. Contribuiu também, para a boa aceitação do semanário mineiro de maior formato, o fato de ele não se restringir a temas religiosos e municipais, apresentando assuntos variados que colocavam os leitores a par das novidades nacionais e internacionais.

Essencialmente falava de religião: esclarecia a doutrina católica até com lições de catecismo para as crianças; transcrevia trechos dos Evangelhos e os comentando; transcrevia orações, vida de santos, cartas apostólicas de D. Silvério, etc... Por ser um órgão doutrinário, também publicava, indiscriminadamente, críticas a pessoas ou instituições contrárias à Igreja: gente do povo, autoridades, maçonaria, protestantismo, espiritismo, etc. Exemplo disso é a nota “A maçonaria estende-se” publicada na seção “Gazeta”, para

⁷⁷ REZENDE, padre José Severiano de. “A nosso respeito”. *D. Viçoso*, Mariana, 18 dez. 1898, p. 3.

informar a abertura de uma sucursal maçônica em São Paulo e esclarecer que os cultos *infernais* eram passíveis de excomunhão papal.⁷⁸

O padre Rezende acreditava no mal que esta organização secreta vinha fazendo à Igreja e ao Estado, por considerar que ela ao se infiltrar na Igreja e ao mesmo tempo apoiar a República, indiretamente, desmoralizava a religião católica. Em vista disso, a folha eclesiástica não se restringiu a pequenos artigos contrários à maçonaria e publicou em uma seção, denominada “Contra a Maçonaria”, poemas de vários escritores; inclusive um de Alphonsus de Guimaraens, seguido de um de sua própria autoria e de outro de um poeta menos conhecido da cidade de Conceição do Serro.

A postura independente e irreverente do padre José Severiano permitiu ao *D. Viçoso* exercer um destemido papel moralizante principalmente dentro da própria sociedade marianense, pois ele não utilizava meias palavras para fazer crítica fosse lá a quem fosse. Bom exemplo disso, são os pequenos artigos, publicados nos dias 11 e 18 de dezembro de 1898, sob o título “A moralidade em Mariana”, para apresentar um caso e sua conseqüente resolução. No primeiro, critica o comportamento escandaloso da filha do 2º juiz de paz que insultava a vizinhança e desautorizava o delegado acobertada pelo pai e, no segundo, apresenta o ofício do delegado informando que a agressora seria processada e encaminhada a uma colônia penal.

Ao criticar, indistintamente, a postura ética do mais humilde cidadão, ou da mais importante autoridade local, o *D. Viçoso* traçou um agitado e expressivo retrato histórico da pacata cidade episcopal. Pois se apontou o escândalo de um amancebamento no Morro de

⁷⁸ REZENDE, padre José Severiano de. “A maçonaria estende-se”. *D. Viçoso*, Mariana, 6 mar. 1898. *Gazeta*, p. 1-2.

Sant'Ana, apontou também o gasto indevido de verba pública pela Câmara Municipal com preparativos carnavalescos, quando a cidade carecia de limpeza pública e de segurança.

A severidade das recorrentes críticas visava despertar o reto pensar dos cidadãos, porque o padre Severiano considerava a sociedade marianense bastante atrasada e dirigida por corruptas autoridades civis que sequer prestavam atenção a suas palavras. Ilustra, exemplarmente, a sua visão da realidade marianense daquela época, o pequeno artigo transcrito abaixo:

BESTIÆ ET UNIVERSA PECORA

Mariana retrógrada. Se é que ela pode ir mais para trás no estado deplorável em que a deixa uma câmara municipal que dorme. Há dias, um cão danado vitimou várias pessoas nesta cidade. Não há ainda cinco dias, outro cão danado mordeu um menino em plena rua Direita. As vacas soltas ameaçam os transeuntes. Um edital afixado pelas paredes pretendeu pôr em vigor as posturas sobre o gado erradio pelas ruas. O fiscal até hoje não executou esse edital. O largo da Independência é um curral público. A rua Direita é uma esterqueira nojenta. As outras ruas, povoadas de carneiros, cabras, cabritos, bodes, burros, vacas, porcos, cães, galinhas *et universa pecora*, estão narrando as obras da câmara e o zelo do fiscal. Não será tempo de remediar a isso? *Quousque tandem* a câmara abusará da pacovice do povo? Chamamos a atenção especial do Ex.^{mo} Sr. agente executivo para estas misérias. Algumas bolas têm sido dadas, mas, ocultos os cães pelos donos, o fiscal deixa passar o tempo, e quando soltam os cães de novo, já ele nem pensa em bolas, e o desenfreamento da canzoada prossegue. Não é melhor prevenir do que remediar, e remediar mal? E a limpeza, e as vacas? Há dias, uma menina do Sr. Fernando d'Almeida foi ferida gravemente por uma vaca, e acha-se até hoje enferma. Voltaremos a este assunto, apesar de sabermos por experiência que não seremos ouvidos. Mas desta vez seremos mais positivos.⁷⁹

Devia impressionar e atrair os leitores, a variedade dos artigos abordando temas nacionais e internacionais. Igualmente, devia impressioná-los a variedade de periódicos citados pelo redator que bem mostravam porque o semanário diocesano era tão bem informado.

Sobre literatura apresentava curiosidades da vida de escritores, transcrevia contos morais, sermões do padre Vieira, críticas a obras contrárias à ortodoxia católica (por exemplo os artigos: “Exame Crítico”, escritos por um professor da Sorbonne, para criticar a *Vida de Jesus*, de Renan, pois o padre Severiano considerava tal escritor um falsário dos

⁷⁹ REZENDE, padre José Severiano de. “Bestia et universa pecora”. *D. Viçoso*, Mariana, 28 maio 1899. p. 2.

textos bíblicos) e poesias (no dia 29 de maio de 1898, publicou o famoso poema “Vila do Carmo”, de Alphonsus de Guimaraens, notificando que este havia sido escrito, em julho de 12894, numa das visitas que o poeta lhe fizera no Seminário).

A folha eclesiástica publicava ainda as mais inusitadas notas sobre curiosidades culturais, como por exemplo: “A fraseologia mineira”, apresentado gírias mineiras da época; “As igrejas de Paris”, explicando a função das três categorias de empregados que serviam nelas, como eram recrutados e quanto ganhavam pelos serviços; “A biblioteca do Vaticano”, apresentando a mais antiga biblioteca da Europa e o seu acervo; “O exército do Papa”, comentando que tal exército é formado por mais de 600 soldados, divididos em três categorias, além de explicar a função de cada uma, e “Vestir-se de papel moda no Japão”, destacando a versatilidade do material que estaria também sendo utilizado na construção civil. O jornal é também pontilhado de notas sobre acontecimentos mundiais: fala da vida de reis e rainhas; da cura de doenças até então incuráveis; da expansão da Igreja em países não católicos, etc.

No intuito de manter os leitores bem informados e bem orientados, o redator publicava artigos emitindo sua opinião sobre os acontecimentos da atualidade. Posicionou-se contra o inocente capitão Dreyfus, condenado pela justiça francesa, enquanto toda a imprensa francesa e nacional se posicionaram a seu favor; manifestou simpatia por Garcia Moreno, presidente da República do Equador, assassinado por ser contra a maçonaria, e notificou a boataria sobre a guerra entre espanhóis e americanos por causa de Cuba.

Combatendo a República

No âmbito nacional, o redator do *D. Viçoso* posicionou-se contra o presidente Campos Sales, publicando, logo após a sua posse, uma nota na seção “Gazetilha”, informando aos fieis que a fé manifestada pelo novo governante era hipócrita:

Quanto ao governo do novo presidente, que espera na sua própria fé o valor preciso para o combate a travar, se a sua fé é só essa a que se refere, não nos é difícil fazer a evidente profecia de que o seu governo não adiantará nada à ordem das coisas. Campos Sales, que se fez passar na Europa por católico prático, como escreveram as folhas francesas católicas, não fala absolutamente em Nosso Senhor, e sentindo necessidade de buscar valor e coragem algures, em vez de implorá-la Àquele de quem procede toda a força, vai pedi-la à sua própria fé de republicano que arranhou a sua vida com a República. A não ser que haja milagre, não temos nada a esperar, nós os católicos, do general Campos Sales, um dos antigos membros do iníquo governo provisório.⁸⁰

Passados alguns meses, voltou a carga sobre Campos Sales e escreveu o editorial “O povo vítima”, arrasando com a República, como registra o seguinte trecho:

A fome campeia na cidade e no sertão; a guerra tem devorado esperanças e despovoado famílias; a peste ergue a cabeça viperina e exala, aqui e ali, o seu bafo da morte; o povo geme, o governo goza, os ministros ganham, Campos Sales, o plebeu erigido a um cargo a que não tem direito por título nenhum a não ser por uma votação fictícia de um país que não vota e não sabe votar quando vota, pavoneia-se em carruagens, come bem, bebe regaladamente à custa do sangue, das lágrimas e do suor com que a república tem sido cimentada, e o mísero povo, sob a chibata, sob a alabarda, sob o julgo infame, sente a opressão, sente o opróbrio, sente o despotismo, mas não fala e não clama, e, se geme e murmura, os seus gemidos são os gemidos do ilota para quem o tirano não olha, e a sua murmuração é o gaguejo do escravo que tiritia diante do azorrague do senhor. Eis o povo soberano. Eis o povo que se libertou. Eis o governo do povo pelo povo. Se há ilusão, não há maior do que essa, e a realidade nos mostra, com o sarcasmo das decepções, um povo vítima que julgou poder ser, pela república, soberano.⁸¹

No âmbito estadual, por exemplo, o *D. Viçoso*, nos dias 16 e 23 de julho de 1899, publicou os editoriais “Governo Apóstata”, para apontar um ponto obscuro e uma contradição que percebera no texto da Constituição mineira: a utilização do nome de Deus na introdução e alguns parágrafos que laicizavam funções da Igreja. O padre Severiano de Rezende, por saber que a maioria do povo mineiro era católico, julgou necessário que a Constituição especificasse que o Deus nela citado era o dessa religião. Sendo assim, considerou blasfemos os parágrafos que destituíram a Igreja de algumas de suas funções.

⁸⁰ REZENDE, padre José Severiano de. “Campos Sales”. *D. Viçoso*, Mariana, 20 nov. 1898. Gazetilha, p. 3.

⁸¹ REZENDE, padre José Severiano de. “O povo vítima”. *D. Viçoso*, Mariana, 28 maio 1899. p. 1.

Mais especificamente, o editorial do dia 16 condena a falta de caráter e de patriotismo dos políticos mineiros monarquistas que se debandaram para o lado da República apenas assegurar os próprios interesses. Condena-os ao aderirem a este regime por considerar legítimo o poder da dinastia bragantina que era submissa à Igreja. Ainda pela sua ótica, traça um rápido retrato da República desde a sua proclamação, concluindo que Minas estava renegando a fé católica ao aderir a uma instituição que perseguia a Igreja.

No editorial do dia 23, a sua destemida crítica é pautada no texto da própria Constituição, da qual transcreve os parágrafos que laicizavam as funções da Igreja, a fim de comprovar a incongruência destes numa Constituição que para ele deveria ser católica e que, por isso, deveria respeitar as normas e funções da legítima representante de Deus na terra. O texto mostra que a atitude do Congresso mineiro visava enfraquecer a Igreja, ao colocá-la no mesmo nível de todas as seitas e aponta as desastrosas conseqüências advindas da laicização de suas funções.

Como se pode notar pela destemida e agressiva franqueza do padre Rezende, não foi à toa que fizeram explodir uma bomba na frente do sobrado em que residia na ladeira lateral à igreja de São Francisco de Assis. Ninguém sabe quem foi o autor do atentado, mas certo é que inimigos poderosos não lhe faltavam e este atentado fora apenas uma advertência.

Intrigante é o fato da República nunca lhe ter perseguido, ou exilado, quando isto era comum acontecer aos que lhe faziam oposição. Dizer que sua manifestação era insignificante e não repercutia na sociedade é impossível. Curioso também é o fato da bomba ter sido atirada, justamente, na madrugada seguinte à publicação do segundo editorial que atacava o Congresso mineiro. No entanto, por sua resposta sarcástica ao ataque anônimo, fica a impressão de ter sido este uma mera penalidade civil:

O nosso redator chefe, na noite de 23 para 24 deste, foi, às 2 horas da madrugada, agradavelmente despertado por um estouro um pouco mais intenso do que o que teria dado a rã da fábula que quis igualar-se ao boi da mesma fábula. Pensando que fosse algum tiro de garrucha dado por brincadeira nas vidraças, cujos vidros cantaram nas pedras um alegre mas rápido carrilhão, continuou a dormir. No dia seguinte, ao levantar-se, soube que o referido estouro fora de uma atenciosa bomba de dinamite que vários rapazes, cheios de coragem e de... espírito, colocaram e a acenderam ali, com o amável intento de manifestar desse modo as suas excelentes intenções para com o rev.^{do} padre Rezende, que aqui aproveita o ensejo para agradecer tamanha gentileza, apenas sentindo que os visitantes se retirassem tão depressa sem lhe dar tempo de lhes oferecer ao menos uma xícara de café... amargo, para o que aliás não faltará ocasião. Enquanto isso, a autoridade tomou conhecimento do fato, e espera que ele se repita para dar as providências. O redator do *D. Viçoso*, no entanto, continua a gozar boa saúde e não pretende retirar-se tão cedo desta cidade de Mariana, porque entende que, se há incomodados, eles é que, segundo o provérbio, devem retirar-se. No mais, o rev.^{do} padre Rezende, agradece à sociedade marianense, à qual ele se gloria de pertencer, as visitas e os parabéns que recebeu em congratulação de nada lhe ter acontecido em consequência do corajoso atentado, e outro meio não tem de retribuir a essas cativantes provas de estima senão continuar a prestar o concurso da sua palavra, da sua pena e do seu ministério em bem desta cidade e dos seus habitantes.⁸²

Prova do longo alcance de suas atitudes é o fato da notícia do atentado ter chegado à capital mineira, pois o *Diario de Minas*, no dia 4 de agosto, ironizou o acontecido num editorial de primeira página que apoiava a represália ao sacerdote, conforme registra o seguinte trecho:

O [beatério] marianense deve, ainda a esta hora, estar engrolando padre-nossos e descomposturas contra os *libertinos* e os hereges que ataçaram a bomba de dinamite em casa do meu prezado colega de imprensa o rev.^{do} José Severiano.

Calculo o roxo quase apoplético das opas do Sr. dos Passos, o vermelho danado dos balandraus do Santíssimo, a palidez de indignação dos do Rosário, quando, dentro das largas e vetustas cômodas da sacristia, comentaram o assombroso caso.

As tochas tiveram ímpeto de pular sobre as cabeças dos desalmadas, que tentaram contra a existência do mansueto pastor, cujo furor contra os maus provém do desejo que ele nutre de que todos nós nos frademos, nos ordenemos, e... seja o mundo uma vasta confraria.⁸³

Em contraposição, não faltaram manifestações de apoio ao sacerdote, vindas de diversas localidades, o que reafirma a repercussão do atentado e uma considerável aceitação das idéias defendidas pelo por ele. O *D. Viçoso*, é claro, transcreveu as manifestações de maior valor, para justificar e fortalecer a posição do seu redator-chefe, como, por exemplo, as duas abaixo transcritas:

Continuam as provas de amizade com que tem sido distinguido o nosso redator-chefe a propósito do grotesco fato da dinamite que teve a vantagem de fazer ver ao padre Rezende quanto é estimado

⁸² REZENDE, padre José Severiano de. "O padre Rezende". *D. Viçoso*, Mariana, 30 jul. 1899. p. 2.

⁸³ "BOÊMIOS". *Diario de Minas*, Belo Horizonte, 4 ago. 1899. p. 1. 2

nesta cidade e fora dela. Uma dessas provas de estima que mais o penhoraram é a seguinte carta do distinto marianense Dr. Diogo de Vasconcelos, que assim se expressa:

Amigo P.^o Rezende. – Ouro Preto, 5 de Agosto de 1899. – Queria ir em Mariana para lhe fazer uma visita e lhe protestar minha estima e admiração pelo bem que se conduziu e tem-se conduzido em relação ao infame atentado, miserável atentado, que se deu na sua porta.

Negócios importantes mo têm impedido; e agora que estou em partida para o Rio, quero antecipar a minha visita que farei logo que chegar. As suas orações a S. José continuem a meu benefício.

Eu o estimo, e o amo de coração e não posso deixar de ser – Seu amigo, *Diogo de Vasconcelos*.

A *Folha da Aparecida* notificando o fato, fá-lo nas seguintes palavras, que lhe agradecemos e que nos vieram consolar bastante:

O último n.^o do *D. Viçoso*, que acabamos de ler, relata a cena selvagem de que foi vítima o seu ilustrado redator chefe Rev.^{mo} padre José Severiano de Rezende. Às 2 horas manhã de 24 de julho foi aquele sacerdote despertado com um forte estampido, tendo verificado ao amanhecer que fora a explosão de uma bomba de dinamite que produzira tão estranho ruído.

[...]

Bem-aventurados os que sofrem por amor da justiça, porque deles é o reino do céu, dizemos nós com S. Mateus.⁸⁴

Ainda que tenha recebido bastante apoio, o ambiente não estava favorável ao padre Severiano, visto que, de Belo Horizonte, o jornal *Diario de Minas* não satisfeito com o irônico editorial sobre a bomba, tornou a atacá-lo no dia seguinte com mais um, intitulado “Amigo Urso” que contrapunha trechos do editorial “Govêrno Apostata” publicado pelo sacerdote em 16 de julho, com tópicos da “Pastoral Coletiva”, na tentativa de aniquilar a posição do clérigo, justificando que a Igreja apoiava a República.

Como era de se esperar, o *D. Viçoso* rebateu com o artigo “A Pastoral Coletiva e os seus adulteradores”, para mostrar que o documento episcopal havia sido manipulado incorretamente. O texto não desmente a posição favorável do clérigo à monarquia, mas também não o coloca em posição contrária à da Igreja, já que a “Pastoral Coletiva” condenava a laicização de funções da Igreja empreendida pela República. A discussão é centrada nos pontos que ele considerou antinômicos na Constituição mineira, na tentativa de saná-los e evitar a desunião dos dois poderes, como rezava o episcopado brasileiro, apesar de também ser favorável à monarquia.

⁸⁴ REZENDE, padre José Severiano de. "O padre Rezende". *D. Viçoso*, Mariana, 27 ago. 1899. p. 2.

Tudo indica que o ataque desferido pelo articulista do *Diario de Minas* foi pessoal e mal articulado, pois ele não percebeu, ou fez vista grossa, à intolerância religiosa da Igreja na condenação que o padre Rezende fez da nivelação de todas religiões divulgada no texto da Constituição. Além disso, perdeu a oportunidade de criticar o sacerdote e a própria Igreja Católica pelo mesmo oportunismo que o padre-jornalista condenou nos políticos, para tentar fazê-lo se lembrar da natureza dúplice do ser humano. Afinal de contas, D. Antônio de Macedo Costa, antes de se ver obrigado a escrever a “Pastoral Coletiva”, em 1890, elogiara publicamente a Monarquia, como assegura o texto de Sebastião Pagano:

... depois de Dom Antônio de Macedo Costa, no seu belo discurso perante a princesa imperial regente, Isabel, a Redentora, gratulatório pela assinatura da “Lei Áurea” ter declarado oficialmente em nome do Episcopado brasileiro, que a Monarquia é o melhor regime, o que mais de acordo está com as leis divinas humanas, por uma sorte de *ralliement*, um oportunismo necessário para evitar maiores calamidades, o mesmo Episcopado teve que escrever uma “Pastoral Coletiva” para conter os ímpetos da república-maçônica, e garantir a vida da Igreja sob a mesma, começando daí por diante, para o Episcopado, uma lenta, uma eterna “reconquista” do terreno perdido, ou a sua defesa do bem que recebeu da Monarquia desde a descoberta, com os “reis missionários” e sob o Império, embora liberalizado.⁸⁵

A decepção com Dom Silvério

Mesmo com esta discutível vitória e mesmo com o apoio recebido na ocasião do atentado, esses sucessivos acontecimentos conflitantes fazem crer que o comportamento iconoclasta do padre Severiano de Rezende já tinha ultrapassado o limite suportável, visto que a ocasião estava propícia ao rebate e que não demoraria muito a lhe acontecer algo mais grave. No entanto, ele nunca poderia imaginar que a oposição a sua postura combativa seria articulada dentro da própria gráfica, pois o funcionário da tipografia episcopal Olímpio Pimenta, sobrinho de D. Silvério⁸⁶, teria entregue ao juiz de Direito de Mariana,

⁸⁵ PAGANO, op. cit. p. 96-97.

⁸⁶ Cônego Raimundo Trindade na página 199 de *Arquidiocese de Mariana* afirma que Olímpio Pimenta era apenas afilhado e fâmulos do bispo, enquanto os outros textos biográficos confirmam o parentesco.

não se sabe por qual motivo, os originais de um editorial que o comprometia e que o juiz o teria apreendido, para impedir a publicação.

O furto do artigo foi tomado pelo redator-chefe como uma traição, por isso, não pestanejou em despedir o funcionário, proibindo-o de voltar à gráfica. Contudo, Olímpio era parente do bispo e não receou enfrentar o padre para demovê-lo da atitude drástica. Infelizmente, não é de conhecimento público o nível em que se deu a discussão, mas dizem que o sacerdote o teria agredido com insultos racistas⁸⁷, o que justificaria o fato de ele ter reagido sacando uma navalha para matar o padre, que o enfrentou, corajosamente, desarmando-o.

Ainda que tenha saído derrotado da tipografia, o sobrinho do bispo, não se intimidou com a força física do sacerdote nem com a distinção de sua posição, pois começou a lhe promover agressões verbais em público, sem ao menos atentar que estava atingindo todo o clero. Em vista disso, o padre Rezende acompanhado de outros clérigos igualmente ressentidos pelo ataque à classe, levaram o fato ao conhecimento de D. Silvério na esperança de que tomasse alguma providência em defesa dos padres, obrigando Olímpio a se retratar. Entretanto, ledo foi o engano deles, pois o bispo, dizendo-se bem informado por sua família (e, certamente, ferido pela ofensa racista), solidarizou-se com o funcionário e francamente o acobertou.

Possivelmente, a partir dessa data, o bispo tenha começado a fazer restrições aos artigos do padre Rezende, não mais apoiando a sua postura polêmica frente à folha diocesana, pois, em novembro de 1899, o redator-chefe sentiu-se obrigado a mudar a

⁸⁷ Fontes orais asseguram que os insultos foram raciais, enquanto cônego Trindade em *Arquidiocese de Mariana*, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1955. v. 2, p. 199 registrou o seguinte: “Rezende fã-lo deter-se, e atira-lhe uma injúria que vai atingir igualmente o bispo diocesano.”

conduta dos artigos referentes ao povo de Mariana e, ao que parece, pressionado por D. Silvério, como sugere o esclarecimento abaixo transcrito:

Pessoa que nos é cara por mais de um título e que, no pedido que nos fez, invocou sagrados nomes que por todos os títulos nos são caros, quis que não falássemos mais das misérias e dos miserandos de Mariana. Prometemos, e estamos dispostos a cumprir. Sobre Mariana, o *D. Viçoso* conservará o mais profundo silêncio, passando em claro sobre todos os fatos, aliás insignificantes em si da morta vida marianense. O nosso noticiário apenas se abrirá para falar do movimento das igrejas, das festas, das solenidades. Por isto, nenhuma notícia pessoal, nenhum acontecimento vulgar, nenhum fato local, aparecerá mais na nossa folha, a não ser que uma circunstância especialíssima venha, a nosso juízo, autorizar-nos a quebrar esta resolução. A não darmos *tudo* e a não falarmos *tudo*, de nada mais do que for exclusivamente marianense nos ocuparemos. Podem pois os políticos dormir a sono solto, mexam cavilosamente com a intriga e a dobrez, puxem impunemente o punhal e a garrucha, deixem de cumprir os seus deveres, cumpram mal as suas obrigações – nós não os incomodaremos. O *D. Viçoso* continuará a instruir os seus leitores e, deixando a região da *Gazetilha* local, passará a contemplar outros horizontes, em que não haja os tons rubros do sangue, as lívidas tintas da inveja e os nevoentos bulções do despeito, do ódio e da intriga.⁸⁸

A conduta retaliativa do bispo deve ter abatido a fé e a confiança do padre Severiano de Rezende em sua autoridade clerical e na Igreja, além de muito ter ferido o seu orgulho, causando-lhe uma profunda depressão moral que resultou numa, irrefreável, vontade de deixar a cidade e, por conseguinte, a batalha catequética que desenvolvia com paixão através do *D. Viçoso*. É indício da mágoa, a sua saída repentina de Mariana, no dia 18 de janeiro de 1900, sem ao menos se despedir do bispo, pois este só veio a saber da partida dias depois através de uma carta de seu secretário que a narra sinteticamente: No dia seguinte ao da partida de V. Ex. Rev.^{ma} o padre Rezende despediu-se de Mariana e se acha em S. João del-Rei por enquanto. Houve manifestações de pesar e de hostilidades pois soltaram foguetes e bombas.⁸⁹

Ao contrário de côn. Horta que foi lacônico na transmissão da notícia, Carlos Sanzio de Avelar Brotero, cunhado do padre Severiano e proprietário do jornal sanjoanense *O Resistente*, publicou uns dois ou três editoriais, comentando a sua saída brusca da cidade

⁸⁸ REZENDE, padre José Severiano de. "O *D. Viçoso* em Mariana". *D. Viçoso*, Mariana, 26 nov. 1899. p. 4.

⁸⁹ Carta de cônego José Silvério HORTA a Dom Silvério Gomes Pimenta. Mariana, 27 de janeiro de 1900. p. 2.

episcopal. O texto tem proporções épicas e leva o leitor a crer que o sacerdote era bastante querido, como se pode perceber pelo fragmento abaixo:

Muito antes da hora marcada para a partida já era crescida e numerosa a quantidade de cavaleiros, eclesiásticos e seculares, que chegavam à porta da casa do Rev.^{mo} padre Rezende para o acompanhar na despedida até o arraial da Passagem, e até Ouro Preto na maior parte... Ao mesmo tempo uma multidão enorme de povo se apinhava nas proximidades de sua casa e pelas ruas do percurso... Do Seminário acenavam lenços brancos... No Colégio das Irmãs, grande afluência de pessoas às janelas, dando tudo isto à cidade um aspecto de agitação dolorosa e de saudade... Às portas da cidade, na Igreja de São Pedro, deteve o Rev.^{mo} padre José Severiano de Rezende o animal e pararam todos os cavaleiros, sendo completamente envolvido pelo povo, a quem então o padre Rezende disse o seu último adeus, abraçando a todos e agradecendo-lhes visivelmente sensibilizado tantas e tantas provas de afeto de que jamais na sua vida se esqueceria... Tomando-lhe a mão, todos lha beijavam em seguida entre prantos e exclamações, passando-se aí uma das cenas mais comoventes a que talvez todos os presentes tenham assistido...⁹⁰

Como a edição de fevereiro de 1900 de *O Resistente* se deteriorou completamente, não foi possível ler os editoriais em sua íntegra, pois só restou como prova de que existiram o trecho citado acima e as seguintes palavras retidas na memória de mons.

Almir de Rezende Aquino:

... saíram a cavalo de Mariana para Ouro Preto. Lá chegando para tomar a Central do Brasil [...], um portador da Santa Casa foi a procura do Pe. J.S.R. pedindo-lhe que fosse a Santa Casa, onde um doente, em estado grave, pedia a sua presença. Não duvidou o Pe. J.S.R. em atender o chamado. [...] A caravana sanjoanense e marianense o acompanhou até a Santa Casa. Lá o doente que estava com o braço direito todo entumecido e gangrenado, condenado a morrer, fez confissão pública de ser ele o autor da famosa bomba de dinamite e, agora condenado a morrer, queria o perdão de Deus e do Pe. J.S.R.⁹¹

Uma tentativa de submissão

Com a ida do padre Severiano de Rezende para São João del-Rei, o *D. Viçoso* nunca mais circulou. O *Arquidiocese de Mariana* notifica que, segundo *O Resistente* a folha não mais foi impressa, porque o redator-chefe não o quis, apesar da insistência de D. Silvério para que o sacerdote continuasse a dirigi-la. No entanto, tal observação de côm. Raimundo

⁹⁰ TRINDADE, op. cit. p. 200.

⁹¹ Carta de monsenhor Almir de Rezende AQUINO a Renato Rodrigues de Lima Júnior. Carmópolis de Minas, 25 de abril de 1996. p. 3.

Trindade visou desmentir o boato, divulgado por uma gazeta do interior de Minas, de que o *D. Viçoso* havia sido suspenso por determinação episcopal.

Na impossibilidade de averiguação dos fatos, fica a certeza de que algo muito grave aconteceu, visto que o padre Severiano de Rezende, imediatamente, solicitou o seu desligamento da diocese de Mariana e que mesmo tendo em mente a necessidade de organizar a papelada do jornal para prestar contas a D. Silvério, até o fim de 1901, não o tinha feito, alegando inaptidão para a Matemática, conforme registra o trecho de uma carta sua a côn. Horta:

Vou também tratar de resumir uma espécie de relatório p.^a o Sr. bispo ver o que fiz quando redator do *D. Viçoso* e como o deixei, quando saí. Tenho todos os papéis, que trouxe e guardei, mas nunca tenho tempo para isto, pois é coisa de algarismos, para o que tenho negação profunda.⁹²

Na verdade, as contas não foram prestadas, porque, na ocasião, o seu estado emocional o levou a viajar bruscamente. Com isso, os negócios foram abandonados pela metade gerando uma desorganização geral que o obrigou a solicitar o auxílio do amigo côn. Horta na resolução das pendências, como por exemplo: entregar alguns documentos, livros e folhetos aos legítimos donos; explicar aos credores que sanaria as dívidas à medida que o seu miserável ordenado permitisse, e entregar a sua carta de excardinação ao bispo, sem qualquer interferência favorável a sua permanência na diocese, pois desejava sair dela o mais rápido possível, como já dissera a D. Silvério.

A princípio D. Silvério concordou com o seu desligamento da diocese. Documenta isso uma carta de recomendação que enviou ao padre Júlio Clavelin do convento lazarista do Rio de Janeiro, pois ela traça um retrato psicológico do padre Severiano e lhe dá a permissão para que o empregue:

⁹² Carta de José Severiano de REZENDE a cônio José Silvério Horta. São João del-Rei, 1º de dezembro de 1901. p. 2.

Quanto ao que V. Rev.^{ma} me consulta, o Pe. José Severiano de Rezende é um bom sacerdote, de bons costumes, e muita inteligência, e de zelo ardente. Tem contra si o gênio difícil, assomado, o qual se ele [pudesse] dominar, seria excelente. É teimoso, e aferrado a seu sistema de obrar. Não me oponho a que V. Rev.^{ma} o empregue, antes desejo que ele possa prestar aí bons serviços, ficando mais resguardado dos perigos que pode correr em outros lugares.⁹³

Em vista disso, é possível supor que o clérigo tenha permanecido três meses na Capital Federal procurando emprego sem nenhum êxito, visto que em julho o bispo lhe concedeu uma binagem para que permanecesse em São João del-Rei até dezembro de 1901.

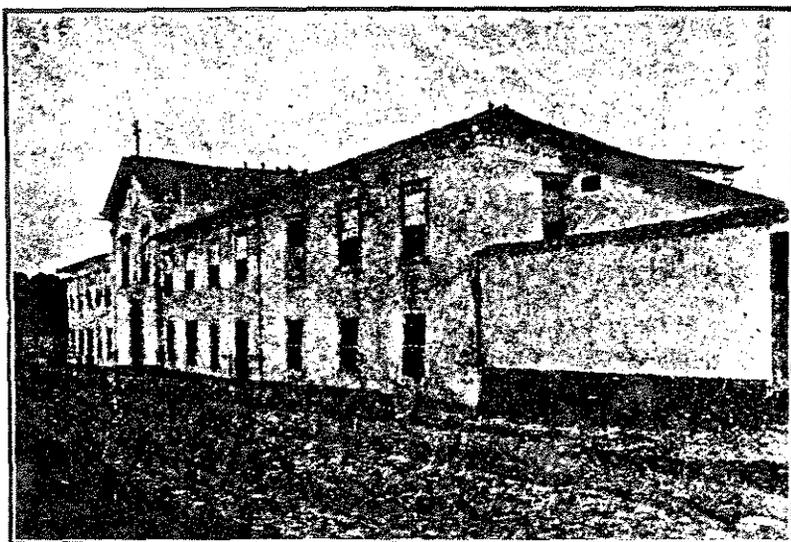
Não tendo conseguido o emprego na Capital da República pois, em junho, o padre Severiano já estava de volta a São João del-Rei, tendo como única opção de trabalho, concorrer ao posto de capelão da Santa Casa de Misericórdia da cidade. Pela correspondência trocada com aos amigos de Mariana – cônego Horta e monsenhor Teles –, é possível perceber que a região era carente de sacerdotes e que, por tal motivo, ele, enquanto esteve na cidade, permaneceu todo o tempo sobrecarregado de funções, cuidando das suas na Santa Casa e ainda tentando sanar as carências que ia observando ao redor. Nas cartas, geralmente, expunha suas opiniões e idéias para a melhora da vida paroquial ou solicitava orientações para o melhor desempenho de suas funções. Por isso, numa delas pede orientação para inibir a intervenção do vigário no trabalho das Irmãs vicentinas da Santa Casa, visto que esse discordava dos costumes apostólicos das freiras e sempre intervinha nas eleições da mesa diretora da instituição para assegurar os próprios interesses.

As respostas recebidas eram sempre esclarecedoras e bem ponderadas, ressaltavam a necessidade de se obedecer às normas e regras do clero para evitar equívocos e conseqüentes dissabores. Daí a seguinte orientação de mons. Teles a respeito das eleições da Santa Casa: Quanto a mesa e mesários, tudo deve estar determinado pelo compromisso da Irmandade e

⁹³ Carta de Dom Silvério Gomes PIMENTA ao padre visitador. Mariana, 15 de abril de 1900. p. 1.



O padre Rezende em 1901



Prédio da Santa Casa de Misericórdia nos tempos do padre Severiano de Rezende

nesse caso haja empenho para que não faltem os bons Irmãos e, estes sendo em maioria, os maus serão suplantados.⁹⁴

Além dos seus inúmeros e corriqueiros afazeres sacerdotais, o padre Severiano tentou desenvolver um novo trabalho jornalístico, redigindo um folheto, ao qual deu o título de *Amigo*. Como a história não preservou nenhum exemplar desse, uma das cartas de mons. Teles cumpre a função de registrar a sua rápida existência, para que pelo menos a posteridade tenha conhecimento de mais esta sua empreitada jornalística e catequética.⁹⁵

É também uma carta do padre Severiano a mons. Teles que registra o recebimento de um artigo solicitado para publicação, e que, da mesma forma, transmite a notícia de que o *Amigo* tivera apenas duas edições, já que os tipógrafos atrasavam sempre a impressão e ele, estando sempre muito atarefado, achara por bem encerrá-lo. A carta cumpre ainda a missão de noticiar sua eleição para capelão definitivo da Santa Casa e sua pretensão de ir a Mariana em setembro próximo.

Diante desta última notícia, mons. Teles muito assustado com a possível repercussão negativa que tal acontecimento desencadearia, logo respondeu-lhe de maneira franca e direta para tentar demovê-lo da arriscada viagem:

Sinto que o *Amigo* não pudesse vingar e morresse ao nascedor. V. Rev.^{ma} diz em sua carta que pretende vir a Mariana em setembro. Quer meu conselho? Não venha cá este ano. Graças a Deus, os inimigos vão se afastando, mas ainda está muito perto a campanha terrível. Se ódio velho não dorme, quanto mais o recente?!...

Não desejo e até espero que não venha, ainda que não lhe agrade o conselho.⁹⁶

⁹⁴ Carta de monsenhor José de Souza Teles GUIMARÃES a José Severiano de Rezende. Mariana, 3 de junho de 1901. p. [?].

⁹⁵ Carta de monsenhor José de Souza Teles GUIMARÃES a José Severiano de Rezende. Mariana, 16 de junho de 1900. p. [?].

⁹⁶ Carta de monsenhor José de Souza Teles GUIMARÃES a José Severiano de Rezende. Mariana, 6 de agosto de 1900. p. [?].

Para surpresa dele, o conselho foi acolhido e a viagem não se realizou, pois na certa o padre Severiano ainda não se sentia totalmente refeito da *campanha terrível* e a simples lembrança dela deve lhe ter trazido à memória recordações muito desagradáveis.

Essa correspondência trocada com o clero marianense documenta que realmente o padre Severiano permaneceu absorvido pelos afazeres sacerdotais durante sua estada em São João del-Rei, não lhe sobrando tempo para se dedicar ao jornalismo laico e à poesia. Daí só terem sido encontradas três inserções suas em *O Resistente*.

A primeira, com o soneto “O Hipogrifo”⁹⁷ que, para ele, é o protótipo da imaginação e um dom magnífico que brota do alto. O clima do poema reflete a desolação de sua alma pela angústia e insatisfação com a vida, apontando para uma busca de alívio, um renascimento através da contenção dos instintos humanos, e ilustra sua própria irradiante ânsia de Ideal através da simbólica desse animal fabuloso, sugerindo a busca de uma nova vida na qual o visível estará aliado ao invisível.

A postura agitada do hipogrifo indica que o padre Rezende não estava mais conseguindo se controlar, se submeter ao clima desfavorável que o impossibilitava de alcançar o Ideal. Deve ter sido crescente o seu desgosto com a vida sacerdotal e, a saída imaginada, foi a volta ao jornalismo pois, em 24 de novembro de 1901, iniciou colaboração no diário carioca *Correio da Manhã*.

Sua contratação pelo recém fundado jornal de Edmundo Bittencourt revela que, apesar de afastado dos grandes centros e da grande imprensa, o caráter polêmico do seu fazer jornalístico, era bastante conhecido e respeitado, pois mesmo o Rio de Janeiro estando

⁹⁷ REZENDE, José Severiano de. “O Hipogrifo”. *O Resistente*, São João del-Rei, 11 nov. 1901. p. 1.

saturado de bons jornalistas, Gaspar da Silva Barbosa, um dos proprietários da folha, se lembrou de seu nome, consagrado desde os tempos do *Diario Mercantil* de São Paulo.

O objeto de seus primeiros artigos foi Eduardo Prado, ilustre polígrafo brasileiro que vinha recebendo homenagens e críticas póstumas através da imprensa. Por afinidades diversas, não resistiu à tentação de defender a conversão dele ao Catolicismo das críticas que lhe fizera a jornalista portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho que considerava incompatível o convívio da religião com a ciência.

Ainda que tenha se mantido publicamente afastado de qualquer polêmica até aquele momento, nos bastidores se manifestava na tentativa de estancar a infiltração da política contrária a sua na igreja de São João del-Rei. Vem daí a sua interferência na escolha do vigário interino, para evitar a nomeação do padre Gustavo Ernesto Coelho, pois acreditava que sendo esse da roda do vigário atual, usaria na certa de todos os recursos para ser efetivado no cargo. Em vista disso, sugeriu o padre João Gualberto do Amaral⁹⁸ para o posto de vigário efetivo, frisando que sua sugestão visava apenas a uma melhor assistência ao povo sanjoanense, pois o vigário padre João Batista Pereira Pimentel dividia as funções sacerdotais com as de presidente da Câmara municipal e o resultado não era positivo para a comunidade em nenhuma das duas áreas.

Como sua indicação não foi acatada e o padre Gustavo assumiu o cargo em fins de 1902, a sensação de desprestígio junto à autoridade eclesiástica talvez tenha sido reforçada, aumentando mais ainda a sua insatisfação com o trabalho sacerdotal naquela localidade. Diante de tamanha frustração, o seu gênio indomável e orgulhoso deve ter sentido outra vez

⁹⁸ Colega de Seminário do padre Severiano de Rezende que, em 1907, respondeu, prontamente, às conferências do criminalista italiano anticlerical de esquerda Enrico Ferri com duas tumultuosas palestras: “Lição a Ferri” e “Má fe e incoerência de Ferri”. Cf. BROCA, Brito. “Rio Branco no Itamarati...”. *A vida*

uma irresistível vontade de se desvencilhar das amarras, para se dedicar a algo que lhe desse prazer e satisfação.

Bem ilustra tal dedução a carta que reata a correspondência com Freitas Valle, na qual desabafa sobre a luta inglória e constante contra elementos suplantadores de tudo quanto é talento, energia e vitalidade:

Venturosamente, e isto é o que quero comunicar-te, julgo ter-me libertado agora de tudo quanto é peia que me impedia de trabalhar um pouco intelectualmente. Agora tenciono sair daqui, desta sufocante S. João del-Rei, e ir morar nalgum lugar onde possa escrever, estudar, trabalhar enfim, sem maiores compromissos de emprego que me prenda, e sem sacrifícios que me [puniam], como até agora. Ainda não escolhi lugar. Estou pensando em Petrópolis e no Rio. Se eu não arranjar lugar em Petrópolis, ficarei, não há remédio: no Rio, vendo eu pouca probabilidade de fixar-me em São Paulo.

[...]

Em dezembro próximo lá vou dar um passeio à S. Paulo; tendo que ir a Taubaté, irei à capital, tanto mais que penso ser obrigado a ir a Itu, a negócios. Em conclusão, pois: breve, quando me fixar, imaginarei o meu ressurgimento literário e então falaremos de tudo, escreveremos de tudo...⁹⁹

Tomada a decisão de sair de São João del-Rei, no dia 2 de novembro, solicitou demissão do cargo de capelão. No dia 17, obteve do vigário geral da diocese mons. Teles duas cartas de recomendação – uma para o bispo de São Paulo e outra para o vigário geral da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro – que o apresentavam como um sacerdote de zelo reconhecido, de bastante ciência e ilustração, e solicitavam permissão para que pudesse se valer de suas ordens sacerdotais, enquanto permanecesse nas supracitadas regiões. Iniciada a viagem, no dia 27 do mesmo mês, de Juiz de Fora, escreveu ao côn. Horta, solicitando o favor de enviar a sua correspondência para a rua General Severiano, 18, no Rio de Janeiro, pois estaria hospedado com os lazaristas.

O jornalista Silvano Minense resumiu da seguinte forma a passagem desse quase triênio em que o padre Severiano viveu recluso em São João del-Rei:

literária no Brasil-1900. Rio de Janeiro: MEC, [s. d.]. p. 162. Foi membro da Academia Paulista de Letras, e o poema “Miserere” de *Mysterios* é dedicado a ele.

⁹⁹ Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. São João del-Rei, [18?] de novembro de 1902. p. 1-2.

Feita a exposição dos fatos, depôs nas mãos do bispo a direção e administração do *D. Viçoso* e retirou-se para S. João del-Rei, em princípios de 1900, recolhendo-se à Santa Casa de Misericórdia, onde, durante dois anos, como capelão, numa vida de verdadeiro asceta, vivia retirado da sociedade, entregue aos seus livros, visitando os enfermos e levando-lhes à beira do leito palavras de conforto e de resignação, doutrinando as órfãs, entregue ao trabalho do confessor e a outros misteres de sua augusta missão.¹⁰⁰

O texto informa, incorretamente, o tempo que o sacerdote permaneceu em São João del-Rei, pois o padre Rezende chegou à cidade em janeiro de 1900 e de lá partiu em novembro de 1902. Mas está correto ao afirmar que o sacerdote levou uma vida de asceta, ainda que existam boatos de que tenha cometido exageros na doutrinação das órfãs, cuidadas pelas Irmãs vicentinas, já que sua severidade foi tomada como crueldade e falta de caridade no trato com as meninas, das quais chegava até a arrancar com brutalidade as travessas de cabelo, pisoteando-as até quebrá-las, para condenar a vaidade delas. Por outro lado, Minense registra que o seu gênio impulsivo unido à eloquência guerreira de sua oratória lhe atraiu a má vontade até dos colegas de batina:

Como orador, porém, parece que a batina enervou-lhe a linguagem e o negro barrete eclesiástico obumbrou as cintilações daquele cérebro radioso; quando sobe ao púlpito já vai com propósito preconcebido de não provocar aplausos, repugnando-lhe os lances oratórios, as imagens comovedoras e as frases que produzem efeito e levantam as multidões; e este preconceito prejudica muito seus créditos como orador.

Em certa festividade, porém, subiu ao púlpito em S. João del-Rei e, não podendo deter os arroubos da eloquência e nem obstar a fluência da sua palavra, irrompendo em catadupas violentas, pregou um sermão, que lembrou *Bridaine* profligando os vícios e a libertinagem da corte de Luís XIV, e que mais ainda o induziu a perseverar no seu propósito de não provocar aclamações em torno de sua pessoa; visto como teve de arcar com a má vontade de muitos e até com o despeito dos da própria classe, vendo nele poderoso competidor a pô-los à margem.¹⁰¹

O jornalismo na Capital Federal

Em 2 janeiro de 1903, já é possível encontrar o padre Severiano de Rezende, vivendo no Rio de Janeiro, instalado precária e provisoriamente numa pensão da rua

¹⁰⁰ MINENSE, op. cit. p. 262.

¹⁰¹ Ibidem. loc. cit.

Conselheiro Pereira da Silva, 44, em Laranjeiras, preparando-se para entrar em cena, como documenta o trecho da seguinte carta, escrita ao amigo Freitas Valle:

A estas horas deves já ter mil vezes pensado que diabo é feito de mim e que ingratidão é esta minha. Ah! Meu Valle... *struggle for life*... Desde que cheguei q. ando lutando p.^a achar um *ubi* confortável, decente e apto para os meus sonhados labores. Agora achei uma casa de pensão, onde estou num quarto que mal me cabe a mim: ando em empenhos a ver se arranjo uma cela no convento de S. Bento. Se arranjar, é uma ventura. Não fui mais a S. João, porque a despesa seria muita. Mandeí algum dinheiro p.^a pagar umas coisas e tratem da remessa dos meus livros, que andam aí pela estrada, em demanda do Rio. Só quando eles chegarem, é que eu poderei começar a trabalhar.¹⁰²

O padre José Severiano chegou à Capital da República, na época em que essa concentrava o maior mercado de emprego para escritores e produzia quase toda a literatura lida no país. O jornalista adquirira o *status* de escritor, ou melhor de Homem de Letras, o que lhe dava maior destaque e influência político-social, para ditar novas modas e novos hábitos que chegavam a desafiar e vencer o controle das massas exercido pela Igreja Católica.

Nesse período, a imprensa crescia emparelhada com o processo de mercantilização da cidade, ancorada em inovações tecnológicas que transformavam os métodos de impressão, gerando o crescimento das tiragens e a rapidez na distribuição. A vida intelectual carioca era dominada por esta grande imprensa, que constituía a principal instância de produção cultural, visto que a literatura perdera o seu prestígio ao se manter presa à corrente romântica do século XIX, por ignorar que o novo modo de vida trouxera transformações nas técnicas de comunicação – o cinematógrafo, o gramofone e a fotografia – agora ocupavam o tempo disponível do cidadão.

Paralelamente a isto, a grande imprensa amesquinhava o potencial crítico e criativo dos jornalistas, ao obrigá-los a se identificarem com os interesses políticos dos jornais e das

¹⁰² Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. Rio de Janeiro, 2 de [janeiro] de 1903. p. 1-2.

oligarquias a que estes pertenciam, pois devido a grande concorrência, todos tiveram que se adaptar às novas estratégias do mercado para assegurar a vendagem. Sendo assim, os jornalistas, numa disputa aflitiva, para garantir a sobrevivência, ajustaram-se aos gêneros literários franceses em voga – reportagem, entrevista, inquérito literário e crônicas – , copiando inclusive a maneira com que tratavam os assuntos, dando destaque ao mundanismo para agradar ao grande público.

Com toda esta remodelação, surgiu uma nova categoria de jornalistas, denominada anatoliana que se destacou pela versatilidade na obtenção do sustento:

O grupo dos *anatolianos* não se enquadra em quaisquer das categorias existentes na época, pois constituem o produto de uma primeira forma de diversificação de papéis no âmbito do trabalho de dominação. Os integrantes desse grupo prefiguram um tipo novo de intelectual profissional, assalariado ou pequeno produtor independente, vivendo dos rendimentos que lhes propiciam as diversas modalidades de sua produção, desde a assessoria jurídica, as conferências, passando pelas colaborações na imprensa, até a participação nos acontecimentos mundanos e nas campanhas de mobilização em favor do serviço militar, da alfabetização, do ensino primário, etc.¹⁰³

O padre Severiano de Rezende, enquanto se adaptava à nova vida, aproveitava o tempo para pensar nas possíveis oportunidades de trabalho e fazer os contatos necessários para a obtenção de algum. Por isto, suas cartas a Freitas Valle ora solicitavam que negociasse com o Godói o salário da colaboração que iniciaria no *Correio Paulistano*, na qual escreveria cartas sobre arte, literatura e outros assuntos, umas quatro vezes ao mês.

Ora solicitavam apadrinhamento num concurso para professor:

Ontem soube que há aqui um concurso no Ginásio p.^a a cadeira de Francês que vagou. Resolvi-me logo a entrar em concurso. Preciso pois dos teus conselhos. Narra-me o que é um concurso, diz-me de que gramáticas tenho que me munir para fazer uma preparação próxima sobre história da língua, regras, sutilezas, miudezas etc. Depois de me instruíres a esse respeito, precisarei de algum ou alguns padrinhos, q. me arranjarás aí nas rodas políticas, quando for ocasião. Sem proteção nada se arranja nessas coisas!¹⁰⁴

No entanto, é bom rememorar que o padre Rezende não chegou ao Rio de Janeiro

¹⁰³ MICELI, Sérgio. *Poder, sexo e letras na república velha*. São Paulo: Perspectiva, 1977. p. 71.

¹⁰⁴ Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. Rio de Janeiro, 2 de [janeiro] de 1903. p. 4.

como um desconhecido e desamparado *joão ninguém*, pois trazia a colaboração do *Correio da Manhã* que era o periódico do momento e tinha orientação essencialmente polemista. Daí toda e qualquer notícia divulgada nele, repercutia enormemente na cidade, dando grande visibilidade e prestígio aos articulistas.

Luis Edmundo, em *O Rio de Janeiro do meu tempo*, traçou, no capítulo dedicado ao *Correio da Manhã*, um panorama político-econômico da então capital do país, destacando a posição contestadora da folha. Sua narrativa revela que a imprensa carioca há muito deixara de defender os interesses da pátria para fazer tráfico de poder. Os proprietários nada entendiam de jornalismo, mas sabiam muito bem a força política que representavam, logo, suas empresas gráficas surgiam como firmas brasileiras, atribuíam a direção a brasileiros, mas na realidade, pertenciam a portugueses ricos e poderosos, trabalhando em proveito próprio.

Afirma ainda que o governo sabia da situação, mas fazia vistas grossas, pois esses órgãos, falsamente, representavam a opinião nacional, só tratando de assuntos de pouco, ou nenhum valor, atacando, covardemente, aos desprotegidos numa politicagem que reverenciava os políticos de influência. Por conseguinte, Edmundo apontou que o serviço público era ineficiente, enumerando o caos que degradava o Rio, já que a população permanecia sem instrução e explorada pelo próspero e desonesto comércio, enquanto a indústria continuava desprotegida completamente. Portanto, o *Correio* surgiu para romper com tamanha calamidade e restituir a dignidade da população, agindo de maneira independente com uma conduta honesta e confiável, a fim de transmitir esperança no futuro. No entanto, Edmundo cometeu mais um lapso ao afirmar que o *Correio da Manhã* era rigorosamente brasileiro, pois Gaspar da Silva Barbosa, um dos proprietários, era português

O padre Rezende no *Correio da Manhã*

Em 1º de janeiro de 1903, publicou o trecho “Vita nuova”, num editorial de primeira página, escrito pelo diretor e colaboradores, que trazia estampado o retrato desenhado de todos¹⁰⁵. O entusiasmado artigo reflete a sua alegria e a sua esperança na nova fase da vida que se iniciava, na qual procurava esquecer as más lembranças e os erros tristes através de louvores, como recomenda a Igreja.

Em contraponto, mal passado dois meses, na crônica “Teatro e Religião”, retomou o seu gênero literário preferido – a polêmica –, para arrasar, sarcasticamente, o drama *O Mártir do Calvário*, do escritor português Eduardo Garrido* que estava em cartaz no teatro Recreio Dramático. Considerou a peça uma paganização do que há de mais solene e de mais venerando nos “Evangelhos” – a paixão de Cristo –, por considerar que a montagem em nada lembrava os engrandecedores Mistérios de outrora. Além disso, considerou desonesta a invocação do sentimento religioso do povo como meio de divulgação da peça, ao sugerirem que o clero a recomendava e, ainda, ao dedicarem uma récita ao jubileu do papa Pio XIII, quando visavam apenas o lucro fácil.

Quanto à competência artística do autor, manifestou-se da seguinte maneira:

Ora, não há tal. Primeiramente, o Sr. Eduardo Garrido não é um artista, nem mesmo o que vulgarmente se alcunha um literato. Versos do Sr. Garrido, que eu tenha visto, não me parece que o possam muito recomendar: versos forçosamente quebrados, tortos, mancos, cambaios, teratológicos natos, esparsos em todos esses *vaudevilles*, mágicas e operetas, eis tudo quanto a bagagem poética do laureado comediógrafo pode registrar, a não ser que o Sr. Garrido se faça uma glória das quadras que compôs sobre o *Meu Amigo Banana*. De sorte que, para principiar, ponho em dúvida os alexandrinos do *Mártir do Calvário*. Mas, em segundo lugar, dado que haja ali alexandrinos que se possam apresentar como tais, com que haveria o Sr. Garrido de encher os seus magníficos versos? Com as palavras do Evangelho, poetizadas e parafraseadas pela sua pena há tanto tempo afeita ao gênero leve dos trocadilhos jocosos e das facécias truanescas? Impossível. É preciso convir que o Sr. Garrido

¹⁰⁵ Edmundo Bittencourt, Leão Veloso Filho, Souza Bandeira, Manuel Vitorino, Coelho Neto, Artur Azevedo, Luís Murat, Antonio Sales, José Veríssimo, Moreira Guimarães, Melo Moraes Filho, Adolfo Morales de los Rios, Gastão Ruch, Virgílio Varzea e o padre Severiano.

* O grupo teatral Galpão, de Minas Gerais, montou com muito sucesso, em 1994, uma releitura deste drama circense sob o título “Rua da Amargura”, dirigida por Gabriel Villela. Em 13 de abril de 2001, a Rede Globo de televisão apresentou uma outra leitura da montagem mineira com o título “A Paixão segundo Ouro Preto”.

não podia passar tão depressa de um pólo a outro. E depois não é só pegar o Evangelho, decompô-lo em tantos episódios quantos sejam necessários à dramatização a explorar e ir bordando, à mercê da fantasia, uns diálogos lamurientos e chochos, rebatendo, numa fraseologia de goma-elástica, três ou quatro parábolas fritsmackzadas no alambique da mais pantafaçuda e flácida retórica. O Sr. Eduardo Garrido, ainda que vivesse toda a sua vida a ler o Evangelho, não era capaz de parafraseá-lo passavelmente, porque ali se encontra, ao lado da mais rara simplicidade, a mais larga, absoluta e insondável profundidade. Não se procede assim com a Palavra Santa: o homem, a não ser que seja um Sacerdote ou um Artista, não tem o direito de se apoderar assim dos códices sagrados para deles extrair teatralidades que empanam à Verdade o seu calmo esplendor, à Beleza o seu grandioso sublime e ao Mistério a sua inviolável majestade.¹⁰⁶

Ao criticar a *troupe* de Dias Braga, a considerou, completamente, sem talento representativo e recitativo, por achar que poucos atores brasileiros tinham o dom de recitar em língua portuguesa. Ainda não satisfeito em destroçar a capacidade artística dos atores e do dramaturgo, extrapolou o seu julgamento, condenando o porte físico e moral daqueles:

A divina pessoa de Jesus, que nós devemos adorar porque Ele é nosso Deus e nosso Redentor, para Quem toda nossa ação de graças seria pouca e todo o nosso maior respeito mínima homenagem – exposta a ser fantasiada por um galã de barbicha loura e voz aflautada, mais parecendo um D. Juan de camisola ou um lamecha de carnaval, ridicularizando o irridicularizável, ludibriando o Santo dos Santos e rebaixando ao nível de um proscênio reles Aquele de quem a Igreja canta – *Tu solus Dominus, tu solus Sanctus, tu solus Altissimus?* O Sr. Olímpio Nogueira, cujas qualidades artísticas ignoro, não tem, como tanta gente hoje, fé alguma. Si a tivesse, nítida e sã, de certo não se afoitaria a tão egrégio desaforo. Ousadia ainda mais desabalada é a da Sra. Lucília Peres a fazer de Virgem Maria. Esse exemplar da suprema e ideal beleza, a Virgem-Mãe Imaculada, que a arte tem procurado divinizar nos seus painéis e nas suas esculturas, cujo tipo de formosura espiritual ainda não foi realizado malgrado o esforço de tantos gênios – Essa, acima da qual só há o próprio Deus nas alturas e para a qual sobem as nossas ânsias, as nossa dores e os nosso apelos, entidade sublime a Quem tudo devemos e fora de cujo regaço é inútil buscar esperança ou conforto – em suma, Aquela de Quem nos devemos recordar apenas para saber que A amamos – hei-la reduzida às mesquinhas proporções do mortal invólucro chamado Lucília Peres. Se este povo conhecesse a sua religião, não iria ao teatro senão para furibundamente patear tão estranha anomalia e tão desproporcionado desconchavo. Os outros papéis parecem secundários, tendo o Sr. Dias Braga modestamente escolhido para si o de Longuinhas, e não restando de mais importante senão o de Madalena arrependida, que, por ironia da sorte ou do Sr. Dias Braga, foi confinado à Sra. Aurélia Delorme – Madalena que não tem nenhuma tenções de tão cedo se arrepender.¹⁰⁷

A sua opinião parece não ter sido a única discordante do valor da montagem, pois Luís Edmundo em *O Rio de Janeiro do meu tempo* a considerou um dramalhão inexpressivo, recordando-se dela apenas pelo fato pitoresco de um maquinista haver levantado a cortina antes da hora numa das récitas, permitindo que a platéia flagrasse o ator

¹⁰⁶ REZENDE, padre José Severiano de. "Teatro e Religião". *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 10 mar. 1903. p. 1.

¹⁰⁷ REZENDE, op. cit. p. 1.

Olimpio Nogueira, o Cristo, fumando no alto da cruz. Mesmo assim, a crítica do padre Rezende foi armada em bases discutíveis, dando munição a Dias Braga, para rebatê-la na edição do dia 11 do mesmo mês, na “Seção Livre” do *Correio*.

O artigo-revide, intitulado “Teatro e religião”, deturpou as palavras do crítico, pois esse não disse que os artistas deviam trabalhar sem remuneração, mas sim, que os Mistérios eram encenados gratuitamente na Idade Média e invocavam com sinceridade o sentimento religioso do povo, enquanto o *Mártir*, uma gambiarra pagã, iludia a fé baça e boçal do povo inexperto e inconsciente, para tirar-lhes proveito pecuniário.¹⁰⁸

Dias Braga, afirmando que o dramaturgo Eduardo Garrido dispensava defesa, já que sua carreira era vitoriosa em Portugal e no Brasil, tentou desarticular a crítica, desdizendo as palavras do clérigo a respeito do valor artístico dos Mistérios. Daí, considerou ilógico o padre Rezende aceitar tais peças e recusar o *Mártir*, que era uma obra de poesia clara, simples e meiga que respeitava rigorosamente a ortodoxia católica.¹⁰⁹

Entretanto, Braga soube bem aproveitar o descabido ataque do padre-crítico à vida íntima dos artistas, para questionar a sinceridade de sua postura cristã, pois o considerava um mundano convertido em circunstâncias singularmente profanas que não cedia o seu quinhão ao vigário. Ilustra bem essa inadequada discussão sobre o valor artístico da peça o seguinte trecho da resposta:

Ora, os meus artistas, se não fizeram voto de castidade como o Sr. padre Severiano de Rezende (voto um tanto serôdio, valha a verdade), são, no ponto de vista moral, incomparavelmente superiores aos intérpretes dos *Mistérios* medievais e dentro do meio especialíssimo que a sua profissão lhes cria, tão limpos e tão decentes como o Sr. padre Severiano de Rezende. Há, sobretudo, um ponto em que eles são tão invioláveis como sua reverendíssima: a sua vida íntima. Invadindo-a, o reverendo sujeitou-se a represálias das quais, por generosidade, desistirei mas que poderiam levar-me longe, que com certeza me levariam longe. Dúvida o reverendo, ironicamente, num trocadilho chocho, do arrependimento da Sra. Aurélia Delorme, a “Madalena” do *Mártir*. É possível; mas ainda está muito a tempo de arrepender-se: não se arrependeu tão tarde o Sr. padre Severiano de Rezende?!...

¹⁰⁸ REZENDE, loc. cit.

¹⁰⁹ BRAGA, Dias. “Teatro e religião”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11 mar. 1903. Seção Livre, p. 3.

Entendamo-nos, reverendo: o público não vai ao teatro inquirir das qualidades morais do Sr. Olímpio, da Sra. Lucília Peres ou da Sra. Aurélia Delorme pela mesma razão que não pergunta pelas qualidades morais do Sr. padre Severiano de Rezende quando sua reverendíssima diz missa: Ele busca no teatro a dose de ilusão teatral necessária para comovê-lo e convencê-lo. Não está ouvindo o ator Olímpio ou a atriz Lucília mas os tipos ideais da santidade sonhados pela sua imaginação. O verso de Garrido é formoso, suave e quente; perfeita integridade da doutrina evangélica; nada mais é preciso para calar os escrúpulos mais exagerados.

Eis quanto se me oferece dizer ao Sr. padre Severiano de Rezende, por conta de maior quantia, omitindo a parte relativa ao meu mérito artístico ao ou *[sic]* dos artistas meus contratados. É matéria, essa, da exclusiva alçada do público e da crítica.

Quanto ao maior ou menor lucro que me tenha resultado do *Mártir do Calvário* ou de qualquer outra peça de meu repertório, cumpre-me apenas recordar ao reverendo Severiano de Rezende que me não consta que, até agora, o ilustrado clero brasileiro exerça gratuitamente as suas funções.¹¹⁰

Como não poderia deixar de ser, o tom da polêmica desencadeou comentários e zombarias e a revista *O Malho*, aproveitando-se da ocasião, publicou a seguinte anedota em apoio à peça:

O Padre Severiano, que deu agora para a bela pilhéria, num dado momento, em que estava com o micróbio da pândega, cantarolando o célebre trecho

Não sou padre, não sou nada...

pôs-se a escrever umas linhas de crítica contra o Dias Braga, a sua *troupe*, o *Mártir do Calvário*, o Teatro Recreio, o diabo!

Dias Braga deu-lhe a resposta imediata e decisiva, mostrando ao padre com quantos paus se faz uma canoa.

E o padre embuchou.

Bem feito.¹¹¹

Engano do piadista pensar que o encabularia, pois nada intimidado, dias depois, o padre José Severiano publicou a crônica “Um teatro nosso?”, para arrasar completamente o teatro nacional e enaltecer o português, por acreditar que o teatro brasileiro estava em plena decomposição e que mesmo que as autoridades sancionassem alguma lei para reavivá-lo, isto não aconteceria, pois não acreditava na existência de autores e atores de talento no país. Naquele momento, lembrou-se apenas do talento de Artur Azevedo, mesmo assim, ressaltando a queda de qualidade do seu trabalho na busca do sucesso fácil.

¹¹⁰ BRAGA, loc. cit.

¹¹¹ *O MALHO*, Rio de Janeiro, [não paginado], 14 mar. 1903.

A crônica desvela o seu pensamento elitista, evidenciando que acreditava ser o português falado no Brasil inferior ao de Portugal, por considerar o daqui, caipora e desarmanioso pela variedade de sotaques:

E a questão da língua? A verdade é dura, mas sejamos francos: no Brasil nós não falamos português, e se um de nós chega a escrever mais ou menos bem esta nossa deliciosa língua, nenhum de nós a fala com esse vigor, esse brilho e essa correção, que os genuínos lusitanos lhe imprimem. No Brasil fala-se um português arrastado por mil juntas de bois vagarosos e magros, uma língua descansada, preguiçosa, pusilânime, parálitica, e, se na oratória temos tido eloquências que arrebatam – fatos, exclusivamente individuais – no teatro não obteríamos senão uma dissonância tão variabilizada quantos fossem os sergipanos, os cearenses, os pernambucanos ou os acreanos que dialogassem.¹¹²

No fecho da crônica teatral, aproveitou para criticar as classes dirigentes, sugerindo que usassem a prepotência que lhes é natural, para exercer censura moral no teatro, por considerar que a verdadeira Arte é aquela feita por Wagner e Shakespeare em seus dramas musicais, tragédias e comédias:

Agora, o que lhes incumbiria fazer era criar uma higiene moral, uma polícia de saneamento teatral, e, assim como, para a desinfecção material, é preciso a ação da água que lava antes da do antiséptico que expurga, da mesma forma, quanto ao nosso teatro, haja primeiro uma grande limpeza com bastante água que varra os focos de infecção moral que há por aí além e, em seguida, proceda-se ao trabalho mais fácil de uma higiene mais ampla.

Antes de fundar o nosso teatro, procure o Sr. prefeito, ou a polícia, ou o governo, sanear os nossos teatros.¹¹³

Tudo indica, que as extravagantes crônicas teatrais do padre Severiano de Rezende quase sempre beiravam o ridículo pelo despotismo de suas opiniões repletas de moralismo repressor que geravam alguma discussão e zombaria na cidade do Rio de Janeiro. Prova disto é a revista *O Malho* que não poupava ocasião para fazer chacota e piada delas, colocando o sacerdote em posição vexatória. No dia 11 de abril, a revista publicou a seguinte anedota:

A exímia atriz Cinira Polônio – como sabem, nós não temos atrizes que não sejam exímias nem exímias que não sejam atrizes – foi ontem a seu preceptor, o virtuoso padre Severiano de Rezende, e perguntou-lhe:

– Diga-me, reverendo, como deverei pronunciar: Kúdara, Kudára ou Kudará?

¹¹² REZENDE, padre José Severiano de Rezende. “Um teatro nosso?”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17 mar. 1903. p. 1.

¹¹³ REZENDE, loc. cit.

O ilustre liturgista, sentencioso e sorvendo uma pitada de pó de arroz Ofélia:

– *Distingó*, minha filha, como se diz na *Morgadinha*. As duas formas primeiras não são absolutamente gramaticais; a última, sim.

– Então convém dizer: Kudará?

– Também *distingo*, irmã... O futuro a Deus pertence!¹¹⁴

No dia 13 de maio, voltou com mais esta:

A propósito da peça de Marcel Prévost, atualmente em cena no Recreio Dramático:

– Mas que endrômina é essa de *Semivirgens*?

O crítico Severiano de Rezende, untuoso e explicativo:

– É assim uma espécie de Suzanne Castera, meu filho: dama que já passou de *demoiselle*, mas que nunca chegará a *madame*.¹¹⁵

Além dos espetáculos teatrais que movimentavam a vida da Capital Federal, ocorreu no início de maio um incidente no Mosteiro de São Bento que mobilizou a opinião pública, foi motivo de *meetings*, de comentários e de notícia nos diários por umas boas semanas. O imprevisto se deu, porque o sexagenário abade frei João das Mercês Ramos, recusando-se abdicar da direção do mosteiro, ordenou que seus comparsas pagassem jornalistas para insuflar a população contra os monges estrangeiros que chegavam à cidade para investigar a sua gerência, acusando a junta capitular que formavam, de querer roubar o patrimônio monacal, quando, na realidade, eram ele e sua família que o vinha dilapidando.

Essa história vinha se arrastando desde 1901 e o superior da congregação frei Domingos da Transfiguração Machado, depois de muito investigar, mas antes de organizar a junta capitular, enviou uma carta ao abade solicitando esclarecimentos a respeito dos supostos fatos. Como nada foi aclarado, ele não teve outra saída, se não vir resolver a situação.¹¹⁶

Diante do alvoroço, em que até o presidente da República e sua cúpula se viram obrigados a intervir em favor dos monges, o padre Severiano achou por bem escrever e

¹¹⁴ O MALHO, Rio de Janeiro, [não paginado], 11 abr. 1903.

¹¹⁵ O MALHO, Rio de Janeiro, [não paginado], 13 maio 1903.

¹¹⁶ SCHERER, OSB., Michael Emílio. *Frei Domingos da Transfiguração Machado*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1980. p. 135.

A VERDADE

SOBRE O CASO BENEDICTINO

PELO

Padre José Severiano de Rezende



RIO DE JANEIRO

1903

Capa do folheto *A verdade*: sobre o caso beneditino

mandar publicar um folheto intitulado *A verdade*: sobre o caso beneditino, no qual manifestou-se também favorável aos monges, já que boa parte da imprensa insuflava a perseguição a eles.

Iniciou o artigo explicando que tomara tal atitude porque nenhum outro católico da cidade a havia tomado. Na seqüência, documentou sua posição, transcrevendo o despacho expedido à solicitação imprópria do abade, juntamente com a comunicação elucidativa do abade geral à imprensa, para em seguida apresentar a sua visão da história, como registra o fragmento aqui transcrito:

Frei João das Mercês Ramos, pois, revolta-se: revolta-se primeiro contra seu voto de obediência; insurge-se depois contra o abade geral, Frei Domingos da Transfiguração, que é brasileiro e convocou o capítulo; subleva-se contra a autoridade do núncio apostólico, portanto contra a autoridade do papa, e amotina-se, enfim, contra a mitra diocesana, e, olvidando que é monge, que é sacerdote e que é sexagenário, esquece-se da disciplina da sua ordem, da sua dignidade presbiteral e dos seus cabelos brancos, tendo deixado de lado, com isto tudo, a sua consciência de católico e a sua sinceridade de homem. Frei João não consultou pessoa alguma ou, se consultou, não recorreu àqueles que o poderiam orientar: deixou-se levar por um zelo amargo e caduco, megalomanizou-se na triste e avara ilusão de que é ele o administrador vitalício daqueles bens e, habituado a pôr e dispor de rendas e capitais que geria sem prestar contas nem a Deus nem aos homens, julgou talvez que aquilo tudo era seu, chamou, num momento de fantástica alucinação, um advogado, a quem fez luzir uma esperança de ganhar cem contos, e assim preparado, clamou ao abade geral: Para trás! bradou: Para trás! ao arcebispo, e, ao núncio apostólico, roncou: Para trás!¹¹⁷

Ainda no artigo, considera inadequado o uso da expressão *frades estrangeiros*, visto que a terra do monge é aquela onde ele se encontra para exercer as suas funções; critica a ignorância do advogado do abade em questões do direito canônico e sugere, ironicamente, ao jornalista e advogado Luís Murat que transforme seu artigo em defesa do abade rebelde em versos para o seu mais recente livro. Além disso, termina por dizer que os *meetings*, permitidos pela Constituição, eram turbulentos e propiciadores de excessos que perpetuavam todo tipo de abuso.

¹¹⁷ REZENDE, padre José Severiano de. *A verdade*: sobre o caso beneditino. Rio de Janeiro: [s. n.], maio 1903. p. 4.

Tudo indica que o folheto do padre Severiano não foi comentado na imprensa, logo é impossível saber se produziu algum efeito sobre a população carioca. Nem mesmo o Mosteiro de São Bento registrou sua existência na história oficial da casa. Apenas a revista *O Malho* publicou a seguinte anedota sobre a discussão do padre com Luís Murat:

Num bonde:

- Então? Sempre se batem o Murat e o padre Severiano?
- Infelizmente, é verdade.
- E com que armas?
- O Murat com as da Ordem de S. Bento.
- E o Severiano?
- Com as de S. Francisco.¹¹⁸

Em contraponto, a sua colaboração no *Correio da Manhã* continuou a lhe dar notoriedade, pois além de ser variada (já que publicava poemas e crônicas sobre os mais variados assuntos), não poupava ninguém de suas críticas iconoclastas.

A maior parte de seus escritos publicados no *Correio* são crônicas teatrais perpassadas da recorrente idéia de que o Brasil não possuía autores, nem atores de talento, já que aqui só eram encenados *vaudevilles*, operetas e dramalhões, recitados em aviltantes sotaques regionais com fonética viciada que impedia uma elocução uniforme da língua portuguesa. Como suas opiniões eram sempre esquisitas, inusitadas e geradoras de controvérsia, muitas vezes a sua competência de crítico teatral deve ter sido questionada, pois, numa delas, sentiu necessidade de lembrar ao público leitor a sua qualificação para tanto:

Ninguém ignora, dentre os que labutam na imprensa, que exerci outrora, durante não pouco tempo, o mister de cronista teatral, na capital paulista, vi a admirada Sarah, admirei o estupendo Emmanuel, aplaudi os brilhantes Rosas e esconjurei Andréa Maggi. Se depois silencieei, contudo não deixei de acompanhar nenhum movimento artístico que se manifestasse no mundo, e posso hoje, de volta à imprensa, asseverar, com o conhecimento de causa, que a *Honra* de Sudermann não podia ser, pela companhia Dias Braga, senão inconscientemente estropiada.¹¹⁹

¹¹⁸ "NUM bonde". *O Malho*, Rio de Janeiro, [não paginado], 16 maio 1903.

¹¹⁹ REZENDE, padre José Severiano de. "Mas, um teatro nosso?". *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 jul. 1903. p. 1.

POETAS E AGUIAS

LXV



Retrato publicado na antologia *Sonetos brasileiros* de Laudelino Freire em 1904

Ao lado: Padre Rezende numa *boutade* da *Tagarela*, junho 1903



PADRE SEVERIANO DE REZENDE

Padre—não só diz missas;
Burila versos e tem
Bello estylo e prosa bóa;
Não cuida só da... *corôa*
E do latim. E faz bem!

Biographo.



Padre Severiano de Rezende numa charge de *O Malho* em julho de 1903

Como no início do século XX o teatro exercia enorme fascínio sobre a população carioca, as casas de espetáculo movimentavam a vida cultural da cidade com apresentações várias de *troupes* nacionais e estrangeiras, foi possível ao padre Severiano manifestar suas opiniões tão discutíveis, como registra este soneto, publicado em *O Malho*:

Em belo artigo cheio de gramática,
O padre Severiano veio à luta
Contra a nossa incipiente arte dramática,
Empenhado em artística disputa.

Acho porém que é por demais enfática
A pretensão de alguém que alto discuta
Arquitetura, sem que tenha prática
Das leis do capitel e da voluta.

Acha que o novo teatro tem mil furos
De porta e janela. E num momento
De incêndio, que se livrem dos apuros.

Padre! Empregue melhor o seu talento!
Se quer um prédio, bem fechado a muros,
Deixa o teatro e se meta num convento!¹²⁰

O soneto publicado em novembro de 1904 indica que ele, mesmo depois de ter deixado o *Correio da Manhã* no segundo semestre de 1903, continuou a publicar crônicas teatrais na imprensa carioca. Ainda que nada sobre estas possa ser dito, já que não foram localizadas¹²¹, observando-se a colaboração no *Correio*, é possível deduzir toda a energia de seu estilo e a notoriedade que deve ter alcançado na Capital do país, tratando de maneira irreverente qualquer assunto de sua pauta.

Sobre a terrível epidemia de febre amarela que devastou o Rio de Janeiro em 1903, escreveu a sarcástica crônica “O fúnebre reinado”, comparando-a com a personagem lúgubre e trágica criada por Edgar Allan Poe em “*The King Pest*”, que sorradeira e implacavelmente fulminou toda uma corte em festa. Na crônica, o Rio de Janeiro é a corte,

¹²⁰ “GALERIA”. *O Malho*, Rio de Janeiro, [não paginado], 12 nov. 1904.

¹²¹ É necessária uma pesquisa nos periódicos cariocas para se saber em quais colaborou, depois de ter saído do *Correio da Manhã*.

onde esta imperatriz medonha expande o seu espectro avassalador sem temer a exuberância solar da natureza carioca e aproveitando-se da ineficiência governamental. O texto caracteriza bem a sua postura anti-republicana, como ilustra a seguinte citação:

Enquanto isso, o presidente da República, sonolentemente, faz, com os seus fleumáticos secretários, pachorrentas conferências sobre os problemáticos melhoramentos do porto e a Prefeitura arquitetonicamente emoldura, numa cantaria perfeita, o excrementício asfaltite que nos aterroriza com a alcunha de canal do Mangue; de modo que o governo reflete, o médico higienista parte, a Prefeitura embeleza, e só nos falta, a estas calamidades, a de ainda repetir: e o Nuno fica!¹²²

E a consciência do Sr. Rodrigues Alves? Porque eu admito que S. Ex. tenha ainda uma consciência – sendo, de acordo com uns benévolos boatos que ouvi, católico. Deodoro não podia ter pensando em saneamento, nem os seus asseclas: estavam no período da inicial azáfama com que nos desorientaram. Floriano ocupou-se com a revolta, trespassando logo após, inglório. Prudente foi um lívido faquir, cujas palpitações de coração lhe não davam tempo para respirar. Campos Sales, alcandorado na sua curul, comeu, bebeu, folgou, com muito dinheiro, e fez com que muita gente comesse, bebesse e folgasse à barbalonga. O Sr. Rodrigues Alves, que é, ao menos, honesto, que vai fazer? Tanta maturação de projetos, para que? Estamos numa época e em condições tais, que um chefe de governo irresoluto é, por si só uma desgraça nacional. O momento é de decidir e de agir, porque se trata de fazer já um bem, que é inadiável, e extinguir um mal, que é perniciosíssimo.¹²³

Como o *Correio da Manhã* foi criado, prioritariamente, para combater o governo de Campos Sales, analisando-se as crônicas do padre Severiano, é possível deduzir que o seu ataque ao prefeito Francisco Pereira Passos era um mero ajuste à postura anti-republicana da folha carioca, pois é sabido que era elitista e francófilo apaixonado. Por outro lado, seu posicionamento contrário a maquilagem do Rio de Janeiro foi correto, pois o prefeito deixava de lado os graves problemas existentes, para apenas cuidar da aparência da área central da cidade. Interessante, é que agindo desta forma, o sacerdote foi fiel a seu patrão, prestou um serviço social e ainda garantiu sua notoriedade, pois a grande imprensa, em oposição, rejubilava pelos jornais a crença de que o Rio civilizara-se com o Bota Abaixo de Pereira Passos, numa celebração da ilusória vitória da higiene, do bom gosto e da arte. Enquanto isto, os marginalizados eram

Cerceados nas festas, cerimônias e manifestações culturais tradicionais, expulsos de certas áreas da cidade, obstados na sua circulação, empurrados para as regiões desvalorizadas: pântanos, morros,

¹²² Nuno de Andrade foi diretor do Departamento de Saúde na Capital da República e teve a sua demissão pleiteada pelo *Correio da Manhã* através da seção de Antônio Sales que repetia sempre este mote.

¹²³ REZENDE, padre José Severiano de. “O fúnebre reinado”. *Correio da Manhã*, 15 abr. 1903. p. 1.

bairros coloniais sem infra-estrutura, subúrbios distantes, matas; discriminados pela etnia, pelos trajes e pela cultura; ameaçados com os isolamentos compulsórios das prisões, depósitos, colônias, hospícios, isolamentos sanitários; degradados social e moralmente, tanto quanto ao nível da vida, era virtualmente impossível contê-los quando explodiam em motins espontâneos.¹²⁴

O prefeito, com a demolição de parte do casario da cidade velha, abriu ruas largas para possibilitar maior luminosidade e ventilação à Capital Federal, porque as ruas estreitas, imundas e com fachadas sem pintura, tornavam insalubre e ineficiente a cidade que progredia, tentando se aparentar com os grandes centros europeus, já que a elite brasileira imitava a cultura superior dos ingleses e, principalmente, dos franceses.

Graças ao cenário parisiense, às fachadas Beaux Arts, ao consumo de artigos importados em voga, aos consumidores perdulários, aos *flanêurs* elegantes e aos prédios monumentais destinados a celebrar a alta cultura eurófila, a Avenida Central tornou palpável a fantasia de Civilização compartilhada pelos cariocas de elite na *belle époque*. Ela também sugeria o potencial mágico conferido pelos cariocas à Civilização.¹²⁵

Fosse qual fosse o motivo que movia o padre Severiano, suas crônicas não perdiam chance de atacar a República e o pensamento que ela difundia. Sendo assim, na crônica “A memória do mártir”¹²⁶, aproveitou-se da celeuma gerada pela escolha do local onde se colocaria a estátua em homenagem a Tiradentes para cumprir a função da folha expondo o seu ponto de vista.

Apresentou as propostas de comemoração discordando de todas: questionou o mau gosto das estátuas e pinturas de Tiradentes existentes e do fato do alferes estar fadado a figurar na história do Brasil como protomártir da República e inconfidente perigoso. Atacou, com mais veemência, a sugestão do apostolado positivista, por considerar a atuação do grupo a mais nociva à sociedade, já que nesse período de desenfreado progresso

¹²⁴ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura e missão*. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 66.

¹²⁵ NEEDEL, Jeffrey. *Belle époque tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 68.

¹²⁶ REZENDE, padre José Severiano de. “A memória do Mártir”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 abr. 1903. p 1.

material, o apostolado exercia dramática mudança no pensamento de toda sociedade. Não vendo necessidade para o prefeito mandar construir uma escola, por acreditar que o país estava cheio de escolas, considerou tal idéia uma saída de conveniência do prefeito. E, como fecho do artigo, recordou que Tiradentes fora devoto da Santíssima Trindade e sugeriu que se construísse apenas uma capela expiatória, na qual todos se penitenciariam, principalmente, os próceres e magnatas republicanos sem esbanjamento de retórica e dinheiro.

Dias depois, na crônica “Os pobres das ruas” voltou a atacar o Positivismo, pela oposição que fizera ao veto de circulação de mendigos na área central da cidade, quando o mais correto teria sido atacar Pereira Passos pela discutível lei higiênica, criada simplesmente para evitar que o enorme número de desempregados comprometesse a imagem de país civilizado que estava dando à Capital Federal.

O prefeito tinha a seu favor a grande imprensa propagando com veemência tal idéia e o clérigo aderiu à causa por considerar mais correto varrer de todas as praças e vielas toda a tropa esfarrapada e hirsuta dos mendigos¹²⁷ que lhe enojava as vistas e o olfato. Baseou sua discriminação anticristã na existência de asilos educadores, quando tinha conhecimento de que esses não passavam de meros depósitos aviltantes da dignidade humana. Para tanto, iludiu sua própria consciência com palavras cheias de ideal utópico, como as abaixo transcritas:

Não, o prefeito teve razão, e o trabalho de limpeza pública, começando por aí, foi bem inaugurado, tanto mais que não faltam asilos onde essa tumultuária horda tenha que comer aprendendo a trabalhar.

É verdade que esses asilos são geralmente administrados por grupos incompetentes ou descuidados. Porque o pobre deve ser tratado religiosamente e os institutos leigos, cujos chefes e subalternos não possuem a menor iniciação nos segredos da caridade, se não escasseiam do pão material, são necessariamente baldes de alimento espiritual para toda essa malta sem educação e sem princípios. O prefeito, é certo, livrou a cidade do triste espetáculo da pobreza que explora um gênero

¹²⁷ REZENDE, “Os pobres das ruas”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 6 maio 1903. p. 1.

de vida abjeto e vil: mas, se foi filantropo, não foi caridoso. A caridade resguarda, alimenta, conforta, consola, alegra o pobre, e o simples altruísmo oficial procede com ele como as sociedades protetoras dos animais: enche-lhes o estômago.¹²⁸

Padre Severiano de Rezende também escreveu questionáveis críticas de arte, como bem exemplifica a crônica “Água, tinta e goma arábica” que arrasou com as aquarelas de Artur Ferreira e apontou a crítica brasileira como sendo a culpada pelo tão costumeiro crime de lesa-Arte, ao emitir só elogios numa retórica que implica indiferença e denota covardia às agressões cometidas contra a verdadeira arte.

Por não pactuar com tal postura, analisou detalhadamente cinco aquarelas que pareciam ter sido escolhidas como as melhores. Deu impressões sobre seus temas, cores, formas, e caracterizou a pintura do *artífice* como sendo de uma pincelada magna que cria anêmicos borrões, sem noção de nuance, sem determinação de traços, sem delimitação de colorido, antes de decretar em um só parágrafo:

Vi, pois, a exposição de aquarelas do Sr. Artur Ferreira e o que mais admirei ali é que houvesse quem as admirasse ou quem nelas enxergasse algo que admirar. Desses quinze quadros átonos, inexpressivos e mortos, em que se não descobre nem variedade de concepção nem originalidade na execução, nem, o que ainda é mais ponderável, vigor e vestígio de um desenho pressupostamente preambular, a impressão que se traz é de um molestante mal-estar ou antes não é impressão nenhuma, porque uma pintura, para impressionar, precisa, como toda obra d’arte, ter sopro, ter flama, ter vida, e é o que não se vê nem se sente exalar das picturações inertes do exposicionista em questão.¹²⁹

Ainda não satisfeito se valeu, inusitadamente, da Grafologia, para diagnosticar a total falta de talento de Ferreira apenas pela análise da assinatura das telas:

Depois de submeter, ao entrar, o total das aquarelas a um conglobativo relance, olhei, na minha qualidade de grafólogo, a firma que devidamente as autenticava: um artista não escreveria nunca o seu nome assim. São caracteres inclinados, letra caligraficamente professoral e, pela lentidão do traçado, tanto ou quanto acanhada, e sem destaque. Ao ver essa assinatura, sem relevo e desanimadoramente vulgar, pode-se imediatamente inferir que o senso estético do seu proprietário não é dos mais intensos, e, como a grafologia não erra, já eu tinha ali, naquele simples nome, uma revelação completa.

Caso, porém, essa pedra de toque falhasse, o que não é presumível, o exame detalhado das aquarelas bem depressa nos desvendaria os olhos.¹³⁰

¹²⁸ REZENDE, loc. cit.

¹²⁹ REZENDE, padre José Severiano de. “Água, tinta e goma arábica”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 2 ago. 1903. p. 1.

¹³⁰ REZENDE, loc. cit.

Sua atitude foi contrária ao preceito básico da Grafologia de somente emitir conclusões depois da análise de uma sentença completa. Logo, fica evidente a sua intenção de gerar polêmica.

Dias depois, o jornalista Antonio Sales alegando ter sido atingido por uma crítica desfavorável sua numa exposição que participara na Galeria Rembrandt, aproveitou a oportunidade e tomou a defesa de Artur Ferreira, revidando sarcasticamente. Entretanto, ao invés de tentar desarticular a opinião do sacerdote partiu para o ataque pessoal, escrevendo:

O padre Severiano é o *tipo do arrivista*, e tão pressurosamente desfila no caminho da glória, que nem mesmo a batina o consegue atraparalhar.

Para lá chegar, ele tem diante de si duas carreiras cada qual mais propícia – a eclesiástica, que o há de levar um dia ao Vaticano, e a literária pela qual há de chegar ao Panteão qualquer destes dias.

Somente há a notar que algumas pessoas se queixam do processo usado pelo talentoso e ardente polemista e que consiste em empregar com demasiada energia os cotovelos para abrir caminho e em trepar pelos ombros dos outros quando encontra uma resistência mais séria.

O processo não é novo, mas é talvez eficaz ainda; e empregado por um lutador da sua têmpera, forrado como ele próprio diz, ao sentimento evangélico da misericórdia e possuidor de um peregrino talento, há de dar por força magníficos resultados.

Ultramontano em religião como em arte (é ainda sua a frase) ele tem essa intolerância combatente e agressiva peculiar a todos os apóstolos.

Por ora o seu apostolado é o da destruição: ninguém lhe peça um aplauso que ele agora é todo hostilidades.¹³¹

Entretanto, Antonio Sales ao finalizar o artigo, lembra ao leitor que o clérigo-jornalista, não tinha intenção de prejudicar ninguém, pois o tom polêmico de suas críticas fazia parte do jogo para atrair autopromoção:

Conheço de perto o padre Severiano para imaginar que ele faça isso por mal, pelo prazer perverso de espezinhar um artista; não, ele é um bom companheiro jovial e inofensivo, um bocadinho sarcástico e paradoxal, mas fazendo estas coisas só por amor do gesto que sacode o adversário sem positivamente esmurra-lo.

Por isso, a Artur Ferreira e a outras pretensas vítimas suas se pode aplicar o famoso verso

Ceux que vous avez tués, se portent, très bien

Ele não quer outra coisa senão matar mesmo de caçoada, para fazer com que toda a gente se volte ao farfalhar dos seus períodos viçosos, repolhudos, planturosos confirmativos ao aforisma de Buffon que o estilo é o homem.

Ele nem mesmo quis prejudicar o artista na venda dos seus quadros, tanto que só no dia do encerrar-se a exposição externou essa opinião que é sua e que não pretende impor a ninguém.¹³²

¹³¹ SALES, Antonio. “Aquarelas, água suja e água benta”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 6 ago. 1903. p. 1.

¹³² SALES, loc. cit.

Com certeza, o padre Rezende alcançou o seu objetivo, pois obteve resposta pela imprensa, o que deve ter divertido bastante o público leitor. A revista *O Malho*, na sua costumeira irreverência, em poucas palavras, apresentou a seguinte solução para o caso:

O padre Severiano de Rezende caiu em cima das pinturas do Sr. Artur Ferreira.
 – E se este se queimar?
 – Pinta o padre.¹³³

Já *Gavroche*, ironizando a ilustração intelectual do sacerdote, escreveu em *O Paiz*:

O padre Zé Severiano
 De Rezende,
 De tudo entende o magano
 Até de pintura entende...¹³⁴

Observando estas poucas, mas turbulentas, crônicas do padre Rezende e o efeito que causaram na imprensa, é possível concluir que no mínimo aumentaram a sua notoriedade na capital brasileira e reforçaram a vendagem do matutino *Correio da Manhã*, pois colaborou por quase três anos nele. Portanto, foi um lapso de Luís Edmundo não tê-lo mencionado em *O Rio de Janeiro do meu tempo*, quando se referiu ao periódico. Edmundo mencionou apenas que o sacerdote publicava, freqüentemente, crônicas profanas desagradáveis à autoridade eclesiástica na imprensa local. A mesma omissão foi cometida por Brito Broca em *A vida literária no Brasil – 1900*, quando enumerou uma lista de nomes de relevo que integravam o elenco desse diário carioca. Na obra citada, o autor somente expôs que o clérigo publicava artigos quase sempre polêmicos no *Jornal do Brasil*, como o fez Agripino Grieco no *Boletim de Ariel*.

As revistas da *belle époque* carioca

¹³³ *O MALHO*, Rio de Janeiro, [não paginado], 8 ago. 1903.

¹³⁴ P., E. “Severiano; página da saudade”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 nov. 1931. p. [?].

Na primeira década do século XX, no Rio surgiram revistas culturais com estética *art-nouveau* que davam destaque especial à literatura e às artes. Carregavam no tom mundano para cortejar o mais diversificado público, seguindo a tendência europeia de entretenimento fácil e caro. Por tal panorama cultural, vê-se que a participação dos literatos na cultura da *Belle Époque* brasileira deu-se no jornalismo e nesse tipo de revista elegante que se ajustava aos gostos e anseios do público, divulgando temas corriqueiros em linguagem aparatosa repleta de retórica, já que a publicação de livros de autores nacionais era desinteressante por não refletirem o gosto francês em voga. Contudo, era trabalhando na imprensa que os literatos adquiriam notoriedade e condições financeiras para editarem suas obras, recolhidas do material publicado nos periódicos.

No início de 1904, junto com a inauguração da avenida Central, surgiram duas das mais requintadas revistas da época – a *Renascença* e a *Kósmos* – publicando poesias, crônicas, contos e folhetins em capítulos, reportagens sensacionalistas, perfis, entrevistas e muitas e muitas ilustrações e fotografias. Divulgavam o pior aspecto da cultura europeia – a valorização da vida vazia e consumista –, ainda colaborando na padronização da linguagem literária ao sufocar a originalidade e impedir o apuro da expressão ou do estilo dos escritores. Ainda que as revistas procurassem agradar ao grande público, não tiveram boa aceitação popular e assim tiveram vida curta.

O padre Severiano pouco colaborou nas revistas, pois para os simbolistas a poesia era um ato de ascese impossível de ser provocado a todo instante. Na *Kósmos*, a mais típica daquele momento, publicou apenas o longo poema “Canção”, dedicado à memória de D. Silvério. Na menos renomada *Tagarela*, publicou o soneto “As Rãs”. No entanto, é preciso averiguar o que publicou em *Os Annaes*, pois Brito Broca informa sua colaboração nessa revista que versava apenas sobre ciências, letras e artes, registrando a vida intelectual



Severiano de Rezende

brasileira, publicando críticas, romances, versos, crônicas e um noticiário dos fatos mais importantes do país e do mundo; tudo escrito por literatos brasileiros e portugueses que não se rendiam ao mundanismo, nem cortejavam ao grande público. Mesmo tendo começado a circular em 1909, período em Severiano de Rezende já não se encontrava mais no Brasil, é necessário verificar também a *Revista Americana*, visto que Manuel Viotti mencionou sua colaboração nela. Igualmente, é importante registrar que publicou “Livro da Contrição” na efêmera revista simbolista *Horus*, editada em Belo Horizonte no ano de 1902.

O padre Severiano e o mundanismo

Na *Belle Époque*, a produção literária e o estilo de vida eram mais importantes do que a própria literatura, pois as mudanças das instituições e dos costumes políticos abalaram as idéias e agitaram os espíritos, criando uma atmosfera intensa, onde se misturavam todos os tipos de ambição, seja de poder, fortuna, glória olímpica ou literária. Com isto, o mundanismo exposto nos textos, espelhou no Rio de Janeiro o modo de vida europeu, saturando a literatura e consagrando autores muitas vezes apenas pelo estilo de vida que apresentavam publicamente nesse paraíso de mediocridade em que os mais críticos percebiam uma crise intelectual e moral.

Em meio a esta balbúrdia estava o padre Severiano de Rezende que, segundo Luís Edmundo, alcançou notoriedade, causando escândalo com sua vida litero-boêmia junto ao grupo de Olavo Bilac na Confeitaria Colombo¹³⁵ e rodas literárias secundárias da Livraria Garnier, onde se destacava a de Machado de Assis.

¹³⁵ Raimundo de Menezes registrou que “O estado-maior é assim constituído: chefe, Bilac; membros: Emílio de Menezes, José do Patrocínio, Guimarães Passos, Pedro Rabelo, Belisário de Souza (pai), Ferreira Viana (pai e filho), Martins Fontes, e, vindos depois, Antônio Torres, Adoasto de Godói, Severiano de Rezende,

Observando-se o comportamento padrão daquela época, ao qual o padre Rezende se adaptava tão rapidamente, percebe-se uma mudança radical no pensamento do clérigo, refletida no seu comportamento de janota iconoclasta em apuradas vestes sacerdotais, confeccionadas pelos melhores alfaiates da cidade; já que a sua exuberante personalidade não conseguia mais se submeter à modéstia pública imposta pelo clero. Logo, é possível notar a presença do anjo decaído naquela sociedade que vivia petulantemente de aparências por crer que o *status* era definido pelo luxo das vestimentas que seguiam a última moda, como bem registrou Luís Edmundo em *De um livro de memórias* sobre o sucesso mundano do padre Rezende:

Entre os freqüentadores da Colombo que, pelo começo deste século, formavam o bando alegre de Bilac, havia um padre – Severiano de Rezende. Era uma bela figura de homem, de porte airoso e varonil, que a todos encantava e seduzia. Seus olhos, nada seráficos, eram dois olhos meigos e profundos; olhos de pecador, que brejeiramente se aliavam a uma boca rasgada e sensual, formosa boca que às fraquezas humanas, com discrição, sorria e de onde vazava, sempre, em jorros suaves, o bonançoso mel da indulgência e do amor. O beatério moço e mais elegante da cidade, que concorria ao seu confessionário, não queria saber de outro padre. Ninguém sabia perdoar como ele. Para alcançar, porém, os frutos compassivos da sua paternal benignidade, tinham as graciosas ovelhas que formar em filas densas e intermináveis.¹³⁶

Naquele momento, ao contrário do recato mantido em Minas Gerais outrora, o vestuário, a retórica e a oratória do padre Rezende revelavam que buscava a fama e o sucesso junto a elite carioca:

Quando prega, os seus sermões provocam uma assistência enorme. São verdadeiros recitais literários, *rendez-vous* de elegância e de *chic*; naves transbordantes de gente, de gente boa, educada e fina, senhoras de Botafogo, das Laranjeiras, da Tijuca, roçagando sedas, trescalando perfumes, que vêm mais para ouvir o homem, diga-se sem mentir, que o sacerdote de Deus. Um sucesso mundano que impressiona a padralhada que não se barbeia e ainda toma rapé. E a fila dos *coupés*, dos *phaetons*, dos *landaux*, em parada, à porta da igreja, como por uma grande noite de ópera, no Teatro Lírico!¹³⁷

Efigênio Sales, Clarival do Lima, Alcides Maia, Oscar Lopes e outros e outros mais.” MENEZES, Raimundo. *Bastos Tigre e a belle époque*. São Paulo: 1966. p. 64-65.

¹³⁶ EDMUNDO, Luís. “Padre Severiano de Rezende”. *De um livro de memórias*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1958. v. 2, p. 581.

¹³⁷ EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Conquista, 1957. v. 3, p. 638.

João do Rio, no livro *O momento literário*, confirma suas notáveis e preciosas qualidades oratórias e o fato de que não admitia desatenção as suas pregações, visto que Há tempo, em Niterói, tendo que pregar, e como a multidão não fizesse silêncio para ouvir a sua homília, ergueu-se e, com a voz retumbante, disse: – Meus senhores. Apresento-lhes um dilema. Ou os senhores calam ou eu me retiro!¹³⁸ Enquanto isto, Silvano Minense apenas pontuou que, no ano de 1903, o padre Severiano de Rezende fez parte do clero dirigente da matriz da Glória, mas é de conhecimento público que D. Pedro II e sua família freqüentaram a igreja do outeiro, agora freqüentada pela elite carioca.

Entrementes, a vida amorosa do sacerdote foi a faceta mais destacada pelos cronistas daquela época, pois o padre Severiano esbanjava sensualidade, charme e não agia com adequada compostura, dando margens a conjeturas ao freqüentar ambientes pagãos, receber senhoras de moral questionável em sua residência, ou passear com as mesmas pelas ruas da cidade. Luís Edmundo conta que a célebre princesa Matilde nutriu uma grande paixão pelo reverendo:

Princesa Matilde é uma mulher de todos os diabos, que desdenha as sacerdotisas do seu gênero, exibindo cartas que lhe escreve a famosa Madame de Thêbes mostrando um retrato que lhe foi dado com a dedicatória de Papus, dizendo-se íntima de Sâr Péladan. Usa perfumes do Oriente, excêntricos berloques e traz no dedo um anel onde se desenham, por dentro, as fases da lua e, por fora, todos os signos do Zodíaco. As sextas-feiras são concorridíssimas. Lá vão, entre outros, para discutir o Ocultismo da Índia, o Cabalismo hebraico, o Esoterismo egípcio, o Swedenborg, Allan Kardec, Comte, em panaché erudito, céticos como Gonzaga Duque, displicentes como o César Mesquita, crédulos como Magnus Sondall, hierofante do

“ E Sun pensou!

E assim falou Sin-ur!”

Sempre perdido entre os monumentos da literatura da Índia, citando o Ramaiana, o Maabarata, o Sacuntala e os Vedas, um *pince-nez* de tartaruga eternamente a resvalar pela ponta de um nariz retiforme; calculistas como o padre Severiano de Rezende...¹³⁹

Também é notória a história de seu namoro com uma francesa, que ia buscar numa casa de alta costura na rua do Ouvidor todas as tardes. Carlos Maul, ao contar a história,

¹³⁸ RIO, João do. “Padre Severiano de Rezende”. *O momento literário*. Rio de Janeiro: H. Garnier, [1908?]. p. 139-140.

¹³⁹ EDMUNDO, op. cit. v. 1, p. 184-186.

esclarece que a essa altura o clérigo já tinha sido suspenso das ordens sacerdotais, ainda que conservasse o indumento clerical; ao passo que Edmundo, maliciosamente, escreveu:

O que se sabe, como certo, é que, no intuito de robustecer a fé cristã, padre Severiano de Rezende converteu certa Valentine, costureira da rua do Ouvidor, francesa e linda, contra mestra no “Palais Royal”... Sabe-se mais, que a costureira amável deu, a ele, depois, todas as provas de reconhecimento que uma devota pode dar a um sacerdote e uma mulher a um homem.¹⁴⁰

Já em outro trecho de sua crônica, insinuou um romance do clérigo com Maria de Bragança e Melo que se dizia prima do rei de Portugal e estudiosa de Ocultismo. Destacou que os encontros ocorriam nas tardes fervilhantes da Colombo, às quais a bela jovem comparecia com a desculpa de ir comer uns croquetes de siri; enquanto descontraidamente bebia, fumava e, de preferência, conversava com o padre Severiano de Rezende.

Esse comportamento inadequado, que chocava a todos, aguilhoando a imprensa a publicar *blagues* e *boutades*, unido a seus extravagantes e iconoclastas artigos que atingiam o clero e até os santos, levou João do Rio a se lembrar do romance *Là-bas*, de Huysmans, pois nessa obra, uma personagem escrevia hagiografias sacrílegas, visando o lucro pecuniário. Além disso, também deve ter percebido que na divisão do clero, feita por Huysmans, o padre Severiano se enquadrava, perfeitamente, na categoria dos padres homens do mundo:

... *les prêtres hommes du monde et à l'aise; ceux-là, on les place à la Madeleine, à Saint-Roch, dans les églises dont la clientèle est riche; ils sont choyés, dînent en ville, passent leur vie dans les salons, ne pensent que les âmes agenouilles dans de la dentelle...*¹⁴¹

Por conseguinte, na entrevista para *O momento literário*, João do Rio pontuou:

O padre Severiano de Rezende, um raro talento, fala suavemente, com a voz passada em seda. É, porém, o nosso Huysmans. São bem conhecidos os dotes violentos do seu estilo combativo e pletórico. Há páginas nas suas histórias de santos que lembram o *Là-bas*. Ainda ultimamente, contando a virtude de um asceta venerável, afirmava que o pobre homem se entregava a “esbórnias de jejuns”.¹⁴²

¹⁴⁰ Ibidem. P2. 640.

¹⁴¹ HUYSMANS, J.-K. *Là-bas*. Paris: Booking International, 1994. p. 225.

¹⁴² RIO, op. cit. p. 139.

Já Agripino Grieco registrou a irreverência do padre por duas vezes diversas. Na primeira, escreveu:

...os trabalhos de hagiógrafo que estampou num dos nossos vespertinos ficaram célebres. A maneira algo irreverente por que José Severiano expressava os seus sinceros fervores de católico pelas grandes figuras da Igreja não deixava de aturdir um pouco os outros crentes, especialmente quando ele, indo na esteira de Huysmans, classificava os anacoretas da Tebaída de Pantagruéis às avessas, chamava Santa Luzia de Moura Brasil do céu ou de S. Brás dizia que se vitaliciara na função de desengasgar o próximo.¹⁴³

E depois reescreveu em *Evolução da prosa brasileira*:

Também o *Flos Sanctorum* que estampou num dos nossos vespertinos ficou célebre, e, nele, a intimidade por vezes burlesca, o tom de excessiva familiaridade que José Severiano se permitia com os santos mais austeros da Igreja, eram compensados pelas descomponendas nos maçons, e no bode preto dos *sabbats* da rua do Lavradio. Água benta e ácido sulfúrico mesclados...¹⁴⁴

Como se pode perceber, não foi à-toa que o francês, grande animador do teatro simbolista, Lugné-Poé em 1932, ao escrever um artigo, lembrando a excursão que fizera ao Brasil com a famosa atriz italiana Eleonora Duse, tenha se lembrado do encontro com um grupo de homens inteligentes e audazes, abertos ao espírito moderno, quando esses saudavam o jurista e estadista norte-americano Elihu Root, que viera como secretário de Estado de Roosevelt participar da Conferência Pan-Americana de 1906. Sua anotação sobre o grupo foi a seguinte: *Tels Domicio da Gama – Graça Aranha – Le vieux sin fin Machado de Assis, Verissimo, Bilac, Arturo [sic] Azevedo le critique; Severiano de Rezende, exquis esprit alors encore prêtre, etc...*¹⁴⁵

E foi por causa desse enorme alarido em torno do padre que o clero começou a ficar incomodado, como bem noticia Edmundo em suas obras. Em *O Rio de Janeiro do meu tempo* escreveu:

A Vigararia-Geral vive alarmada com os sucessos do padre. Alarmada ou ciumenta. Naturalmente, tanto êxito ofende a modéstia dos outros. O caso é que o Arcebispo não tem mais ouvidos para queixas, vindas de toda a parte. Vem um e diz-lhe que o padre usa ceroulas de seda (que horror!); outro que ele manda comprar, em Paris, revistinhas *grivoises* e que é assinante do *Le Cochon*; mais outro, que fala dos folhetins de crítica de teatros, que ele escreve nos jornais, só para

¹⁴³ G., A. "José Severiano de Rezende". *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 18, dez. 1931.

¹⁴⁴ GRIECO, Agripino. *Evolução da prosa brasileira*. Rio de Janeiro: Ariel, 1933. p. 204.

¹⁴⁵ POÉ, Lugné. "Avec Éléonora Duse au Brésil". *Revue Bleue*, Paris, p. 746, 17 déc. 1932.

fazer corte às atrizes... Enfim, afirmações surgem pretendendo provar, até, que o padre, freqüenta a casa da Suzana e o antro do Chico-Bumba! É o cúmulo!¹⁴⁶

E depois em *De um livro de memórias* recompôs:

O crescente sucesso do belo e jovem sacerdote, como de esperar, não agradava aos seus velhos confrades de coroa e batina. Tinham-no por incompatível com a humildade, a compostura e o pudonor da Igreja.

Aos ouvidos piedosos de Arcoverde, o arcebispo, começaram a chegar, então, malévolos rumores que, seriamente, embaraçavam os triunfos mundanos do padre.

Pois não foram dizer a Sua Excelência Reverendíssima que o festejado sacerdote usava cuecas de seda, loções de *Aglia* e *Cœur de Jeanette* no cabelo, unhas polidas, sendo que era figura obrigatória nas tardes ímpias da Colombo, onde aparecia de charuto na boca, entre poetas e boêmios bebedores de uísque e de Xerez e onde, não raro, se insinuavam senhoras de suspeita virtude ou moral pouco sã?¹⁴⁷

Estas crônicas dão uma idéia do tamanho falatório que o comportamento do padre Severiano despertava, mostrando a situação embaraçosa do clero frente a sua falta de recato. D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti não teve outra solução, se não mandar chamá-lo para uma conversa, na tentativa de persuadi-lo a viver das espórtulas, pois do contrário seria obrigado a transferi-lo para o interior de Minas Gerais. Como se deu a conversa ninguém sabe, mas Raimundo de Menezes informa que embora tenha ouvido tudo em silêncio, apesar de inconformado, o padre Rezende acabou se exaltando e respondendo que não vendia e nem venderia a pena, muito menos o sangue de Cristo e que assim era preferível continuar a viver do trabalho jornalístico. Por conseguinte, ruminada as advertências, não muito tempo depois, mandou levar ao Palácio de São Joaquim a sua

¹⁴⁶ EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro do meu Tempo*. Rio de Janeiro: Conquista, 1957. v. 3, p. 640.

¹⁴⁷ EDMUNDO, Luís. "Padre Severiano de Rezende". *De um livro de memórias*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1958. v. 2, p. 582.

Exmo Sr. Machado de Assis

Cumprimentando a V. Ex^{cia}
por meio desta, participo a
que sou pretendente a cadeira
na Academia pela recusa
de J. de Patrocínio. A
bagagem litteraria não é
e conta por euquanto
livro sobre Eduardo Prado
V. Ex^{cia} conhece. No
espaço, em prosa e verso

PADRE JOSÉ SEVERIANO DE REZENDE

EDUARDO PRADO

Paginas de critica e polemica

Le Catholicisme et le Nou-
veau ont deux principes jumeaux.
Balzac

Eduardo Prado, — O catholicismo do
Eduardo Prado I, Catholicismo e socialismo.
II, Catholicismo e politica. III, Catholicismo
e economia. — A elegancia da prosa de Edu-
ardo Prado. — O livro de Eduardo Prado
na critica da republica.



N. FAYONIS & C.
EDITORES
S. PAULO

seu
e prado livro m. do. adm.

José Severiano de Rezende
Rio de Janeiro, 13 de Fevereiro de 1905

Carta de inscrição e livro apresentado no concurso da Academia Brasileira de Letras

batina numa bandeja.¹⁴⁸

Apesar de várias narrativas registrarem essa passagem da vida do sacerdote, não foi encontrada nenhuma prova de quando e como se deu a suspensão, ou abandono, das ordens sacerdotais. É certo que, em janeiro de 1904, encerrou-se a permissão para o exercício de suas funções na arquidiocese carioca e não foi encontrado registro de sua renovação. É certo também, que, em novembro do mesmo ano, solicitou carta de excardinação ao bispo de Mariana e que essa foi assinada em 16 de dezembro.

Em contrapartida, a história literária comprova que o padre Rezende era um exemplo típico de jornalista anatoliano, pois destaca a sua vida mundana, unida a sua obra literária, como preconizava a moda parisiense. Sendo impossível aí separar criador e obra, o mundanismo servia para atrair a atenção para a obra, garantindo-lhe rentabilidade. No entanto, sua obra, escrita para ser um instrumento de ação pública e histórica, dava-lhe a aura de um soldado-cidadão muito difundida na República, enquanto o comportamento boêmio e refinado, apesar de também muito difundido, o distanciava da vulgaridade, já que não era comum se encontrar um padre dândi e monarquista, freqüentando locais de duvidosa moral.

A Academia Brasileira de Letras e as conferências literárias

Em fevereiro de 1905, Severiano de Rezende enviou carta a Machado de Assis, manifestando-lhe o desejo de participar do concurso à vaga de José do Patrocínio. Nela, indicou como sendo sua bagagem literária apenas o livro *Eduardo Prado*: páginas de crítica

¹⁴⁸ MENEZES, Raimundo de. "Um padre na rua do Ouvidor". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23 dez. 1972. Suplemento Literário, p. 6.

e polêmica¹⁴⁹ e as publicações esparsas na imprensa à espera de tempo propício para serem reunidas em volume. Logo, manifestou desprezo pelo livro *Cartas paulistas*, pela colaboração na imprensa paulista e pelos dois anos no *D. Viçoso* de Mariana.

Enquanto esperava o concurso, prosseguiu na carreira jornalística. Paralelamente, participou das famosas conferências literárias do Instituto Nacional de Música com duas palestras: uma em 15 e 17 de setembro de 1905, intitulada “Arte e Religião”, e outra sobre Grafologia, cuja data é atribuída por Elói Pontes como posterior ao concurso à Academia Brasileira de Letras:

Derrotado, logo depois, tomava parte no elenco dos conferencistas, que deram esplendor ao gênero, atraindo ao velho Instituto de Música um público seletíssimo. O padre Severiano escolheu para tema: *Grafologia*. A pretexto de traçar o retrato grafológico de Machado de Assis, Verissimo, Rui Barbosa e outros ele fez uma crítica mordaz, espirituosa, gentilíssima, de cada um dos autores, exibindo as caligrafias, mostrando os estigmas, expondo os motivos das ilações. Com a coleção de autógrafos o

¹⁴⁹ *Eduardo Prado* é o segundo livro de Severiano de Rezende. A obra não traz a data de sua publicação, mas, possivelmente, foi editada em fins de 1904, já que a dedicatória do exemplar de João do Rio foi assinada no início de novembro desse ano, e já que em fevereiro e março de 1905, a revista *Os Annaes* trouxe críticas a ela assinadas por Valfrido Ribeiro e Araripe Júnior.

Esse manifesto católico-monarquista é um exemplar da rara literatura *art nouveau* brasileira e reflete o ideário decadentista exposto por Huysmans em *À rebours*, pois Severiano viu em Prado a perfeita imagem da personagem des Esseintes, assim como percebeu no romance questões que discutia ou se identificava.

Partindo da crítica positivista de uma jornalista portuguesa, escrita para condenar a conversão de Prado ao Catolicismo, Severiano construiu um discurso certificatório da não existência de incompatibilidade entre fé católica e confiança na ciência e no progresso material. Prado se amaldava perfeitamente em seu paradigma de católico ideal pela forma como batalhara por seus ideais.

Araripe Júnior escreveu sobre a obra dois artigos complementares superelogiosos, afirmando que a escolha do objeto, da forma do estilo e da linguagem foram perfeitos. Ainda assim, sentiu necessidade de refletir sobre o caráter da personagem e sobre a técnica estilística do escritor, pois não via com simpatia as personagens nevrostênicas quinta-essenciadas tão difundidas na época e também considerou um defeito a linguagem arcaizante empregada pelo escritor, fato justificável, porque até os críticos franceses estavam sem parâmetros para analisar a escrita decadentista. Araripe, mesmo estando informado sobre o Decadentismo francês e mesmo sabendo que o padre Rezende era filiado à escola, não percebeu que *Eduardo Prado* seguia a esteira de Huysmans e que por isso a sua sintaxe reversa não era sintoma de um mau escritor ou de um escritor incompleto, mas sim um recurso estilístico deliberadamente escolhido. Ainda que tenha percebido que o livro é apologético ao estilo de Tertuliano, não viu na escritura do autor uma tática apontando para a ordem simbólica da Idade Média, visto que não sabia que a linguagem arcaizante compreendia um duplo sentido – a recusa da história por vir e a regressão a um passado mítico. Pelo mesmo motivo, não percebeu que os aristocráticos autores decadentes não tinham interesse de agradar ao grande público, pois escreviam apenas para um grupo restrito de leitores iniciados.

O crítico Valfrido Ribeiro também dedicou à obra uma análise encomiasta, e como Araripe, manifestou ressalva à personagem, ainda que diversa – por não considerar sincera a sua conversão. Porém não se ateu à linguagem, preferindo destacar o grande feito do autor ao transformar assunto tão controverso e pouco apreciável em leitura muito agradável. Destacou o capítulo “Católico prático” assegurando que ele é o livro por ser um documento a favor das idéias dos livres pensadores. E mesmo que não tenha feito nenhuma referência ao Decadentismo, o rol de adjetivação que enumerou se encaixa no da escola.

padre Severiano deu à assistência uma página de crítica, em que a originalidade, opulenta de graça e ironia, entrava em doses nababescas.¹⁵⁰

Nesse ano, a idéia das conferências literárias havia retornado de Paris através de Medeiros e Albuquerque, para movimentar o acanhado cenário cultural do Rio de Janeiro e proporcionar um ganho extra aos literatos que também buscavam maior promoção pessoal. Para tanto, o nível intelectual das conferências não podia ser elevado, pois eram dirigidas a um público de pouca instrução, superficial, mundano e sem reais preocupações literárias.

Segundo Medeiros e Albuquerque:

As salas se enchiam, sobretudo de senhoras e mocinhas muito gentis, muito encantadoras, mas que não possuíam nem instrução regular, nem, por isso mesmo, preocupação literária de espécie alguma. Tinham vindo à cidade passear ou fazer compras e aproveitavam a ocasião para ir ouvir a conferência do dia. Mas a essas senhoras se juntavam médicos, advogados, engenheiros ilustres, estudantes, homens de letras. Se, portanto, o conferencista elevasse o nível da sua palestra, a grande maioria da sala não o compreenderia. Daí a necessidade de satisfazer principalmente à parte fútil, sem, entretanto, deixar de dar alguma satisfação à outra.¹⁵¹

Logo as sessões literárias se proliferaram abordando os mais variados assuntos superficialmente. Eram divagações ou floreios literários que obedeciam ao padrão de oralidade culta e respeitosa, realçados por antíteses e trechos em francês e italiano, para pasmar e satisfazer a vontade da platéia de aumentar sua erudição literária e de estar a par das curiosidades pitorescas. A primeira conferência foi “As mulheres da Bíblia”, ministrada por Coelho Neto em 12 de julho; a segunda por Olavo Bilac em 19 do mesmo mês e a terceira por Medeiros e Albuquerque. Em 23 de setembro, depois da do padre Severiano de Rezende, Coelho Neto retornou, pronunciando-se sobre o tema *a palavra*. Em 14 de outubro, Medeiros e Albuquerque falou sobre *beijos*, projetando quadros e esculturas famosos. Era o prestígio dos conferencistas junto ao grande público que garantia a sala lotada. Olavo Bilac foi eleito o melhor pela voz bem timbrada e pela espirosidade dos

¹⁵⁰ P., E. “Severiano; página de saudade”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 nov. 1931. p [?].

¹⁵¹ ALBUQUERQUE, Medeiros. *Minha vida*. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1933-34. v. 2, p. 180-181.

temas que abordava: *o riso, o diabo, a beleza, a graça, o dinheiro*, etc. Entretanto, o sucesso das conferências pagas transformou-se numa epidemia insuportável, com palestras que tratavam de assuntos os mais arrevesados e extravagantes.

Ainda em 1905, o padre Severiano concedeu a João do Rio a já citada entrevista “Padre Severiano de Rezende”, respondendo a questões sobre o momento literário brasileiro. O entrevistador munido de algumas questões formuladas por Medeiros e Albuquerque realizou essa enquete (bastante em moda na França), junto aos literatos mais renomados da *Belle Époque* carioca. Posteriormente, João do Rio reuniu as respostas em *O momento literário*, obra que hoje é leitura obrigatória para os estudiosos de época. Mas, a entrevista do sacerdote-literato foi antes publicada na *Gazeta de Notícias*, em 22 de abril, e registra o seguinte sobre os centros literários estaduais:

– Eu detesto tudo quanto é centro literário, como detesto tudo quanto é conciliábulo de literatos em via de peritrações literárias. Como penso que o talento que é real tem fatalmente que se revelar na hora marcada, acho toleima essas concentrações perigosas de plumitivos que ensaiam vôos em grêmios. Os grêmios dos Estados são focos de insuportáveis esperanças das letras e acostumam o espírito à estreitezas das igrejas em que o elogio mútuo cria irreduzíveis pedantes e pretensiosos mestrúnculos de sinagogas improdutivas, em que se cultiva a flor da retórica convencional. A prova é que tudo quanto é talento aqui não se formou em centros literários. O talento aparece quando tem que aparecer, e a sua evolução por meio dos centros literários é uma ilusão. Os centros literários dos Estados são perigosíssimos e alarmantíssimos. Acho bom não bulir nisso. É horrível.¹⁵²

Percebendo o risco que corria com as respostas irreverentes do sacerdote, João do Rio pensou em interromper a conversa, mas prosseguiu, perguntando se as letras atravessavam um período estacionário. A resposta foi um lacônico sim, mas a explanação foi esperançosa, já que percebia no ar sinais de melhora. Em seguida, enumerou prosadores, poetas e críticos apontando seus defeitos, suas qualidades sem o menor receio de melindrá-los. Sobre Machado de Assis manifestou-se da seguinte maneira:

... Machado de Assis: a gente o lê confiantemente, a sua psicologia calma calça uma fôrma elegante, e a sua linguagem, que é dele, podia ter por divisa o *in medio consistit virtus*, que se entusiasma, não

¹⁵² RIO, op. cit. p.141-142.

escandaliza. É o único prosador honesto que temos e o único observador de almas que possuímos. Mas não é um profundo.¹⁵³

Dos críticos só reverenciou Araripe Júnior, enquanto dos poetas, destacou especialmente Alphonsus de Guimaraens, a quem denominou de gênio.

Quando questionado sobre a sua formação literária, discursou longamente, começando por divagar a respeito do significado da expressão *formação literária* e terminando por enumerar os escritores que mais lhe haviam marcado:

– Eu positivamente não sei bem como foi a minha formação literária. Não estou mesmo certo se houve ou se há em mim isso que o amigo chama respeitosamente “uma formação literária”. Só sei de uma coisa: é que desde cedo tive sempre uma insaciável necessidade, ou para melhor dizer, uma intensa ânsia de cultura, que me levou a ler, ler, ler, e dessas leituras várias, mas bem orientadas, me ficaram, creio, uma estesia e um estilo – estesia ainda a corporificar em síntese e estilo ansioso de realizar a Forma. A minha formação literária é feita pois de um amálgama em que são ingredientes as obras-primas que eu admiro e que eu amo. Porque eu entendo que a coisa literária, como os diletantes a tomam, será sempre mesquinha e desinteressante se não for elaborada com o intuito de reproduzir o Belo, e o que reproduz o Belo é a Obra Prima, ou seja palavra falada ou escrita, ou seja som, cor, linha ou bloco. Por isso é que esta expressão “formação literária” me soa mal. “Formação literária” parece querer indicar pretensiosamente o quer que seja que se assemelha, *verbi gratia*, à “colocação de grau”; há nessa fórmula de aula de retórica, um perfume de bacharelize compenetrada da sua canonização literária. Fico por conseguinte, tonto, instado para dizer quais os autores que mais contribuíram para a minha formação literária. Estou certo que o Sr. barão de Loreto ou o Sr. barão de Paranapiacaba, versicultores cobertos de cãs, não hesitariam, um minuto, na resposta. Eu hesito, porque, francamente, não tenho formação literária, e acho que ninguém deve tratar de ter.

A minha formação literária é isto: uma grande revolta e uma grande aspiração – revolta contra o pedantismo inativo do medalhão e a maçonaria nula das *côteries*, aspiração à luta sincera pela Arte e pela supremacia do Talento. A minha formação literária inspira-se pois nessa direção e a minha doutrina bebo-a nas fontes supernas que borbulham nos píncaros: Homero, Ésquilo, Virgílio, Dante, Shakespeare, Cervantes, Goethe, Balzac, e, sobretudo, a *tout seigneur tout honneur*, Ricardo Wagner, o mestre dos mestres, o colosso sobre-humano, o descobridor dos novos-mundos da Arte, o único a quem é imprescindível pedir licença quando se quiser dissentir de idéias.

De novo aí vulcanicamente, Severiano distribui louros aos escritores contemporâneos que mais admira. Começa assim:

– Está claro que não desprezo Hugo...

Cita Péladan, Huysmans, Lecomte, Verlaine, Mallarmé, D’Annunzio, Flaubert, Chateaubriand, Heredia, Petrarca, Poe...¹⁵⁴

Com a última resposta, João do Rio quis saber se o jornalismo era um fator positivo ou negativo para a literatura brasileira. E o padre Rezende respondeu que, no estado atual

¹⁵³ Ibidem. p. 143.

¹⁵⁴ Ibidem. p. 144-146.

da cultura brasileira, o jornalismo era o único caminho para se chegar a publicar um livro ainda que de esterilizante e dispersivo, por não permitir o amadurecimento da idéia nem o apuramento da Forma. Para ele, a solução seria a feitura de um jornal que permitisse ao artista se realizar esteticamente, iluminando almas e arejando espíritos.

Até hoje, é desconhecida qualquer contra-resposta dos atingidos pelo padre Severiano na entrevista, pois apenas o periódico *O Rio Nu*, dias depois, na seção “Atualidades”, o alfinetou com o seguinte comentário:

O padre mestre Severiano de Rezende, que bebeu a sua formação literária nos píncaros – consoante à parte – era muito capaz de assinar os sonetos de Adolfo Araújo, que pelo nome não peca...

Não é nada pretensioso o padre mestre Severiano de Rezende!...¹⁵⁵

No mais, o ano de 1905 transcorreu e finalmente no dia 31 de outubro, ocorreu a esperada votação para a vaga na Academia Brasileira de Letras. Três foram os candidatos: o padre Severiano de Rezende, Domingos Olímpio e Mário de Alencar. Ao contrário do que todos esperavam, não venceu Domingos Olímpio que era considerado o melhor candidato por ser um escritor maduro, consagrado pela crítica e que acabara de publicar com bastante sucesso o romance *Lúzia-homem*, além de ser o diretor da bem conceituada revista *Os Annaes*. Venceu Mário de Alencar, escritor em início de carreira, filho do renomado José de Alencar que fora apadrinhado por Machado de Assis e pelo barão do Rio Branco. Sendo assim, na cabala José Severiano de Rezende ficou completamente desfavorecido, vindo a receber apenas o voto do coestadano Afonso Celso, conde de Ouro Preto.

A eleição foi conturbada, provocou protestos na imprensa carioca e na de outros Estados. Machado de Assis foi acusado de ter esquecido, propositadamente, de apurar o

¹⁵⁵ “ATUALIDADES”, *O Rio Nu*, Rio de Janeiro, p. 2, 29 abr. 1905.

voto de Oliveira Lima favorável a Domingos Olímpio. O barão do Rio Branco foi acusado de ter colocado em campo seus correligionários para se vingar de uma crítica feita por Domingos Olímpio a sua política na disputa do território do Acre com a Bolívia. Brito Broca cita que Alencar recebeu uma significativa impulsão da panela da rua do Ouvidor, ou seja, da Livraria Garnier, que não era freqüentada por Olímpio, avesso a rodinhas literárias, e depois concluiu:

Como se vê, toda a “panelinha” de Machado de Assis, trabalhada pela influência de Rio Branco, bandeou para o lado de Mário de Alencar. Houve apenas uma exceção: José Veríssimo; o que veio mais uma vez pôr à prova a extraordinária independência do crítico. Embora intimamente ligado a Machado de Assis, sendo das principais figuras de seu “entourage”, não recuou ante a contingência de fazer-lhe oposição nesse caso. Quanto a Silva Ramos, João Ribeiro, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Souza Bandeira e Garcia Redondo, que não pertenciam à “panelinha”, votaram, naturalmente, por motivos afetivos ou por qualquer outra razão extraliterária. Não é de crer que algum deles julgasse a obra de Mário de Alencar superior à de Domingos Olímpio. A favor deste ficaram, com exceção de Veríssimo, os que não tinham ligações com o grupo “machadiano”, do qual sempre viveram afastados boêmios, como Guimarães Passos, Artur Azevedo e o próprio Olavo Bilac.¹⁵⁶

Depois de tanta controvérsia, é possível concluir que a frase: – Na Academia não há nem deve haver grupos fechados.¹⁵⁷, inscrita na carta de Machado de Assis a Joaquim Nabuco, de 29 de agosto de 1905, é uma irônica mensagem cifrada relacionada com o desfecho da eleição. Já o fato do padre Severiano de Rezende ter sido deixado à margem no pleito, significa apenas que um candidato tinha uma obra consagrada e que o outro estava muito bem apadrinhado, o que fez com que o círculo se fechasse em torno dos dois. Daí, foi apenas uma desculpa de Joaquim Nabuco, em carta a Oliveira Lima, justificar a derrota do sacerdote da seguinte maneira: O padre Severiano pode esperar, tem talento para subir e muito, desde que deixe o petrópolis com que anda a desandar bordoadas sobre todos. É um gênero esse em literatura, o da pancadaria, que a Academia não deve animar.¹⁵⁸

¹⁵⁶ BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: MEC, [s. d.]. p. 68.

¹⁵⁷ ASSIS, Machado. *Correspondência*. São Paulo: Formar, 1972. v. 7, p. 206. (Coleção *Obras completas de Machado de Assis*)

¹⁵⁸ MAGALHÃES JÚNIOR, op. cit. p. 248.

A leitura das crônicas referentes à eleição (e à algumas outras), torna evidente que a ABL só se preocupava em fazer politicagem em proveito próprio, afastando os candidatos que tinham feito crítica a qualquer um dos intocáveis medalhões. Nessa eleição, Machado de Assis desprezou a pretensão legítima de Domingos Olímpio e de Severiano de Rezende e organizou uma cabala eleitoreira, para garantir os favores políticos do barão do Rio Branco, oferecendo na última hora a vitória a Mário de Alencar, já que os outros nomes sugeridos: Almirante Jaceguai, Artur Orlando, Vicente de Carvalho e Heráclito Graça se recusaram a participar da campanha contra Domingos Olímpio. Numa das crônicas, Raimundo de Magalhães Júnior chega a arrolar a existência de um lucro palpável e imediato em jogo, para justificar mais ainda a opção por Alencar:

Como último recurso, Machado suscitou, então, a candidatura de Mário de Alencar, autor apenas de dois magros livros de versos, um dos quais o próprio Machado criticara na *Gazeta de Notícias*, com discretos elogios, em 1902, e de artigos esparsos. Seu maior merecimento era o de ser filho de José de Alencar e de ter, como funcionário, que então era, do Ministério da Justiça e dos Negócios Interiores, ajudado a obter com o ministro José Joaquim Seabra uma ala do Silogeu Brasileiro, para a instalação da Academia.¹⁵⁹

Na realidade, apesar da violenta polêmica na imprensa, a campanha machadiana não foi tão impetuosa, pois onze acadêmicos simplesmente não votaram. O falatório foi causado pelo fato de Mário de Alencar ocupar um cargo no ministério de Seabra que estava sendo muito visado pela imprensa oposicionista, por dar total apoio à campanha de vacinação obrigatória feita por Oswaldo Cruz.

O livro apresentado pelo padre Severiano de Rezende no concurso foi *Eduardo Prado*: páginas de crítica e polêmica. A obra é uma espécie de manifesto católico-monarquista que reúne os reelaborados artigos do *Correio da Manhã*, escritos para enaltecer a conversão do escritor paulista ao Catolicismo em época tão voltada para o

¹⁵⁹ Ibidem. p. 229.

materialismo científico. Na capa do volume está impresso como epígrafe o pensamento de Balzac: *Le Catholicisme et la Royauté sont deux principes jumeaux* que de forma lapidar resume sua opinião e a da personagem.

Em vista disso, é possível deduzir que mais um ponto de desmérito lhe foi acrescentado no concurso, pois os temas revelam um pensamento que parecia reacionário aos olhos da grande maioria. Primeiro, porque o país era governado por uma República positivista e segundo, porque na Academia prevaleciam os preceitos do Realismo-Naturalismo. Logo, era impossível a sua vitória já que, desde o fim do século XIX, o mundo ocidental estava maravilhado e submetido aos poderes da ciência e da indústria acreditando que a modernidade trazida por essas, era portadora da felicidade.

Naquela época, soava no mínimo esquisito um intelectual defender tais idéias.

Segundo Andrade Muricy,

O ambiente, de laicismo integral, inibia a simples menção do nome de Deus. Iniciava-se o período de esterilidade espiritual, preparado pela supressão, preconizada por Sílvio Romero, das disciplinas filosóficas e literárias do currículo de ensino secundário, reduzido a uma seqüência de “lições de coisas”, com base em estreita literalidade científica – o que, como era natural, também não favoreceu a ciência. Essa proscrição do humanismo só trouxe um esvaziamento da nossa atividade filosófica, já rala e incerta, como entrou o esforço de alguns pela complexificação da cultura literária, a qual, por isso, se tornou apanágio de uma minoria, de uma elite. Não por causa dessa elite, portanto.¹⁶⁰

No entanto, alguns espíritos perceberam que o menosprezo dado à vida espiritual, acarretaria a degenerescência da civilização latina. Por isso, o Simbolismo, agrupando filósofos, místicos e artistas voltados para o estudo do Ocultismo, buscou restaurar a sabedoria do passado, afim de restabelecer o culto do Ideal com a Tradição por base e a Beleza por meio. Acreditavam que só a magia da arte poderia salvar o Ocidente desse desastre iminente e procuraram se transformar em místicos da arte. A arte passou então a

¹⁶⁰ MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. Brasília: Conselho Federal de Cultura, 1973. v. 1, p. 63.

ser a procura de Deus através da beleza e sua missão tornava-se de ordem divina, passando a ter a mesma obrigação que a religião de exaltar e comunicar o elemento divino a todos. Naquele momento, a religião católica é que oferecia uma magnífica e poética profusão de símbolos para transmitir a lei evangélica, a exemplo de Jesus Cristo com as parábolas. E o esoterismo fora apenas uma etapa para o retorno ao Cristianismo como assegura Guy Michaud:

*Au fond, on peut dire que chez tous, l'ésoterisme ne fut qu'une étape pour retrouver le christianisme. Telle fut l'évolution la plus caractéristique de cette fin de siècle, celle de Huysmans. Nous avons vu celui-ci, au temps d'À rebours, transformer le sensualisme naturaliste en une sensualité raffinée et faisandée d'un mysticisme décadent et pervers. C'est l'époque où Huysmans prend conscience des tristesses de la chair, où il éprouve le besoin d'autre chose, où il pressent, par delà le monde étroit des naturalistes, une réalité surnaturelle. Alors il se trouve vers tout ce qui est occulte.*¹⁶¹

Os últimos anos no Brasil

Se poucos registros sobre *Eduardo Prado* foram encontrados, sobre a vida do padre Severiano de Rezende posterior ao concurso, pouco foi encontrado também. Uns, como por exemplo Carlos Maul, acreditam que tenha sido suspenso das ordens, outros que abandonou o sacerdócio decepcionado com a hipocrisia que maculava o clero. Entre estes, côm. Raimundo Trindade que afirma que a desilusão com D. Silvério foi a causa determinante de seu afastamento.¹⁶²

Por outro lado, com o seu afastamento da hierarquia da Igreja, é possível deduzir que o seu prestígio sócio-político tenha decaído, já que naquela época, abandonar o sacerdócio era motivo de escândalo. O fato gerava comentários, marginalização, perseguições por parte dos devotos e desprezo por parte do clero, pois o *defroqué* era um excomungado.

¹⁶¹ MICHAUD, Guy. *Le symbolisme tel qu'en lui-même*. Paris: Nizet, 1994. p. 283.

¹⁶² TRINDADE, cômego Raimundo. "José Severiano de Rezende" *Arquidiocese de Mariana*. 2. ed. rev. aum. Belo Horizonte: Imprensa Oficial. v. 2, p. 200.

A princípio, isso parece não tê-lo incomodado, já que prosseguiu na vida jornalística sem nada comentar. Indício, é uma carta a Freitas Valle, datada em novembro de 1906, na qual apenas solicita alguns favores práticos, além de informar que começará a colaborar no recém fundado jornal de Adolfo Araújo:

Posso agora escrever para a *Gazeta*: uma coluna por semana, em corpo 11, isto é, no corpo em que sai a carta diária que vai daqui. Vê quanto o Adolfo quer dar por isso. Escreverei arte, religião, comentários sobre fatos sobretudo concernentes a estas duas coisas. Nada, ou m.^{to} pouco, de política. Mandarei p.^a sair aos sábados.¹⁶³

Contudo, suas forças devem ter sido minadas no dia a dia, pois nem sua irmã Alice de Rezende Sanzio o recebia mais em sua casa para evitar chocar os filhos pequenos. E, em meio a tanta rejeição, não deve ter visto outra saída, se não deixar o país, como segredou a Elói Pontes: – Vou-me. Aqui não estaria tranqüilo. Ser padre é uma coisa que honra o indivíduo. Ter sido padre, porém, desconcerta. Vou-me embora.¹⁶⁴ Aliás, uma boa saída, pois naquela época, viajar ou morar em Paris era moda entre os literatos brasileiros que viam essa cidade como único centro civilizador da humanidade.

E assim, no dia 28 de novembro de 1907, aos 36 anos de idade, solicitou passaporte para viagem à Europa. Estranho é que o canhoto do talão de passaportes indica que ainda se qualificava como padre, apesar de indicar como profissão escritor. Mais estranho, foi que antes de embarcar, escreveu uma carta de despedida a Freitas Valle.¹⁶⁵, na qual solicitou a receita de um perfume clerical, mantendo na assinatura de seu sobrenome *Rezende* um traço na linha descende oblíqua prolongada do último *e* que tanto pode sugerir o *X* de Cristo, ou o desenho de uma cruz, numa prova cabal de que não tinha se desvencilhado por completo da

¹⁶³ Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. Rio de Janeiro, [27?] de novembro de 1906. p. 1.

¹⁶⁴ P., E. "Severiano; página de saudade". *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 nov. 1931. p. [?].

¹⁶⁵ Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. Rio de Janeiro, Domingo novembro de 1907. 2p.

aura padresca. No entanto, a carta também traz indício de sua ânsia de libertação reforçada pela transcrição de dois versos de “*Brise Marine*”¹⁶⁶, de Mallarmé :

Resquícios dos primeiros anos em Paris

Severiano de Rezende recolheu a âncora e zarpou esperançoso de purificação e boa sorte, como sugerem os versos franceses e como bem pode ilustrar o seu soneto “Mar em fora”:

Deixa singrar o barco a onda revolta! Deixa
Que siga e no horizonte intérmino se suma
E entoe o nauta heróico esta saudosa endecha
Cujo eco esparso fica ainda a chorar na bruma.

Que importa o rumo ignoto à proa que se apruma
Contra o euro que na enxárcia ríspida se queixa,
Se o rastro vai perder-se enfim por entre a espuma
Onde a nereida ablui a mádida madeixa?

Eu não quero saber que rota ideou o esquife
Indolente que além pela amplidão balança,
Sem temer que a borrasca instantânea o espatife.

Avante! o sonho, o sonho é que nos dá confiança!
Cuidado! barra afora esconde-se o arrecife!
Embora! no meu bojo arde e anseia a esperança¹⁶⁷

Contudo, não foi possível precisar a data de sua partida para a Europa, nem localizar o porto onde desembarcou, pois nenhum registro foi encontrado nos inúmeros arquivos oficiais consultados no Brasil e lá. Também por falta de registros oficiais, a sua vida permanece envolta em mistério no período de 1908 a meados de 1915. É certo que vivia em Paris, local perfeito para tentar realizar suas aspirações literárias, visto que considerava a

¹⁶⁶ Ele copiou os versos 9 e 10 do poema, trocando a palavra *vers* por *pour* e o ponto de exclamação final por reticências. Segundo Anna Balakian, ninguém expressou o tédio de maneira tão breve e total como Mallarmé o fez em seus primeiros poemas. Seus versos percorreram um tédio que nenhum prazer podia diminuir, revelando o cansaço do homem super-refinado impossibilitado de libertação. BALAKIAN, Anna. *O simbolismo*. São Paulo: Perspectiva, 1985. p. 64.

¹⁶⁷ REZENDE, José Severiano de. *Mistérios*. Belo Horizonte: CEM, 1971. p. 123.

cidade como buriladora das qualidades artísticas dos eleitos, a ponto de os levar a alcançarem a individualidade na transmissão do belo, do nobre, ou seja, do eterno¹⁶⁸.

Para notificar esse período nebuloso, existe o livro *Curso metódico de geografia física, política, histórica, comercial e astronômica...*, de Joaquim Maria Lacerda, numa edição revista e aumentada, assinada por ele ainda padre, que a Garnier carioca publicou em 1908. Intrigante é o fato de não existir nenhum registro ou notícia de que tenha lecionado tal matéria no Rio de Janeiro. E mais ainda, porque um livro didático editado no Brasil só foi localizado na Biblioteca Nacional da França?

Pontua sua vida ainda em 1908, a publicação de *O meu flos sanctorum*¹⁶⁹ pela conceituada Livraria Chardron, Porto, Portugal, que publicava os mais expressivos

¹⁶⁸ Segundo um artigo dele escrito alguns anos depois, “Paris é o supremo afinador de harmonias, e o contato de Paris produz no eleito a consciência e a afirmação da individualidade. Ao passo que no seio da Lutecia, em que vivera e meditara Dante, o medíocre derrete e funde numa destruição lenta, mas categórica, nesse esfarelamento contínuo e fatal que nenhum esforço consegue suste, desagregamento gelatinal que é a diluição imprescritível do nada nirvanático, os valores reais ao contrário tonalizam-se e corporificam-se na sua vitalidade total: *vires acquirit eundo*. Por isso é que o gênio, seja de que raça for e surja em que abstrusos recessos surgir, tem necessidade ingênita de pisar este asfalto, que lhe firma os pés, de beber estes ares, que lhe desanuviavam a fronte. É o que se pode chamar o encantamento de Paris, e o *Tannhäuser* vaiado não impedirá ao gigante de Beyreuth [*sic*] a compreensão de que aqui somente e não alhures era preciso ter vindo para que nunca mais deixasse de crer no mundo novo e maravilhoso que ele trazia dentro de si. “*Paris, la seule ville qui ait compris mon génie!*” Quem desvendará um dia esse mistério da cidade única, que aclara o que deve ser aclarado e mergulha na treva irremediável o que à treva convém ser devolvido? Paris, que tem visto enxurradas, os ouropéis e os fogos fátuos, é a fonte d’água viva, é o ouro puro no crisol, é o foco de luz e calor. Somente, Paris, não se revela tal qual é se não àqueles que vivem, que sentem com profundidade, e para o indiferente e o superficial, permanecerá superficial e indiferente. O viverdor e o festardo podiam ter-se divertido em Montmartre, mas até quando teriam ignorado os eflúvios de que o tremendo *mons martyr* é o depositário? Muitos passaram por Paris e julgaram conhecê-lo. Paris ignorou-os. Muitos pensaram possuir de um modo qualquer Paris. Paris, entretanto, não os possuiu de modo algum. Paris não se vende nem se compra, não se violenta nem se conquista, não se adula nem se intimida. Paris é um dom, dá-se e entrega-se àqueles que o merecem. A parisianização é um fenômeno acima das psicologias, e muito sequanense há que nunca se parisianizou, mau grado o registro civil. Um destino imprescritível, que eu constato e que eu quereria explicar, faz de Paris uma babilônica quermesse, em que se entrechocam e resfolegam massas heterogêneas, e ao mesmo tempo uma cidadela santa, em que só recebem o ósculo que predestina os que são portadores do que quer que seja de belo, de nobre, de grande, isto é, de eterno. Os outros, Paris vomita-os na primeira ocasião, elimina-os mais tarde ou mais cedo por uma incoercível força imutável, a mesma talvez que precipita os réprobos sem surto ascensional no báratro primeiro que os absorve e devora irrevogável e definitivamente.” REZENDE, José Severiano de. “O pintor Antonio Parreiras”. *Atlantica*, Lisboa, p. 363-364, [1918].

¹⁶⁹ O volume reúne suas crônicas publicadas na imprensa carioca em comemoração a alguns dias de santos e outras datas festivas do calendário católico. O tratamento dado ao gênero literário – hagiografia – é pessoal e

irreverente, quando o gênero, tradicionalmente, condena o uso de liberdades na elaboração das histórias. Mesmo assim, a obra nada traz de sacrílega ao elogiar as ciências ocultas e citar Péladan, pois estudioso dessas ciências bem conhecia a obra do ocultista francês e comungava de seu ideal católico elevado e romântico. Ainda que tenha utilizado com liberdade adjetivos inusitados na qualificação de alguns santos, ou tenha feito crítica mordaz à hipocrisia do clero brasileiro, em nenhum momento se afastou da ortodoxia católica ou contradisse a verdade histórica, apesar de ter enaltecido a assunção de Maria antes da Igreja defini-la como dogma de fé.

O seu trabalho de ourivesaria enriquece as narrativas com fatos afins da história católica, fazendo relações literárias e artísticas que revelam erudição e talento na elaboração desta obra que é uma jóia da literatura cristã. Para tanto, contribuíram epígrafes retiradas de livros da Bíblia, do Martirologio Romano dentre outros e o texto é repleto de vocábulos arcaicos e exóticos, de incontáveis enumerações e citações em latim, francês, italiano e espanhol; tudo isto, garantindo a esta obra também a pecha de *art nouveau*, como registrou Alexandre Eulálio: “Prosador barroco, não de todo alheio à tradição da clerezia de boas letras, mas tocado de maneira definitiva pelo amaneiramento *art nouveau*, em 1908 publicava *O meu flos sanctorum*, que exemplifica bem as volutas desse estilo que cultiva pompa e *pathos*. (EULÁLIO, 1992: 117-118)

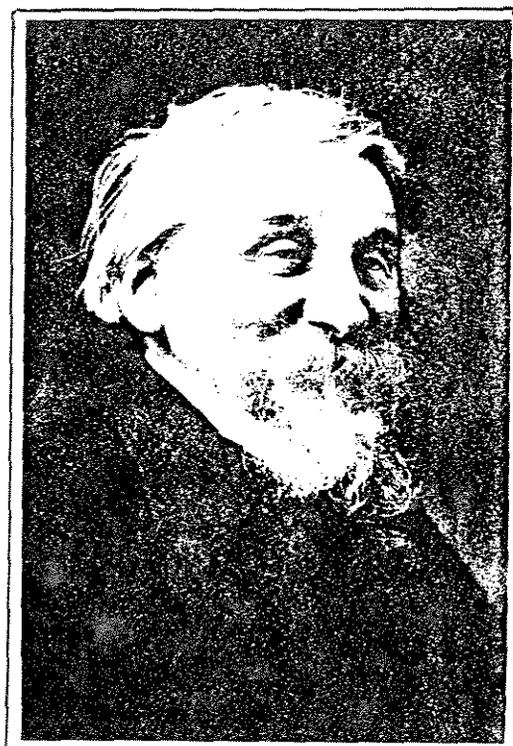
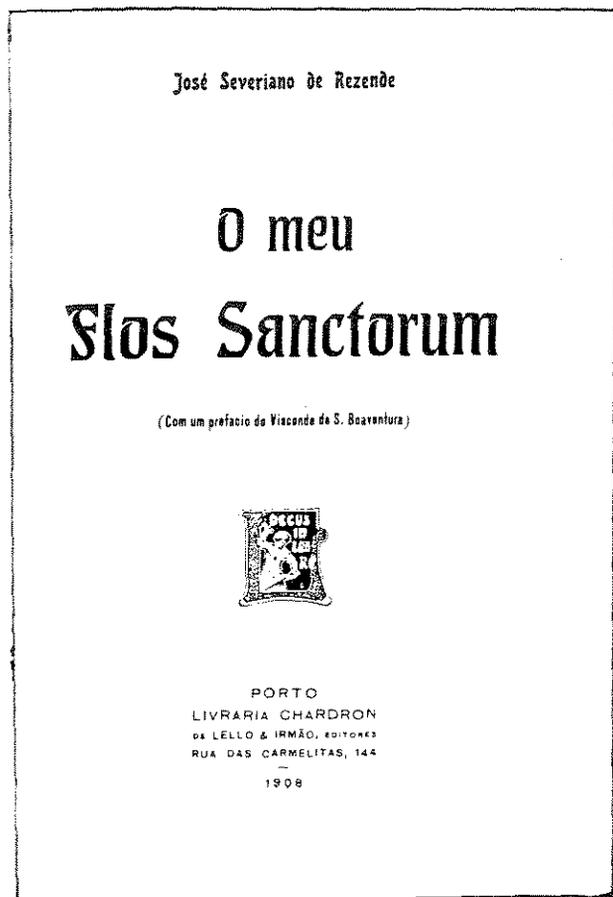
O prefácio do visconde de São Boaventura enaltece os requintes intelectuais e literários do autor, frisando que o livro foi escrito por um estilista, poeta, filósofo e polemista de valor, mas assegura que na certa a obra desagradaria aos devotos de mente estreita.

O meu flos sanctorum, que passou despercebido no Brasil, recebeu no *Mercure de France* um elogio de Philéas Lebesgue que o apontou como renovador da hagiografia tradicional sem escorregar nas banalidades sem ânimo dos manuais piedosos. O volume ainda é apontado como uma sorte de Lenda Dourada e o autor é comparado ao clérigo nômade e poeta simbolista Louis Le Cardonnel por ser essencialmente um poeta. Quase duas décadas depois, André Delacour resumiu a sua leitura crítica num parágrafo, ratificando que a obra foi escrita à maneira de Lendas Douradas ingênuas e perfumadas ao estilo de Sylvestre Bonnard (um personagem de Anatole France), porém acrescidas de uma significação mais profunda e de um pensamento mais enciclopédico. Além disso, a obra confirma a vitalidade da tradição hagiográfica, uma vez que os renomados portugueses Almeida Garrett e Eça de Queiroz haviam publicado seus *flos sanctorum* pouco tempo antes dele.

Ainda que Oswald de Andrade a tenha destacado na conferência “O esforço intelectual do Brasil contemporâneo” que realizou na Sorbonne, Oswald foi injusto ao classificá-la apenas como “o romantismo do pensamento católico”, por não perceber nela nenhuma relação com o esforço metafísico de Farias Brito a quem destacava. Isto ocorreu, porque não tinha consciência da influência do filósofo Henri Bergson no pensamento dos dois brasileiros, pois se tivesse, teria concluído que a obra de Severiano é pioneira na sinalização de novos horizontes para o pensamento brasileiro até então preso ao positivismo e ao evolucionismo.

Segundo o pesquisador José Mauricio de Carvalho, Bergson influenciou Rezende na proposta de volta para o interior e no tratamento da vida como uma realização exterior de um fundamento espiritual. Portanto, o pensamento de Severiano concorda com a intuição bergsoniana, não vendo nela nada de contrário à racionalidade concreta, visto que ambos acreditavam que pela intuição era possível captar o interior do ser humano que permanece íntegro apesar da atuação do instinto. Severiano de Rezende, a partir do conceito de unidade interior, fez brotar uma moral das almas místicas, visando promover o desenvolvimento da civilização sob o comando de Deus. Suas narrativas revelam princípios dessa moral, já que os santos são paradigmas de bom comportamento por terem sido cultores das mais elevadas virtudes. O Amor é apontado como o propulsor do compromisso moral que acarreta o autoconhecimento e mudanças de atitude. E é esse compromisso cheio de ideais humanos que impulsiona o progresso moral da humanidade, dando razão à existência ao encaminhar o homem para Deus.

O meu flos sanctorum não é assinado pelo padre Severiano de Rezende, mas é o registro de que apesar de ter abdicado das funções sacerdotais, ainda mantinha a fé e as preocupações religiosas. Reforça tal idéia, as três outras obras que cita estarem em preparação no verso da folha de rosto. A primeira seria a segunda série de *O meu flos sanctorum*, outra seria *Idéias e ideais*, primeira série de livros que tratariam de crítica e polêmica e por fim *O livro do sacerdote* que traria estudos de Mística Experimental. No entanto, os volumes não foram publicados e não é conhecido o paradeiro dos manuscritos. Mesmo assim, o pesquisador que encontrar as hagiografias relacionadas no verso da folha de rosto em algum jornal carioca, com certeza estará



Retrato de Philéas Lebesgue na velhice

Página de rosto da primeira edição de *O meu flos sanctorum*



Capa da edição brasileira de *O meu flos sanctorum*

Folha de rosto da edição checa de *O meu flos sanctorum* e duas das vinhetas que ilustram a obra

escritores em língua portuguesa.

Em vista disso, é interessante destacar que o povo francês possui um temperamento reticencioso, raramente elogia um desconhecido ou estrangeiro sobretudo, mas que Philéas Lebesgue se vira diante de um peculiar poeta ao ler os versos que Severiano lhe enviara com o livro de crônicas e impressionado, antes de publicar o artigo, escreveu-lhe uma carta que contem o seguinte trecho:

*Cher Monsieur, je vous suis profondément reconnaissant de m'avoir fait connaître le poète ému et puissant que me laissait pressentir le Flos Sanctorum. Sévères de rythme et lourds de pensée, les vers admirables que vous extrayez pour moi de votre prochain recueil Mysterios, ont un accent si personnel qu'ils ne rappellent aucune influence précise et qu'on les sent jaillir à cru de votre âme.*¹⁷⁰

Dado o passo inicial, a amizade entre os dois estreitou-se e Severiano de Rezende tornou-se o intelectual brasileiro mais próximo a Lebesgue, de tal forma, que anos mais tarde, este ao se referir ao *Mercur de France* numa carta a Almáquio Diniz, confirmou a amizade: A crônica brasileira da mesma revista está agora aos cuidados de meu excelente amigo o poeta José Severiano de Rezende.¹⁷¹

Ainda entre os raros *flashes* da vida de Severiano em 1909, existe o registro de sua ida a uma concorrida matinê no Gaité-Lyrique, para assistir uma apresentação da bailarina americana Isadora Duncan em companhia de João do Rio e do pretense amigo Edgar de Almeida Prado.

compondo a anunciada segunda série de *O meu flos sanctorum*, visto que Severiano publicou a primeira série logo que deixou o Brasil e não teve tempo para escrever tantas outras narrativas.

¹⁷⁰ Carta de Philéas LEBESGUE a José Severiano de Rezende apud DORNAS FILHO, João. “Os dois Severiano de Rezende”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23 dez. 1972. Suplemento Literário, p. 2.

¹⁷¹ Carta de Philéas LEBESGUE a Almáquio Diniz. La Neuville-Vault, 23 de março de 1929 apud VEIGA, Cláudio. *Um brasilianista francês: Philéas Lebesgue*. Rio de Janeiro: topbooks, 1999. p. 25.

Depois disso, outra névoa encobriu sua trajetória na Cidade Luz, onde foi avistado em 24 de março de 1910, através de uma crônica que dedicou a Olavo Bilac no jornal brasileiro *Le Courrier du Brésil*¹⁷², editado em Paris para fazer propaganda do país.

A crônica “Un poète brésilien à Paris” saúda o cabeça da tríade parnasiana brasileira, lembrando que muitos o comparam a Gautier, Lecomte de l’Isle e Heredia. Ressalta que o talento e técnica poética de Bilac o transformaram num poeta respeitado e numa personalidade quase oficial a serviço da política brasileira. Além disso, destaca o seu talento de cronista e publica em edição bilíngüe o seu soneto “Maldição”, para ilustrar o desgosto dele em ter de deixar a cidade numa missão oficial apenas duas semanas após ter chegado.

O artigo é ufanista, retrata com vigor a exuberância da natureza brasileira, destacando a matéria prima que o país exporta e chama a atenção do leitor para o talento artístico do povo escondido pela política econômica.¹⁷³

¹⁷² Jornal fundado por Mendes de Almeida Júnior, proprietário do *Jornal do Brasil*, para tratar de política, literatura, economia e finanças brasileiras, dando destaque à política nacional e ao carnê social da colônia em Paris. RIVAS, Pierre. *Encontro entre literaturas: França, Portugal, Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1995. p. 138.

¹⁷³ Severiano escreveu o seguinte: “*Mais, le Brésil n’est pas seulement le pays du café, du maté, du caoutchouc, du cacao, du cacatoës et de la cacahüete, et quand le soleil envoie ses baisers de flamme à la montagne et à la vallée, il entend souvent, il a toujours entendu, pour saluer ses fastueux réveils, de ces chantecleresques résonances, des hymnes qui évoquent la vie, et qui l’expliquent. Certes, il fault bien, respectant les lois statistiques et autres, qui gouvernent le commerce des peuples et l’économie des nations, proclamer, par le prospectus, par le journal, par le livre, par l’affiche, lumineuse ou non, nos crédits, nos ressources, nos trésors. Mais, il n’y a pas que les crédits tripatouilleurs de monnaie, que les ressources brutes du sol, et peut-être faudrait-il plutôt parler, ne fût-ce que rarement, d’autres trésors rare. Depuis M. Turot jusqu’à M. Anatole France, tous les propagandistes et tous les vulgarisateurs laissent plutôt dans l’ombre le côté le plus radieux du pays du soleil; le Brésil possède une mentalité puissante produit d’une culture amoncelée et raffinée par des siècles de tradition, et cette langue portugaise, léguée par le colonisateur, des idiomes néo-latins le plus harmonieux après le français, est l’instrument vivace qui soutient, vivifie, élève l’intellectualité caractéristique de notre race, sans trêve, hantée par l’idéal, et qu’une soif de perfection tourmente. Et, tandis que tout autour grouillent de petites démocraties harcelées par des codes, le Brésil, très uni et très grand, fort, à cause de sa langue et de son passé uniforme, crée un art, fait de la beauté, concrétise ses rêves dans des forme ciselées, fabrique, avec des sons et des couleurs, une vie harmonieuse et sereine, qui l’aristocratise au milieu de ses progrès sociaux et de ses tentatives politiques. Et la France, que je sache, cette France que nous aimons tous là-bas d’une très véritable et très explicable tendresse, ignore le peuple artiste que nous sommes, car, au-dessus des lyres qui chantent, s’éparpille le vol effréné des chiffres, la sarabande folle des tarifs, la valse chaloupée des taux.*” REZENDE, José Severiano de. “Un poète brésilien à Paris”. *Le Courrier du Brésil*, Paris, 24 mars 1910. p. 5.

Ainda na França e no mesmo ano, o importante brasilianista belga Victor Orban inclui o seu soneto “Verlaine” na primeira antologia de literatura brasileira publicada em língua estrangeira. A obra intitulada *La littérature brésilienne* foi prefaciada por Oliveira Lima que destacou o feito de Orban com as seguintes palavras: Pela primeira vez, [...], publica-se em língua francesa uma antologia metódica, racional e tanto quanto possível completa, dos escritores brasileiros desde o século XVI até nossos dias.¹⁷⁴

Severiano de Rezende só foi avistado outra vez, em fevereiro de 1911, através do artigo que dedicou a *Malazarte*, de Graça Aranha, publicado na revista *Œuvre*, editada pelo teatro de mesmo nome. Na sua visão de analista, a peça escrita em francês e inspirada em Ibsen, é a evocação de uma lenda brasileira na tentativa de alcançar e apreender a Beleza una e múltipla como a tradição, o mito e o sonho também apresentaram à humanidade Fausto, Barba Azul, Chapeuzinho Vermelho e outros. Por isto, roga à crítica parisiense que seja mais imparcialmente esclarecida do que fora com Hedda Gabler e Isadora Duncan e não julgue a personagem uma caricatura grotesca, porque Graça Aranha, assim como ele, pertencia a um grupo de escritores que fazem exceção à mediocridade.

Rezende com sua visão nacionalista, bem ao gosto francês pelo exotismo, enaltece as qualidades da alma brasileira, reafirmando a má influência exercida pela política e pelo jornalismo sobre ela:

Neste momento, a alma brasileira, incomensurável, fantástica, versátil, rudimentar, irregular, impulsiva, tempestuosa, velada pela lenda e disfarçada sob o símbolo, vai surgir aos olhos de Paris, na sua integral nudez, tornada mais evidente pelas luzes da ribalta e pelo talento do Sr. Graça Aranha.

Desconheço quase a burlesca história, percebo apenas a vagamente a disparatada e grotesca intriga, enlaçada fatidicamente por uma solução trágica; e a anedota do Sr. Malazarte, cuja versão se esvai nas minhas reminiscências, não é pelo menos penso assim, senão um *film* de cinema tremulando em meio do nevoeiro. Mas se Malazarte exprime e personifica, ao que me parece, o

¹⁷⁴ RIVAS, Pierre. *Encontro entre literaturas*: França, Portugal, Brasil. São Paulo: Hucitec, 1995. p. 141.

instinto de uma raça, a tentativa do escritor brasileiro serve para orientar-nos acerca da tendência desse povo e da evolução dessa raça, porquanto essas duas entidades existem no Brasil, – povo cujo sentimento do belo ainda não foi aniquilado pela democracia, raça cujo impulso para a arte, não constante a política e o jornalismo, se afirma e se aperfeiçoa.¹⁷⁵

É bastante provável que o artigo de Severiano tenha sido o texto de apresentação de *Malazarte*, que foi encenada de 17 a 22 de fevereiro no teatro L'Œuvre por Pierre Sanson, de Max, Greta Prozor e Gina Barbieri sob a direção de Lugné-Poé. A peça foi consideravelmente elogiada pela imprensa e parece ter sido bem aceita pelo público, como registrou E. Epardaud, no jornal *Le Courier du Brésil*: ... um sucesso de estima de um público educado, com reservas diante dessa produção exótica... de intriga obscura... densa como a floresta brasileira¹⁷⁶, mas é sabido por todos que grande parte do prestígio de Graça Aranha é devido a sua carreira diplomática.

Só no ano seguinte, a 28 de junho de 1912, é que Severiano de Rezende reata o fio da meada, enviando notícias de sua vida numa carta a Freitas Valle:

O meu silêncio é resultado da m.^a vida que conheces, e esta carta é um grito de alarma. Foste bom p.^a comigo aqui – és, dos meus amigos, aquele que mais me conhece e aquele que mais do alto tem olhado a m.^a vida vascolejada. Sei, ainda, q., aí chegando, tentaste arranjar algo p.^a mim, baldadamente. Agora rabisco estas linhas, p.^a não adiar mais o escrever-te, dizendo q. um círculo de intrigas tramadas à m.^a boa fé estreitou-se ultimamente, e que (sei isto nestes oito dias atrás por acaso)...¹⁷⁷

A carta indica que conviveram em Paris por algum tempo e que, por isso, nem tudo precisava ser dito a respeito das intrigas tramadas por Edgar Prado e Alexandre Mendonça. Entretanto, reforça o pedido de ajuda na obtenção de um emprego que lhe garantisse uma ajuda de custo, para se livrar dos embaraços que a falta de dinheiro estava lhe causando.

É possível deduzir que as futricas foram tramadas no ambiente consular brasileiro

¹⁷⁵ REZENDE, José Severiano de. “Malazarte de Graça Aranha”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23 dez. 1972. p. 4.

¹⁷⁶ EPARDAUD, E. [?]. [*Le Brésil Littéraire?*], Paris, 27 oct. 1910. p. [?] apud RIVAS, Pierre. *Encontro entre literaturas*. São Paulo: Hucitec, 1995. p. 138.

¹⁷⁷ Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. Paris, 28 de junho de 1912. p. 1-2.

de Paris, visto que uma delas envolve Graça Aranha. Além disso, na carta solicita a Freitas Valle que contate alguns amigos, para que intercedam a seu favor junto a Lauro Müller, então ministro das Relações Exteriores. Por outro lado, não existe nenhum documento oficial que evidencie estar gozando uma sinecura, porque os encostados nunca eram registrados pelo ministério para evitar ataques e cobranças políticas.

O ano de 1913 passou completamente nublado, pois nenhuma colaboração jornalística ou qualquer documento pessoal foram localizados. No entanto, em 1914, surgiu em Praga a versão checa de *O meu flos sanctorum – Muj flos sanctorum –*, como décimo quarto volume da coleção intitulada *Boa Obra*. O livro foi traduzido pelo eclesiástico poliglota Antonín Ludvík Stríz, doutor em Teologia e especialista em Literatura Eclesiástica da Idade Média e a publicação foi feita pela editora católica Studium da cidade de Stará rise.¹⁷⁸

A primeira viagem ao Brasil

No segundo semestre de 1915, Severiano de Rezende ressurgiu no Brasil, onde veio resolver negócios e rever os amigos. O primeiro registro de sua estada é uma carta enviada de Belo Horizonte a Freitas Valle no dia 21 de setembro, na qual noticia os inúmeros contatos que fizera e outros que ainda precisaria realizar antes de retornar à Europa. No entanto, a informação mais significativa da carta é relativa ao encontro que vinha tentando marcar sem êxito com Alphonsus de Guimaraens:

Preparava-me a partir amanhã quarta, quando recebo o telegrama do Alphonsus, que junto a esta, de sorte que não posso deixar de esperar. Pretendo levá-lo e nesse caso partiremos logo, e avisarei por telegrama. A minha viagem aqui é inteiramente [zerada] quanto a resultados financeiros. Isto aqui é a desolação e a morte. O Congresso era inexistente e passos que dei junto ao presidente falharam. É um embrulho de vida esta. Rogo-te, meu Valle, que vás fazendo algo pelos *Mysterios*, pois em

¹⁷⁸ Carta da ACADEMY of Sciences of the Czech Republic a Renato Rodrigues de Lima Júnior. Praga, 17 de agosto de 1998. 2p.

chegando a S. Paulo tempo será (sem brincado) de abalar para o Rio, onde o Joaquim de Sales, que me escreve aqui, acha que é urgente a minha presença, se não quero prejudicar a minha partida para a Europa. Peço-te encarecidamente que da minha parte intervenhas junto ao Carlos de Campos para me arranjar os *Mysterios* abundantemente no Senado. Outra coisa, urgente: convém enviar-me presto 100\$000: aqui a prontidão é geral e a vinda de Alphonsus obrigar-me-á a umas despesas. Vê se esses 100 podem vir pelo telégrafo. Até breve, dá-me notícias do Ciro e Daphnis e de toda Kyrial.¹⁷⁹

O encontro ocorreu, e, a 25 de setembro, a Academia Mineira de Letras aproveitando a estada dos dois ilustres escritores mineiros na cidade, ofereceu-lhes um concorrido jantar festivo. A revista *A Vida de Minas* registrou a celebração com a enaltecida reportagem ilustrada “Uma Embaixada das Musas”, de J. Menestrel que destaca, separadamente, as qualidades poéticas de Severiano e de Alphonsus; lista os participantes do jantar no Clube Acadêmico; notifica quem fez o discurso de saudação e que Severiano em agradecimento leu poemas seus e de Alphonsus. Além disso, o *Minas Gerais*, o *Diário de Minas*, *A Nota* e o *Diário* dedicaram artigos encomiásticos a eles.

Os dois permaneceram mais alguns dias na cidade, comparecendo a jantares e a um almoço em casa de amigos e, na véspera da partida, retribuíram a acolhida, oferecendo uma ceia no restaurante Colosso, à qual compareceu o regionalmente conhecido historiador marianense Diogo de Vasconcelos dentre outros. No mais, Alphonsus voltou para Mariana satisfeito com o encontro e o narrou a sua família, destacando a surpresa diante do convite de Severiano para irem rezar numa igreja. Severiano não foi a Mariana e a cidade só veio a saber notícias de sua estada na Capital Mineira, através do jornal marianense *O Germinal* que transcreveu a reportagem de Menestrel e um resumo das notas divulgadas na imprensa belo-horizontina. Tudo indica que também não foi a São João del-Rei visitar os pais, pois apenas uma carta a Freitas Valle *en passant* informa o seu encontro com a mãe no Rio de Janeiro.

¹⁷⁹ Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. Belo Horizonte, 21 de setembro de 1915. p. 1.



José Severiano de Rezende e Alphonsus de Guimaraens em 1915



Panorama do jantar no Clube Acadêmico

No entanto, estive em São Paulo por diversas vezes visitando Freitas Valle e se encantou com as reuniões e almoços na Villa Kyrial¹⁸⁰. E numa dessas, acompanhou Olavo Bilac a um encontro com intelectuais paulistas, ao qual compareceu o jovem Oswald de Andrade. No mais, fixou residência no Rio de Janeiro, para facilitar o arranjo de sua vida de maneira a não precisar mais passar necessidades, nem recorrer tanto a favores de amigos, como indica esta carta a Freitas Valle:

... a carta do Ciro fazia-me uma injustiça nesse sentido de supor que eu de leve pudesse contrariar-me com as tuas exigências econômicas. Tu sabes quanto te sou grato, quanto me orgulho da tua amizade, quanto a prezo, quanto tenho por carinhoso e afetuoso, o interesse que tomas por mim, e por conseguinte não posso achar senão ótimo tudo o que fazes. Não te escrevi porque queria dar-te uma carta completa com todos os pormenores da minha vida nova aqui. Mas ainda [hoje] os pormenores escasseiam porque ainda não pude ver as pessoas que diretamente se ocupam da minha colocação em Paris. O Joaquim de Sales, entretanto, dá-me as melhores informações e diz-me que o Wenceslau está decidido a nomear-me auxiliar de conselheiro da Embaixada. No *Paiz*¹⁸¹ contratei colaboração, que encetarei por estes dias. Não me fixam ordenado, nem prometem muito dinheiro, mas enfim escreverei num bom jornal, que é hoje o mais sério e onde escreve melhor gente.¹⁸²

Segundo essa carta, em novembro, já estaria colaborando em *O Paiz*, mas apenas pelo prazer de escrever e para garantir a visibilidade social, já que o diário atravessava uma crise econômica:

Deves ter visto que comecei no *Paiz* a minha colaboração. Esta colaboração tem a desvantagem de ser desesperançada de galardões monetários: o *Paiz* não paga a ninguém, está em formidável crise, não iria expender colaborador novo, quando apenas dá exíguo ordenado aos redatores indispensáveis, e isso mesmo com atraso. Mas era necessário escrever nalgum jornal, e o *Paiz* era o melhor, por ser lido e não ser acafajestado.¹⁸³

Sendo assim, a sua situação financeira que não era boa permanecia a mesma, pois na certa gastara até o último centavo para voltar ao Brasil, na expectativa de conseguir uma boa

¹⁸⁰ Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. Belo Horizonte, 21 de setembro de 1915., que cita pela primeira vez a Villa Kyrial.

¹⁸¹ Nenhuma colaboração assinada por José Severiano de Rezende foi localizada, mas é possível que tenha utilizado algum pseudônimo, ou escrito sem assinar.

¹⁸² Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1915. p. 1-2.

¹⁸³ Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1915. p. 2-3.

posição na Embaixada de Paris, como registra o seguinte trecho de outra carta a Freitas Valle:

Pelo Ciro debes ter tido a comunicação dos dinheiros recebidos e que me salvaram a vida. A dita vida tem estado muito atribulada com várias coisas difíceis de resolver e tenho feito verdadeiras vias-sacras pelos meandros do Catete, do Guanabara e do Itamaraty.¹⁸⁴

Em março de 1916, sua situação não estava totalmente definida, mas extra-oficialmente o seu emprego no Consulado do Brasil já estava garantido, como assegura o fragmento de carta abaixo transcrito que também informa a possível data de seu regresso à Europa:

A última carta de Ciro estranhava ele não ter achado nas notícias do despacho presidencial nada a meu respeito. É que estas nomeações e similares não costumam ser insertas. Eu fui omitido com vários outros por estas razões itamaratys. Uma delas creio que é o pavor à publicidade, o medo das respostas, o receio de ataques em épocas de cavadores que não dormem. Foi resolvido que eu irei adido ao Consulado com 500fr. Eu pedi dinheiro para a partida e o Silvio Romero ainda está negociando isso, mas garantiu-me que estará tudo pronto para eu partir no dia 22 pelo *Hollandia*. Hoje convida-me ele a jantar com o mestre Ramos na *Rôtisserie* e talvez já me dê resposta exata. Eis o que há, ao cabo de um trabalho insano, que me fez andar por este Rio debaixo de uma temperatura de matar senegaleses, e com a hostilidade do Gastão da Cunha, que me prometera ajudar e fazer andar depressa o Lauro. Confiei nesse sanjoanense, de S. João del-Rei, malgrado a minha experiência de tal gente, e, vendo que a decisão demorava, fui indagar e soube do que se tramava de fonte limpa, felizmente a tempo de poder dar os contras. Foi uma luta, a vitória é fraca, mas aqui deixo amigos, entre os quais mestre Ramos¹⁸⁵, que é o mesmo de outrora, e que com outros vigiará sobre o que houver.¹⁸⁶

Como se pode perceber, as coisas não andaram conforme o programado e, em 29 de março, ainda estava no Rio de Janeiro colaborando em *O Paiz*. No entanto, tirando proveito desse tempo de infortúnio, uniu-se a Félix Bocaiúva da *Prensa* para promover Alphonsus de Guimaraens que havia sido lembrado para a Academia Brasileira de Letras, ainda que João do Rio, por espírito de igreja, ignorasse a pressão de Alberto Ramos, diretor da Agência Havas e dificultasse a publicação dos *suelto*s favoráveis ao amigo dentro do

¹⁸⁴ Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1915. p. 1.

¹⁸⁵ Poeta e jornalista amigo de Rezende, Guimaraens e Valle desde a Faculdade de Direito da Cidade de São Paulo.

¹⁸⁶ Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. [Rio de Janeiro], março de [1916?]. p. 1-3.



Severiano de Rezende está no centro desta fotografia tirada em São Paulo.
A sua direita estão Olavo Bilac e o jovem Oswald de Andrade entre tantos outros literatos

Rio de Janeiro - 21 - 1915
 meu Alphonso
 Rapido e a los nam a pensar
 tar se recobra do Paulo de
 hão te manda a que encare
 fues a cam farrax de rep'rar
 m'ca de da Rotand e Tropel
 do Herod'is. - momento home!
 de te esqueça que deus unctar me
 o ten n'ca todos - depois de a r'br
 Copian - aque g'rao q' tar em abom
 out a N'caida - e que n'ca de
 h'ca n'cao em g'rao - o or' m' m'
 mais'cos, que te deus f'rao pa'ca
 am'po ten am'p'cao pa'ca o ten
 colle'caado. b' e' de' m' h'ca. Pa
 com'ca - me a d' de n'ca
 e a tua n'caida f'rao na
 ma'ca na. Ten velho
 Severino
 Rua dona Mariana, 135 - Botafogo

Carta enviada a Alphonso de Guimaraens

Villa Kyrial

Certo, o Villa Kyrial, dominas, Tabernaculo,
 Tu que a Arte vive sem que a enlamece o Mal:
 Tu ti mo'ra e se expande a Força inscia do obstaculo
 Fulge em ti messidor e resplende Floreal.

O igneo lyrical pendão freme-te no pinaculo
 E synthetisa o nosso inelyto e puro Ideal:
 Volver para a Belleza intenso o ser immaculo
 Ao palpitar do teu nome augusto, o' Kyrial!

Que pois o nosso afan seja sempre phanastico
 E que o nosso ademan seja sempre pathetico
 E eterno o Amor que dentro em no'z arde e fransuz

Porque e' mister viver tendo algo de entusiastico
 Na alma combudo athena ao que e' rude e frenetico.
 Sob el jefe y señol que nos ama e cariduz.

S. Paulo - Paris. José Severino de Rezende
 C.K.

Primeira versão do soneto "Atenéia"

próprio *O Paiz*, obrigando-o a conjungir Alphonsus com Amadeu Amaral para que os artigos fossem publicados.¹⁸⁷

Ainda no Rio de Janeiro, em 13 de abril, tornou a escrever a Freitas Valle, para tentar solucionar os contratempos financeiros que enfrentaria na viagem, e que já lhe tomavam o pensamento e os dias após o regresso de uma rápida viagem a São Paulo:

Mestre Ramos recebeu-me na sua vivenda e o dia foi cheio, ocupadíssimo. Imagina que foi necessário grimpar alturas íngremes de Sta. Teresa p.^a ir ver o Sílvio Romero, que vai melhor e ficará sem defeito. O Gastão, ligeiras escoriações numa das mãos. Mas não é tudo, mestre, feitas as contas aqui com o nosso velho mestre Ramos, resulta que, na impossibilidade de ter reduções na Mala Real, eu fico sem saber como ir de Lisboa a Paris. Urge uma medida qualquer, e é por isso que ponho esta em expresso para te pedir que me acudas. São uns 300 francos, que te peço descobrires-me nas reservas da tua alma, ainda a valer sobre os *Mysterios* (segundo a tua expressão de ontem ao passares-me as duas notas de 50fr. q. te agradeço) – ou a valer sobre a dívida imensa que tenho para contigo.¹⁸⁸

Mesmo não tendo sido encontrado nenhum registro de que Freitas Valle lhe tenha enviado a quantia solicitada, a reverência que Severiano lhe fez no trecho supracitado, é indício seguro de que o atendimento foi pronto e de que Valle era seu amigo fiel, além de mecenas. Logo, Severiano partiu para Lisboa, mas não é conhecida a data da viagem nem da chegada lá, pois apenas é sabido que o passaporte foi tirado no Rio de Janeiro em 5 de abril de 1916, com o registro de que sua profissão era Homem de Letras e de que o seu destino era a França.

De volta à França

Severiano de Rezende após alguns meses de silêncio gastos na acomodação,

¹⁸⁷ Carta de José Severiano de REZENDE a Alphonsus de Guimaraens. Rio de Janeiro, 29 de março de 1916. p. 1. E também a Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. [Rio de Janeiro], terça-feira gorda 1916.

¹⁸⁸ Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. Rio de Janeiro, 13 de abril de 1916. p. 1-2.

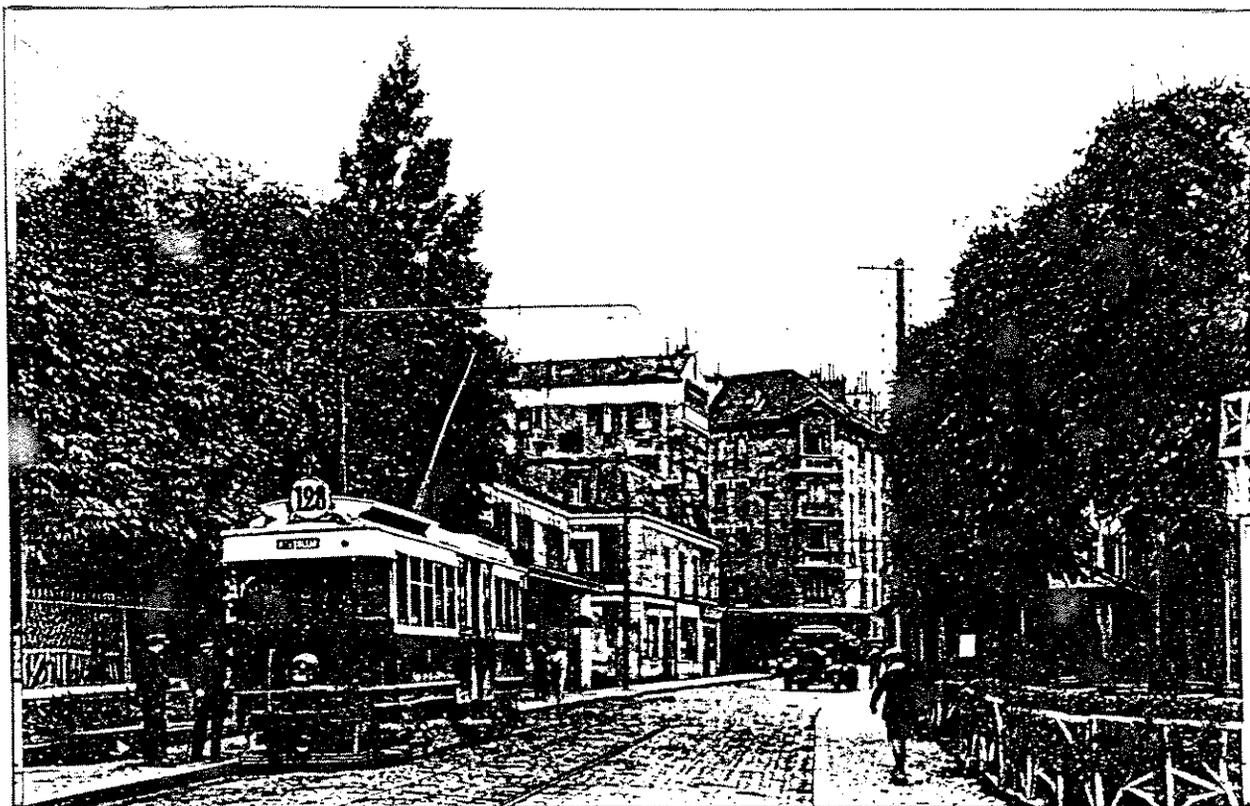
participou a Freitas Valle que estava morando em Sceaux, pequeno e tranqüilo vilarejo na periferia de Paris e que uma forte gripe unida às dificuldades da vida o impediram de escrever antes. Comenta que, em carta a Ciro, já fizera a sua interpretação dos tragipoemas¹⁸⁹. A partir daí, sua carta começa a descrever os seus planos em andamento:

Os *Mysterios*, mestre, foram dados à *Atlantida*. O ilustrador será o Raul Lino, português, q. acaba de mostrar q. fará belo trabalho pelo que fez para o *Alba Plena*, do Gil. Eles lutam em Lisboa com crise do papel. Imagina q. o *Meu Flos Sanctorum*, de que contratei segunda edição, com longo prefácio, ainda não pôde sair, e o prefácio já lá está há séculos. Hoje está um tempo dos diabos, mestre amigo, cai neve, gela, e o meu radiador a gás não aquece! E um jeito q. dei nos [ilegível] atormenta-me agravado por uma gripe atroz! Comecei a escrever para o *Paiz*, mas de lá resposta nenhuma sobre o pagamento. Sempre a mesma coisa! Trabalhar p.^a ser mal pago ou não ser pago! E aí vem o fim do ano, e estou aqui a ver se o Lauro Müller se decide a nomear-me efetivamente qualquer coisa, porque esta comissão me pode ser cortada de um momento p.^a o outro, e eis-me como outrora, a levar a mesma vida alarmada! Vou escrever ao Cardoso de Almeida p.^a lhe pedir uma gratificação do reclame que lhe fiz uns artigos q. andei publicando em Lisboa. Creio que ele arranjará meios de me mandar uns dois contos, q. me ajudarão a acabar de arranjar o meu apartamento. Peço-te me auxilies. Brevemente pedir-te-ei p.^a veres se posso vender uns livros brasileiros ao governo paulista. Mandar-te-ei a lista.¹⁹⁰

Entretanto, Lauro Müller não regularizou sua situação no Consulado e sua situação financeira na certa deve ter desandado rapidamente. Coube ao ministro sucessor Nilo Peçanha a regisração como integrante do serviço interno em agosto de 1917, ou seja, quase um ano depois. Mesmo assim, sua situação financeira nada melhorou com a promoção, pois o salário permanecia irrisório, as colaborações nos periódicos europeus infreqüentes e *O Paiz* continuava a não remunerá-lo. Para complicar as coisas mais ainda, o trabalho no Consulado forçara sua mudança para Paris, onde a sobrevivência era mais dispendiosa e mais angustiante pela proximidade da I Grande Guerra, pois as bombas alemãs atiradas nos arredores, causavam um certo pânico e dificultavam a vida causando carestia. Por conseguinte, teve que se virar como pôde e a solução foi o endividamento e a mendicância

¹⁸⁹ São duas as séries de tragipoemas, constando cada uma de sete obras: *Le clown*, *Les aveugles-nés*, *Rataplan*, *Le fou de la grève*, *La glace*, *Ophis*, *Hères*, *L'enseigne*, *La bibliothèque D'Alexandrie*, *Guignol*, *Les naufragés*, *Le miracle de la semence*, *Les âmes en allées*, *Hosanna*. CAMARGOS, Marcia Mascarenhas de Rezende. *A Villa Kyrial e o imaginário da belle époque paulistana*. São Paulo: FFLCH/USP, 1999. p.216. (Tese em História Social).

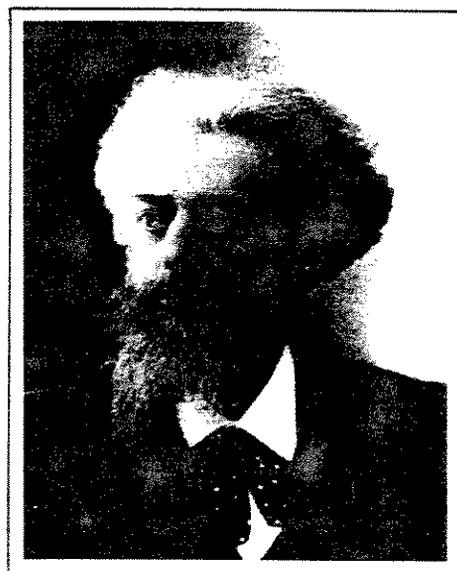
¹⁹⁰ Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. Sceaux, novembro de 1916. p. 2-3.



Severiano de Rezende residiu em Sceaux no prédio de cinco andares no centro da fotografia



Capa da segunda edição portuguesa de *O meu flos sanctorum*



Retrato de Joséphin Péladan na velhice

junto aos amigos, inclusive do Brasil, pois habitualmente passou a solicitar víveres a Freitas Valle, recomendando cuidados no envio para se evitar o confisco das mercadorias.

Mesmo sobrevivendo a duras penas, a segunda edição de *O meu flos sanctorum*¹⁹¹ foi publicada, mas o sonho de lançar *Mysterios* teve de ser adiado mais outra vez, embora mantivesse os ânimos idealizando um projeto para divulgar e promover a cultura brasileira de maneira mais eficiente e econômica entre os xenofóbicos franceses:

Eu sonhava, se uma proposta q. fiz há tempos a q. de direito não gorasse, estabelecer um contínuo e vasto estardalhaçar de coisas brasileiras em Paris. Dinheiro tanto tem sido gasto aqui em mil falcatruas e conchavos q. não redundam de modo algum em donaire nosso. M.¹⁰ pelo contrário. O que eu havia proposto seria, com pouco dinheiro, sublime. Publicação mensal de uma revista: *Les Annales Brésiliennes*, inserindo versos, contos, discursos, romances, feitos e gestos nossos, com acentuada propaganda clarividente da nossa língua, geralmente incógnita e confundida com a espanhola. Anexo a essa publicação, escritório de revistas e jornais nossos, salão de leitura e biblioteca completa, antiga e moderna, de tudo o que é nosso, biblioteca q. seria constituída com auxílio dos Estados e q. se tornaria formidável em pouco tempo. Essa organização [ser]-me-ia habilitado a organizar conferências, *matinéés*, saraus, com exibição de leituras, audições musicais nossas, exposição de pintura, tudo isso constituindo um núcleo brasileiro no centro dos centros, q. é Paris. Já expus isso longamente a vários estadistas e parlamentares. Ficou tudo no tinteiro. E a época é propícia, apesar da Guerra! Mas não perdi a esperança e vamos ver se o governo Rodrigues Alves quererá fazer isso.¹⁹²

Não obstante o projeto de propaganda cultural fosse plausível e necessário, como assevera a frase lapidar de Gustave Le Bon: As artes e a literatura de um povo são os vestígios mais importantes que ele nos pode legar e que nos permitem em melhormente julgar o grau do desenvolvimento moral a que atingira.¹⁹³ Rodrigues Alves sequer deve tê-lo conhecido, pois faleceu antes de assumir a presidência do Brasil.

O fato é que o momento era de total insegurança e a proximidade das tropas alemãs favorecia mais ainda os devaneios e temores da população parisiense. Sendo dessa

¹⁹¹ A reimpressão dessa obra deve ter sido finalizada pela Livraria Chardron no início de 1917. O volume não traz a data da publicação, nem o grande prefácio que o autor anunciara por causa da crise de papel que Lisboa atravessava. A capa sofreu algumas alterações com a troca do tipo das letras do título e do nome do escritor, mais o acréscimo do selo da editora. Além disso, o sobrenome do escritor foi grafado sem a preposição *de* e com a letra *z* de Rezende trocada por um *s*,

¹⁹² Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. Paris, 19 de março de 1918. p. 2-3.

¹⁹³ VIOTTI, Manuel. "Severiano de Rezende". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 18 ago. 1933. p. 5.

forma, não era outra a situação de José Severiano que, mesmo tendo sido promovido, continuava precisando esmolar para sobreviver:

Acaba o Nilo de me nomear auxiliar do Consulado, de 3ª classe, com 150\$ por mês, sejam 450 francos, isto é, com que suficientemente morrer de fome, não pagar aluguel de casa, e andar nu! Que perspectiva se me apresenta para o próximo inverno! Já os 600 francos que me mandaram dar, apenas bastaram à força de economia! E agora? [Acresce] que, não tendo recebido os tais 600fr mensais, desde janeiro deste ano, vivi lamentavelmente endividando-me e por cima de tudo tendo gasto 1000 francos que eram para publicar o livro e que uma senhora q. hoje me é aparentada me emprestou. Já eu tinha contratado a edição com um impressor, que estava de posse dos originais, e ia começar, q.^{do} tive que suspender tudo! Agora não sei mais o que hei de fazer, esperando a cada instante ter de sair de Paris e ir para Nantes ou uma cidade do *midi*, se as coisas piorarem, como é provável. Se receberes telegrama meu com um nome de cidade, quer dizer que me escreverá para ela. *Poste Restante*. Creio que várias cartas que te escrevi e ao Ciro foram para o fundo do mar. Creio, porque houve aviso de dois correios torpedeados e do Rio me dizem o não recebimento de remessas minhas. Numa das cartas a ti e ao Ciro, eu pedia q. vocês me enviassem açúcar e rapadura, em pacotes separados de 150g, e outras comedorias q. possam vir pelo correio. E cigarros também, com a declaração *échantillon*. Não creias que esse pedido obedece a instinto de [*gommanaire*], mas à necessidade, e à dureza da vida, e para quem fuma é sabido que o cigarro se torna uma condição de existência, sobretudo em época agitada. Asseguro-te que durante um raid de gotas¹⁹⁴, fumar é um grande alívio, em meio ao tinta marrio do canhoneiro!¹⁹⁵

Mesmo em meio a tanta atribulação, Severiano não deixou de comparecer ao sepultamento do amigo Joséphin Péladan¹⁹⁶ em Neuilly, periferia de Paris, para manifestar suas condolências à viúva e prestar as últimas homenagem ao autocognominado Sâr Mérodack Péladan, pois ainda que ignorado pela crítica oficial francesa, sua obra literária se encontra na dobradiça dos movimentos simbolista e ocultista e tocou uma elite de escritores de tom superior pouco numerosa que buscava a Beleza, com a qual Severiano se

¹⁹⁴ Ataque de aviões gota: bombardeiros alemães.

¹⁹⁵ Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. Paris, 28 de junho de 1918. p. 1-3.

¹⁹⁶ Escritor com uma obra composta de oitenta e dois volumes: romances, peças de teatro, estudos sobre arte e esoterismo. Três delas lhe asseguraram a consagração da Academia francesa. Em 1884, tornou-se célebre ao publicar *La vice suprême* com prefácio de Barbey d'Aureville. A convite de Théophile Gautier colaborou no *L'Artiste*, primeiro jornal francês dedicado exclusivamente à arte, no qual colaboravam os maiores nomes da época: Blanc, Baudelaire, os Goncourt, Huysmans. Paul Verlaine o julgou um talento considerável; Anatole France o via como um escritor de raça. Alfred Jarry, Paul Valéry, André Breton também apreciavam a sua obra. Sua *Ordre de la Rose+Croix du Temple et du Graal* que divulgava um curioso espiritualismo místico: uma junção de Catolicismo com as antigas tradições dos magos orientais, a fim de tentar salvar a civilização moderna do materialismo, era uma confraria de caridade intelectual, que promovia salões de pintura, nos quais expuseram alguns dos mais importantes nomes da pintura simbolista: Fernand Khnopff, Félicien Rops, Eugène Delacroix, Jan Toorop, Georges Rouault, Eugène Grasset... A confraria promovia também *soirées* consagradas à música e ao teatro, nas quais se podia escutar as obras de Vincent d'Indy, César Frank, Richard Wagner, Palestrina, Erik Satie... Esquecido do grande público, colaborou até a morte no *Mercure de France*.



REPÚBLICA PORTUGUESA



ORDEN DE CRISTO

O Ministro dos Negocios Estrangeiros
certificou que por Decreto de 24 de Fevereiro de mil novecentos e vinte e

O Presidente da Republica Portuguesa
conferiu ao cidadão brasileiro José Severiano de Rezende

o grau de **Official** da Ordem de Cristo

Decreto de Estado dos Negocios Estrangeiros em 24 de Fevereiro de 1920

O Ministro dos Negocios Estrangeiros

José Evaristo de Sá e Benevides

Diploma enviado a Severiano de Rezende somente em 1929

Le Livre d'Or du Cinquantenaire

Ce jour les soussignés ont tenu
à fêter le cinquantenaire du Maire
de La Neuville et à honorer en lui
la conscience et la dignité intellectuelles
et humaines

Zygmunt Szpotański
 Alceste Kéim
 Tristram de Langens
 A.M. Goussier
 Maurice Tiamis
 Maurice Tiamis
 Georges Durpui
 P. Hansoy
 M. Hansoy
 Raoul Aubert
 N. Bandoir
 Gustave Louis Thietin
 Jean Psichari
 Valentin
 J. Psichari
 José de Kéim
 Philéas
 Louis B. Jumeau

de la Marine
 Jules
 J. (1907)
 Arzelblond
 George Bruché
 José Severiano de Rezende
 Paulobrony
 Luiz Amador Falcão
 Voukassonitch
 Henri Haentz
 Christian
 Yvanis Leblond
 W. Kays
 Coraca Bruché
 Anatonio de
 André Kays
 Robert Tevet

46 présents et 70 excusés dont Francis Vié - Griffin, Funch - Brentano, M.C. Froustot, L. d. Lacaze - Duthiers, Han Ryner, Henri Corneau, Edouard Sansot, Georges Normandy, Toung Lerys, Eugène Figuière, Maurice Wullens, Camille Belliard, Bazalgette, Martin-Mamy, Lemerrier d'Erin, Raphaël Dufresne, Albert Préau, Francis Yard, Gustave Kahn, Henri Mériot, Ad. Van Bever, A.L. Mancaux, S.Ch. Leconte, René Maran, Fernand Grégh, Banville d'Hostel, Léon Bocquet, Casimir de Woznicki (Pologne), Ibrovoto (Yougoslavie).

Infólio que registra os convidados ao jantar oferecido a Philéas Lebesgue

identificava. Possivelmente, Severiano lera seu livros antes de terem caído no ostracismo, quiçá quando estudo em São Paulo ou mesmo através do volume *Théâtre complet de Wagner* que Mário de Alencar lhe presenteou em 1894, ano em que a obra foi lançada.

Severiano de Rezende foi um dos poucos amigos e admiradores a comparecer à cerimônia religiosa ao lado da viúva desse escritor que perdera o prestígio entre seus pares ao se vulgarizar para atingir a celebridade. Depois das exéquias patéticas¹⁹⁷, indignado com o descaso e o desrespeito manifestado pela imprensa na divulgação do falecimento de Péladan, a quem considerava um gênio incompreendido, porque os grandes artistas pelo tom superior de suas obras só encontram audiência junto às elites, escreveu uma carta ao *Mercur de France* para tentar sanar o ocorrido, lembrando a todos a contribuição do autor à literatura francesa:

*Mais les nécrologues des Gazettes ne l'ont pas lu et semblent totalement ignorer ce puissant romancier qui était aussi un vrai poète, le créateur d'une forme nouvelle de dramaticité très noble, le trouveur et le formulateur d'une somme incalculable de visions neuves et définitives dans le domaine universel de la pensée, le critique d'art prêchant d'exemple, produisant toujours de la beauté dans du rythme et, à force de claire érudition sans cuistrerie, parvenant à fournir sans se répéter et en se renouvelant sans cesse un vaste enseignement éthique et esthétique, voire mystique, qui indubitablement demeurera après l'époque utilitaire et charlatanesque dont nous voyons douloureusement la fin.*¹⁹⁸

Apesar dessa manifestação pública, a vida familiar, social, cultural ou literária de Severiano de Rezende em Paris é pouco conhecida¹⁹⁹, pois a maior parte dos registros de sua vida na França se encontram na correspondência a Freitas Valle e essa, em sua maioria, registra apenas os apuros que enfrentava para se manter no mísero emprego do Consulado e as conseqüentes dificuldades para sobreviver e imprimir seus livros. Por conseguinte, de

REBISSE, Christian. "Joséphin Péladan et les Salons de la Rose+Croix". *Rose+Croix*, n. 179, p. 2-18, automne 1996.

¹⁹⁷ BEAUFILS, Christophe. *Joséphin Péladan*. Grenoble: J.Million, 1993. p. 438.

¹⁹⁸ REZENDE, José Severiano de. "Péladan jugé par un brésilien". *Mercur de France*, Paris, Revue de la Quinzaine, p. 375, 16 jui. 1918.

¹⁹⁹ Cf. no Anexo V: "La Rotonde" e no Anexo IV: EULÁLIO, Alexandre. "Astúrias e Severiano". *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 21 out. 1961. O fato literário.

sua mulher, raríssimas e curtas são as referências: uma senhora q. hoje me é aparentada²⁰⁰ e Eu que não sou mais solteiro...²⁰¹. Mas teria ele se casado no civil, já que o casamento religioso lhe era vetado. E será que teve realmente um filho ou filha, pois nunca se referiu a isso. O jornalista mineiro José Clemente registrou que na entrada de seu apartamento ou *studio* existia uma sineta cujo pêndulo era um falo²⁰², mas não seria este fato exótico mais sacrílego do que o do leigo conde Robert de Montesquiou-Fezensac que mantinha à porta de uma de suas residências parisienses uma sineta de igreja? Seria a sua biblioteca de mais de 3 mil volumes organizada à maneira do conde, ou seria à maneira da personagem de Huysmans conde Jean Floressas des Esseintes, pois é sabido que o autor se baseou nas preferências artísticas e literárias do conde para criá-lo. A revista *O Malho*²⁰³ publicou uma fotografia de seu *bureau*, o cômodo mais secreto e sagrado para os escritores da *Belle Époque*, com as paredes forradas de livros bem encadernados. Entretanto, é bom que se ressalve que naquele período, uma casa aberta ao olhar público, não passava de uma cena teatral, escrupulosamente, decorada para esconder a vida íntima, mesmo que, veladamente, apresente a personalidade e emoções do esteta que a habita no arranjo. Já Otávio Tarquínio de Souza conta que ele possuía um enorme sapo de couro enfeitando a casa, sobre o qual comentava: – Sou como este sapo. Estou plantado no chão, mas tenho os olhos no céu.²⁰⁴ E tal comentário, aparentemente, satírico, na verdade descortina o *ex-libris* que decora a capa de *Mysterios*, pois a vinheta circular subjugada pelo ocultismo simbolista dificulta a

²⁰⁰ Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. Paris, 28 de junho de 1918. p. 1.

²⁰¹ Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. Paris, [?] de março de 1921. p. 2.

²⁰² CLEMENTE, José. “Severiano de Rezende”. *Estado de Minas*, Belo Horizonte. 3 jun. 1971. 1, p. 17.

²⁰³ AQUINO, mons. Almir de Rezende. “Traços biobibliográficos de José Severiano de Rezende”. *A Comunidade*, São João del-Rei, jan. 1971. p. 9.

²⁰⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. *O observador no escritório*: páginas de diário. Rio de Janeiro: Record, 1985. p. 96.

compreensão do seu auto-retrato pitoresco, explicado pela divisa latina *Cælum adspicio orbem amplexor* subscrita ao desenho do batráquio.

Ainda que os cronistas tenham sempre destacado a espirosidade e a ironia fina de Severiano de Rezende, a sua considerável correspondência a Freitas Valle deixa entrever uma personalidade depressiva e angustiada, talvez pelos dissabores intermináveis que narrava para explicar os pedidos de auxílio no desembaraço da vida prática.

Agruras no Consulado brasileiro de Paris

Em julho de 1919, Severiano já ocupava o cargo de auxiliar de 2ª classe do Consulado, graças aos incríveis esforços de Alberto Ramos, embora, o despacho de Domício da Gama somente tenha sido assinado em 30 de novembro. Promovido ou não, o salário continuava irrisório, aumentando o nível da pobreza, enquanto, com o peso da idade, esmorecia a coragem para batalhar pelos ideais, como assegura este trecho de carta:

Toda descrição da vida aqui é supérflua e impossível. Aquela quantia dá apenas para comer, e ainda assim! Para pagar o mísero aluguel de casa de 150fr por mês, preciso pedir dinheiro emprestado, o que me complica a existência de modo apavorante. Vestir-me, nem se fale. Basta dizer-te que a roupa do sistema Mitchell, remendada e consertada, ainda me serve, mas em que estado. Não ousou ir a lugar nenhum, nem apresentar-me onde seria necessário que eu fosse de vez em vez. O que me salva às vezes é ter um velho smoking, para as coisas noturnas, jantares, visitas, etc. Tenho insistido junto ao Itamaraty. Ninguém responde. Quando fui nomeado efetivo no Consulado, tive que mudar-me da *banlieue* para Paris. Gastei 2.000 e poucos francos nisso. Pedi uma indenização, arredondada, que me consertasse a vida. Até agora nada. Se ao menos me promovessem a 1º auxiliar. Pois sim! No entanto, eu sou aqui no Consulado o pé de boi, e no meio da meninada analfabeta que mandam para cá, eu agüento com o serviço de mais responsabilidade, correspondência, casos a resolver, propaganda, etc., sendo eu o único competente.²⁰⁵

Em verdade, arriscava-se a sair mesmo remendado, pois muitos afazeres e favores eram inadiáveis, como, por exemplo, entregar pessoalmente a Alfred Vallette, diretor do

²⁰⁵ Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. Paris, 3 de julho de 1919. p. 1-4.

Mercure de France, os tragipoemas de Freitas Valle a serem analisados pela revista ainda que a considerasse atrasada, sem ousadia estética e reticente nos comentários analíticos, ao contrário de várias outras que circulavam em Paris. Além disso, sabia o quanto é difícil para qualquer escritor estrangeiro que não pertencesse a algum grupo francês, vencer a hostilidade francesa.

Já no Consulado, mesmo arcando com os serviços de maior responsabilidade sem a remuneração adequada, pressentia que a qualquer instante poderia ser transferido ou demitido por alguma mudança de mão do poder, porque a hostilidade estava no ar. Em vista disso, suas cartas a Freitas Valle continuavam pedindo firme sua nomeação a chanceler, para assegurar a permanência em Paris. Contudo, em nada adiantou a insistente solicitação de auxílio, pois o golpe decisivo veio de onde se esperava a confirmação da promoção, uma vez que o ministro ascendente Azevedo Marques mesmo sendo membro da Kyrial e tendo aparentemente acatado o pedido de Valle, a cancelou, deixando-o desesperado e sem esperança de soerguimento:

Ir para Cádiz não tem explicação e é meu assassinato. Atribuo a coisa a intrigas de invejosos, pois o Consulado está cheio de intrigantes. Mas o que é real em tudo isto é que materialmente não posso partir para Cádiz. Como carregar a minha biblioteca, que é de uns 3000 volumes? Onde pôr os meus móveis, adquiridos Deus sabe à custa de que economias e sacrifícios? Como abandonar a minha casa instalada a grandes expensas? Como viver em Cádiz sem livros e sem o meu ambiente? Como lá viver com o exíguo ordenado que tenho, tendo de mandar dinheiro para Paris, pois que só posso ir só para Cádiz e portanto obrigado a deixar intacto o meu apartamento aqui? Acabaram-me com a vida, porque de todo é impossível partir, *tout compte fait*. Quanto mais peso os prós e os contras, vejo que não posso partir e que me reduzem a morrer à fome. Com quase 48 anos de idade, é triste! Sobretudo que todo mundo sabe que sou de utilidade aqui, que presto serviços, que trabalho, que não como o dinheiro do governo à-toa.²⁰⁶

Apesar do amigo não ter conseguido a nomeação a chanceler, a remoção foi cancelada imediatamente por sua intervenção junto ao ministro. E, logo, em 5 de fevereiro,

²⁰⁶ Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. Paris, 21 de janeiro de 1920. p. 1-4.

Severiano já respirava aliviado, depois dos apuros causados pela trama que quase destruíra suas pretensões intelectuais. Naquele momento, tudo parecia estar a seu favor, inclusive houve a promessa de que as condições no Consulado iriam melhorar, fato que lhe causou um grande alívio, já que aos 49 anos de idade não se considerava mais com forças para lutar. Mesmo assim, as dificuldades financeiras permaneceram e continuou sendo necessário que a filha de Freitas Valle Leilah lhe enviasse mantimentos

Ainda que a situação permanecesse insatisfatória, tudo começava a contribuir para o apaziguamento do seu espírito. Em 14 de fevereiro, graças ao decreto do presidente de Portugal, Severiano foi indicado para a comenda de oficial da Ordem de Cristo pelo ministro dos Negócios Estrangeiros português. Infelizmente, não é possível saber o real serviço que prestava à comunidade portuguesa, pois o certificado apenas o designou como *cidadão brasileiro*, enquanto que Graça Aranha, indicado na mesma data, foi designado como ministro plenipotenciário e diretor da *Atlantida*. No entanto, observando-se as peculiaridades dessa confraria antiquíssima, é possível dizer que ela concede comendas por destacados serviços prestados a Portugal no exercício das funções de cargos em órgãos de soberania ou da administração pública, em geral, e da magistratura e diplomacia, em particular. Logo é possível deduzir a grande alegria que tal indicação deve ter causado em uma pessoa idealista como Severiano de Rezende.

Em abril do mesmo ano, é possível encontrá-lo entre os intelectuais que participaram do banquete comemorativo dos 50 anos de Philéas Lebesgue. Somente três brasileiros estiveram presentes à festividade: Graça Aranha, Aníbal Falcão e ele, juntamente com intelectuais da França, Portugal, Grécia e Sérvia. Na ocasião, Lebesgue respondeu à homenagem com um discurso que é uma idealista profissão de fé de um homem que se consagrara à literatura.

Não obstante a respeitabilidade internacional que esses dois fatos sugerem ter ele alcançado, no Consulado não acreditou ser conveniente relaxar a retaguarda, porque a nova reforma ministerial não lhe garantiria estabilidade no emprego. Dai, escreveu a Freitas Valle agradecendo a interceptação do golpe, mas visando poupar-se de futuros dissabores, alinhou três soluções plausíveis que lhe garantiriam estabilidade no emprego. A primeira, seria a sua nomeação a cônsul adjunto com o apoio do cônsul Souza Dantas, que poderia nomeá-lo simplesmente, e que não o fazia para evitar acusações de protecionismo. A segunda, seria a nomeação para alguma chancelaria ou consulado de 2ª classe próximos a Paris, a fim de evitar o alto custo da mudança de residência e a atrapalhação de seus estudos. Já a terceira solução, seria uma viagem ao Brasil, objetivando expor o que considerava impossível explanar em uma longa carta. Refletiu ainda estar ciente da obrigatoriedade de exame para qualquer um dos cargos e informou que tendo concluído o primeiro ano de Direito, poderia ser equiparado a um bacharel em Letras, além de poder contar vantajosamente com o renome como escritor, ainda mais que a viagem coincidiria com a aparição de *Mysterios*.²⁰⁷

Ao contrário de suas expectativas, nenhuma das hipóteses se concretizou, porém, finalmente, o livro de versos foi publicado, revelando o amadurecimento de sua ascese na tentativa de penetrar e compreender o mistério da existência humana.

No Brasil, 1920 foi um ano de boa safra literária, na qual valores novos apareceram e logo se firmaram no cenário. Foi nesse ano que Afrânio Peixoto publicou *Fruta do mato*; Leo Vaz, *O professor Jeremias*; Hilário Tácito, *Madame Pommery*; Menotti del Picchia, *As máscaras* e Monteiro Lobato conseguiu a façanha rara de publicar a quarta edição de

²⁰⁷ Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. Paris, 2 de abril de 1920. p. 4.

Mysterios

LIVRO DE VERSOS

DE

JOSÉ SEVERIANO DE REZENDE

Edição de luxo com vinhetas e aguas-fortes

do pintor italiano A. BUCCI

Tiragem restricta em papel Astral

Cada exemplar traz a rubrica do Poeta

e o numero da tiragem

O VOLUME DE 300 PAGINAS

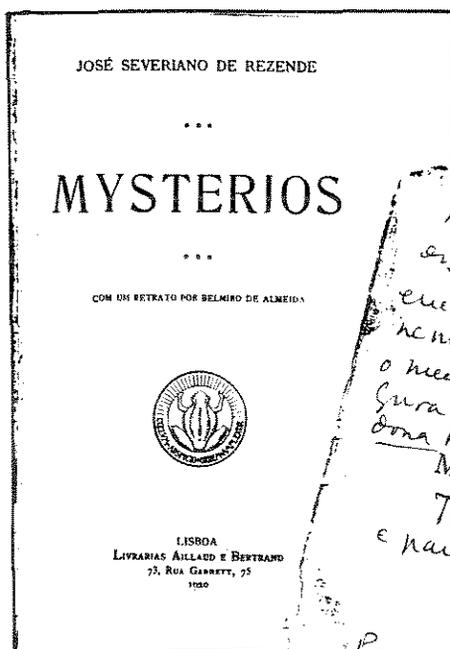
20\$000

Prospecto de uma tentativa de publicação
de *Mysterios* [1909]

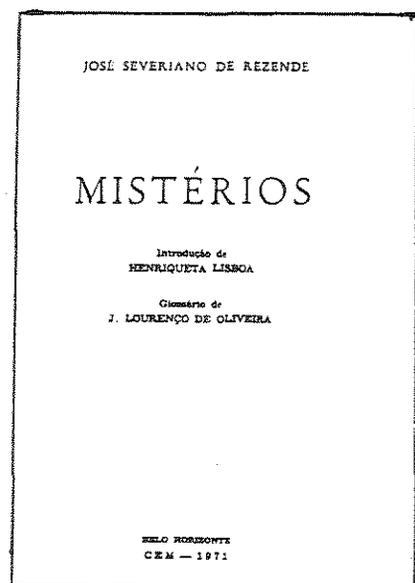
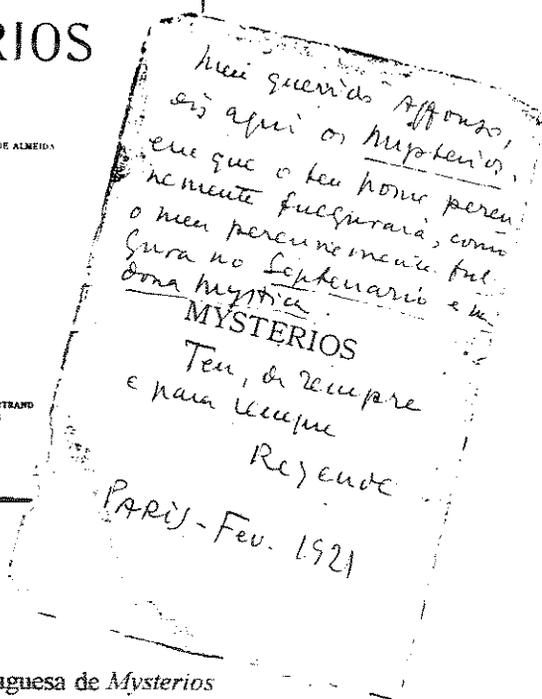


Belmiro

Retrato de Severiano de Rezende feito a bico de pena por Belmiro de Almeida



Capa da edição portuguesa de *Mysterios*
e dedicatória do exemplar enviado a Alphonsus de Guimaraens



Página de rosto da edição brasileira de *Mistérios*

Urupês. Não obstante o Modernismo estivesse despontando no horizonte, o ano revelou uma das últimas safras da poesia simbolista brasileira com a publicação de quatro poetas destacados: Castro Menezes publicou *Estrada de Damasco*; Homero Prates, *No jardim dos ídolos e das rosas*; Félix Pacheco, *Estos e pausas* e Severiano de Rezende, *Mysterios*²⁰⁸.

²⁰⁸ *Mysterios* foi escrito para dar uma explicação órfica à vida, reproduzindo o belo a partir do amálgama das grandes obras-primas do mundo ocidental. Para Philéas Lebesgue, a obra é uma das mais profundas que eclodiram na América desde a conquista. Logo, Alberto da Costa e Silva estava certo ao enaltecer o soberbo equipamento técnico e verbal do poeta que o capacitava fazer com as palavras polifonia e orquestração como poucos no Brasil conseguiram. Por isso, destaca que a obra é de difícil compreensão.

O volume é verdadeiramente uma autobiografia como supôs Costa e Silva, pois o próprio Severiano a definiu como sendo a história franca de sua vida. No entanto, *Mysterios* não é um mero espelhamento de uma alma narcisista, e sim o retrato de um arquétipo da humanidade em busca da evolução.

Para André Delacour, o livro é uma epopéia cósmica e mistagógica que segue a linha de Dante em *Divina comédia*, passando por Goethe no *Segundo Fausto* e ainda por Victor Hugo em *La fin de satan*, antes de chegar a Severiano que estende o perdão ao diabo arrependido. Segundo o crítico, a obra compreende três partes: na primeira, ele percorre os infernos com Baudelaire, através dos sonetos repletos de erotismo; na companhia Verlaine, ergue-se ao Purgatório na parte central do livro com poemas que revelam remorço e penitência, e, por último, celebra a ascensão das almas com odes grandiosas.

Victor-Émile Michelet falando desse gênero de epopéia, registra que o espírito visionário domina a situação, envolvendo o assunto em nebulosidades e imprecisões que só um autor de extraordinário talento consegue tornar tais visões inteligíveis. Sendo assim, a composição dessas epopéias, em sua maioria, fracassam, ou se bem sucedidas, como *L'Hymne à la Lune*, de Saint Yves d'Alveydre, caem no esquecimento, desconhecidas da crítica. De acordo com Anna Balakian, é possível dizer que somente os melhores simbolistas atingiram esse fim, seguindo os ensinamentos de Mallarmé que atribuía aos poetas a missão vocacional de recuperar o sentido misterioso da existência, naquela época envolta em materialismo científico.

Segundo Lebesgue e Delacour, Severiano de Rezende foi iluminado pelo pensamento poético e iniciatório de Dante, ao qual acrescentou todas as aquisições da Teologia e da Mística contemporânea. A partir daí, teria aliado suas concepções à temática poética para escrever uma espécie de *Divina comédia*, comprovando que é mestre de sua forma e pensamento. Em vista de todo esse aparato construtivo, Henriqueta Lisboa pôde detectar que Severiano mesmo sendo simbolista em seus fundamentos, utilizou recursos de várias escolas ou correntes literárias, chegando ao ponto de apresentar inovações que o credenciam como vanguardista antes do modernismo de 22. Anelito de Oliveira acrescenta ainda que a obra revela alguma afinidade com o Modernismo ao deixar pulsar uma ironia que questiona a forma e elabora uma linguagem nova, apesar de manifestar o desejo classicizante e europeizante dos simbolistas e parnasianos.

Pela leitura filosófica de José Maurício de Carvalho, *Mysterios* revela a face metafísica e espiritualista do autor, trazendo inovações à filosofia tradicionalista brasileira ao acrescentar-lhe uma abertura para a ciência moderna; o reconhecimento das angústias humanas como dimensão importante da vida, e uma relativa valorização das conquistas da civilização, dentre outras inovações. Para o pesquisador, a obra revela a preocupação do poeta em explicar que é a busca interior que prende o homem à existência, visto que só através da interiorização perceberá a harmonia e a ordem divinas presentes no cosmo mesmo diante dos fatos mais disparatados que a sua sensibilidade antes não poderia explicar.

Severiano se valendo de sua própria experiência de vida, mostra que o ser humano é ambivalente e contraditório, já que ao mesmo tempo que busca a razão e a ordem, comporta-se irracionalmente movido por desejos e paixões. Observa que a sociedade deve estabelecer regras para criar uma ordem coletiva capaz de melhor satisfazer os impulsos animais mantendo o homem dentro de normas morais. E conclui que o Cristianismo já sistematizou um modelo de bom comportamento através dos santos e que a resposta ao mistério da existência só seria alcançado pela fé, porque a descoberta de Deus não resolve o mistério, ainda que Jesus Cristo apresente um caminho seguro para a elevação espiritual.

Segundo Alberto da Costa e Silva, a pequena edição publicada em Lisboa, passou despercebida da vida literária brasileira, porque o momento era dominado pelo neoparnasianismo e o individualismo de Severiano de Rezende, unido a seu tom profético e a seus recursos formais revolucionários, não foram percebidos pelos que utilizavam uma outra linguagem, já que

... era fácil, talvez, louvar o que no livro há de convencional, mas difícil aceitar a sua mensagem mais pura e singular, e a sua visão sombria do mundo, a sua procura do mistério, a sua beleza rica e luminosa, erguida sobre o conhecimento do mal, e o matrimônio, no plano da forma, do impulso com a inteligência.²⁰⁹

Tudo indica que *Mysterios* só começou a ser distribuído no início de 1921, pois a dedicatória do exemplar enviado a Alphonsus de Guimaraens, foi datada em fevereiro desse ano e uma carta a Freitas Valle, de 26 de março, traz o seguinte comentário: – Já deves ter recebido os *Mysterios*. Irá outro exemplar encadernado. Os outros exemplares irão, mas não achas que a edição é bem reles?²¹⁰ Reforça ainda tal hipótese a única notinha publicada sobre a obra no *Diário de Minas*, em 24 de abril de 1921, transcrita abaixo:

Mysterios é um livro excepcional, pela novidade dos ritmos, pela bizarrria dos temas, pela beleza das rimas isto, porque já conhecemos várias poesias do florilégio, entre as quais as que formam “Painéis Zoológicos”.

Quem não se recorda do ritmo compassado e solene, a Marancourt, daqueles sonetos “O Jararacuçu”, “O Porco”, “O Sapo”?²¹¹

Como se pode perceber, foi muita batalha para obter um resultado insatisfatório, visto que a obra anunciada desde 1908, não teve uma edição satisfatória, não foi comentada

A obra foi publicada em Lisboa no ano de 1920 pela Editora Aillaud e Bertrand, numa edição de possivelmente duzentos exemplares trazendo um retrato do poeta desenhado a bico de pena por Belmiro de Almeida. Pelo fato do poeta ter passado mais de uma década anunciando a sua publicação, divulgando inclusive o prospecto de uma delas, gerou-se uma controvérsia quanto ao número de edições lançadas. Contudo, só em 1971, Henriqueta Lisboa organizou a publicação da segunda edição com uma tiragem de 1.500 ou 2.000 exemplares, lançados na comemoração do centenário de nascimento dele.

²⁰⁹ SILVA, Alberto da Costa e. “José Severiano de Rezende e alguns temas de sua poesia”. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro: INL, ano 2, n. 6, p. 65, jun. 1957.

²¹⁰ Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. Paris, 26 de março de 1921. p. 6.

²¹¹ X. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 24 abr. 1921. *Crônica Social*, p. 2.

pela crítica e raríssimos foram os amigos que se dignaram a agradecer o recebimento do volume ou a dedicatória lhes dedicada em algum dos poemas.

Para piorar o descontentamento de Severiano, no Consulado os inimigos voltaram a carga, aproveitando que a sua posição não fora devidamente assegurada e conseguiram sua remoção para o Consulado brasileiro de Yokohama, conforme registra o telegrama do ministro das Relações Exteriores José Manuel de Azevedo Marques, de 17 de abril, que lhe dava o prazo de 60 dias para partir com a quantia de 200 libras.

Se antes ele considerara como sendo seu assassinato intelectual a transferência para a portuária Cádiz, na vizinha Espanha, é possível imaginar o alto grau de desespero e atordoamento a que deve ter chegado ao ler o telegrama que o mandava para o Oriente distante. Ainda assim, foi rápida e lúcida a reflexão que fez para justificar a anulação do decreto administrativo numa carta em que solicitava com instância providências a Freitas Valle:

Agora, mestre, tratemos do meu caso. Seja ou não verdade que o Dr. Azevedo Marques me detesta, uma coisa é certa, se ele refletir um pouco – eu em Paris presto serviços. Prestei-os e posso ainda prestá-los, se quiser aproveitar a m.^a aptidão, q. ninguém pode discutir. Em Yokohama, serei um funcionário perdido num consulado inativo, sem a irradiação que eu tenho aqui, e o vôo, se me não cortarem as asas pelo sistema Agostini-Navarro.²¹²

Segundo o próprio Severiano de Rezende a transferência acobertaria uma disputa pela direção do Consulado, apesar de ter sido armada sob a aparência de zelo pelo serviço público. Para tanto, o sistema intrigante Agostini-Navarro-Toledo teria se voltado contra ele por antipatias pessoais e pelo fato de ser ele o braço direito do cônsul José Pinto de Souza Dantas a quem queriam derrubar. Enxovalhada a sua imagem, o grupo teria então se aproveitado da aversão natural do ministro para conseguir a remoção por comportamento indisciplinado, piorando a situação ao associá-lo a dois outros funcionários também a serem

²¹² Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. Paris, 26 d8e março de 1921. p. 5.

transferidos – um escroque que dera um desfalque no caixa do Consulado e um inapto sem bons modos.

O primeiro passo teria sido dado com a troca de suas funções, pois se antes tinha acesso a todo o movimento consular, agora o trabalho se limitava ao registro de passaportes. No entanto, conforme palavras de Severiano, o acatamento do rebaixamento profissional sem discussão teria desencadado uma campanha de provocações descabidas durante o expediente consular no intento de forçá-lo a uma reação extremada a ser utilizada como pretexto para a remoção. Logo, as humilhações públicas teriam seguido um ritmo crescente e sua reação enérgica foi impulsiva. A partir daí, simplesmente, viraram-lhe o rosto, acreditando que o Consulado já estava nas mãos do pretense cônsul Navarro da Costa.²¹³

Desta vez, a situação ficara mais difícil de ser arranjada e desesperado enviou seguidas cartas a Freitas Valle narrando os fatos na expectativa de elucidar da melhor maneira possível as atitudes e o caráter dos que tramavam contra ele e contra o cônsul Souza Dantas. Justificava ainda que só para a viagem seriam necessários 7.000 francos e que, além disso, teria que deixar dinheiro para a mulher, aluguel da casa, impostos, etc. Além disto, remeteu dois atestados assinados pelo cônsul, acrescentando:

Vão dois atestados do Souza Dantas. Não sei se convém dar os dois ao ministro. É evidente a má vontade deste contra mim, e creio que o que o Navarro da Costa assoalhou, isto é, que em almoço em casa do ministro este lhe declarava em presença do Ronald de Carvalho que me detestava e que o seu desejo seria mandar-me para Xangai ou Bombaim. Em todo caso manda ao Epitácio um dos atestados, e ao ministro o que marco com uma cruz azul.²¹⁴

Com o mesmo grau de insistência, solicitava permissão para utilizar as 200 libras numa viagem-serviço ao Brasil a fim de esclarecer os fatos e expor pessoalmente ao

²¹³ Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. Paris, 26 de março de 1921.

²¹⁴ Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. Paris, 19 de abril de 1921. p. 1-2.

presidente da República o seu projeto de aprimoramento da propaganda brasileira na França, pois considerava necessária uma exposição direta das idéias, mesmo já tendo enviado uma carta explanativa a ele através de Alberto Ramos.

O projeto, idealizado e acalentado há alguns anos, visava constituir uma sempre atualizada coleção de informações sobre o Brasil, para manter uma propaganda eficiente do país na Europa. E a viagem facilitaria o contato com os Estados e o conseqüente comprometimento de envio contínuo de dados e informações, de maneira que a imagem da nação fosse melhor apresentada, como a Argentina já vinha fazendo em Paris, onde mantinha vários centros de expansão muito bem organizados:

Durante o tempo de meu exercício, desde 1915 até ultimamente, tenho tomado nota de todas as questões que interessam geralmente os correspondentes do Consulado e creio estar apto para levar a cabo a missão que almejo cumprir com o beneplácito de V. Ex.^a. Cumpre-me acrescentar que não ambiciono nesse intuito nenhuma remuneração a não ser a que ora me toca na minha qualidade de auxiliar de Consulado, sem falar na passagem de ida e volta, que julgo justo ser-me concedida oficialmente. V. Ex.^a dignar-se-á de avaliar o meu pedido, inspirado tão somente pela ambição sincera de fazer algo de realmente útil e definitivamente eficaz para habilitar o Consulado de Paris a exercer proveitosa, larga e briosamente uma das mais importantes partes da sua missão. O Brasil tem remunerado magnificamente várias personalidades, de lá e de cá, por motivos de propaganda. Os resultados não corresponderam nunca às somas despendidas. Eu não pretendo senão ao meu salário de humilde servidor, capaz entretanto de fazer bastante pelo Brasil no estrangeiro se V. Ex.^a houver por bem pôr-me à prova acedendo ao meu pedido.²¹⁵

Epitácio Pessoa não se manifestou sobre o projeto e a viagem ao Brasil não se realizou, visto que dessa vez a interferência não fora eficiente, talvez por causa das intrigas. Sendo assim, Severiano não foi removido, porém foi desligado do Consulado parisiense. Daí, continuou na cidade, porém sem receber o salário por alguns meses, até que não teve outra saída, se não aceitar a transferência para o Consulado brasileiro de Cardiff, capital do País de Gales, na vizinha Grã-Bretanha.

Ele assumiu o cargo de auxiliar no dia 25 de julho de 1921 e mesmo estando a poucos passos de Paris, vivendo num importante centro portuário, em meio a uma das mais

²¹⁵ Carta de José Severiano de REZENDE a Epitácio da Silva Pessoa. Paris, 9 de março de 1921. p. 3-4.

belas arquiteturas clássicas das ilhas britânicas, não manifestou nenhum contentamento, considerando Cardiff ... um longínquo e bárbaro recanto da inóspita Inglaterra [...] no meio das brumas tristes do canal de Bristol.²¹⁶ Uma carta a Philéas Lebesgue registra esse período atormentado que atravessara sem tempo e sem cabeça para pensar nos amigos ou mesmo em seus trabalhos literários:

... o meu silêncio é devido a uma porção de dificuldades que tive e a uma luta feroz contra inimigos implacáveis – luta que resultou em minha transferência para o Consulado de Cardiff, esta horrível cidade inglesa. Penso em voltar logo a Paris, de onde partirei para o Brasil, não mais podendo viver aqui, longe de meus livros e na impossibilidade de concluir meus trabalhos começados e achando que é o momento de ir acertar, ali, a minha situação.²¹⁷

Pela leitura de sua correspondência a Freitas Valle, é possível concluir que, em Paris, as tramas continuaram após a sua remoção. Tudo indica que a pressão foi constante, pois ao cabo de poucos meses, Severiano acabou concluindo que um pedido de exoneração do cargo seria tático. Ao contrário do que supôs, o ministro Azevedo Marques aceitou o requerimento e lhe concedeu a exoneração no dia 7 de janeiro de 1922, com uma ajuda de custo para retorno ao Brasil.

Se a Philéas Lebesgue a sua narrativa dos acontecimentos havia sido sintética e discreta, a Freitas Valle, ao contrário, foi riquíssima em detalhes, revelando a torpeza e a mesquinhez da intriga articulada contra ele e a falta de ética no ambiente consular brasileiro de Paris. A carta também registra que a exoneração lhe possibilitou regressar à capital francesa para averiguação das manobras que o desmoralizavam, e mais, que a ajuda de custo, em parte, havia sido gasta com essa viagem e com os custos dos inquéritos que fora obrigado a mover para se defender.

²¹⁶ REZENDE, José Severiano de. “Alphonsus de Guimaraens”. In: GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. *Alphonsus de Guimaraens no seu tempo*. Rio de Janeiro: Fund. Biblioteca Nacional, 1995. p. 420-421.

²¹⁷ Carta de José Severiano de REZENDE a Philéas Lebesgue. Paris, 10 de janeiro de 1922 apud VEIGA, Cláudio. *Um brasilianista francês: Philéas Lebesgue*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998. p. 29.

Segundo o próprio Severiano de Rezende, os intrigantes, além de tentar colocá-lo na posição de funcionário incompetente, sem ética (acusaram-o8 de fornecer passaporte a prostitutas) e insubordinado, criaram mexericos que o envolviam com pedofilia e prostituição, forjando provas que convenceram até o presidente da República do Brasil, de que era realmente um sujeito infame, como bem ratifica o trecho copiado abaixo:

Nesse ínterim, enquanto não tinha a indicação do meu novo posto, o Navarro, que criara o pretexto com o Agostini por não haver nada contra mim, entrou a forjar elementos de acusação. Nisto lhe valeu o gênio diabólico do Demétrio Toledo e do Mendes de Almeida, q. me detestavam por motivos que exporei em ocasião oportuna. Foram eles q. inspiraram a Navarro o caso do menino e de uma rapariga. *Soi disant*, passei uma *cantata* num pequeno e fiz a corte a uma rapariga irmã de um portuguezote vagabundo, meio cáften q. há aqui e amigo de vagabundagem e caftenismo de Waldemar Mendes de Almeida. O caso do menino consistiu em pilhérias ditas pelo Demétrio um dia a esse petiz (já taludo) e eu meti o meu bedelho. A pilhéria consistia em [...] mas não vale a pena repetir essas baboseiras nojentas e idiotas, que eu liquidarei até o fundo. Já descobri qual é o pequeno. Mas ainda não pude ver qual é a casa em que trabalha. Sei, porém, já, por informação segura, que o Navarro pagou esse rapaz para escrever uma carta acusando-me, e isto por idéia do Toledo. (Mas eu possuo um caso de pederastia autêntica do Toledo q. todo o mundo vai conhecer). A rapariga irmã do português, nunca lhe falei e não sei verdadeiramente quem é. Mas já sei onde trabalha. O irmão, como recompensa da carta q. escreveu (por inspiração desta vez do Waldemar Mendes de Almeida) entrou a trabalhar no Consulado a 1.000 ou 1.500fr por mês e só saiu q.^{do} chegou um telegrama do presidente exigindo relação completa dos encostados, adidos, etc. no Consulado. Mas o Navarro não deixou o portuguezito sem emprego e fez o diabo p.^a obter lugar p.^a ele na Companhia do Lloyd. Acabo de conversar com um empregado de confiança do Lloyd e este pôs em confissão o tal português. Resultado: Navarro foi quem o chamou e o fez escrever carta sobre mim, prometendo protegê-lo. Uma das razões q. Navarro levou ao Edgar Ribeiro, diretor do Lloyd, p.^a obter emprego para esse rapaz foi dizer que ele vivia com a mãe precisando sustentá-la. Ora o rapazola, já descobri, não deu nunca um vintém à mãe e vive amigado com uma marafona...²¹⁸

Essa última missiva sobre a intriga é longa e traz dois suplementos com mais esclarecimentos, para que Freitas Valle tivesse maiores detalhes do caso na hora de lhe fazer a defesa junto às autoridades legais brasileiras. Para tanto, expõe a trama e ainda narra as sórdidas falcatruas armadas pelo sistema Agostini-Navarro, a fim de não deixar dúvidas sobre o mau caratismo dos mesmos.

Ainda pensando na defesa, traceja um lapidar auto-retrato acrescido de um resumo

²¹⁸ Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. Paris, 22 de fevereiro de 1921 [sic]. p. 3-5.

de sua trajetória de vida, para que o amigo tenha em mente seu caráter e sua história na hora de contestar as acusações:

Ah! meu caro amigo velho, tenho aqui a tua carta em que me acenavas com grande esperança e me dizias: Já agora sobe ministro o Azevedo Marques, que é um dos nossos, [da Kyrial]. Foi boa a encomenda. O homem comeu-te os almoços e jantares – e demoliu a vida de um dos teus maiores amigos. Demoliu a minha vida, ignorando, o miserável, que a minha história é toda de abnegação, desinteresse ingênuo, alvoroço infantil candidez de poeta, e se erros há nela, não são em nada prejudiciais a [este] ou àquele, mas a mim só, que nunca pensei em mim mesmo para grimpar ou triunfar, aspirando unicamente ao estudo, à cultura, ao trabalho, e lutando sempre, com independência, altivez, um pouco maluco, mas nunca desleal ou perverso, e muita vez apagando-me para deixar outros passar adiante. Agora, que a tanto custo obtive um lugar secundário, com que me contentava, porque me dava a paz, agora que os planos amadurecidos iam produzir resultados, agora que tendo publicado enfim o meu livro de versos – que é a acima referida história franca da minha vida – eu já ia pondo mãos à obra p.^a levar avante trabalhos esboçados e começados – eis q. inutilmente, pelo simples prazer de fazer o mal, se arma contra mim uma perseguição acintosa, gratuita, friamente calculada, afim de me tirar o misérrimo meio de vida com que estava eu contente, enquanto uma súcia de inúteis, de imbecis, de bandalhos goza sem fazer nada de proventos gordíssimos. E note-se que o Consulado não era p.^a mim uma sinecura: grande parte do meu tempo era consagrado ao serviço consular, e nunca obtive favores de espécie alguma, nem mesmo a concessão de uns 15 dias p.^a ir trabalhar numa biblioteca...²¹⁹

A carta apesar de tratar especificamente da desavença, de passagem expõe o seu desgosto pela indeferença com que *Mysterios* foi recebido e ainda indica as possíveis datas de seu regresso ao Brasil naquele ano de 1922.

Curioso é que Severiano de Rezende nunca tenha feito qualquer referência à Semana de Arte Moderna, pois mesmo estando vivendo em Cardiff absorvido por seus problemas pessoais, na certa ouvira falar nela alguma vez, já que conhecia Graça Aranha e Oswald de Andrade. Mais curioso, é que nenhum escritor brasileiro tenha atinado para a sua ausência e só um francês Manoel Gahisto tenha lamentado sua ausência, dizendo que talvez por ele ter vivido muito tempo em Paris, tivesse permanecido desconhecido da nova geração de escritores, ainda que fosse um poeta pessoal e um sábio laborioso das Letras..²²⁰

A última viagem ao Brasil

²¹⁹ Carta de José Severiano de REZENDE a José de Freitas Valle. Paris, 22 de fevereiro de 1921 [sic]. p. 8-10.

²²⁰ GAHISTO, Manoel. "Lettres Brésiliennes". *Mercur de France*, Paris, p. 745, 15 mars 1932.

2442/2
CONSULADO DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
Cardiff, 9 de Janeiro de 1922.

MINISTRO DA JUSTIÇA
GABINETE DO MINISTRO
11 1922
838-1

Seção da Contabilidade
N.5
Exoneração do Auxiliar
Severiano de Rezende

senhor Ministro,
Tenho a honra de acusar o recebimento, em data de 7 do corrente, do seguinte telegramma que Vossa Exoelencia se dignou dirigir-me:
"BRAZILIAN CONSULATE-CARDIFF-1-QUEIRA COMUNICAR AUXILIAR SEVERIANO DE REZENDE FOI EXONERADO SOMENTE PEDIU PODENDO SAQAR DUZENTAS LIBRAS MARQUÊS APROVEITO E ENSAJO PARA REITERAR A Vossa Exoelencia os protestos da minha respeitosa cons...

A. Oliveira

A Sua Exoelencia o
senhor Doutor João
Ministro de Estado

JOSÉ SEVERIANO DE REZENDE

Hymne

à
l'Homme qui viendra

Un peu plus tard, dans quelques années, l'Hymne sera répété par les hommes de la future génération, et ce sera la gloire de l'Homme qui viendra.

HENRI GAULON
EDITEUR
39, Rue Madame, 39
PARIS
MCMXXII

Registro da exoneração de Severiano de Rezende e capa do opúsculo *Hymne à l'Homme qui viendra*

Severiano de Rezende, em maio, ainda estava em Paris, como assinala a data grafada abaixo da explicação introdutória do opúsculo *Hymne à l'Homme qui viendra*²²¹, que publicara. O seu desembarque no Rio de Janeiro ocorreu em 16 de agosto de 1922. Intrigante é que tenha assinado na lista de passageiros do paquete *Bagé* – José Severino²²² Rezende – e que nenhum historiador literário tenha registrado tal vinda sua ao Brasil, se logo, no dia 30, iniciou colaboração diária no jornal *A Notícia*. A primeira crônica que publicou, é intitulada “Desembarcando” narra sua chegada e a má impressão causada a ele e aos demais passageiros pela abordagem desordenada dos catraieiros em meio à fascinante iluminação solar da Guanabara através da névoa das 5 horas da tarde.

Os artigos corrosivos que publicou na seção “Boletim do dia: Para matar saudades...” discorrem sobre assuntos de ocasião relacionados ao Brasil. Em 25 de setembro, sua crônica “Entre acadêmicos” defendeu o discurso comemorativo do Centenário da Independência do Brasil feito por Medeiros e Albuquerque numa seção solene da Academia Brasileira de Letras da crítica de Osório Duque-Estrada. Severiano considerou o texto de Medeiros um primor, baseando-se no ponto de vista de Oscar Wilde que assegura à crítica a obrigação de ser uma obra de arte, em oposição à *diatribe balorda* que visava apontar um suposto erro no uso de uma expressão latina. Medeiros e Albuquerque em *Homens e cousas da academia brasileira* rememora o acontecimento explicando que várias pessoas tomaram a sua defesa e que a Academia votou por

²²¹ Segundo Lebesgue, Delacour e Beaufile esta é uma ode grandiosa e visionária, por assim dizer dantesca, cuja elaboração segue linhas mais claras e precisas que as de Claudel, tendo sido inspirada em *La Grande prière médiévale pour la victoire*, de Péladan. Trata-se de um grito de fé na França transcendente, de onde surgirá um salvador, mediador tentacular do Espírito Santo, que restaurará a espiritualidade mundial, para expiar o homem e prepará-lo para o juízo final.

²²² Na lista de passageiros do *Bagé* está assinado Severino e não Severiano. A não ser por esse pequeno detalhe a assinatura é idêntica à do escritor. Fortalece a hipótese de que seja ele mesmo a sua primeira crônica no *A Notícia*, pois narra sua chegada ao Rio de Janeiro no paquete citado. Intrigante é que exista um canhoto

unanimidade uma moção de elogio ao seu trabalho, inclusive Duque-Estrada que, apesar disso, continuou a persegui-lo por ter se recusado a combater uma lei que o fizera perder a cadeira de História no Colégio Pedro II.²²³

Com a crônica “Dom Casmurro”, analisou a peça que o maestro João Gomes Júnior extraiu do romance homônimo de Machado de Assis, aproveitando para atacar com mordacidade a pessoa e o talento do escritor, a quem denominou de *hediondo gaguejador, aborigene do Cosme Velho e fufuráceo manitu*. Desprezando tudo que sua crônica anterior afirmara sobre a arte de fazer crítica, sua diatribe começa assim:

A literatura exígua, mirrada, mesquinha, mofina de Machado de Assis, homem de escrivinhação honesta e de2 concepção canhestra, teve ontem (12 de outubro) as honras da ribalta, e não só da ribalta (todo o romance afinal pode ser talhado em fatias, como uma melancia, e oferecido na cintilante bandeja do tablado), mas da ribalta ressoante de todos os recursos prestigiosos da multimoda Euterpe. Machado de Assis, a quem aconteceu ter produzido algumas peças de matéria metrificada, sem ser poeta, era uma natureza mole e tépida, sem temperamento, sem fibra, sem nervo, sem entusiasmo, sem frêmito, sem exaltação, sem ideal, realizando, no seu gênero, a prototipia emasculada e inerte do corriqueiro, em poligamia branca com todas as realidades imbecis e inexpressivas da vida, sem grandeza e sem estilo.²²⁴

Tal declaração revela que Severiano de Rezende ainda mantinha a sua notória tendência de polemizar, revela que Machado de Assis ainda não era uma *inquestionável* unanimidade nacional²²⁵ e ainda por cima revela que Severiano não esquecera o menosprezo com que fora tratado no concurso à vaga de José do Patrocínio. Contudo, o seu esboço da personalidade e da obra do escritor não se afasta muito daquele registrado pelos opositores do medalhão acadêmico.²²⁶

de passaporte solicitado com a mesma assinatura no Arquivo Nacional, mas esse não foi levado em consideração na pesquisa realizada lá em 1995, justamente por causa da alteração nominal.

²²³ MEDEIROS E ALBUQUERQUE. “O que há neste livro”. In: *Homens e cousas da academia brasileira*. Rio de Janeiro: Renascença, 1934. p. 5-6.

²²⁴ REZENDE, José Severiano de. “Dom Casmurro”. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 13 out. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2. Cf. na íntegra no Anexo V.

²²⁵ BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil - 1900*. Rio de Janeiro: MEC, [1960]. p. 200-203.

²²⁶ O que dirão os idólatras de Machado de Assis ao ler o Diário do falecido acadêmico Guimarães Rosa que a Universidade Federal de Minas Gerais publicará em livro, pois para eles qualquer opinião contrária a Machado de Assis é manifestação de inimizade imerecida. Rosa foi curto e direto ao anotar sua impressões de *Brás Cubas*: “Não pretendo ler mais Machado de Assis, a não ser nos seus afamados contos. Talvez, também

Já na crônica “Lima Barreto”, Severiano faz reverência ao talento de *excepcional pujança* deste escritor que acabara de falecer. Indo contra a corrente dos que afirmam que Lima Barreto lutou com muita dificuldade e não obteve o reconhecimento do seu talento, afirma que a imprensa não recusava seus artigos, nem os editores as suas obras e que estas se vendiam. Além disso, afirma que tinha bons amigos e que gozava de popularidade. Portanto, não desculpava a sua entrega ao alcoolismo, por considerar ilícito dilapidar o nobre dom da escrita, quando tudo lhe era favorável:

Nada lhe faltava para ser um escritor de primeiríssima ordem. A sua obra toda de impulso, de improviso, de pressa, demonstra-o no atabalhoamento da feitura sem aplicação, na multiplicidade confusa dos múltiplos defeitos que nela pululam, revelando os estragos da boêmia inútil num espírito destinado à perfectibilidade. Lima Barreto tinha o dever de cultivar o seu prodigioso talento. O seu talento prodigioso impunha-lhe a obrigação de viver com dignidade. Coisa nenhuma de sua vida o estava indicando a ser um ilota, um pária, um desclassificado em revolta com a sociedade de que ele não sofrera nem os desdêns nem os aleives, e que lhe fornecia basta matéria a sua arte toda de psicologia vivazmente sarcástica, de observação amarga e humana.²²⁷

Em 2 de dezembro, publicou o artigo “Alphonsus de Guimaraens” para aplaudir a iniciativa do ministro Edmundo Lins de ordenar a edição de três livros esgotados do poeta: *O setenário das dores de Nossa Senhora, Câmara Ardente, Dona Mística/Kiriale*, destacando que ainda era necessário organizar os seus inéditos, pois esses acentuariam o valor fecundo do poeta. O texto ainda aponta o descuido oficial para com a obra de Alphonsus e esboça em poucas linhas a evolução do seu talento.

o começo do *Dom Casmurro*, do qual já li crítica que me despertou a curiosidade. Não pretendo lê-lo, por vários motivos: acho-o antipático de estilo, cheio de atitudes para “embasbacar o indígena”; lança mão de artifícios baratos, querendo forçar a nota da originalidade; anda sempre no mesmo trote pernóstico, o que torna tediosa a leitura. Há trechos bons, mas mesmo assim inferiores aos dos autores ingleses que lhe serviram de modelo. Quanto às idéias, nada mais do que uma desoladora dissecação do egoísmo, e, o que é pior, da mais desprezível forma do egoísmo: o egoísmo dos introvertidos inteligentes. Bem, basta; chega de Machado de Assis.” LOPES, Carlos Herculano. “Impressões de Guerra”. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 dez. 2001. EM Cultura, p. 9.

²²⁷ REZENDE, José Severiano de. “Lima Barreto”. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 4 nov. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.

O reconhecimento tardio em Paris

É possível que Severiano de Rezende tenha colaborado em *A Notícia* por todo o ano de 1923²²⁸, pois só em 28 de março de 1924, foi avistado de novo em Paris, representando o Brasil na exposição de arte latino-americana, organizada pela Maison de L'Amérique Latine e pela Académie Internationale de Beaux-Arts no Museu Galliéra, onde ministrou a conferência "*L'esprit latin*".

Essa foi a primeira de uma série de conferências que pronunciou em Paris a pedido do ministro das Relações Exteriores Félix Pacheco e o sucesso de tal empreitada mereceu um enaltecido ofício da embaixada do Brasil em Paris, destacando a sua capacidade intelectual e realizadora na propaganda da cultura brasileira junto à comunidade parisiense:

Venho cumprir o grato dever de comunicar a Vossa Excelência que o Sr. José Severiano de Rezende tem dado cabal desempenho à missão de propaganda que lhe foi confiada. Sempre muito atento aos nossos interesses, tem ele agido com inteligência e habilidade cada vez que tem aparecido oportunidade.

Realizou, com o maior êxito, as seguintes conferências:

- 1º – na Exposição de Arte Sul Americana no Musée Galliéra: "*L'Esprit Latin*";
- 2º – no teatro des Champs-Élysées, explicando o *film* do Brasil por ocasião das festas da Semana Latina;
- 3º – no Paris-Rádio, sobre o Brasil atual. É preciso notar que, pelos serviços dessa instituição, tiveram as úteis informações, sobre o Brasil, do Sr. Severiano de Rezende, cerca de um milhão de pessoas.
- 4º – Conferências literárias, não propriamente sobre o Brasil, mas que têm posto em evidência o nosso país por ser o conferencista brasileiro.

O nosso patricio tem, sem perda de tempo, diversas vezes, protestado, por cartas e artigos, contra boatos e notícias malévolas sobre o Brasil.

Tais protestos ainda que, como convém, tenham sido anônimos, não deixam de ser proveitosos para os efeitos da propaganda do nosso país. O fato de conhecer a fundo, o nosso patricio, a língua francesa, tem-nos feito bem, pois é sempre péssima, naturalmente, a impressão que deixam conferencistas que, desassombadamente, não hesitam em estropiá-la.²²⁹

Dos protestos em defesa do Brasil, o embaixador Luís Martins de Souza Dantas destacou, em outro ofício, a carta que o escritor enviara ao jornalista Saint-Brice do *Le*

²²⁸ Não foi possível uma pesquisa mais detalhada desta coleção na Biblioteca Nacional, porque parte dela não está em condições de ser manuseada nem microfilmada.

²²⁹ OFÍCIO comunicando missão cultural de José Severiano de Rezende. Consulado Geral dos Estados Unidos do Brasil. Paris, 7 de abril de 1925. *PARIS/ofícios jun. 1924-jul. 1925. cod. 266/4/3.*

VILLE de PARIS
MUSÉE GALLIÈRA
 10, Avenue Pierre 1^{er}-de-Serbie — PARIS-XVI^e

EXPOSITION
ART AMÉRICAIN-LATIN
 organisée par la
MAISON DE L'AMÉRIQUE LATINE
 L'ACADÉMIE INTERNATIONALE
 des BEAUX-ARTS

VENDREDI 28 MARS 1924, à 5 H. 30
"LESPRIT LATIN"
 CONFÉRENCE par M. José SEVERIANO de REZENDE
 Homme de lettres brésilien

UNE HEURE ET DEMIE DE MUSIQUE

PROGRAMME

I. Sonate pour Flûte, Hautbois, Alto et Piano... a) Moderno — de Tosti et Liszt — et ancien b) M. BLAQUIART, LAURENTEY, LÉON PASCAL, PIERRE BLOIS	Oswald GUERRA compositeur brésilien
II. Calabar (opéra en 3 actes) ... Duo du 3 ^e Acte Mlle Rosa BERNARDE M. FLORIAN de Tellez de la Maza	Elsádio PEREIRA compositeur brésilien
III. a) Deux Esquisses ... b) Dobresinha ... c) Polchinello ... M. Athene-Ambal de PONSECA Violoncelle	Oswald GUERRA compositeur brésilien VILLA LOBOS compositeur brésilien
IV. Huit Chants Populaires Espagnols et Cubains a) Chanson de L'Alcazar — de GARCIA LÓPEZ b) Chanson de la jeune fille mourante c) Monocantore — de POPE GARCIA — M. MARIANA — d) Grenade — de José TORRES Mlle Alice FÉLICI Chantante et FAUTEUR	JOSEFINA NIN compositeur Cuba
V. Sonate pour piano ... a) Allegro moderno — de SEVERIANO b) Intermezzo — de FAUCI FAUTEUR	HERBERTO DAZ compositeur argentin PIANO CAVEAU

INVITATION strictement personnelle

ENTRÉE du MUSÉE: 1 fr.

VOYAGE de TRANSPORT: Métro: Nation; Jussieu; Brest; Tréport; — Autobus: 8, Gare de Paris - Vincennes; — C. Gare de Nord - Chapelle-Martin; — Tramway: 22, Gare Montparnasse - Place Foyot; — 19, Avenue Saint-Martin; Gare de Lyon; — 11, Paris; — Bondy-Vincennes.

Paris - 9 - juin - 1926

4 me Armand sus dant

Monsieur

Permettez-moi de vous dire
 mon grand plaisir, ma joie et ma déli-
 cieuse surprise en lisant votre éton-
 nante langue portugaise dans le de-
 nier numéro de la N. R. F. La por-
 tugais est si peu connu, si peu repa-
 ré, on en sait si peu de choses! Vous
 avez fait ressortir quelques uns des beau-
 tés de cette langue, vous avez fait vivre
 avec relief et quelques fois avec de riches
 vocabulaire et quelques caprices de notre
 syntaxe nuancée — et vous n'avez pas
 oublié que le Brésil (à l'ouest le Brésil)
 parle et écrit, non l'espagnol, mais le por-
 tuguais. Ceci dit, je vous annonce l'en-
 voi d'un nouvel livre, que je vous prie de

En attendant, vous savez, quelques lettres
 cette semaine, vous qui ferez un
 me, comme l'anglais, rien de l'anglais
 si vous ne le connaissez pas, mais, si vous
 m'avez écrit, je m'en réjouis, et c'est
 de me lire tout de suite, et ce que
 et maintenant, de ce que
 nous le monde, par de
 formées régionales
 Je vous prie de
 à bon sens, surtout
 ce pour un de l'art de
 grand admiration.

702 Severiano d'Arce

Convite para a Exposição d'Art de l'Amérique Latine, na qual Rezende fez a conferência "L'esprit latin"
 Carta a Valéry Larbaud para parabenizá-lo pelo artigo sobre a língua portuguesa

OPIA.

EMBAIXADA PARIS/6/1929 - ANEXO

Paris, le 18 Décembre 1928

Monsieur et cher Confrère,

La guerre du Paraguay avec le Brésil, présente, mutatis mutandis, le même cas de l'Allemagne avec la France en 1914. Je ne permets de vous adresser en hâte ces lignes, car il y a, sur la question, un passage de votre article de ce matin, dans le Journal, entièrement injuste pour le Brésil. Que diriez-vous si l'on arrivait à donner corps à la légende qui voudrait innocenter l'Allemagne ? La question Brésil-Paraguay est identique : Le Brésil fut attaqué par un despote mégalomane qui préparait la guerre et qui était de mauvaise foi. Il est évident, comme vous écrivez, que le Brésil "ait par cette affaire le Brésil a agi, notre hist plus claire loyauté et le Paraguay save Vous n'ignorez pas combien d'années il préparé pour avoir raison de Lopez, la lutte, vous le dites bien, était pouvait envahir, tuer, massacrer Brésil, pour se défendre, était le temps, l'espace, la nature misérables. Le conte d'Alcazar, cette guerre, eût pu, de

Je comp
tigue internationale,
au sujet de l'Amérique
latine et authentique
cloche paraguay
que vous sabb!

l'assurance

CONFIDENTIEL

*Je suis heureux de voir arriver
Paris - 23 Janvier 1929
mon cher ami*

*Un peu et de vous avoir fait justice, un
peu. Les ne m'avez-ils fait l'avantage !
hâter un jour prochain, j'espère.
Je ne vous verrai probablement pas
des vos amis me l'on. Ils ne reçoivent
que la dernière semaine de l'année.
Mais si le dimanche vous avez le temps,
venez me voir, on dit de moi on le prie
aller vos voir.
Dans ma chronique il y a eu des
coquilles; page 485: "bonne de heusement
tom les deux" au lieu de "bonne de heusement
la deux dans" - et page 492, à la fin: "être
de sa langue" au lieu de "étude de la langue".
A l'endroit, donc, m'est-ce pas ? A vos
travaux, veuillez, de tout cœur,
Philéas Lebesgue*

Cópia da carta enviada ao jornalista Saint-Brice para esclarecer a posição do Brasil na guerra do Paraguai
Carta a Philéas Lebesgue que notifica erro tipográfico na primeira crônica do *Mercure de France*

Journal, por causa de um artigo que acusava o Brasil de ter gerado a Guerra do Paraguai. Nela, Severiano, considerando equivocada tal opinião, esclarece que o Brasil fora atacado traiçoeiramente e ainda questiona ao jornalista se ele fora favorável à invasão alemã na França em 1914, visto que a França, assim como o Brasil, é um país pacífico. No entanto, o ministro desconhecia que Rezende não se atinha apenas à defesa contra as notícias deturpadoras, já que também agradecia e parabenizava os que publicavam algo de favorável ao Brasil. Existe uma carta sua a Valéry Larbaud²³⁰, enviada em junho de 1926, juntamente com um exemplar de *O meu flos sanctorum*, na qual saúda o escritor francês pelo excelente artigo sobre o idioma português publicado em *La Nouvelle Revue Française*:

*Permettez-moi de vous dire mon grand plaisir, ma joie et ma délicieuse surprise en lisant votre étude sur la langue portugaise dans le dernier numéro de la NRF. Le portugais est si peu connu, si peu répandu, on en fait si peu de cas! Vous avez fait ressortir quelques unes des beautés de cette langue, vous avez fait vivre avec relief quelques joyaux de ce riche vocabulaire et quelques caprices de notre syntaxe nuancée – et vous n’avez pas oublié que le Brésil (d’où je suis) parle et écrit, non espagnol, ainsi que d’aucuns supposent, mais le portugais.*²³¹

Por sugestão do embaixador Souza Dantas, José Severiano recebeu ainda um convite para representar o Brasil no centenário de nascimento do escritor Frédéric Mistral. Também por sua especial solicitação, Rezende desenvolveu um estudo sobre um curso de idiomas bastante em voga naquela época. O estudo resumidamente esclarece a eficiência do método, que prima pela rapidez no ensino e certifica a sua utilidade na erradicação do analfabetismo brasileiro:

Segundo me garantiu Madame Morel-Chailly, presidente da Liga “*Pas d’Illettrés!*”, o método Simon vai ser editado em francês e em várias línguas estrangeiras. A edição portuguesa aparecerá com as outras e a Liga “*Pas d’Illettrés!*” pensa submetê-la à apreciação das nossas autoridades, que, quero crê-lo, tomarão em consideração e olharão com interesse um método que não poderá deixar de fazer um bem imenso ao nosso país, que é essencialmente analfabeto. Propagado entre os humildes, esse

²³⁰ Tradutor, poeta e prosador francês de sensibilidade única das letras contemporâneas. Nunca foi um autor popular, mas sua importância literária entre os escritores do século XX é capital. Seu livro *Poèmes par un riche amateur* foi um marco da poesia que sucedeu ao Simbolismo. Conhecido e respeitado por Ribeiro Couto e Oswald de Andrade, colaborou na divulgação da literatura brasileira na França. Foi um dos raros escritores a se interessar pela estética e filosofia de Graça Aranha. LAFFONT, BOMPIANI. *Le nouveau dictionnaire des auteurs*. Paris: R. Laffont, 1994. v. 2, p. 1803-1805.

²³¹ Carta de José Severiano de REZENDE a Valéry Larbaud. Paris, le 9 juin 1926. p. 1.

método concorrerá, estou certo, com a maior eficácia, a transformar as nossas aglomerações esparsas e incultas em povo consciente da sua missão cívica e social e merecedor do futuro grandioso que todos lhe auguram.²³²

Entretanto, a sua vida não se resumia a cooperações ocasionais à Embaixada brasileira, pois, da mesma forma, publicava em revistas e jornais brasileiros e franceses editados em Paris. Em setembro e outubro de 1925, como correspondente para o Brasil, publicou artigos na revista *La Vie Latine*²³³, enaltecendo as qualidades do Brasil e a sua comunhão de ideais com a França.

A primeira crônica a circular, intitulada “Le Brésil d’aujourd’hui”, apresenta duas belas fotos panorâmicas de Ouro Preto em meio a um envolvente texto que faz a descrição de uma rápida e confortável viagem de navio por um oceano Atlântico fantástico. Genericamente, ressalta a inumerável riqueza natural brasileira que transforma o país em uma terra prometida hospitaleira à espera da cooperação dos povos estrangeiros para se desenvolver mais. Da mesma forma, chama a atenção do leitor para a riqueza literária do Brasil nunca revelada, porque, na sua opinião, os políticos só têm preocupações mercantilistas:

Il y a, aussi, la beauté du Brésil. Sa richesse, très réelle (si réelle que c’est une richesse qui enrichit), ne serait-elle pas un des éléments de sa beauté? Mais lorsque je parle de la beauté du Brésil, je vois d’abord sa beauté idéale.

Le Brésil fut nourri de contes de fées, de romances, de chansons chevaleresques, et a produit autant de poètes que son ciel a d’étoiles et que sa terre a de diamants. Ces poètes, trouvères du terroir ou chanteurs citadins, ont de tout temps chanté et exalté l’amour, la liberté, la gloire, les choses grandes et nobles, avec la chaleur du soleil et du sang de là-bas. Et ces poètes deviennent, s’il le faut, instantanément des soldats, s’il s’agit de défendre la patrie ou le droit offensé. Cette beauté idéale se rehausse de bonté.²³⁴

Além disso, na seqüência, como fecho do artigo, aponta a importância da educação católica

²³² Carta de José Severiano de REZENDE ao embaixador [Luís Martins de Souza Dantas]. Paris, 20 de setembro de 1927. p. 7-8.

²³³ Órgão do Bureau de la Presse Latine d’Europe et d’Amérique em Paris, publicado, simultaneamente, em francês e espanhol. Congregava os jornalistas latinos e organizava anualmente um congresso nos diversos países latinos. Severiano de Rezende era o correspondente para o Brasil, mas foram encontrados apenas dois artigos dele. RIVAS, Pierre. *Encontro entre literaturas*: França, Portugal, Brasil. São Paulo: Hucitec, 1995. p. 213.

²³⁴ REZENDE, José Severiano de. “Le Brésil d’aujourd’hui”. *La Vie Latine*, Paris, n. 8, p. 19, sep. 1925.

na formação do miscigenado povo.

Em outubro, com o artigo “France et Brésil” versou sobre a missão espiritual civilizadora daquele país no mundo, destacando os marcos de sua cultura no Brasil. Para tanto, listou inumeráveis personalidades francesas destacando suas contribuições para o engrandecimento da pátria brasileira. Apresentou curiosidades pouco divulgadas, tais como o fato do substantivo *gari* ter se originado do nome do organizador do serviço de limpeza urbana brasileiro – Alex Gary e terminou por citar que uma das mais autênticas riquezas do Brasil – o café, foi introduzido no Pará, em 1727, pela mulher do comandante Cayenne, M^{me} D’Orvilliers ao doar algumas mudas ao governador daquele Estado. O extenuante procedimento, exemplarmente, mostrou ao francês parte de sua história, desconhecida por sua exagerada xenofobia.²³⁵

Em 1º de junho de 1927, a *Revue de l’Amérique Latine*²³⁶ publicou uma versão francesa de sua ode “A Lúcifer”, feita por Victor-Emile Michelet²³⁷.

²³⁵ REZENDE, José Severiano de. “France et Brésil”. *La Vie Latine*, Paris, n. 10, p. 13, 10 oct. 1925.

²³⁶ Órgão criado por iniciativa privada que acolheu uma intensa e incomparável atividade franco-latino-americana durante dez anos, apresentando colaborações de eminentes especialistas, principalmente, da área literária. RIVAS, Pierre. *Encontro entre literaturas*: França, Portugal, Brasil. São Paulo: Hucitec, 1995. p. 295.

²³⁷ Este intelectual francês, seu amigo, foi um destacado cabalista membro dos supremos conselhos das Ordens Rosa-Cruz e Martinista. Colaborou com Papus, Barlet, Marc Haven, Sedir, Péladan, Oswald Wirth e outros, na tarefa de congregar os maiores talentos da época para adaptarem a tradição esotérica ao século XX. Além disso,

V. E. Michelet fut dans le Symbolisme en constante résonance avec les plus grands; on pouvait dire de lui que par son activité dans les genres les plus divers, le théâtre, les poèmes, les contes, il fut l’homme de liaison de tous les poètes et prosateurs de son temps: Villiers de l’Isle Adam, S. de Guaita, Barrès et Mallarmé le reconnaissaient comme leur pair, et si Michelet a plu à son époque, c’est qu’il associait intimement dans son œuvre l’esthétique et l’occultisme, et il sut donner à cette dernière discipline une valeur beaucoup plus profonde que celle d’une simple source d’inspiration poétique; pour lui l’ésoterisme se mua rapidement en éthique et en métaphysique, il en fit sa règle de vie à travers toute son œuvre. (BOUMENDIL, 1977: ii)

E mais, Michelet foi ainda presidente da Société des poètes Français, membro do conselho da Maison de la Poésie da qual recebeu o grande prêmio pelo conjunto de sua obra e fundador da Association des Amis de Péladan em 1920.

Ainda na *Revue de l'Amérique Latine*, Severiano de Rezende, no mesmo ano em que publicou “A Lúçifer”, apresentou duas crônicas. A primeira, “Le VI° Congrès de Presse Latine”²³⁸, exalta a importância deste concílio ecumênico do mundo latino que reuniu uma centena de jornalista de diversos países em Bucareste. Desvela também as várias faces da latinidade apresentadas pela cultura dos países que acolheram as edições anteriores do congresso, mostrando ainda o que cada uma representou antes da reunião atingir a excelência na capital romena.

A crônica “L’Ami et l’Aimé”, apresentada em 1° de novembro pelo falecimento do escritor Marius André, é a recordação de quando se conheceram numa esquina de Montparnasse. Severiano, que já era admirador de André, registra no texto a instantânea comunhão de almas ocorrida na apresentação:

Présentations joyeuses. Intimité instantanée. La main dans la main, le cœur près du cœur. Parbleu! J'aimais depuis si longtemps déjà cet être multiple, unique, obsédant, séduisant, que je constatais simple, doux et bon, comme tous les pourfendeurs et batailleurs sincères.

Car je l'aimais vraiment. A force de le lire, je m'en étais fait une idée précise, qui commande l'amitié, sinon l'amour. Oui, l'amour. J'ai tout de suite reconnu en lui l'un de ces individus à qui notre Seigneur Jesus-Christ pense souvent et qu'Il ne perd pas de vue. C'était l'homme qui a faim et soif de justice. J'ai reconnu un frère. Je ne pouvais pas ne pas me lier à lui pour l'éternité, afin que nous puissions prendre part ensemble à ce rassasiement total que le Verbe a promis pour des temps délectables, mais plus ou moins indéterminés.

Hélas! L'Éternité venait déjà au devant de Marius André. Elle venait au grand galop. Juste quand il était sur le point de jouir d'une saturation définitive et glorieuse, ici-bas, de par son labeur acharné. Celui qui ne donne pas de miettes, mais le surplus, frappe brusquement à sa porte et vite l'enlève pour des ravaillements bien plus définitifs et glorieux.

Pauvre Marius André? Non! Car il a eu la Faim et la Soif! Il a connu les persécutions pour l'amour de la Justice, avec la Vache Enragée et des pleurs amers versés abondamment sur le Pain Quotidien.

*Bienheureux, oui. Que Raymond Lulle, bienheureux lui aussi, a dû l'être encore davantage en lui souhaitant la bienvenue, là-haut!*²³⁹

Apesar de seus afazeres na capital francesa serem esporádicos, sua pequena, mas vigorosa obra literária abriu-lhe um convívio habitual, enriquecedor e benéfico em alguns

²³⁸ REZENDE, José Severiano de. “Le VI° Congrès de Presse Latine”. *Revue de l'Amérique Latine*, Paris, an 6, t. XIV, n. 70, Supplément Illustré, p. 343, 1^{er} oct. 1927.

²³⁹ REZENDE, José Severiano de. “L’Ami et l’Aimé”. *Revue de l'Amérique Latine*, Paris, ano 6, t. XIV, n. 71, Hommage à Marius André, p. 417, 1^{er} nov. 1927.

grupos de literatos da cidade. Logo, foi junto a esses círculos de intelectuais que começou a consagração de seu talento, quando no dia 18 de junho de 1927, a *Revue Bleue*²⁴⁰ publicou-lhe um artigo encomiástico escrito pelo conceituado Philéas Lebesgue. O estudo, intitulado “Un grand lyrique brésilien: J. Severiano de Rezende”, é um dos raros e mais escrupulosos que lhe foram dedicados, faz-lhe justiça e o coloca ao lado de Graça Aranha, como um dos dois maiores intelectuais do Brasil. A revista para ilustrar as palavras do crítico, em seqüência, apresentou a versão francesa do poema “Cântico à vida” feita por ele mesmo.

Ainda em 1927, no mês de setembro, terminou de escrever o texto “Sur José de Alencar” para prefaciar a tradução do romance *Iracema* que Philéas Lebesgue publicaria no ano seguinte. Começando pela biografia, apresentou vida e obra de Alencar, destacando-o como o mais ilustre escritor brasileiro daquela época. Ainda que não sabendo precisar se a obra é romance ou novela, já que o autor a classifica apenas como uma lenda do Ceará, assegurou que ela não sofrera influência de Chateaubriand, pois o exotismo deste é livresco, de segunda mão, ao contrário do vivenciado por Alencar no Ceará. Além disso, distanciou a obra da escola indianista, dando a seguinte explicação:

*Iracéma, qui, disait-on, est fille de Guarany et dont le frère est Ubirajara, émane de la même inspiration. Il n'y a pas ici d'école indianiste; toute classification cesse, du moment que la pensée s'universalise. Et il semble qu'elle s'universalise, lorsqu'elle s'affirme chrétienne. Lisez Iracéma. C'est le poème de la race qui naît, renaît et s'élève aux sublimités de la foi. (Dans le Guarany, Pery, enfin baptisé, se sublimise en héros eschyléen.) L'accent de tristesse ici, ce n'est plus le goût du néant. C'est l'espoir qui attend, c'est l'Espérance. C'est le désir de l'âme vivante vers les au-déla immanquables. On croit généralement au Brésil que José de Alencar est un romancier d'imagination facile et charmante. Non, c'est un pur créateur qui a fait œuvre magnifique de poésie. Il a compris et deviné sa terre et son pays.*²⁴¹

²⁴⁰ Das revistas francesas esta é a que mais se abriu à modernidade portuguesa e brasileira. Nela Severiano de Rezende publicou também: “L’aveugle sourd et muet”, “Thrène” e um trecho de “Hymne à l’homme qui viendra”. RIVAS, Pierre. *Encontro entre literaturas: França, Portugal, Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1995. p. 215.

²⁴¹ REZENDE, José Severiano de. “Sur José de Alencar”. In: ALENCAR, José. *Iracéma*. Paris: Gedalge, 1928. p. 11-12.

A 28 de janeiro de 1928, no *Journal Parlé*, da rádio parisiense T.S.F. (Téléphonie Sans Fil), situada na torre Eiffel, André Delacour²⁴² leu para os ouvintes o discurso que escrevera a respeito de Severiano de Rezende e de seu livro *Mysterios*. O texto reafirma as palavras publicadas por Philéas Lebesgue no ano anterior, ressaltando o talento do escritor e sua fé na França como país civilizador universal. A radiodifusão do discurso foi o segundo ato público daquele grupo de escritores franceses que visava aclamar o talento do poeta, em retribuição à homenagem que prestara à França com o *Hymne à l'Homme qui viendra*.²⁴³

No domingo seguinte ao dia 28, o poeta Joseph Mélon e sua mulher, proprietários de um concorrido e seletto salão literário, organizou uma reunião para homenageá-lo mais ainda. Esteve presente à celebração o embaixador Luís M. de Souza Dantas que logo após escreveu um ofício ao ministro das Relações Exteriores Otávio Mangabeira, resumindo o que presenciara da seguinte maneira:

É com sincero prazer que cumpro o dever de comunicar a Vossa Excelência que o Sr. Severiano de Rezende tem desenvolvido, desde que aqui chegou, uma grande e brilhante atividade nos meios literários, com grande proveito para as letras do nosso país.

Ultimamente, recebeu o nosso patricio verdadeiras consagrações nos meios referidos. Com a minha presença, com a do Sr. Pimentel Brandão, digno conselheiro desta Embaixada, e a de grande número de Franceses de nomes ilustres nas letras e no jornalismo, o Sr. Philéas Lebesgue, eminente crítico literário, fez na casa do Sr. Joseph Melon, uma interessante conferência sobre a obra poética do Sr. Severiano de Rezende. Admiravelmente documentado, o Sr. Lebesgue falou longamente sobre os poemas do nosso patricio, analisando-os, comentando-os e mostrando toda a pureza do estilo, a elevação da inspiração, o vigor e a erudição do escritor. Depois da conferência, M^{me} Marie Marcilly e os poetas V. E. Michelet e André Delacour leram diversos poemas do Sr. Severiano de Rezende.

Devo explicar a Vossa Excelência que o Sr. Joseph Melon e sua senhora têm um salão literário muito concorrido, e freqüentado pelo que há de mais seletto na literatura francesa contemporânea. Aí,

²⁴² Poeta, romancista, jornalista, secretário de redação do jornal *Temps Présent*, redator chefe do *Européen*, fundador e redator do *Journal Parlé*. Assinou a seção literária da *Belles-Lettres*. Foi delegado francês da federação internacional de jornalistas. E, recebeu uma Bolsa nacional de viagem pelo livro *La victoire de l'homme*, um dos prêmios mais cobiçados pelos jovens poetas. WALCH, G. *Anthologie des poètes français d'hier et d'aujourd'hui*. [s. l.]: Delagrave, 1935. p. 381.

²⁴³ Severiano de Rezende era convicto da missão eminentemente fecundadora e redentora da humanidade desenvolvida pela França e sua ode profetiza que de lá surgirá o novo salvador do mundo. A partir de Brunel, Pichois e Rousseau é possível destacar a grandiosidade desse seu feito, porque, segundo esses, nenhum estrangeiro, por influência dos elementos afetivos, vê um país como os nativos gostariam que fosse visto. BRUNEL, P., PICHOSIS, C., ROUSSEAU, A. M. *Que é literatura comparada?*. São Paulo: Perspectiva, [s. d.], p. 53.

o Sr. Rezende tem entrado em relações com muito importante fração do mundo literário. Sua consagração, nesse meio, é o que pode haver de mais auspicioso para nossas letras e conhecimento da nossa cultura. O Sr. Philéas Lebesgue é por sua vez um notável conhecedor de nossa língua e estudioso de nossa literatura. Sua fama de amigo erudito de nossas letras já data de vários anos, em Portugal.

Philéas Lebesgue também introduziu o Sr. Rezende no cenáculo literário que preside, com maestria, M^{me} Aurel²⁴⁴. Essa senhora mantém, aqui, a tradição que M^{me} Ancelot, M^{me} de Loynes, M^{me} Caillavet, para não falar senão das mais ilustres entre as damas letradas recentemente desaparecidas, continuaram até nossos dias, o que data da época brilhante do “Hotel de Rambouillet”, nos meados e fins do século XVII.²⁴⁵

A conferência de Philéas Lebesgue foi realmente surpreendente até mesmo para o próprio Severiano que lhe escreveu uma carta para agradecer o eloqüente parecer sobre os *Mysterios*, já avisando que se publicasse outra edição do livro, iria colocar a conferência como prefácio. Segundo as palavras de Rezende:

*Votre conférence fut un chef-d'œuvre en ce qui concerne le Brésil et sa littérature. Elle ne fut seulement pas [œuvre d'érudition], mais de critique, vous avez pu résumer clairement, avec [ses travaux et aboutissant] toute une longue période difficile à classer et à situer, tellement il y a des [fatras], de impuretés, du bourrage. Pour ce qui est de moi, je puis dire que vous êtes le seul, vous avez été le seul à comprendre ma pensée. Je dirai même que vous m'avez révélé à moi même. Il y a dans Mysterios beaucoup de choses que vous avez vues et que je n'avais pas vues.*²⁴⁶

Enfim, Severiano de Rezende começara a ver o seu valor reconhecido, seja na cúpula do Ministério das Relações Exteriores, seja junto a uma parte representativa da comunidade intelectual parisiense. Contudo, na vida nada é perfeito e, agora pela existência atribulada que levara, as doenças (ou doença, já que alguns informam que ele sofria de diabetes²⁴⁷) começaram a ocupar uma boa parte do seu tempo, como informa a sua correspondência a algumas pessoas. Numa carta a Philéas Lebesgue, de abril de 1927,

²⁴⁴ Mulher de Letras casada com o dramaturgo, poeta e jornalista Alfred Mortier, um dos fundadores do *Mercur de France*. Publicava ensaios nesta revista e também publicou romances, mas merece maior destaque por seu salão literário que recebia jovens poetas que se consagraram posteriormente. VANTIEGHIEM, Philippe. *Dictionnaire des littératures*. Paris: Quadrige/PUF, 1968. v. A-C, p. 270.

²⁴⁵ OFÍCIO comunicando consagração literária de José Severiano de Rezende. Consulado Geral dos Estados Unidos do Brasil. Paris, 8 de maio de 1928. *PARIS/ofícios 1928*. cod. 226/418. p.1-2.

²⁴⁶ Carta de José Severiano de REZENDE a Philéas Lebesgue. Paris, 11 mars 1928. p. 1.

²⁴⁷ VIOTTI, Manuel. “Severiano de Rezende”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 5 ago. 1933. p. 5.; EDMUNDO, Luís. “Padre Severiano de Rezende”. In: *De um livro de memórias*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1958. v. 2, p. 584.

revela que estava febril e debilitado desde o Natal passado; noutra, em junho de 1928, que estava em Vichy para tratamento de saúde:

Meu muito prezado amigo – Aqui estou em Vichy, desde o dia 6, vindo às pressas porque havia chegado a um estado de saúde inacreditável. Minha depressão chegou a tal ponto que não podia dar um passo na rua. Minha cabeça estava completamente vazia, se é possível juntar este adjetivo com este advérbio. Sentia-me incapaz para qualquer trabalho e cheguei a pensar que a coisa era inevitável.²⁴⁸

As viagens de tratamento à cidade termal francesa tornaram-se anuais. Em junho de 1929, na carta que enviou a sua irmã Alice, conta que a cura fora boa e que fora rezar na capela em que Jesus apareceu a santa Margarida Maria em Paray-le-Monial. Já, em 1930, no mesmo período, informou a Edmundo Lins que partia para Vichy, porque o fígado assim o exigia todos os anos.

Geralmente, ficava na cidade um mês, mas a estada não o impedia de escrever, pois ao que parece esses anos foram os mais produtivos de sua vida parisiense. De 1929 a 1931, foi o responsável pela folha “Le Brésil”, do *Journal des Nations Américaines*²⁴⁹, órgão oficial do Comité France-Amérique. No primeiro ano, tratou, genericamente, das seguintes questões, dentre tantas outras: o trabalho; as frutas do Brasil; quem descobriu o Brasil; Villa Lobos e Vichy. A partir de 1930, a folha passou a circular como um encarte do jornal e suas crônicas de primeira página também trataram de assuntos ligados ao Brasil: geografia brasileira, os minerais do país, a ignorância dos franceses quanto a geografia exterior, latinidade, literatura sobre o Brasil, etc.

²⁴⁸ Carta de José Severiano de REZENDE a Philéas Lebesgue. Paris, 25 de junho de 1928 apud VEIGA, Cláudio. *Um brasilianista francês: Philéas Lebesgue*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998. p. 29-30.

²⁴⁹ Jornal semanal criado para veicular notícias (políticas e literárias através de pontos de vista rápidos e superficiais) que testemunhassem a ligação da França com os vinte dois países das Américas. RIVAS, Pierre. *Encontro entre literaturas: França, Portugal, Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1995. p. 242-244.

Foi em 1929 também que iniciou a tão propagada colaboração no *Mercure de France*²⁵⁰. A revista era um órgão internacional e contava com a colaboração de escritores renomados publicando artigos de literatura estrangeira e comparada na seção “Lettres”. Por isso, Severiano de Rezende foi convidado a substituir Philéas Lebesgue, Tristão da Cunha e outros na “Lettres Brésiliennes” que circulava desde 1901.

Ao contrário do que a história literária brasileira registrou, Severiano de Rezende não deixou nela inumeráveis crônicas literárias a serem recolhidas, pois só publicou duas. Mesmo assim, na opinião da pesquisadora Glória Carneiro do Amaral²⁵¹, a colaboração se destaca pela interessante personalidade do escritor revelada nas colocações incisivas, originais e audaciosas e no esmero das explicações sobre a cultura brasileira.

A primeira²⁵² começa elogiando os escritores que o antecederam na seção, passando a seguir à apresentação dos livros de Alberto Rangel e de Gastão Cruls sobre a floresta amazônica, assunto de grande interesse do público francês. Destaca ainda o seu gosto por vocábulos exóticos e pelo assunto língua portuguesa, deixando claro que a sua posição outrora favorável à conservação do português clássico na escrita literária evoluiu.

A segunda, também estruturada a partir de imagens relativas à vegetação, primeiramente, discute o axioma *le Brésil est terre de poètes*, para em seguida analisar com rigor duas antologias poéticas mais um livro de versos de Alberto Ramos. Quanto à *Antologia mística*, Severiano espantou-se ao ver poetas católicos hipócritas inclusos em

²⁵⁰ Revista fundada em fins do século XVII com o título *Mercure Galant*. Circulou e extinguiu-se, vindo a ressurgir em janeiro de 1890 pelas mãos de escritores simpatizantes do Simbolismo que mesmo não a tendo recriado para o grande público, viram-na se tornar um sucesso empresarial que circulou até 1965 como periódico conceituado, voltado, especialmente, para a literatura e as artes. AMARAL, Glória Carneiro do. “O Brasil na revista *Mercure de France*”. In: NITRINI, Sandra (org.). *Aquém e além mar: relações culturais: Brasil e França*. São Paulo: Hucitec, 2000. p. 148-163.

²⁵¹ AMARAL, loc. cit.

²⁵² REZENDE, José Severiano de. “Lettres Brésiliennes”. *Mercure de France*, Paris, ano 40, t. CCIX, Revue de la Quinzaine, p. 485-492, 15 jan. 1929.

uma obra que louva a Deus, mas reconheceu que isto é uma prova da ambiência católica que envolve a massa brasileira antes de sarcasticamente concluir: *Laissons-nous dire que Baalzéboub ne les a pas eus jusqu'à la fin. Méphistophélès n'a pas toujours le dernier mot, vous le savez bien*²⁵³. Já sobre a antologia *Parnasse brésilien*, destaca que o organizador da obra não utilizara nenhum método crítico na seleção dos poemas, deixando de fora poetas contemporâneos que considerava significativos. Logo, para finalizar aferrou: *Donc, rien à conclure. Effort aride et tumultueux, en somme*²⁵⁴. E após tanto *tohu-bohu*, como ele mesmo escreveu, cobriu de elogios o amigo Alberto Ramos e sua obra *Le livre des epigrammes*:

*Je ne m'y arrête surtout pas parce que je vois l'impossibilité de montrer combien ce livre est riche en poésie. Il eût fallu donner des exemples, traduire, expliquer: la place dont on dispose ici ne nous le permettrait pas. Qu'il suffise de dire que déjà M. Alberto Ramos s'était révélé à maintes reprises un découvreur, un trouveur – trouvère! – de rythmes imprévus, nouveaux, surprenants en langue portugaise.*²⁵⁵

Mas porque Severiano teria publicado apenas duas crônicas no *Mercure* no espaço de um ano? Justificar como falta de tempo, é impossível, pois além de cuidar da folha “Le Brésil”, considerou-se capaz de conciliar, a partir de 2 de janeiro de 1931, o cargo de auxiliar do Brasil junto ao Instituto de Cooperação Intelectual. Também teria tido tempo para desenvolver algum trabalho no Instituto, já que por ironia do destino, agora que sua vida financeira encontrara alguma estabilidade, faleceu na sexta-feira 13 do mês de novembro? Philéas Lebesgue no necrológio que lhe dedicou no *Mercure de France*, não faz nenhuma referência a essas questões, mas sugere que Severiano de Rezende extinguiu nesse dia por ser supersticioso. Logo é possível supor que ele teria encerrado o seu ciclo de mau agouro na terra nessa data que é um número sagrado fundamental, para simbolizar a

²⁵³ REZENDE, José Severiano de. “Lettres Brésiliennes”. *Mercure de France*, Paris, ano 41, t. CCXVIII, n. 761, Revue de la Quinzaine, p. 486, 1^{er} mars 1930.

²⁵⁴ Ibidem, p. 486.

²⁵⁵ Ibidem, p. 489

Doyné d' Severiano Paroisse d' Bram

N^o 33 L'an 1931, et le 17 du mois de novembre à 10 heures du _____
le corps de Severiano de Rezende _____

NOMS : Severiano de Rezende _____ décédé _____
à _____ heures du _____ a été inhumé dans le cimetière de _____
la paroisse, par moi _____ soussigné.

PRÉNOMS : Severiano _____
L. défunt _____ reçu les Sacrements de (1) un an _____

AGE : 60 ans _____

N^o 34 L'an 1931, et le 26 du mois de novembre à 10 heures du _____
le corps de Maria Maria _____

NOMS : Maria Maria _____ décédé _____
à _____ heures du _____ a été inhumé dans le cimetière de _____
la paroisse, par moi _____ soussigné.

PRÉNOMS : Maria _____
La défunte _____ reçu les Sacrements de (1) un an _____

AGE : 60 ans _____

N^o 35 L'an 1931, et le 3 du mois de decembre à 10 heures du _____
le corps de Jeanne Marie _____

NOMS : Jeanne Marie _____ décédé _____
à _____ heures du _____ a été inhumé dans le cimetière de _____
la paroisse, par moi _____ soussigné.

PRÉNOMS : Jeanne Marie _____
La défunte _____ reçu les Sacrements de (1) un an _____

AGE : 87 ans _____

N^o 36 L'an 1931, et le 15 du mois de decembre à 11 heures du _____
le corps de Maria Combe _____

NOMS : Maria Combe _____ décédé _____
à _____ heures du _____ a été inhumé dans le cimetière de _____
la paroisse, par moi _____ soussigné.

PRÉNOMS : Maria _____
La défunte _____ reçu les Sacrements de (1) _____

AGE : 49 ans _____

S. M. M. M.
curé

Registro de sepultamento de Severiano de Rezende no vilarejo de Bram



Vista aérea de Bram

mudança profunda que passaria sob o efeito da Iniciação, ao seu corpo ser enterrado, apodrecer e se transformar em pedra filosofal, antes de renascer para a vida superior.

Talvez exista também uma mensagem a ser decifrada no fato de ele ter sido enterrado em Bram, vilarejo medieval circular localizado no Departamento de Aude no sul da França, pois ainda que exista a informação de que teria sido enterrado lá, porque sua viúva M^{me}.Juliette Gary não possuía dinheiro para arcar com as despesas do funeral em Paris; é difícil acreditar que seu amigo o embaixador Souza Dantas não tivesse proposto providenciá-lo em nome da Embaixada brasileira num sinal de reconhecimento pelos serviços prestados ao Brasil e para evitar esse traslado inconveniente. Na verdade, Severiano de Rezende foi enterrado em Bram, mas quiçá para estetizar sua morte, pois a viagem poderia ser signo de sua última preparação espiritual antes de voltar ao Céu ou a Deus, ambos simbolizados pela forma circular de Bram.

Conclusão

A obra literária de José Severiano de Rezende revela o seu passo idealista na direção de uma transformação social apoiada naquela fé cristã primitiva que removia até montanhas. No entanto, tal ideal é utópico, porque a sociedade apesar de decadente, não se desprende do materialismo selvagem que a vem corroendo através dos tempos e que inclusive atingiu a Igreja Católica como assegura Jacques Le Goff em *História e memória*:

O declínio religioso. Trata-se da decadência da Igreja, que cada vez mais se afasta do modelo primitivo, entregando-se à avareza e ao orgulho, descuidando a piedade, substituindo a virtude pela hipocrisia, ignorando a disciplina, a caridade, a humildade e, acima de tudo, tolerando a tirania crescente do Papado.²⁵⁶

²⁵⁶ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1992. p. 405.

Em vista disso, o pensamento de Severiano de Rezende é anacrônico. Mas as ciências que antes, simplesmente, ignoravam a existência do Invisível, hoje já começaram a percebê-lo e pesquisá-lo para tentar explicar o incompreensível à razão humana. E o mundo que antes destruía a natureza gananciosa e inescrupulosamente, agora pensa em como salvar o que resta dela, porque, finalmente, está conseguindo perceber que o homem faz parte dela e que não sobreviverá se a destruir. Logo, é visível a necessidade de uma postura ética amorosa frente a vida, mesmo que desvinculada de qualquer forma de espiritualidade, mas, no mínimo, convicta da interdependência cósmica, já que toda atitude desencadeia uma resposta.

O seu apego à Monarquia é romântico, porque voltado para uma Monarquia ideal, porém não é totalmente anacrônico, quando se sabe que esse regime político é praticado satisfatoriamente em diversos países do mundo.

Por conseguinte, sua batalha idealista não foi alienada, apesar de ter sido considerada despropositada e reacionária naquela época de racionalismo tacanho, pois o tradicionalismo se mantém atual, e a ética e o amor cristão que pregava como fatos sociais cada vez mais se tornam necessários nos dias de hoje. Portanto, sua mensagem mantém uma gritante atualidade, mesmo sendo o projeto fantástico, já que o homem nunca abdicará de seu sempre atualizado e eterno egocentrismo. Da mesma forma, mantém-se atual e permanecerá sempre atualíssima a questão da busca do conhecimento que o impulsionou, pois a insatisfação é inerente à humanidade.

José Severiano de Rezende .

Celui qui portait ce nom et qui avait accepté d'exposer périodiquement aux lecteurs du Mercure de France le mouvement contemporain des Lettres brésiliennes était un puissant poète en sa langue en même temps qu'un admirateur passionné de la France . Né dans l'Etat de Minas d'une vieille famille coloniale exempte de tout alliage indigène , il fut entraîné de bonne heure par la vocation des lettres et le Diario mercantil de Sao Paulo lui permit d'asseoir rapidement une précoce réputation de fin styliste et de polémiste mordant . Cependant les plus hautes spéculations de l'esprit l'attiraient invinciblement . Il entra dans les ordres et de ses méditations ardentes sur la beauté du Christianisme jaillit alors un Calendrier des Saints (O Meu Flos Sanctorum) , qui devait faire un peu le tour du monde et qui est une oeuvre de poète autant que de croyant .

Mais il est attiré par la France qu'il regarde comme le centre vivant du monde civilisé . Il vient à Paris pour s'initier aux secrets de notre pensée , de nos arts de notre langue . Il y devait passer le reste de ~~SAVIEUX~~ sa vie , écrivant , observant , composant des vers , collectionnant des ouvrages d'hermétisme et de métaphysique , attentif à toutes les manifestations de notre activité nationale et prophétisant aux plus sombres jours que le Sauveur de la France serait en même temps le Sauveur du Monde .

Il laisse un unique recueil de poèmes , ~~xxix~~ (Mysterios) qui renferme comme un écrin précieux toutes les ferveurs , toutes les angoisses , tous les repentirs de son existence d'épreuves et de passion . Il est l'héritier direct de Baudelaire et de Verlaine , mais les frenésies de Rimbaud s'unissent parfois chez lui aux visions apocalyptiques et , frère de Ste Thérèse , il crie les meurtrissures ~~xxxxxxixixixinstinctives~~ de l'Instinct pour mieux en tonner ensuite , les yeux au ciel , de grandioses liturgies cosmiques . Superstitieux il vient de s'éteindre un jour de Novembre qui fut le ~~9~~ du mois et un vendredi .

Primeira versão do necrológio de Philéas Lebesgue para o *Mercure de France*

Fontes

Bibliografia de José Severiano de Rezende

Livros

em Português

REZENDE, José Severiano de. *Cartas paulistas*: artigos sobre a questão acadêmica. Santos: *Diário de Santos*, 1890. 62 p.

-----, Padre. *Eduardo Prado*: páginas de crítica e polêmica. São Paulo: N. Falcone, [1904?]. 171 p.

-----, Padre (adapt.). LACERDA, Joaquim Maria de. *Curso metódico de geografia física, política, histórica, comercial e astronômica*. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: H. Garnier, [1908?]. 432 p

-----, *O meu flos sanctorum*. Porto: Liv. Chardron, 1908. 348 p.; RESENDE, José Severiano. *O meu flos sanctorum*. 2. ed. Porto: Liv. Chardron, [1917?], 348 p. (Não possui prefácio).; 3. ed. rev. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1970. 258 p.

-----, *Mysterios*. Lisboa: Liv. Aillaud e Bertrand, 1920. 205 p.; *Mistérios*. 2. ed. rev. aum. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros da UFMG, 1971. 219 p.

em Tcheco

-----, *Muj flos sanctorum*. Trad. Antonín Ludvík Stríz. Stará říše: Studium, 1914. 340 p. Coleção *Boa obra*, t. 14.

Opúsculo

-----, *Hymne à l'homme qui viendra*. Trad. José Severiano de Rezende e Philéas Lebesgue. Paris: H. Gaulon, 1922. 16 p. (Tradução da ode "Hino ao homem venturo" de *Mysterios*). (Ver excerto em *Revue Bleue*).

Folheto

-----, padre. *A verdade*: sobre o caso beneditino. Rio de Janeiro. [s. n.], maio 1903. 7 p.

Publicação em periódicos

REZENDE, José Severiano de. "Haughtiness". *Arauto de Minas*, São João del-Rei, 20 mar. 1886. p. 3.

- "Viajando". *Arauto de Minas*, São João del-Rei, 1º abr. 1886. p. 2.
- "O gato e o espelho". *Arauto de Minas*, São João del-Rei, 11 ago. 1886. p. 3.
- "Seguindo a corrente". *Arauto de Minas*, São João del-Rei, 18 dez. 1886. p. 2.
- "A cigarra e a formiga", de La Fontaine. Trad. José Severiano de Rezende. *Arauto de Minas*, São João del-Rei, 8 jan. 1887. p. 2-3.
- "Ao ator Galvão". *Arauto de Minas*, São João del-Rei, 20 nov. 1887. p. 3.
- "Carta a ela". *Arauto de Minas*, São João del-Rei, 4 dez. 1887. p. 3.
- "Viuvez e solidão". *A Semana*, Rio de Janeiro, ano 3, v. 3, n. 137, p. 260, 13 ago. 1887.; *Arauto de Minas*, São João del-Rei, 25 dez. 1887. p. 3.; *Almanack de Passos*, Passos, p. 141, 1897.
- "Conselhos a ela". *Arauto de Minas*, São João del-Rei, 4 ago. 1888. p. 3.
- "À M^{me} Marion Andréé". *Arauto de Minas*, São João del-Rei, 18 out. 1888. p. 2. (Poema em francês).
- "À Marion Andréé". *Arauto de Minas*, São João del-Rei, 31 jan. 1889. p. 3.; In: GUERRA, Antonio. *Pequena história de teatro, circo, música e variedade em São João del-Rei; 1717 a 1967*. São João del-Rei: Sociedade Propagadora Esdeva e Lar Católico, [s.d.]. p. 67. (Publicado em *Pequena história...* com o título "Homenagem a Marion Andréé").
- "Lira antiga". *Arauto de Minas*, São João del-Rei, 15 fev. 1889. p. 3.
- "O Tribunal". *O Tribunal*, São João del-Rei, 1º abr. 1888. p. 1.
- "A fazenda do Pombal". *O Tribunal*, São João del-Rei, 21 abr. 1888. p. 1.
- "Morta!". *A Verdade Política*, São João del-Rei, 22 mar. 1889. Poesia, p. 3.
- "Teófilo Dias". *Diario Mercantil*, São Paulo, 20 abr. 1889. Parnaso, p. 1. (Publicado em *Mysterios* com o título "Assunção do poeta").
- "Harpa da juventude". *Diario Mercantil*, São Paulo, 30 abr. 1889. Parnaso, p. 1.; *Almanack Administrativo Mercantil, Industrial, Científico e Litterario do Municipio de Ouro Preto*, Ouro Preto, p. 171-174, 1890. (Publicado em *Mysterios* com o título "Juventa").
- "Nuptiæ". *Diario Mercantil*, São Paulo, 23 maio 1889. Parnaso, p. 1.; *A Patria Mineira*, São João del-Rei, 13 jun. 1889. p. 3.

- “Soneto”. *Diario Mercantil*, São Paulo, 8 jun. 1889. Parnaso, p. 1. (Publicado em *Mysterios* com o título “Impéria”).
- “Às armas”. *A Patria Mineira*, São João del-Rei, 14 jul. 1889. p. 2.; *Almanack Administrativo, Mercantil, Industrial, Científico e Litterario do Municipio de Ouro Preto*, Ouro Preto, p. 201, 1890.
- “A uma triste”. *Almanack Administrativo, Mercantil, Industrial, Científico e Litterario do Municipio de Ouro Preto*, Ouro Preto, p. 194, 1890.
- “Aurora!”. *A Provincia de São Paulo*, São Paulo, 11 maio 1889. p. 1.
- “Dos ‘Salmos e Réquiens’”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 1º jan. 1892. p. 1.
- “Palavras ao vento”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 1º jan. 1893. p. 1.
- “A propósito do carnaval”. *Correio Paulistano*, São Paulo, 23 fev. 1890. Folhetim, p. 1.
- “Um enterro triste. – Uma notícia alegre sobre outra coisa alegre.– Um poeta-magistrado. – Venha a paga!”. *Correio Paulistano*, São Paulo, 9 mar. 1890. Folhetim, p. 1.
- “Às armas, cidadãos!”. *Correio Paulistano*, São Paulo, 16 mar. 1890. Folhetim, p. 1.
- “Folhetim”. *Correio Paulistano*, São Paulo, 23 mar. 1890. p. 1.
- “O Cágado”. *Correio Paulistano*, São Paulo, 7 maio 1890. Toda Lira, p. 1. (O poema foi antes publicado no *Correio do Povo*); *Fon-Fon! Selecta*, Rio de Janeiro, [não paginado], 23 dez. 1915.; *O Germinal*, Mariana, 3 jan. 1916. p. 3.
- “Livro da Contrição”. *Minas Geraes*, Ouro Preto, 26 maio 1894. Letras, p. 3. (Publicado em *Mysterios* com o título “Ad alta”).
- “Livro da Contrição”. *Minas Geraes*, Ouro Preto, 27 maio 1894. Letras, p. 5.; *Almanack de Juiz de Fora*, Juiz de Fora, p. 59, 1897. (Publicado com o título “Dos *Mysterios*”); *A Vida de Minas*, Belo Horizonte, ano 2, n. 18, p. 156, 1916. (Publicado com o título “Dos *Mysterios*”); SILVA, Alberto da Costa e. “Um poeta estranho: José Severiano de Rezende”. *A Noite*, Rio de Janeiro, 20 jul. 1954. Letras e Artes, p. 4. (Ver em *Atlantida* com o título “Nomem... Numen... Lumen...”). (Publicado em *Mysterios* com o título “Eras que o pó cobriu” apenas no índice).
- “Livro da Contrição”. *Minas Geraes*, Ouro Preto, 13 jun. 1894. Letras, p. 5.; *Horus*: revista de arte, Belo Horizonte, [não paginado], 2 ago. 1902. (Publicado em *Mysterios* com o título “O cego-surdo-mudo”).

- , padre. "Canção". *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 15. jan. 1898. p. 1.; *Conceição do Serro*, Conceição do Serro, 20 mar. 1904. p. 2. (Publicado em *Mysterios* com o título "Prece").
- , padre. "Carme Secular". *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 16 jan. 1898. p.1.
- , padre. "Verlaine". *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 17 jan. 1898. p. 1.; In: ORBAN, Victor. *Poésie brésilienne*. Paris: H. Garnier, 1922. p. 197-198.; Trad. Philéas Lebesgue. LEBESGUE, Philéas. "Un grand lyrique brésilien: J. Severiano de Rezende". *Revue Bleue: revue politique et littéraire*, Paris, an 65, n. 12, p. 355, 18 juin 1927. (Excerto em francês).; In: CAROLLO, Cassiana Lacerda. *Decadismo e simbolismo no Brasil: crítica e poética*. Brasília: Livros Técnicos e Científicos, 1980. v. 2, p. 213.
- , padre. "Tempus Faciendi". *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 18 jan. 1898. p. 1.
- , padre. "S. José". *D. Viçoso*, Mariana, 6 mar. 1898. p. 1.
- , padre. "A maçonaria estende-se". *D. Viçoso*, Mariana, 6 mar. 1898. *Gazeta*, p. 1-2.
- , padre. "O sacerdócio". *D. Viçoso*, Mariana, 15 maio 1898. p. 1.
- , padre. "Contra a maçonaria". *D. Viçoso*. Mariana, 20 ago. 1898. p. 2.
- , padre. "Campos Sales". *D. Viçoso*, Mariana, 20 nov. 1898. *Gazetilha*, p. 3.
- , padre. "A moralidade em Mariana". *D. Viçoso*, Mariana, 11 dez. 1898. p. 1.
- , padre. "A moralidade em Mariana". *D. Viçoso*, Mariana, 18 dez. 1898. p. 1.
- , padre. "A nosso respeito". *D. Viçoso*, Mariana, 18 dez. 1898. p. 3.
- , padre. "Os chapéus nas igrejas". *D. Viçoso*, Mariana, 25 dez. 1898. *Gazetilha*, p. 3.
- , padre. "Escândalo no morro de Sant'Ana". *D. Viçoso*, Mariana, 29 jan. 1899. p. 3.
- , padre. "200\$000 postos fora pela Câmara Municipal". *D. Viçoso*, Mariana, 29 jan. 1899. p. 3.
- , padre. "Canção". *D. Viçoso*, Mariana, 30 abr. 1899. p 2.; *O Archivo Illustrado*, São Paulo, ano 5, n. 34, 1903. p. 263. (Publicado em *Mysterios* com o título "A hora suprema").
- , padre. "O povo vítima". *D. Viçoso*, Mariana, 28 maio 1899. p. 1.
- , padre. "Bestiæ et universa pecora". *D. Viçoso*, Mariana, 28 maio 1899. p. 2.

- , padre. "Governo Apóstata". *D. Viçoso*, Mariana, 16 jul. 1899. p. 1.
- , padre. "Vestir-se de papel moda do Japão". *D. Viçoso*, Mariana, 16 jul. 1899. *Gazeta*, p. 2.
- , padre. "Assassinato covarde/O delegado de Polícia". *D. Viçoso*, Mariana, 16 jul. 1899. p. 3.
- , padre. "Governo Apóstata". *D. Viçoso*, Mariana, 23 jul. 1899. p. 1.
- , padre. "Mais uma vez definindo e explicando". *D. Viçoso*, Mariana, 23 jul. 1899. p. 2.
- , padre. "O padre Rezende". *D. Viçoso*, Mariana, 30 jul. 1899. p. 2.
- , padre. "A Pastoral Coletiva e os seus adulteradores". *D. Viçoso*, Mariana, 13 ago. 1899. p. 3.
- , padre. "O padre Rezende". *D. Viçoso*. Mariana, 27 ago. 1899. p. 2.
- , padre. "O *D. Viçoso* em Mariana". *D. Viçoso*, Mariana, 26 nov. 1899. p. 4.
- , padre. "Canção". *D. Viçoso*. Mariana, 3 dez. 1899. p. 2.; *Kósmos*. Rio de Janeiro, ano 2, n. 71, [não paginado], jul. 1905.
- , padre. "O Hipogrifo". *O Resistente*, São João del-Rei, 11 nov. 1900. p. 1.; MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. 2. ed. Brasília: Conselho Federal de Cultura, 1973. v. 1, p. 477.
- , padre. "Comemorativamente". *O Resistente*, São João del-Rei, 15 nov. 1900. p. 1.
- , padre. "As Rãs". *O Resistente*. São João del-Rei, 29 ago. 1901. p. 1.; *Tagarela*, Rio de Janeiro, 1903, [não paginada].
- , padre. "O catolicismo de Eduardo Prado X". *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 24 nov. 1901. p. 1.
- , padre. "O catolicismo de Eduardo Prado XX". *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 16 jan. 1902. p. 1.
- , padre. "O catolicismo de Eduardo Prado XXX". *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 16 fev. 1902. p. 1.
- , padre. "O catolicismo de Eduardo Prado IV". *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 3 maio 1902. p. 1.

- , padre. “A ária de Wolfrão”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 out. 1902. p. 1. (Publicado em *Mysterios* com o título “Ouvindo o ‘Tannhäuser’”).
- , padre. “O Hipopótamo”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1 dez. 1902. p. 1.
- , padre. “Ode ao Ódio”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 7 dez. 1902. p. 1.
- , padre. “Natal”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 dez. 1902. p. 1.
- , padre. “Vita Nuova”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1 jan. 1903. p. 1.
- , padre. “Teatro e Religião”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 10 mar. 1903. p. 1.
- , padre. “Um teatro nosso?”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17 mar. 1903. p. 1.
- , padre. “A serva do Senhor”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 mar. 1903. p. 1.
- , padre. “Oberammergau”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1 abr. 1903. p. 1.
- , padre. “O fúnebre reinado”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15 abr. 1903. p. 1.
- , padre. “O nosso mártir”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 22 abr. 1903. p. 1.
- , padre. “A memória do Mártir”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 abr. 1903. p. 1.
- , padre. “Os pobres das ruas”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 6 maio 1903. p. 1.
- , padre. “Mas, um teatro nosso?”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 jul. 1903. p. 1.
- , padre. “O Sr. Antoine conferencista”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 jul. 1903. p. 1.
- , padre. “Água, tinta e goma arábica”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 2 ago. 1903. p. 1-2.
- , padre. “Sua santidade Pio X”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 5 ago. 1903. p. 1.
- , padre. “Vulnera... Sidera”. *Conceição do Serro*, Conceição do Serro, 28 ago. 1904. p. 1.
- , padre. “As Caravelas”. In: FREIRE, Laudelino (org.). *Sonetos brasileiros: séculos XVII-XX*, coletânea. Rio de Janeiro: M. Orosco, 1904. p. 225.; Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1913. p. 261.; *Fon-Fon!*, Rio de Janeiro, [não paginado], 21 ago. 1915.; *O Germinal*, Mariana, 24 set. 1915. p. 1.

- , padre. "O Jararacuçu". *Anuario de Minas Gerais*, Belo Horizonte, ano 2, p. 632, 1906.; DORNAS FILHO, João. "Os dois Severiano de Rezende". *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 31 dez. 1960. 3, p. 10.; *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23 dez. 1972. Suplemento Literário. p. 2.; In: OLIVEIRA JÚNIOR, Cândido Martins de. *História da literatura mineira*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1963. p. 246.
- , padre. "Arte Mística". *Gazeta*, São Paulo, 1º jan. 1907, [?].
- , "O Sapo". *Anuario de Minas Gerais*, Belo Horizonte, p. 1141-1142, 1909.; *O Alfinete*, Mariana, 17 out. 1915. p. 1.
- , "Un poète brésilien à Paris". *Le Courrier du Brésil*, Paris, 24 mars 1910. p. 5.
- , "Malazarte de Graça Aranha". *Gazetinha*: arquivo de ensaios e estudos, críticas e bibliografias – filologia e história do Brasil, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 12-13, 15 jan. 1971.; *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23 dez. 1972. p. 4-5. Suplemento Literário. (Artigo publicado em francês na revista *Œuvre*, de Paris, em março de 1911, traduzido apareceu nas páginas do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, em 31 de março de 1911).
- , "Fides Nostra". *Fon-Fon! Selecta*, Rio de Janeiro, [não paginado], 23 dez. 1915.; *O Germinal*, Mariana, 3 jan. 1916. p. 3.
- , "O Poema do Instinto". *Atlantida*, Lisboa, n. 5, p. 448-449, 15 mar. 1916. (Publicado em *Mysterios* com o título "A tentação").
- , "Nomen...Numen...Lumen". *Atlantida*, Lisboa, n. 5, [não paginado], 15 mar. 1916. (Publicado em *Mysterios* com o título "Eras que o pó cobriu" apenas no índice).
- , "O pintor Antonio Parreiras". *Atlantida*, Lisboa, p. 362-369, [1918?].
- , "Atenéia". *A Cigarra*, São Paulo, ano 6, n. 126, [não paginado], 15 dez. 1919.
- , "O Porco". *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 24 abr. 1921. Crônica social. p. 2.; E. P. "Severiano; página de saudade". *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 nov. 1931.; In: PONTES, Elói. *Obra alheia*: crítica, 1ª série. Rio de Janeiro: Selma, [s.d.]. p. 62-63.
- , "Desembarcando". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 30 ago. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- , "Na Urbe". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 1º set. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- , "Uma mistificação". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 2 set. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.

- "Bondes". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 4 set. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "As nossas gafes". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 5 set. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "Patriotismo". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 8 set. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "A Festa". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 11 set. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "Parsifal". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 12 set. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "A França". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 13 set. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "O 'Canto do Centenário'". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 14 set. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "A Bandeira e o Hino". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 15 set. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "O Brasimo". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 16 set. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "O nosso irmão". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 18 set. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "A exposição". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 19 set. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "As 'gaffes'". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 20 set. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "Germânia". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 21 set. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "Os jangadeiros". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 22 set. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "Os hóspedes e o sport". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 23 set. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "Entre acadêmicos". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 25 set. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.

- "Locomoção". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 27 set. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "O morto-vivo". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 28 set. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "O abutre". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 29 set. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "O rei 'Laor'". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 30 set. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "A procissão". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 3 out. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "O 'Pantheon'". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 4 out. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "Bispos da Academia". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 6 out. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "Pintura". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 9 out. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "Gente d'algo". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 11 out. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "A tetralogia". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 10 out. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "Dom Casmurro". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 13 out. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "O presidente". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 14 out. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "A Academia e o centenário". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 16 out. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "Monsieur Baudrillard". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 17 out. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "Maria Antonia". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 18 out. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.

- , "O panteão". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 19 out. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- , "Instrução". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 20 out. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- , "O livro francês". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 21 out. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- , "Hotéis". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 24 out. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- , "Locomoção". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 25 out. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- , "O voto feminino". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 26 out. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- , "Arquitetura". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 27 out. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- , "A nossa terra e a nossa gente". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 28 out. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.2
- , "Um gramático". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 31 out. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- , "Mortos e vivos". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 2 nov. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- , "Sport". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 3 nov. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- , "Lima Barreto". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 4 nov. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- , "O 'Camelot'". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 7 nov. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- , "Militares e diplomatas". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 8 nov. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- , "Luís de Souza Dantas". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 9 nov. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- , "Xavier Pinheiro". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 10 nov. 1922. Boletim do dia: Para matar saudades..., p. 2.

- "O barão de Muritiba". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 14 nov. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "Brasil". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "Lohengrin". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 16 nov. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "O novo presidente". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 17 nov. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "La Rotonde". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 23 nov. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "Iluminação". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 25 nov. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "Propaganda exterior". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 27 nov. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "O 'Inconsciente'". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 28 nov. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "Urbanismo". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 29 nov. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "Fala Irineu Machado". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 1º dez. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "Alphonsus de Guimaraens". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 2 dez. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.; In: GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. *Alphonsus de Guimaraens no seu ambiente*. Rio de Janeiro: Fund. Biblioteca Nacional, 1995. p. 418-422.
- "Propaganda exterior". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 4 dez. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "Um banquete". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 6 dez. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "A eleita". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 8 dez. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "Tauromaquia". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 9 dez. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.

- "A lei do inquilinato". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 12 dez. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "Propaganda exterior". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 21 dez. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "A cretinice". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 22 dez. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "Jesus Cristo e os touros". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 23 dez. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "Natal". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 26 dez. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "Nós e o Paraguai". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 27 dez. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "Estátuas". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 29 dez. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "O passado e o futuro". *A Notícia*, Rio de Janeiro, 30 dez. 1922. Boletim do Dia: Para matar saudades..., p. 2.
- "Le Brésil d'aujourd'hui". *La Vie Latine*, Paris, n. 8, p. 18-19, sep. 1925.
- "France et Brésil". *La Vie Latine*, Paris, n. 10, p. 13, 10 oct. 1925.
- "A Lúçifer"/"A Lucifer". Trad. Victor-Emile Michelet. *Revue de l'Amérique Latine*, Paris, Anthologie Américaine, p. 536, 1^{er} juin. 1927.; SILVA, Alberto da Costa e . "Um poeta estranho: José Severiano de Rezende". *A Noite*, Rio de Janeiro, ano 9, n. 308, 20 jul. 1954. Letras e Artes, p. 4. (Excerto em português); In: RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Poesia Simbolista*; antologia. São Paulo: Melhoramentos, 1965. p. 290-292. (excerto); In: MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. Brasília: Conselho Federal de Cultura, 1973. v. 1, p. 479-484.; Trad. Ángel Crespo. CRESPO, Ángel. "Muestrario de poemas simbolistas brasileños". *Revista de Cultura Brasileña*, Madrid, t. 6, n. 22, p. 266-269. sep. 1967. (Excerto em espanhol).
- "Le VI^e Congrès de la Presse Latine". *Revue de l'Amérique Latine*, Paris, an 6, t. XIV, n. 70, Supplément Illustré, p. 341-344, 1^{er} oct. 1927.
- "L'Ami et l'Aimé". *Revue de l'Amérique Latine*, Paris, an 6, t. XIV, n. 71, Hommage à Marius André, p. 416-417, 1^{er} nov. 1927.

- , "A Rã"/"La Grenouille". Trad. Philéas Lebesgue. LEBESGUE, Philéas. "Un grand lyrique brésilien: J. Severiano de Rezende". *Revue Bleue*: revue politique et littéraire, Paris, an 65, n. 12, p. 355, 18 juin 1927.; "Um grande lírico brasileiro: Severiano de Rezende". *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 3 set. 1927. p. 3.
- , "Inferno Interior"/"Enfer Intérieur". Trad. Philéas Lebesgue. LEBESGUE, Philéas. "Un grand lyrique brésilien: J. Severiano de Rezende". *Revue Bleue*: revue politique et littéraire, Paris, an 65, n. 12, p. 355, 18 juin 1927.; GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. "Severiano de Rezende". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 dez. 1946.; *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 2 jul. 1950. p. 4.; DORNAS FILHO, João. "Os dois Severiano de Rezende". *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 31 dez. 1960. 3, p. 10.; *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23 dez. 1972. p. 2. Suplemento Literário.; OLIVEIRA, Anelito. "Tensão barroca no simbolismo". *Suplemento*, Belo Horizonte, abr. 1996. p. 17.
- , "Chant à la Vie". Trad. José Severiano de Rezende. *Revue Bleue*: revue politique et littéraire, Paris, p. 356-357, 18 juin 1927. (Tradução da ode "Cântico à vida" de *Mysterios*).
- , "L'aveugle sourd et muet". Trad. José Severiano de Rezende. *Revue Bleue* revue politique et littéraire, Paris, 1929. (Referência bibliográfica incompleta).
- , "Thrène". Trad. José Severiano de Rezende. *Revue Bleue*: revue politique et littéraire, Paris, 1929. (Referência bibliográfica incompleta).
- , "Hymne à l'Homme qui viendra". Trad. José Severiano de Rezende e Philéas Lebesgue. *Revue Bleue*: revue politique et littéraire, Paris, p. 583, oct. 1930. (Excerto).
- , "Sur José de Alencar". In: ALENCAR, José de. *Iracéma*. Trad. Philéas Lebesgue. Paris: Gedalge, [1928]. p. 7-12.
- , "Péladan jugé par un brésilien". *Mercur de France*, Paris, Revue de la Quinzaine, p. 375-376, 16 jui. 1918.
- , "Lettres Brésiliennes". *Mercur de France*, Paris, an 40, t. CCIX, n. 734, Revue de la Quinzaine, p. 485-492, 15 jan. 1929.
- , "Lettres Brésiliennes". *Mercur de France*, Paris, an 41, t. CCXVIII, n. 761, Revue de la Quinzaine, p. 484-490, 1^{er} mars 1930.
- , "L'État de Parahyba do Norte". *Journal des Nations Américaines*, Paris, 20 jui. 1930. Le Brésil, p. 1.
- , "Eldorado + Golconde + Potosi = Brésil". *Journal des Nations Américaines*, Paris, 24 août 1930. Le Brésil, p. 1.
- , "La capitale du Brésil 'est' Rio de Janeiro". *Journal des Nations Américaines*, Paris, 30 août 1930. Le Brésil, p. 1.

- . "Pour nous, Latins". *Journal des Nations Américaines*, Paris, 28 sep. 1930. Le Brésil, p. 3.
- . "Encore la race latine". *Journal des Nations Américaines*, Paris, 5 oct. 1930. Le Brésil, p. 3.
- . "L'Académie Brésilienne; IV". *Journal des Nations Américaines*, Paris, 30 nov. 1930. Le Brésil, p. 3.
- . "Un nouveau livre sur le Brésil; quelques aperçus sur le Brésil moderne". *Journal des Nations Américaines*, Paris, 7 dec. 1930. Le Brésil, p. 3.
- . "Rio Grande do Sul". *Journal des Nations Américaines*, Paris, 11 jan. 1931. Le Brésil, p. 3.
- . "Bélua". SILVA, Alberto da Costa e. "José Severiano de Resende e alguns temas de sua poesia". *Revista do Livro*, Rio de Janeiro: INL, ano 2, n. 6, p. 71, jun. 1957.; In: RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Poesia simbolista: antologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1965. p. 287.; Trad. Ángel Crespo. CRESPO, Ángel. "Muestrario de poemas simbolistas brasileños". *Revista de Cultura Brasileña*, Madrid, t. 6, n. 22, p. 265-266, sep. 1967.; *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23 dez. 1972. Suplemento Literário, p. 5.
- . "Outonal". In: RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Poesia simbolista: antologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1965. p. 288-289.
- . "Epitimese". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23 dez. 1972. p. 7. Suplemento Literário.; GUIMARAENS FILHO, Alphonsus. "Dois poemas marianenses". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 12, 19 jul. 1980. Mariana: cidade de Minas. Suplemento especial, p. 13. (Excerto publicado com o título "Epimitimese").
- . "O Leão". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23 dez. 1972. Suplemento Literário, p. 16.
- . "O Castelo". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23 dez. 1972. Suplemento Literário, p. 16.; In: LISBOA, Henriqueta. *Vivência poética*. Belo Horizonte: São Vicente, 1979. p. 99.
- . "A Girafa". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23 dez. 1972. Suplemento Literário, p. 16.
- . "Hino ao homem venturo". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23 dez. 1972. Suplemento Literário, p. 16. (Excerto).
- . "Teriofania". In: MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. 2. ed. Brasília: Conselho Federal de Cultura, 1973. v. 1, p. 478-479.

- , “A pintura brasileira”. In: BATISTA, Marta Rosseti, LOPEZ, Telê Porto Ancona, LIMA, Yone Soares de (orgs.). *Brasil: 1º tempo modernista – 1917/29: documentação*. São Paulo: IEB/USP, 1972. p. 122-124.; *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 7 abr. 1973. p. 4. Suplemento Literário.
- , “Suprema Pugna”. OLIVEIRA, Anelito. “Tensão barroca no simbolismo”. *Suplemento*, Belo Horizonte, abr. 1996. p. 17.
- , “Vozes Interiores”. OLIVEIRA, Anelito. “Tensão barroca no simbolismo”. *Suplemento*, Belo Horizonte, abr. 1996. p. 19.

Bibliografia sobre José Severiano de Rezende

Escorços biográficos

- AQUINO, monsenhor Almir de Rezende. “Traços biobibliográficos de José Severiano de Rezende”. *A Comunidade*, São João del-Rei, jan. 1971. p. 8-9.
- COUTINHO, Afrânio. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: FAE, 1989. v. 2, p. 1139.
- LIMA JÚNIOR., Renato Rodrigues de. *José Severiano de Rezende: um ilustre desconhecido*. Mariana, n. 1, jan. 2004, 4 p.; n. 2, maio 2004, 6 p.
- LISBOA, Henriqueta. “Introdução II”. In: REZENDE, José Severiano de. *Mistérios*. 2. ed. rev. aum. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 1971. p. 23-25.
- MENEZES, Raimundo de. “Rezende, José Severiano de”. *Dicionário literário brasileiro ilustrado*. São Paulo: Saraiva. 1969. v. 4, p. 1074-1075.
- MINENSE, Silvano. “Padre Severiano de Rezende”, primeira fase. *O Archivo Ilustrado*, São Paulo, ano 5, n. 33, 1903. p. 251-253.; segunda fase. ano 5, n. 34, 1903. p. 260-262.
- MOISÉS, Massaud, PAES, José Paulo. “Rezende, José Severiano”. *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1967. p. 212.
- MOREIRA, Vivaldi. *O homem Severiano de Rezende*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1971. 17 p.
- SANTOS, Waldemar de Moura. *Discursos*. Rio de Janeiro: MEC, 1958. 48 p.
- TRINDADE, cônego Raimundo. “José Severiano de Rezende”. *Arquidiocese de Mariana*. 2. ed. aum. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1955. v. 2, p. 195-207.

VIOTTI, Manuel. "Severiano de Rezende". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 28 jul. 1933. p. 8-9.; 1º ago. 1933. p. 6-7.; 5 ago. 1933. p. 4-5.; 9 ago. 1933. p. 6.; 15 ago. 1933. p. 5.

Crônicas

"ALPHONSUS de Guimaraens e José Severiano de Rezende". *O Germinal*, Mariana, 31 set. 1915. p. 1-2.

ALPHONSUS, João. "Nota 8: São Bom Jesus de Matosinhos". In: GUIMARAENS, Alphonsus de. *Poesias*. 2. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Org. Simões, 1955. v. 2, p. 555-557.

"AMIGO urso". *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 5 ago. 1899. p. 1.

AQUINO, monsenhor Almir de Rezende. "Um grande mineiro". *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 14 out. 1970. 1, p. 4.

----- "Prepara-se a 'sinfonia da justiça' em Minas". *A Comunidade*, São João del-Rei, out. 1970. p. 6.8

----- "Agora nós vamos falar de um poeta desconhecido". *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 abr. 1971. 2, p. 10.

----- "Severiano, homem de fé". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23 dez. 1972. p. 11. Suplemento Literário.

"BOÊMIOS". *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 4 ago. 1899. p. 1.

CLEMENTE, José [pseud. de Moacir Andrade]. "Severiano de Rezende". *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 3 jun. 1971. 1, p. 17.

"CRÔNICA". *Gazeta de Noticia*, Rio de Janeiro, 16 jan. 1898. p. 1.

DORNAS FILHO, João. "Os dois Severiano de Rezende". *Estado de Minas.*, Belo Horizonte, 31 dez. 1960. 3. p. 10.; *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23 dez. 1972. p. 2. Suplemento Literário.

EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938. p. 651-652.

----- "Padre Severiano de Rezende". In: *De um livro de memórias*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1958. v. 2, p. 581-587.

EULÁLIO, Alexandre. "Astúrias e Severiano". *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21 out. 1961. O fato literário.; *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, jul. 1963. Notas de uma agenda, p. 3.; *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23 dez. 1972. p. 4-5. Suplemento Literário.; In:

- Livro involuntário*: literatura, história, matéria e memória. Rio de Janeiro: UFRJ, 1933. p. 285-286.
- GAHISTO, Manoel. "Lettres Brésiliennes". *Mercure de France*, Paris, an 43, t. CCXXXIV, n. 810, p. 744-748, 15 mars 1932.
- G., A. [Agripino Grieco]. "José Severiano de Rezende". *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 18, dez. 1931.
- GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. "Severiano e Alphonsus". *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 15 dez. 1946.; *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 1-2 jul. 1950. p. 4.; "Severiano de Rezende". *A Noite*, Rio de Janeiro, 12, 13, 15 ago. 1957. Vida e Literatura. (Usa o pseudônimo Gui d'Alvim Filho); *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23 dez. 1972. 2p. 3. Suplemento Literário.
- , "Dois poemas marianenses". *Minas Gerais*: "Mariana: cidade de Minas", Belo Horizonte, 12, 19 jul. 1980. p. 12-13. Número especial.
- "JOSÉ Severiano de Rezende". *Verdade Política*, São João del-Rei, 5 jun. 1889. p. 3.
- LEBESGUE, Philéas. "Mort de José Severiano de Rezende". *Mercure de France*, Paris, an 42, Revue de la Quinzaine, Échos, p. 505-506, 1^{er} dec. 1931.
- LINS, Francisco. "A minha volta um poeta brasileiro em Paris". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 29 jun. 1930. p. 7.
- LOTUS, Mário [pseud. de Mário de Magalhães Gomes]. "O púlpito de Minas VI". *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 24 dez. 1913.
- MAGALHÃES, Basílio de. "José Severiano de Rezende". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 mar. 1947. p. 4.; *Diário do Comércio*, São João del-Rei, 31 maio 1947. p. 1, 4.; 1^o jun. 1947. p. 1.; 3 jun. 1947. p. 1.; 4 jun. 1947. p. 1.; 5 jun. 1947. p. 1.; 7 jun. 1947. p. 1.
- MAUL, Carlos. "Padre Severiano e sua francesa". In: *O Rio da bela época*. Rio de Janeiro: Liv. São José, 1968. p. 61-62.
- MENESTREL, J [pseud. de José Osvaldo de Araújo]. "Uma embaixada de musas". *A Vida de Minas*, Belo Horizonte, ano 1, n. 6, [não paginado], 30 set. 1915.
- MENEZES, Raimundo de. "Severiano de Rezende". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 jan. 1947. Curiosidade Biográfica.; "Um padre na rua do Ouvidor". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23 dez. 1972. p. 6. Suplemento Literário.
- MOURA CAMPOS [Waldemar de Moura Santos]. "O estudante literário". *O Diário*, Belo Horizonte, 2 mar. 1958. 2, p. 12.; In: SANTOS, Waldemar de Moura. *Discursos*. Rio de

- Janeiro: MEC, 1958. p. 37-43.; *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23 dez. 1972. p. 10. Suplemento Literário.
- “PADRE José Severiano de Rezende”. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 14 jan. 1898. p. 1.
- “PADRE José Severiano”. *O Resistente*, São João del-Rei, 23 jan. 1898. p. 1.
- “PADRE José Severiano”. *O Resistente*, São João del-Rei, 27 jan. 1898. p. 1.
- “PELOS jornalistas”. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1898. p. 1.
- P., E. [Elói Pontes]. “Severiano; página de saudade”. *O Globo*. Rio de Janeiro, 23 nov. 1931.
- PONTES, Elói. *Obra alheia: crítica*, 1ª série. Rio de Janeiro: Selma, [s.d.], p. 59-64.
- RESENDE, Otto Lara. “O poeta e seus mistérios”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 7 jan. 1990. O país, p. 6.
- , “Poeta maldito: padre rebelde”. *Revista da Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 4-5, 8 mar. 1992.
- RIO, João do [pseud. de João Paulo Alberto Coelho Barreto]. “Padre Severiano de Rezende. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 22 abr. 1905. Momento Literário, p. 1.; *O momento literário*. Rio de Janeiro: H. Garnier, [1908?]. p. 139-147.
- SANTOS, Rafael Arcanjo. “José Severiano de Rezende, o poeta de Mariana”. *Tribuna de Mariana*, Mariana, n. 197, 198, maio/jun. 1991. p. 6.; *Agenda Cultural*, Mariana, n. 33, Personagem do mês, p. 27-29, abr. 1998.
- SANTOS, Waldemar de Moura. “Severiano de Rezende, o padre jornalista”. *O Diário*, Belo Horizonte, 12 jan. 1958. 2, p. 3.; In: *Discursos*. Rio de Janeiro: MEC, 1958. p. 18-21.
- , “Severiano de Rezende, o poeta e jornalista”. *O Diário*, Belo Horizonte, 26 jan. 1958. 2, p. 1.; In: *Discursos*. Rio de Janeiro: MEC, 1958. p. 21-25.
- , “Severiano de Rezende na reclusão do claustro”. *O Diário*, Belo Horizonte, 2 fev. 1958. 2, p. 7.; In: *Discursos*. Rio de Janeiro: MEC, 1958. p. 25-31.
- “UMA figura de nossa boêmia intelectual que morreu em Paris”. *A Noite Ilustrada*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 87, 2 dez. 1931. p. 8.

Notas

“O ADMIRÁVEL sucesso dessa grande mostra de arte brasileira, através da repercussão que teve em toda a imprensa carioca”. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 1º ago. 1929. p. 10. In: *Revista de Antropofagia*. reed. São Paulo: Cia. Lithographica Ypiranga, 1976.

ALBUQUERQUE, Medeiros e. “O que há neste Rio”. *Homens e cousas da Academia Brasileira*. Rio de Janeiro: Renascença, 1934. p. 5.

ALMEIDA, Paulo Mendes de. “‘A cigarra’ literária”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 jun. 1964. Suplemento Literário, p. 1.

ALMEIDA, Lúcia Machado. “Gente, livros & bichos”. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 21 fev. 1971.

ALPHONSUS, João. “Notícia biográfica”. In: GUIMARAENS, Alphonsus de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1960. p. 33, 35, 40, 41, 45.; In: GUIMARAENS, Alphonsus de. *Poesias*. 2. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Simões, 1955. v. 1, p. 9-40.

ALVARENGA, Luís de Melo. “Severiano Nunes Cardoso de Rezende”. *A Comunidade*, São João del-Rei, ano 3, n. 23, jun. 1970. p. 1.

AMADO, Gilberto. “Em Paris, de volta da Alemanha”. In: *Depois da política*. Rio de Janeiro: J. Olímpio, 1960. p. 96-99.

ANAIS do I congresso de crítica e história literária: Universidade de Recife. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1964. p. 261.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “1950”. In: *O observador no escritório*: páginas do diário. Rio de Janeiro: Record, 1985. p. 96.

ANDRADE, Djalma. “A gente de dona Pauta”. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 24 abr. 1971. p. 2.

ANDRADE, Oswald de. “O esforço intelectual do Brasil contemporâneo”. In: BATISTA, Marta Rossetti, LOPES, Telê Porto Ancona, LIMA, Yone Soares de (orgs.). *Brasil; 1º tempo modernista – 1917/29*: documentação. São Paulo: IEB/USP, 1972. p. 209.

ANGLADE-AURAND, Arline. *Les influences françaises sur Alphonsus de Guimaraens*. Toulouse: Université de Toulouse, [1970]. p. 50, 54, 65-66, 77-81, 89, 97, 103, 122, x. (Tese de Doctorat de 3º cycle).

“ÀS ARMAS”. *A Pátria Mineira*, São João del-Rei, 4 jul. 1889. p. 2.

ASSIS, Machado de. *Correspondência*. In: *Obras completas de Machado de Assis*. São Paulo: Formar, 1972. v. 7, p. 205-207.

ÁVILA, Affonso. *O poeta e a consciência crítica*. 2. ed. São Paulo: Sumus, 1978. p. 78.

- BEAUFILS, Christophe. *Joséphin Péladan* : essai sur une maladie du lyrisme. Grenoble: Jérôme Millon, 1993. p. 438.
- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 2. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: J. Olímpio, 1960. p. 34, 59, 60, 78, 93, 130, 133, 223, 226, 233, 256.
- CAMARGOS, Marcia Mascarenhas de Rezende. *A Villa Kyrial e o imaginário da belle époque paulista*. São Paulo: FFLCH/USP, 1999. p. 122-123.; CAMARGOS, Marcia. *Villa Kyrial: crônica da belle époque paulistana*. São Paulo: SENAC, 2000. p. 13, 92, 96, 128, 135-136, 138-140, 144, 146, 212.
- CAROLLO, Cassiana Lacerda. *Decadismo e simbolismo no Brasil: crítica e poética*. Brasília: Livros Técnicos e Científicos, 1980. v. 1, p. 53, 337.
- CARVALHO, Antônio Gontijo de. *Uma conspiração contra a inteligência: vida e obra de David Campista*. Vitória: Artenova, 1968. p. 34.
- CARVALHO, cônego José Geraldo Vidigal de. *Um historiador beletrista*. Ouro Preto: Imprensa Universitária da UFOP, 1984. p. 39-41.
- “CRÔNICA social”. *Diário de Minas*. Belo Horizonte, 24 abr. 1921. p. 2.
- CINTRA, Sebastião de Oliveira. *Efemérides de São João del-Rei*. 2. ed. rev. aum. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1982. v. 2, p. 468.
- COMITTI, Leopoldo. “Elisões e alusões na correspondência de escritores”. *Letras Hoje*, Porto Alegre, v. 34, n. 4, p. 20-23, 25, dez. 1999.
- EULÁLIO, Alexandre. “A literatura em Minas Gerais no século XIX”. In: *Escritos*. Campinas: UNICAMP, 1992. p. 117-118.
- FLEUISS, Max. *Recordando...* Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941. p. 46.
- FONTAINAS, André. “Lettres Brésiliennes”. *Mercure de France*, Paris, p. 199, 1^{er} jui. 1924.
- GRIECO, Agripino. *Evolução da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Ariel, 1932. p. 83-84.
- *Evolução da prosa brasileira*. Rio de Janeiro: Ariel, 1933. p. 203-205, 265.
- ISGOROGOTA, Judas [pseud. de Agnelo Rodrigues de Melo]. “O movimento simbolista em São Paulo e a mocidade acadêmica do fim do século”. *A Gazeta*, São Paulo, 16 maio 1956. Reportagem Literária, p. 86-87.; 17 maio 1956. Reportagem Literária, p. 38.; 18 maio 1956. Reportagem Literária, p. 22.; 24 maio 1956. Reportagem Literária, p. 26.; 26 maio 1956. Re8portagem Literária, p. 13.; 19 jul. 1956. Reportagem Literária, p. 20.
- “JOSÉ Severiano”. *O Correio*, São João del-Rei, 21 nov. 1931. p. 1.

“JOSÉ S. de Rezende”. *Verdade Política*, São João del-Rei, 5 jun. 1889. p. 3.

“JOSÉ Severiano de Rezende”. *Minas Geraes*, Ouro Preto, 26 maio 1894. p. 5.

LIMA, Mário de. *Esboço da história literária de Minas*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1920. p. 32.

LISBOA, Henriqueta. *Alphonsus de Guimaraens*. Rio de Janeiro: Agir, 1945. p. 24-27, 28.

-----, “A poesia de Alphonsus de Guimaraens”. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro: INL, ano 13, n. 41, 2. trim. 1970.; In: GUIMARAENS, Alphonsus de. *Cantos de amor, salmos de prece*: poemas escolhidos. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1972. p. 12.

“LITERATURA”. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 17 fev. 1971.

LUGNÉ-POÉ. “Avec Éléonora Duse au Brésil”. *Revue Bleue*: revue politique et littéraire, Paris, p. 746, 17 dec. 1932.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo de. *Vida e obra de Machado de Assis*: apogeu. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. v. 4, p. 248.

MENEZES, Raimundo de. *Emílio de Menezes*: o último boêmio. São Paulo: Liv. Martins, 1956. p. 162, 174-175, 292.

“UM MINEIRO ilustre”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 17 nov. 1931. Nota do Dia, p. 6.

“MISSA”. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 14 jan. 1898, p. 1.

“MISTÉRIOS”. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 jun. 1971.

MOURÃO, Paulo Kruger Corrêa. *História de Belo Horizonte de 1897 a 1930*. [s.l], [s.n.], 1970. p. 221.

“NOTAS do dia”. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 7 maio 1971. 1, p. 5.

“NOTAS sociais; jantar”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 26 set. 1915. p. 13.

A NOTICIA, Rio de Janeiro, 14 jan. 1898. p.2.

OLIVEIRA JÚNIOR, Cândido Martins de. *História da literatura mineira*: esquema de interpretação e notícias biobibliográficas. Belo Horizonte: Itatiaia, 1958. p. 134.

ORBAN, Victor. *Poésie brésilienne*. Paris: H. Garnier, 1922. p. 197-198.

O PAIZ, Rio de Janeiro, 15 jan. 1898. p. 1.

- “PADRE Severiano de Rezende”. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 25 jan. 1898. p. 1.
- PAGANO, Sebastião. *Eduardo Prado e sua época*. São Paulo: O Cetro, [1960]. p. 86, 92, 94-95, 116-117, 160, 198, 261, 281.
- “PROGRAMA das comemorações centenárias do nascimento do padre José Severiano de Rezende poeta satírico, místico e emérito prosador”. *A Comunidade*, São João del-Rei, jan. 1971. p. 18.
- “REGISTRO cultural; 5º festival será também em Mariana”. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 27 maio 1971.
- “RESUMO das sessões realizadas no mês de novembro de 1931; sessão de 16 de novembro de 1931: (extraordinária)”. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, n. 120, p. 502, dez. 1931.
- RICIERI, Francine Fernandes Weiss. *Alphonsus de Guimaraens (1870-1921): bibliografia comentada*. Assis: FCL/UNESP, 1966. v. 1. p. 6, 88, 136, 163, 197, 203, 214, 215, 217, 239.; v. 2. p. 22, 23, 27, 29, 44, 76, 78, 79, 91, 120, 130, 131, 132, 133. (Dissertação em Letras).
- *A imagem poética em Alphonsus de Guimaraens: espelhamentos e tensões*. Campinas: IEL/UNICAMP, 2001. p. 99, 102, 212. (Tese em Literatura Brasileira).
- RIO, João do [pseud. de João Paulo Alberto Coelho Barreto]. “Isadora Duncan”. In: *Pall-mall Rio*: de José Antonio José. Rio de Janeiro: Vilas-Boas, 1917. p. 368.
- RIVAS, Pierre. *Encontro entre literaturas: França, Portugal, Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1995. p. 104, 107, 138, 155, 163, 213, 216, 217, 242, 249, 289, 303, 310.
- SALES, Fernando. “Livros novos, de 1920”. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro: INL, ano 13, n. 4, p. 44-45, 2. trim. 1970.
- SÃO João D’el-Rey*, São João del-Rei, 23 dez. 1889. p. 2.
- “SÃO João del-Rei homenageia o Padre Severiano”. *O Diário*, Belo Horizonte, 23 jan. 1971. 1, p. 7.
- SILVA, Artur Vieira de Resende e. “Genealogia Mineira”. *Revista do Archivo Publico Mineiro*, Belo Horizonte, ano 25, v. 1, p. 40, jul. 1937.
- “SOBRE um grande poeta”. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 28 jan. 1971.
- SOUZA, Dom Joaquim Silvério de. *A vida de d. Silvério Gomes Pimenta*. São Paulo: Escolas Profissionais do Liceu Coração de Jesus, 1927. p. 227-228.

VAMPRÉ, Spencer. *Memórias para a história da academia de São Paulo*. São Paulo: Liv. Acadêmica, 1924. p. 495, 525, 537.

VEIGA, Cláudio. *Um brasilianista francês: Philéas Lebesgue*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998. p. 6-7, 24, 29, 45, 49-50.

VIEGAS, Augusto. *Notícias de São João del-Rei*. Belo Horizonte: [s.n.], 1953. p. 210.

ZAVAGLIA, Adriana. *Vida e obra de Freitas Valle e Jacques d'Avray: o mecenas e o poeta sem história*. São José do Rio Preto: IBLCE/UNESP, 1994. p. 28, 52, 106, 111, 112, 113, 114, 116, 119, 125. (Dissertação em Literatura Brasileira).

Críticas

AMARAL, Glória Carneiro do. "O Brasil na revista *Mercure de France*". In: NITRINI, Sandra (org.). *Aquém e além mar: relações culturais: Brasil e França*. São Paulo: Hucitec, 2000. p. 150-153.

ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. "O livro do Padre Severiano: carta ao Sr. Valfrido Ribeiro". *Os Annaes*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 20, 23 fev. 1905, p. 121-122.; n. 21, 2 mar. 1905, p. 141-142.; In: COUTINHO, Afrânio. (org.). *Obra crítica de Araripe Jr.*. Rio de Janeiro: MEC, 1966. v. 4, p. 152-162.

BRAGA, Dias. "Teatro e religião". *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11 mar. 1903. Seção Livre, p. 1.

CARVALHO, José Maurício de. "José Severiano de Rezende e o seu flos sanctorum". *Tribuna Sanjoanense*, São João del-Rei, 24 mar. 1998.

-----". "Mistério e existência, a vida segundo Severiano de Resende". *Jornal da AMEF*, Barbacena, 10 set. 1998. p. 5-10. (Capítulo 5 do livro *A vida é um mistério*).

-----". "O tradicionalismo político segundo Severiano de Rezende". *Vertentes*, São João del-Rei, n. 12, p. 102-116, jul./dez. 1998. (Capítulo 4 do livro *A vida é um mistério*).

-----". *Contribuição contemporânea à história da filosofia brasileira*. Londrina: UEL, 1998. p. 260-267.

-----". "O diálogo de Severiano de Rezende com Blaise Pascal e Henri Bergson". *Tribuna Sanjoanense*, São João del-Rei, 2 mar. 1999.

-----". *A vida é um mistério: contribuição de José Severiano de Rezende à doutrina tradicionalista*. Londrina: CEFIL, 1999. 212p.

- DELACOUR, André. "Un poète brésilien: José Severiano de Rezende". *Journal Parlé*, Paris, 18 jan. 1928. (Artigo dado ao *Journal Parlé* pela rádio T.S.F. da torre Eiffel, em 18 de janeiro de 1928). (Inédito). (Datilografado).
- GUIMARAENS, Alphonsus. "Canção do padre J. Severiano de Rezende". *Conceição do Serro*, Conceição do Serro, 20 mar. 1904. p. 2.
- LEBESGUE, Philéas. "Un grand lyrique brésilien: J. Severiano de Rezende". *Revue Bleue: revue politique et littéraire*, Paris, p. 353-356, 18 juin 1927.; "Um grande lírico brasileiro: Severiano de Rezende". *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 3 set. 1927. p. 1, 3. (Tradução abreviada).
- LISBOA, Henriqueta. "Introdução I". In: REZENDE, José Severiano de. *Mistérios*. 2. ed. rev. aum. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 1971. p. 5-25.
- "Poeta Severiano de Rezende". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23 dez. 1972. p. 8-9. Suplemento Literário.; In: *Vivência poética*. Belo Horizonte: São Vicente, 1979. p. 69-79. (Súmula do prefácio da 2. ed. de *Mistérios*).
- "Alphonsus e Severiano". *Colóquio/letras*, Lisboa: Centro Calouste Gulbenkian, n. 6, p. 27-34, mar. 1972.; In: *Vivência poética*. Belo Horizonte: São Vicente, 1979. p. 93-101.
- OLIVEIRA, Anelito de. "Tensão barroca no simbolismo". *Suplemento*, Belo Horizonte, abr. 1996, p. 16-19.
- PONTY, Éric. "O sacerdócio da poesia: introdução a poesia severiana". In: *Breviário do tempo*. [s. l.]: A Voz do Lenheiro, 1997.
- RIBEIRO, Valfrido. "A livraria". *Os Annaes*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 19, p. 111-112, 16 fev. 1905.
- QUEIROZ, Maria José de. "O simbolismo e José Severiano de Rezende". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23 dez. 1972. p. 12-14. Suplemento Literário.
- SALES, Antonio. "Aquarelas, água suja e água benta". *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 6 ago. 1903. p. 2.
- SÃO BOAVENTURA, visconde de [Gaspar da Silva Barbosa]. "Prefácio". In: REZENDE, José Severiano de. *O meu flos sanctorum*. Porto: Liv. Chardron, 1908. p. v-viii.; In: REZENDE, José Severiano de. 3. ed. rev. *O meu flos sanctorum*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1970. p. 9-11.
- SILVA, Alberto da Costa e. "Um poeta estranho: José Severiano de Rezende". *A Noite*, Rio de Janeiro, ano 9, n. 308, 20 jul. 1954. Letras e Artes, p. 4.

-----, “José Severiano de Resende e alguns temas de sua poesia”. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro: INL, ano 2, n. 6, p. 65-72, jun. 1957.; In: *O vício da África e outros vícios*. Lisboa: J. de Sá Costa, 1989. p. 99-110.

Notas críticas

CARVALHO, José Maurício de Carvalho. *Contribuição contemporânea à história da filosofia brasileira: balanço e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998. p. 260-267.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1969. v. 4, p. 113-115, 211.

CRESPO, Ángel. “Muestrario de poemas simbolistas brasileiros”. *Revista de Cultura Brasileña*, Madrid, t. 6, n. 22, p. 238-239, 254-269, sep. 1967.

DUTRA, Waltensir, CUNHA, Fausto. *Biografia crítica das letras mineiras*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1956. p. 83, 85-86.

GAULON, Henri. “José Severiano de Rezende: *Hymne à l’homme qui viendra*”. *Mercure de France*, Paris, p. 199, 1^o jui. 1924.

GOES, Fernando. *Panorama da poesia brasileira: o simbolismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959. v. 4, p. 174-182.

LEBESGUE, Philéas. “*Mon flos sanctorum*”. *Mercure de France*, Paris, p. 762, 16 août 1909.

-----, “*Mysterios*”. *Revue de l’Amérique Latine*, Paris, p. 274-275, mars 1923.

MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira: o simbolismo (1893-1902)*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1967. v. 4, p. 82, 90-92, 156, 195-200.

-----, *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1984. v. 4, p. 23, 47, 114-118.

MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. 2. ed. Brasília: Conselho Federal de Cultura, 1973. v. 1, p. 475-480.

PICCHIO, Luciana Stegagno. *Letteratura brasiliana*. Bolonha: Sansoni-Accademica, 1972. p. 345, 347.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. “Severiano de Rezende”. In: *Poesia simbolista: antologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1965. p. 285-292.

“SEVERIANO de Rezende”. *Diario Mercantil*, São Paulo, 26 maio 1889. p. 1.

X (pseud. De José Oswaldo de Araújo). *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 24 abr. 1921, Crônica Social, p. 2.

Poesias a ele dedicadas

FRANCO, César. “Mente visionária”. *Arauto de Minas*, São João del-Rei, 26 jun. 1887. p. 3.

GUIMARÃES, monsenhor José de Souza Teles. “Padre Severiano”. *D. Viçoso*, Mariana, 11 dez. 1898. p. 2.

LINS, Francisco. “De manhã...”. *Arauto de Minas*, São João del-Rei, 14 maio 1886. p. 3.

MACHADO, Antonio. “Que segredos são esses da natura!”. *D. Viçoso*, Mariana, 27 nov. 1898. Versos, p. 3.

Charge e quadras humorísticas

“ATUALIDADES”. *O Rio Nu*, Rio de Janeiro, [não paginado], 29 abr. 1905.

“ENTRE o Zé do Senado e o Padre Severiano”. *O Malho*, Rio de Janeiro, n. 96, [não paginado], 16 jul. 1904.

“GALERIA”. *O Malho*, Rio de Janeiro, n. 113, [não paginado], 12 nov. 1904.

O MALHO, Rio de Janeiro, n. 26, [não paginado], 14 mar. 1903.

O MALHO, Rio de Janeiro, n. 30, [não paginado], 11 abr. 1903.

O MALHO, Rio de Janeiro, n. 35, [não paginado], 13 maio 1903.

O MALHO, Rio de Janeiro, n. 47, [não paginado], 8 ago. 1903.

“NUM bonde”. *O Malho*, Rio de Janeiro, n. 36, [não paginado], 16 maio 1903.

“PADRE José Severiano”. *O Resistente*, São João del-Rei, 23 jan. 1898. p. 1.

“POETAS e águias”. *Tagarela*, Rio de Janeiro, p. 5, 25 jun. 1903.

PONTES, Elói. *Obra alheia: crítica*, 1ª série. Rio de Janeiro: Selma, [s.d.]. p. 60.; MOREIRA, Vivaldi. *O homem Severiano de Rezende*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1971. p. 15.

“TEATRO Nacional”. *O Malho*, Rio de Janeiro, [não paginado], 25 jul. 1903.

Diversos

ALMANAQUE do pessoal do Ministério das Relações Exteriores: 31 de maio de 1920. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1921. p. 135,186. Arquivo Histórico do Itamaraty.

AQUINO, monsenhor Almir de Rezende. “O chicote amaldiçoado”. Mariana, 1937. 2p. (Conto inédito). (Datilografado). Arquivo de monsenhor Almir de Rezende Aquino.

GRAVATÁ, Hélio. “Bibliografia de e sobre José Severiano de Rezende”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23 dez. 1972. p. 16. Suplemento Literário.

MINAS Gerais, Belo Horizonte, 23 dez. 1972. 16 p. Suplemento Literário.

OLIVEIRA, J. Lourenço de. “Glossário”. In: REZENDE, José Severiano de. *Mistérios*. 2. ed. rev. aum. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros da UFMG, 1971. p. 27-44.

REZENDE, José Severiano de. “Errata”. In: *Mysterios*. Lisboa: Liv. Aillaud e Bertrand, 1920. 205 p. Real Gabinete Português de Leitura.

VALLE, José de Freitas. *Hino dos cavalheiros da Kyrial*. São Paulo: Irmãos Vitale, 1900. Instituto de Estudos Brasileiros – IEB/USP.

Iconografia

CHARGE de padre José Severiano de Rezende com Artur de Azevedo. Rio de Janeiro, 1903, charge de R. C. “TEATRO Nacional”. *O Malho*, Rio de Janeiro, [não paginado], 25 jul. 1903. Fundação Casa de Rui Barbosa.

FOTOGRAFIA da casa de José Severiano de Rezende em São João del-Rei. São João del-Rei, [s.d.], fotógrafo não identificado. AQUINO, monsenhor Almir de Rezende. “Severiano, homem de fé”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23 dez. 1972. Suplemento Literário, p.11.

FOTOGRAFIA do jantar no Clube Acadêmico. Belo Horizonte, 25 set. 1915, fotógrafo não identificado. *A Vida de Minas*, Belo Horizonte, ano 1, n. 6, [não paginado], 30 set. 1915. Fundação Biblioteca Nacional.

RETRATO de José Severiano de Rezende com bigode nos tempos de São Paulo. [s.l.], [s.d.], fotógrafo L. Souza. MINENSE, Silvano. “Padre José Severiano de Rezende”, primeira fase. *O Archivo Illustrado*. São Paulo, ano. 5, n. 33, 1903, p. 252. Fundação Biblioteca Nacional.

RETRATO do seminarista José Severiano de Rezende. Ouro Preto, 1895, fotógrafo Mauro. CAMARGOS, Marcia. *Villa Kyrial: crônica da belle époque paulistana*. São Paulo: SENAC, 2000. p. 138.

- RETRATO de padre José Severiano de Rezende. São João del-Rei, 1901, fotógrafo Francisco Reis. AQUINO, monsenhor Almir de Rezende. "Traços biobibliográficos de José Severiano de Rezende". *A Comunidade*, São João del-Rei, jan. 1971. p. 8.; MENEZES, Raimundo de. "Um padre na rua do Ouvidor". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23 dez. 1972. Suplemento Literário, p. 6.
- RETRATO de padre José Severiano de Rezende. [s. l.], [s. d.], fotógrafo não identificado. MINENSE, Silvano. "Padre José Severiano de Rezende", segunda fase. *O Archivo Ilustrado*, São Paulo, ano 5, n. 34, 1903, p. 260. Fundação Biblioteca Nacional.
- RETRATO de padre José Severiano de Rezende. [s. l.], [s. d.], desenho de autor desconhecido. "Homenagem". *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1º jan. 1903. p. 1.
- RETRATO de padre José Severiano de Rezende. Rio de Janeiro, 1903, desenho de J. Richard. "POETAS e águias". *Tagarela*, Rio de Janeiro, p. 5, 25 jun. 1903. Fundação Biblioteca Nacional.
- RETRATO oval de padre José Severiano de Rezende. Rio de Janeiro, 1904, fotógrafo não identificado. FREIRE, Laudelino (org.). *Sonetos brasileiros: séculos XVII-XX*, coletânea. Rio de Janeiro: M. Orosco, 1904. p. 225. Fundação Biblioteca Nacional.
- RETRATO de padre José Severiano de Rezende. Rio de Janeiro, 1904, desenhado por M. J. Garnier. FREIRE, Laudelino (org.). *Sonetos brasileiros: séculos XVII-XX*, desenhos dos sonetos. Rio de Janeiro: F. Briguiet, [1904?]. v. 7, n. 261.; FREIRE, Laudelino (org.). *Sonetos brasileiros: séculos XVII-XX*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1913. p. 261. Fundação Biblioteca Nacional.
- RETRATO de José Severiano de Rezende. [s.l.], [s.d.], fotógrafo não identificado. MENESTREL, J. "Uma embaixada de musas". *A Vida de Minas*, Belo Horizonte, ano 1, n. 6, [não paginado], 30 set. 1915. Arquivo Público Mineiro.
- RETRATO de José Severiano de Rezende. [s.l.], [s.d.], fotógrafo não identificado. "DOMINGO". *A Vida de Minas*, Belo Horizonte, [não paginado], 10 out. 1915. Arquivo Público Mineiro.
- RETRATO de José Severiano de Rezende e Alphonsus de Guimaraens. Belo Horizonte, 1915, fotógrafo não identificado. *A Vida de Minas*, Belo Horizonte, ano 1, n. 7, [não paginado], 15 out. 1915.; GUIMARAENS, Alphonsus. *Poesias*. Rio de Janeiro: Org. Simões, 1955. v. 2.; GUIMARAENS FILHO, Alphonsus. "Severiano e Alphonsus". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23 dez. 1972. p. 3. Suplemento Literário.
- RETRATO de José Severiano de Rezende com chapéu. [s.l.], [s. d.], fotógrafo não identificado. *A Noite Ilustrada*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 87, 2 dez. 1931, p. 8.; EDMUNDO, Luís. "Padre Severiano de Rezende". *De um livro de memórias*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1958. v. 2, p. 585.; *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23 dez. 1972. Suplemento Literário, p. 1. Fundação Biblioteca Nacional.

RETRATO de José Severiano de Rezende junto a um grupo de escritores. São Paulo, 1915, fotógrafo não identificado. BOAVENTURA, Maria Eugenia. *O salão e a selva: uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade*. São Paulo: Ex Libris, 1995. p. 28.

RETRATO de José Severiano de Rezende. [s.l.], [s.d.], desenhado por Belmiro de Almeida. REZENDE, José Severiano de. *Mysterios*. Lisboa: Aillaud e Bertrand, 1920.; 2. ed. rev. aum. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 1971.; EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938. v. 2, p. 649.; MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1952. v. 2. p. 66.; ISGOROGOTA, Judas. “O movimento simbolista em São Paulo e a mocidade acadêmica do fim de século”. *A Gazeta*, São Paulo, 18 maio 1956. Reportagem Literária, p. 22.; SILVA, Alberto da Costa e. “José Severiano de Rezende e alguns temas de sua poesia”. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro: INL, ano 2, n. 6, [não paginado], jun. 1957.; OLIVEIRA, Anelito. “Tensão barroca no simbolismo”. *Suplemento*, Belo Horizonte, abr. 1996, p. 17.

RETRATO de Severiano Nunes Cardoso de Rezende. São João del-Rei, [s.d.], fotógrafo não identificado. ALVARENGA, Luís de Melo. “Severiano Nunes Cardoso de Rezende”. *A Comunidade*. São João del-Rei, ano 3, n. 23, jun. 1970. p. 1.

Documentos

ATA da 6ª sessão da Congregação dos Lentes sobre a Questão Acadêmica. *Livro de atas das sessões da congregação da Academia de Direito de São Paulo*. p. 99-101. São Paulo, 23 de junho de 1890. (Manuscrito). Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

ATA da 7ª sessão da Congregação dos Lentes sobre a Questão Acadêmica. *Livro de atas das sessões da congregação da Academia de Direito de São Paulo*. p. 101-103. São Paulo, 21 de julho de 1890. (Manuscrito). Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

ATA da sessão do concurso à vaga de José do Patrocínio. liv. 1, 1896-1909. Rio de Janeiro, de 31 de outubro de 1905. (Manuscrito). Academia Brasileira de Letras.

AUTÓGRAFO de Severiano Nunes Cardoso de Rezende certificando o Crisma de José Severiano de Rezende. São João del-Rei, 23 de março de 1896. (Manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

AUTÓGRAFO de cônego Tobias Bernardino de Souza Cunha certificando o Batismo e o Crisma de José Severiano de Rezende. Mariana, 12 de janeiro 1889. (Manuscrito). Faculdade de Direito da Cidade de São Paulo.

- CANHOTO de passaporte n. 390 de José Severiano de Rezende. Talão de requisição de passaporte. Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1907. (Impresso preenchido a mão). Arquivo Nacional.
- CANHOTO de passaporte n. 197, de José Severiano de Rezende. Talão de requisição de passaporte. Rio de Janeiro, 5 de abril de 1916. (Impresso preenchido a mão). Arquivo Nacional.
- CARTA de excardinação de padre José Severiano de Rezende. Mariana, 17 de novembro de 1902. (Rascunho manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.
- CARTA de excardinação de padre José Severiano de Rezende. Mariana, 16 de dezembro de 1904. (Rascunho manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.
- CERTIDÃO de reprovação nas matérias do 1º ano de José Severiano de Rezende. liv. 1, fl. [91?]. São Paulo, 1º de março de 1890. (Impresso preenchido a mão). Faculdade de Direito da Cidade de São Paulo.
- CERTIDÃO de aprovação nas matérias do 1º ano de José Severiano de Rezende. Faculdade de Direito da Cidade de São Paulo. São Paulo, 25 de novembro de 1890. (Impresso preenchido a mão). Faculdade de Direito da UFMG.
- CERTIDÃO de aprovação nas matérias do 1º ano de José Severiano de Rezende. Faculdade de Direito da Cidade de São Paulo. São Paulo, [9?] de dezembro de 1893. (Manuscrito). Faculdade de Direito da UFMG.
- CERTIDÕES de aprovação nos exames de admissão ao curso superior de José Severiano de Rezende. Delegacia Especial do Inspetor Geral da instrução primária e secundária do município da Corte, no Ouro Preto. Ouro Preto, 2 de novembro de 1888. Latim, liv. 3, fl. 93, n. 4539.; Inglês, liv. 3, fl. 95, n. 4538.; liv. 3, Retórica, fl. 97, n. 4540.; Aritmética, liv. 4, fl. 7, n. 4541.; Ouro Preto, 14 de novembro de 1888. Português, liv. 3, fl. 90, n. 4579.; Ouro Preto, 19 de dezembro de 1888. Francês, liv. 4, fl. 26.; [ilegível], liv. 4, fl. 27.; História e Geografia do Brasil, liv. 4, fl. 29.; Geografia, liv. 4, fl. 33, n. 24651.; Geometria, liv. 4, fl. 33.; Filosofia, liv. 4, fl. 34, n. 4683. (Impressos preenchidos a mão). Faculdade de Direito da Cidade de São Paulo.
- CONVITE da “Exposition d’Art l’Amérique Latine”/Conferência : “L’Esprit Latin”, por José Severiano de Rezende. Museu Galliéra. Paris, 28 mars 1924, 3h30min. (Impresso). Museu Galliéra.
- CONVITE: Comemoração do centenário do nascimento de Pe. José Severiano de Rezende. São João del-Rei, 23 janeiro 1971. (Fotocópia do impresso). Arquivo Renato Rodrigues de Lima Júnior.
- DECRETOS condecorando com a Ordem de Cristo José Severiano de Rezende e José Pereira da Graça Aranha. Lisboa, 14 de fevereiro de 1920. (Cópias datilografadas).

Ministério dos Negócios Estrangeiros/Direção Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos.

DEDICATÓRIA do exemplar de *Mysterios* de Alphonsus de Guimaraens. Paris, fev. 1921. (Manuscrito). Museu Casa Alphonsus de Guimaraens.

DIPLOMA de oficial da Ordem de Cristo de José Severiano de Rezende. Lisboa, 14 de fevereiro de 1920. (Impresso preenchido a mão). Ministério dos Negócios Estrangeiros/Direção Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos.

OFÍCIO solicitando informações sobre José Severiano de Rezende ao bispo de Mariana. Itu, 22 de janeiro de 1894. (Manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

OFÍCIO baseado no *de genere* habilitando José Severiano de Rezende a receber as Ordens Menores. Mariana, 28 de março de 1896. (Manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

OFÍCIO de Dom Silvério Gomes Pimenta respondendo consulta sobre padre José Severiano de Rezende. Mariana, 15 de abril de 1900. (Manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

OFÍCIO de Dom Silvério Gomes Pimenta concedendo binagem ao padre José Severiano de Rezende. Mariana, 25 de julho de 1900. (Manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

OFÍCIO do vigário geral da diocese de Mariana solicitando permissão para que o padre José Severiano de Rezende possa se valer de suas ordens em Taubaté. Mariana, 17 de novembro de 1902. (Manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

OFÍCIO do vigário geral da diocese de Mariana solicitando permissão para que o padre José Severiano de Rezende possa se valer de suas ordens no Rio de Janeiro. Mariana, 17 de novembro de 1902. (Manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

OFÍCIO de José Severiano de Rezende a Machado de Assis comunicando sua participação no concurso à vaga de José do Patrocínio. Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1905. (Manuscrito). Academia Brasileira de Letras.

OFÍCIO de José Severiano de Rezende solicitando pagamento dos salários atrasados. *Consulado/Paris/ofícios 1918 agos. 1919. cod. 260/3/11.* Consulado Geral dos Estados Unidos do Brasil. Paris, 18 de maio de 1918. (Cópia datilografada). Arquivo Histórico do Itamaraty.

OFÍCIO comunicando a nomeação de José Severiano de Rezende como auxiliar. *Consulado/Paris/ofícios 1918 agos. 1919. cod. 260-3-11.* Consulado Geral dos Estados

Unidos do Brasil. Paris, 13 de junho de 1918. (Cópia manuscrita). Arquivo Histórico do Itamaraty.

OFÍCIO comunicando a nomeação de José Severiano de Rezende a 3º auxiliar. *Consulado/Paris/ofícios 1918 agos. 1919.* cod. 260-3-11. Consulado Geral dos Estados Unidos do Brasil. Paris, 9 de agosto de 1918. (Cópia manuscrita). Arquivo Histórico do Itamaraty.

OFÍCIO confirmando a nomeação de José Severiano de Rezende a 2º auxiliar. *Consulado/Paris/ofícios 1918 agos. 1919.* cod. 260-3-11. Consulado Geral dos Estados Unidos do Brasil. Paris, 10 de fevereiro de 1919. (Cópia manuscrita). Arquivo Histórico do Itamaraty.

OFÍCIO confirmando a transferência de José Severiano de Rezende para o Consulado de Cádiz. *Consulados/Cádiz/ofícios.* cod. Parte I-267-1-7. Consulado Geral dos Estados Unidos do Brasil. Cádiz, 8 de abril de 1920. (Cópia datilografada). Arquivo Histórico do Itamaraty.

OFÍCIO comunicando a transferência de José Severiano de Rezende para o Consulado de Yokohama. *Consulados/Paris/ofícios.* cod. Parte I-267-1-12. Consulado Geral dos Estados Unidos do Brasil. Paris, 12 de abril de 1920. (Cópia datilografada). Arquivo Histórico do Itamaraty.

OFÍCIO de José Severiano de Rezende ao presidente Epitácio Pessoa comentando suas idéias para propaganda do Brasil na França. Paris, 9 de março de 1921. (Cópia datilografada). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

OFÍCIO enviando portaria da transferência de José Severiano de Rezende para Yokohama. *Consulados/Paris/ofícios.* cod. Parte I-267-1-12. Consulado Geral dos Estados Unidos do Brasil. Paris, 20 de abril de 1921. (Cópia datilografada). Arquivo Histórico do Itamaraty.

OFÍCIO comunicando posse de José Severiano de Rezende em Cardiff. *Consulados/Cardiff/ofícios 1921-1922.* cod. 244/2/2. Consulado Geral dos Estados Unidos do Brasil. Cardiff, 25 de julho de 1921. (Cópia datilografada). Arquivo Histórico do Itamaraty.

OFÍCIO comunicando o cancelamento da transferência para Yokohama. *Consulados/Paris/ofícios 1921-1922.* cod. Parte I-267-1-12. Consulado Geral dos Estados Unidos do Brasil. Yokohama, 27 de setembro de 1921. (Cópia manuscrita). Arquivo Histórico do Itamaraty.

OFÍCIO comunicando exoneração de José Severiano de Rezende do Consulado de Cardiff. *Ofícios/Cardiff 1921-1922.* cod. 244/2/2. Consulado Geral dos Estados Unidos do Brasil. Cardiff, 9 de janeiro de 1922. (Cópia datilografada). Arquivo Histórico do Itamaraty.

- OFÍCIO enviando terceiras vias do recibo de pagamento de José Severiano de Rezende. *Ofícios/Cardiff 1921/1922*. cod. 244/2/2. Consulado Geral dos Estados Unidos do Brasil. Cardiff, 9 de janeiro de 1922. (Cópia datilografada). Arquivo Histórico do Itamaraty.
- OFÍCIO ao ministro de Estado das Relações Exteriores Félix Pacheco comunicando missão cultural de José Severiano de Rezende. *Paris/ofícios jun. 1924-jul. 1925*. cod. 226/4/3. Secretaria de Estado das Relações Exteriores, Gabinete do ministro. Paris, 7 de abril de 1925. (Cópia datilografada). Arquivo Histórico do Itamaraty.
- OFÍCIO de José Severiano de Rezende ao embaixador Luís Martins de Souza Dantas comentando informações sobre um método de ensino de línguas. *Paris/ofícios 1927*. Embaixada dos Estados Unidos do Brasil. Paris, 20 de setembro de 1927. (Cópia manuscrita). Arquivo Histórico do Itamaraty.
- OFÍCIO ao ministro de Estado das Relações Exteriores Otávio Mangabeira comunicando consagração literária de José Severiano de Rezende. *Paris/ofícios 1928*. cod. 226/4/8. Secretaria de Estado das Relações Exteriores, D.GN.P.D. Paris, 8 de maio de 1928. (Cópia datilografada). Arquivo Histórico do Itamaraty.
- OFÍCIO ao ministro de Estado das Relações Exteriores Otávio Mangabeira sobre carta de José Severiano de Rezende a respeito do conflito Bolívia e Paraguai, acompanhado da carta e do artigo de Saint-Brice. *Paris/ofícios 1929*. cod. 226/4/9. Embaixada dos Estados Unidos do Brasil. Paris, 4 de fevereiro de 1929. (Cópia datilografada). Arquivo Histórico do Itamaraty.
- OFÍCIO enviando os diplomas da Ordem de Cristo para o embaixador da República Portuguesa, para serem entregues a José Severiano de Rezende e José Pereira da Graça Aranha. Lisboa, 14 de junho de 1929. (Datilografado). Ministério dos Negócios Estrangeiros/Direção Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos.
- OFÍCIO do embaixador Luís Martins de Souza Dantas indicando o nome de José Severiano de Rezende para representar o Brasil no centenário do poeta Frédéric Mistral. *Paris/ofícios 1930*. cod. 226/4/10. Embaixada dos Estados Unidos do Brasil. Paris, 10 de janeiro 1930. (Cópia datilografada). Arquivo Histórico do Itamaraty.
- OFÍCIO à Embaixada de Paris enviando a portaria que designa José Severiano de Rezende para auxiliar do Brasil junto ao Instituto de Cooperação Intelectual. *Paris/despachos 1931-1933*. Paris, 10 de março de 1931. (Cópia datilografada). Arquivo Histórico do Itamaraty.
- PORTARIA que designa José Severiano de Rezende para o cargo de auxiliar do Brasil junto ao Instituto de Cooperação Intelectual, assinada pelo ministro de Estado das Relações Exteriores Afrânio de Melo Franco. Diretoria de Contabilidade do Ministério das Relações Exteriores. Livro de Registro n. 3, p. 34. Rio de Janeiro, 2 de janeiro de 1931. (Manuscrito) Arquivo Histórico do Itamaraty.

PROCESSO n. 17, ano 1920, indicando José Severiano de Rezende para a comenda de oficial da Ordem de Cristo. Lisboa, 14 de fevereiro de 1920. (Manuscrito). Ministério dos Negócios Estrangeiros/Direção Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos.

RECIBO de pagamento da 1ª matrícula/1889 de José Severiano de Rezende. liv. cx., fl. 50, n. 756. São Paulo, 18 de março de 1889. (Impresso preenchido a mão). Faculdade de Direito da Cidade de São Paulo.

RECIBO de pagamento da 2ª matrícula/1889 de José Severiano de Rezende. liv. cx., fl. 185, n. 2985. São Paulo, 23 de outubro de 1889. (Impresso preenchido a mão). Faculdade de Direito da Cidade de São Paulo.

RECIBO de pagamento da 1ª e 2ª matrícula/1890 de José Severiano de Rezende. liv. cx., fl. 65, n. 660. São Paulo, 1º de março de 1890. (Impresso preenchido a mão). Faculdade de Direito da Cidade de São Paulo.

RECIBO de salário de José Severiano de Rezende. *Consulado/Paris/ofícios 1918 agos. 1919.* cod. 260-3-11. Consulado Geral dos Estados Unidos do Brasil. Paris, 12 de agosto de 1918. (Cópia manuscrita). Arquivo Histórico do Itamaraty.

RECIBO de salário de José Severiano de Rezende. cod. 260-3-11. Consulado Geral dos Estados Unidos do Brasil. Paris, 1º de maio de 1920. (Cópia manuscrita). Arquivo Histórico do Itamaraty.

RECIBO de pagamento de ajuda de custo para viagem ao Brasil de José Severiano de Rezende. *Ofícios/Cardiff 1921-1922.* cod. 244/2/2. Consulado Geral dos Estados Unidos do Brasil. Paris, 9 de janeiro de 1922. (Cópia manuscrita). Arquivo Histórico do Itamaraty.

RECIBO de salário de José Severiano de Rezende. *Ofícios/Cardiff 1921-1922.* cod. 244/2/2. Consulado Geral dos Estados Unidos do Brasil. Paris, 9 de janeiro de 1922. (Cópia manuscrita). Arquivo Histórico do Itamaraty.

REGISTRO de batismo José Severiano de Rezende. liv. 12, fl. 50. Mariana, 13 de abril de 1871. (Livro preenchido a mão). Paróquia de Nossa Senhora da Assunção.

REGISTRO de permissão para que padre José Severiano de Rezende exerça suas funções sacerdotais durante o ano. *Provisões e Despachos/Sacerdotes.* liv. 21, 1898-1907, p. 117. Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1903. (Livro preenchido a mão). Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro.

REGISTRO do sepultamento de José Severiano de Rezende em Bram, 17 de novembro de 1931, às 10 h. (Livro preenchido a mão). Paróquia de Bram.

REQUERIMENTO de matrícula no 1º ano de José Severiano de Rezende. São Paulo, 18 de março de 1889. (Manuscrito). Faculdade de Direito da Cidade de São Paulo.

REQUERIMENTO n. 371 para prestação de exames das matérias do 1º ano de José Severiano de Rezende. São Paulo, 1º de março de 1890. (Manuscrito). Faculdade de Direito da Cidade de São Paulo.

REQUERIMENTO de matrícula no 1º ano de José Severiano de Rezende. São Paulo, 15 de março de 1890. (Manuscrito). Faculdade de Direito da Cidade de São Paulo.

REQUERIMENTO de matrícula no 2º ano de José Severiano de Rezende. Faculdade Livre de Direito de Minas Gerais. São João del-Rei, 10 de dezembro de 1893. (Manuscrito). Faculdade de Direito da UFMG.

REQUERIMENTO de José Severiano de Rezende solicitando cartas testemunhais ao bispo de São Paulo. Mariana, 13 de abril de 1894. (Manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

REQUERIMENTO solicitando passar os mandados de diligência para que José Severiano de Rezende possa se habilitar *de genere*. Mariana, 25 de junho de 1895. (Manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

REQUERIMENTO solicitando passar os mandados de diligência para que José Severiano de Rezende possa se habilitar *de moribus*. Mariana, 25 de junho de 1895. (Manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

REQUERIMENTO de José Severiano de Rezende solicitando dispensa do impedimento de *extra tempora* para recebimento das Ordens Menores e sacras honras e benefícios eclesiásticos. Mariana, 8 de abril de 1896. (Manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

REQUERIMENTO de José Severiano de Rezende solicitando dispensa dos papéis de seu patrimônio para recebimento das Ordens Sacras. Mariana, 10 de abril de 1896. (Manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

REQUERIMENTO de José Severiano de Rezende solicitando dispensa do impedimento de interstício e exercício da ordem para recebimento do diaconato. Mariana, 16 de abril de 1896. (Manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

REQUERIMENTO de padre José Severiano de Rezende solicitando carta de excomunhão da diocese de Mariana. Mariana, 21 de fevereiro de 1900. (Manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

REQUERIMENTO de padre José Severiano de Rezende solicitando carta de excomunhão da diocese de Mariana. Mariana, 29 de novembro de 1904. (Manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

TELEGRAMA avisando para José Severiano de Rezende aguardar ordens. cod. Parte I-260-4-16. Consulado Geral dos Estados Unidos do Brasil. Paris, 22 de janeiro de 1920. (Cópia manuscrita). Arquivo Histórico do Itamaraty.

TELEGRAMA marcando data da partida de José Severiano de Rezende para Yokohama. cod. Parte I-260-4-16. Consulado Geral dos Estados Unidos do Brasil. Paris, 17 de março de 1921. (Cópia datilografada). Arquivo Histórico do Itamaraty.

TELEGRAMA comunicando data da viagem de José Severiano de Rezende para Yokohama. cod. Parte I-260-4-16. Consulado Geral dos Estados Unidos do Brasil. Paris, 23 de junho de 1921. (Cópia manuscrita). Arquivo Histórico do Itamaraty.

TELEGRAMA à Embaixada em Paris autorizando pagamento de despesas reservadas a José Severiano de Rezende. *Paris/ofícios 1924*. Secretaria de Estado das Relações Exteriores, Seção de Contabilidade. Expedido em 28 de janeiro de 1925. (Cópia manuscrita). Arquivo Histórico do Itamaraty.

Fac-símiles de poemas manuscritos

REZENDE, José Severiano de. “Crepúsculo Macabro”. [Rio de Janeiro], 1907. 6 p. (Fotocópia). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

-----, “Atenáia”. [s. l.], [s. d.]. 1 p. (Fotocópia). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

-----, “Dos *Mysterios*”. [s. l.], [s. d.]. 1 p. (Fotocópia). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

-----, [“A Tentação”]. [s. l.], 23º ano. 3 p. (Fotocópia). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

-----, “Villa Kyrial”. [s. l.], [s. d.]. 1 p. (Fotocópia). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

-----, *Painéis zoológicos*. [s. l.], [s. d.]. 12 p. (Dedicatória; explicação e sonetos: “O Sapo”, “As Rãs”, “O Jararacuçu”, “O Cágado”, “O Hipogrifo”, “A Rã”, “A Girafa”, “O Hipopótamo” e “O Porco”). (Fotocópia). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

Correspondências

Correspondência ativa de José Severiano de Rezende

REZENDE, José Severiano de. [Carta] 26 maio 1889, São Paulo [para] Randolfo Fabrino, [s. local]. 3 p. Comenta o cotidiano. Informa o envio de alguns jornais. Comenta sua satisfação pelo elogio recebido de Raimundo Correia e fala da esperança de ver Minas Gerais ressurgir na literatura nacional. (Manuscrito). Fundação Casa de Rui Barbosa.

- . [Carta] 27 ago. 1889, São Paulo [para] Randolfo Fabrino, [s. l.]. 2 p. Demonstra satisfação por saber que os versos do amigo, publicados na imprensa, estão agradando. Solicita que pergunte ao Gaspar da Silva Barbosa a sua opinião sobre ele. Informa que está publicando duas seções no *Diario Mercantil*. (Manuscrito). Fundação Casa de Rui Barbosa.
- . [Carta] não sei quantos 1889, São João del-Rei [para] Randolfo Fabrino, [s. l.]. 4 p. Deseja ao amigo a paz necessária para conseguir subir a perigosa escada da vida. Elogia um soneto e comenta que deixaria se seduzir pelo Decadentismo caso tivesse a certeza de ser essa a melhor escola literária. (Manuscrito). Fundação Casa de Rui Barbosa.
- . [Carta] 29 dez. 1893, São João del-Rei [para] Alphonsus de Guimaraens, Ouro Preto. 4 p. Faz comentários crítico-literários e informa o seu interesse pelo Ocultismo. (Manuscrito). Museu Casa de Alphonsus de Guimaraens.; *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 26 dez. 1970. Suplemento Literário. p. 6.; GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. “Encontro com Severiano em 1915. Homenagem dos escritores de Belo Horizonte. Cartas do amigo”. In: *Alphonsus de Guimaraens em seu ambiente*. Rio de Janeiro: Fund. Biblioteca Nacional, 1995. p. 341-343.
- . [Carta] 30 jan. 1895, Mariana [para] Alphonsus de Guimaraens, Ouro Preto. Cobra visita prometida em vista dos maus tratos dos colegas de seminário. Envia artigo sobre a possível morte de Murat e critica Floriano Peixoto. (Manuscrito). Museu Casa de Alphonsus de Guimaraens.
- . [Carta] domingo [set. 1915], Belo Horizonte [para] Alphonsus de Guimaraens, Ouro Preto. 2 p. Solicita confirmação da ida a Belo Horizonte. (Manuscrito). Museu Casa Alphonsus de Guimaraens.; *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 26 dez. 1970. Suplemento Literário. p. 6-7.; GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. “Encontro com Severiano em 1915. Homenagem dos escritores de Belo Horizonte. Cartas do amigo”. In: *Alphonsus de Guimaraens em seu ambiente*. Rio de Janeiro: Fund. Biblioteca Nacional, 1995. p. 335-336.
- . [Carta] 3 nov. 1915, Rio de Janeiro [para] Alphonsus de Guimaraens, Mariana. Solicita confirmação do recebimento de livros e solicita versos novos. (Manuscrito). Museu Casa Alphonsus de Guimaraens.
- . [Carta] 29 mar. 1916, Rio de Janeiro [para] Alphonsus de Guimaraens, Mariana. Envia artigos de jornal sobre Alphonsus e comenta a dificuldade para publicá-los. Solicita versos e informa que em breve retornará à Europa. (Manuscrito). Museu Casa de Alphonsus de Guimaraens.; *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 26 dez. 1970. Suplemento Literário. p. 6.; GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. “Encontro com Severiano em 1915. Homenagem dos escritores de Belo Horizonte. Cartas do amigo”. In: *Alphonsus de Guimaraens em seu ambiente*. Rio de Janeiro: Fund. Biblioteca Nacional, 1995. p. 343-344.
- . [Carta] 13 set. 1896, São João del-Rei [para] Archangelus Guimaraens, Ouro Preto. (Excerto). Solicita notícias dele e de Alphonsus. GUIMARAENS FILHO,

Alphonsus de. "Archangelus e Severiano". In: *Alphonsus de Guimaraens no seu ambiente*. Rio de Janeiro: Fund. Biblioteca Nacional, 1995, p. 42-43.

- [Carta] [s. d.], [São João del-Rei] [para] monsenhor José de Souza Teles Guimarães, Mariana. Como capelão da Santa Casa de Misericórdia, solicita favores junto ao bispo e comenta a interrupção da publicação de *O Amigo*. (Manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.
- [Carta] 31 maio 1901, São João del-Rei [para] monsenhor José de Souza Teles Guimarães, Mariana. Solicita conselhos sobre procedimento sacerdotal. (Manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.
- [Carta] 5 maio 1902, São João del-Rei [para] monsenhor José de Souza Teles Guimarães, Mariana. 4 p. Solicita cuidado na escolha do novo vigário para São João del-Rei. (Manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.
- [Carta] 18 fev. 1900, São João del-Rei [para] cônego José Silvério Horta, Mariana. 4 p. Agradece a amizade e solicita favores após sua brusca saída de Mariana. Avisa que envia anexo o pedido de excardinação. (Manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.
- [Carta] 20 jul. 1900, São João del-Rei [para] cônego José Silvério Horta, Mariana. Consulta sobre comportamento sacerdotal. (Manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.
- [Carta] 1º dez. 1901, São João del-Rei [para] cônego José Silvério Horta, Mariana. 3 p. Solicita que informe a seus credores os motivos dos atrasos nos pagamentos das dívidas. Comenta que está destroçando os livros e folhetos que levou por engano. (Manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.
- [Carta] 27 nov. 1902, Juiz de Fora [para] cônego José Silvério Horta, Mariana. Hospedado com os Redentoristas, solicita que lhe envie o cartão solicitado ao bispo. (Manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.
- [Carta] 9 juin 1926, Paris, França [para] Valéry Larbaud, Vichy, França. 2 p. Parabeniza-o pelo excelente artigo sobre a língua portuguesa, publicado na revista francesa N.R.F. (Manuscrito). Mediathèque Municipale Valéry Larbaud.
- [Carta] 24 sep. 1918, Paris, França [para] Philéas Lebesgue, La Neuville-Vault, França. Agradece o envio do *Mercure de France* e o empréstimo de um livro. (Manuscrito). Société des Amis de Philéas Lebesgue.
- [Carta] 24 fev. 1922, Paris, França [para] Philéas Lebesgue, La Neuville-Vault, França. Marca encontro e agradece a tradução do "Hino ao homem venturo". (Manuscrito). Société des Amis de Philéas Lebesgue.

- [Carta] 3 avr. 1927, Paris, França [para] Philéas Lebesgue, La Neuville-Vault, França. 2 p. Fala de seu estado de saúde, do encontro com M. Paul Gaultier e de um mal entendido gerado pelo seu temperamento. (Manuscrito). Société des Amis de Philéas Lebesgue.
- [Carta] 11 mars 1928, Paris, França [para] Philéas Lebesgue, La Neuville-Vault, França. 2 p. Diz que ele foi o único a compreender o seu pensamento em *Mysterios* e o convida para um encontro de casais amigos. (Manuscrito). Société des Amis de Philéas Lebesgue.
- [Carta] 23 jan. 1929, Paris, França [para] Philéas Lebesgue, La Neuville-Vault, França. Acerta detalhes para um possível encontro, corrige pequenos erros de uma crônica publicada. (Manuscrito). Société des Amis de Philéas Lebesgue.
- [Carta] 5 jun. 1930, Paris, França [para] Francisco Lins, Paris. Informa que viajará para Vichy e solicita um encontro antes da partida. LINS, Francisco. “A minha volta um poeta brasileiro em Paris”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 29 jun. 1930. p. 7.
- [Carta] 7 jun. 1930, Paris, França [para] Francisco Lins, Paris. Solicita que mantenha contato e diz que lhe enviará artigos que vem publicando na folha “Le Brésil”. LINS, Francisco. “A minha volta um poeta brasileiro em Paris”. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 29 jun. 1930. p. 7.
- [Carta] 18 dec. 1928, Paris [para] Saint-Brice, Paris. Crítica ao artigo: “La genèse du conflit entre la Bolivie et le Paraguay”, pela injustiça que faz ao Brasil. (Cópia datilografada). Arquivo Histórico do Itamaraty.
- [Carta] 5 jul. 1929, Paray-le-Monial, França [para] Alice Rezende Sanzio, Rio de Janeiro. 4 p. Informa sua visita à capela das aparições a Santa Margarida Maria. (Fotografia de manuscrito). Arquivo de monsenhor Almir de Rezende Aquino.; TRINDADE, cônego Raimundo. *Arquidiocese de Mariana*. 2. ed. aum. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1955. v. 2, p. 206. (Excerto).
- [Carta] 30 dez. [1895], São João del-Rei [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 4 p. Desabafa sobre a vida familiar. Informa que está lendo Pappus. Transcreve poema de Alphonsus, ao qual propôs modificações. Envia cópia de poema publicado em jornal sanjoanense. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.
- [Carta] 23 jan. 1895, Mariana [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 6 p. Fala da mudança de vida conduzida por Deus. Informa que está lendo *Le diable au IX^e siècle*, de Bataille e indica outras leituras. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.
- [Carta] 10 fev. 1897, São João del-Rei [para] José de Freitas Valle, São Paulo. Felicita-lhe pelo nascimento de um filho. (Fotocópia incompleta de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

- [Cartão] 21 dez. 1897, Mariana [para] José de Freitas Valle, São Paulo. Comunica sua ordenação sacerdotal. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.
- [Carta] [18?] nov. 1902, São João del-Rei [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 2 p. Informa que recebeu o folhetim que traz crítica a um dos *tragi-poêmes*. Informa que não agüenta mais viver em São João del-Rei. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.
- [Carta] 2 jan. 1903, Rio de Janeiro [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 4 p. Informa sobre sua vida no Rio de Janeiro e solicita apadrinhamento em concurso. Informa que já está em condições de iniciar colaboração no *Correio Paulistano*. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.
- [Carta] 4 fev. 1903, Rio de Janeiro [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 2 p. Informa que começará colaboração no *Correio Paulistano* e a idéia de prestar um concurso. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.
- [Carta] [23?] nov. 1906, Rio de Janeiro [para] José de Freitas Valle, São Paulo. Solicita alguns favores e informa que está em condições de colaborar na *Gazeta*. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.
- [Carta] nov. 1907, [Rio de Janeiro] [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 2 p. Informa a partida para a Europa. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.
- [Carta] 28 jun. 1912, Paris, França [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 4 p. Comunica que alguns colegas o intrigaram e que necessita de emprego. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.
- [Carta] 21 set. 1915, Belo Horizonte [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 2 p. Comunica a chegada de Alphonsus de Guimaraens e solicita dinheiro. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.
- [Carta] [1915/1916?], Rio de Janeiro [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 2 p. Comunica que não fará os contatos sem a sua autorização. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.
- [Carta] 23 out. 1915, Rio de Janeiro [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 3 p. Agradece a amizade e o apoio econômico. Informa o andamento de sua nomeação para o Consulado brasileiro em Paris e que começará a colaborar em *O Paiz*. Solicita ajuda para a publicação de *Mysterios*. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.
- [Carta] [18 nov.?] 1915, Rio de Janeiro [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 3 p. Informa que andou doente por ter tomado remédio para emagrecer e que começou a

colaborar em *O Paiz*. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

----- [Carta] 30 nov. 1915, Rio de Janeiro [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 3 p. Informa sobre suas dificuldades financeiras, sobre suas atribuições para resolver a vida pelos meandros políticos e sobre as dificuldades passadas pelo pintor Petrilli. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

----- [Carta] [mar. 1916, Rio de Janeiro?] [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 3 p. Comunica sua partida para a Europa e a traição de Gastão da Cunha que lhe prometera apoio para a nomeação no Consulado. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

----- [Carta] terça-feira gorda 1916, [Rio de Janeiro] [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 3 p. Comunica o adiamento do regresso a Paris. Fala do mal-entendido causado pelo criado da casa onde estava hospedado. Comenta a indicação de Alphonsus de Guimaraens para a Academia Brasileira de Letras e informa que será correspondente de *O Paiz*. Comunica ainda que Sílvio Romero garantirá a estabilidade de sua sinecura em Paris. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

----- [Carta] 13 abr. 1916, Rio de Janeiro [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 2 p. Comenta o encontro com Alberto Ramos e Sílvio Romero. Solicita verba para viagem Lisboa/Paris e agradece verba para a publicação de *Mysterios*. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

----- [Carta] nov. 1916, Sceaux, França [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 3 p. Faz ligeiro comentário sobre os *tragi-poèmes*. Informa que *Mysterios* já está na editora Atlantida para impressão e que começou a escrever para *O Paiz*. Comunica que ainda não foi nomeado para o Consulado e que solicitará pagamento pelos artigos publicados em Lisboa. Solicita auxílio na venda de livros para o governo paulista. E pergunta se Petrilli terminou de pintar o seu retrato. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

----- [Carta] 19 mar. 1918, Paris, França [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 2p. Comunica que mudou para Paris e que está abalado com os bombardeios alemães. Informa que os *tragi-poèmes* já foram para o *Mercur de France*. Fala de suas idéias para propaganda da cultura brasileira. Solicita viveres e diz que já tem o dinheiro para a publicação de *Mysterios*. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

----- [Carta] 28 jun. 1918, Paris, França [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 4 p. Informa que fora nomeado para o Consulado com salário irrisório, diz que está endividado e que uma senhora que lhe é aparentada lhe fez empréstimo para a publicação de um livro. Comenta a vida, solicita viveres e intervenção para promoção no Consulado. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

- . [Carta] 29 ago. 1918, Paris, França [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 3 p. Comenta sobre dificuldades econômicas em vista do atraso dos salários. Solicita intervenção para outra promoção no Consulado. Informa que antes de *Mysterios*, publicará uma brochura intitulada *Hymne à l'Homme qui viendra* e que a Garnier vai editar um volume com seus artigos de jornal. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.
- . [Carta] 3 jul. 1919, Paris, França [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 3 p. Comunica a promoção, criticando o salário irrisório que o obriga a usar roupa remendada. Queixa que o Consulado não o ressarcia pela mudança da *banlieue*. Solicita ajuda para outra promoção. Comenta que *Mysterios* já está sendo impresso em Lisboa. Solicita víveres. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da arquidiocese de Mariana.
- . [Carta] 7 nov. 1919, Paris, França [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 3 p. Comenta o recebimento da segunda série dos *tragi-poèmes* e a burocracia do *Mercure de France* para publicar crítica sobre eles. Informa que *Mysterios* sairá naquele mês. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.
- . [Carta] 10 dez. 1919, Paris, França [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 2 p. Informa a entrega dos *tragi-poèmes* ao *Mercure de France*, informa sobre seus temores no Consulado e sobre as dificuldades da vida. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.
- . [Carta] 21 jan. 1920, Paris, França [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 4 p. Comenta que intrigas causaram sua transferência para o Consulado de Cádiz. Reclama o não recebimento da indenização pela mudança para Paris. Informa que as provas de *Mysterios* estão boas. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.
- . [Carta] 5 fev. 1920, Paris, França [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 2 p. Informa que lhe enviou o *Mercure de France* que comenta os *tragi-poèmes*. Solicita que continuem a enviar víveres. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.
- . [Carta] 2 abr. 1920, Paris, França [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 4 p. Felicita ao Daphnis pela formatura. Agradece o apoio ao cancelamento da transferência e solicita estabilidade no Consulado. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.
- . [Carta] 22 fev. 1921 [sic], Paris, França [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 12 p. Comenta detalhadamente as intrigas armadas contra ele no Consulado. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.
- . [Bilhete] 9 mar. 1921, Paris, França [para] José de Freitas Valle, São Paulo. Em anexo à cópia da carta ao presidente Epitácio Pessoa, informa que Mestre Ramos

entregará tal carta e que precisa vir ao Brasil. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

----- . [Carta] 26 mar. 1921, Paris, França [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 6 p. Comenta detalhadamente as intrigas do Consulado e sua conseqüente transferência para Yokohama, solicitando que interfira para que continue em Paris. Informa que já lhe enviou *Mysterios*. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

----- . [Carta] mar. 1921, Paris, França [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 2 p. Comenta o desfalque de um colega e a rebeldia de outro, para justificar a inadequação de sua transferência para Yokohama. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

----- . [Carta] 6 abril 1921, Paris, França [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 4 p. Defesa das acusações sofridas no Consulado de Paris. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

----- . [Carta] 19 abr. 1921, Paris, França [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 3 p. Comenta a impossibilidade de sua ida para Yokohama. Informa que está enviando-lhe atestados e cópia de uma carta de defesa. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

----- . [Carta] [s. l.], [s. d.] [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 2 p. Informa sobre artigos publicados no *Século*, em Lisboa e na “Gazetilha”, do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, esperando possível gratificação por esse. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

----- . [Carta] 23 fev. 1922, Paris, França [para] José de Freitas Valle, São Paulo. 2 p. Comenta os motivos de sua demissão em Cardiff, e que nenhum amigo agradeceu o recebimento de *Mysterios*. (Suplemento da carta do dia 21 fev. 1921 [sic]). (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

----- . [Cartão] [s. d.], [Rio de Janeiro] [para] José de Freitas Valle, São Paulo. Informa o envio do livro e queixa por não lhe responder as cartas. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

----- . [Bilhete] [s. d.], Paris, França [para] José de Freitas Valle, São Paulo. Reclama o sumiço de Valle. (Fotocópia de manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

Correspondência passiva de José Severiano de Rezende

GUITARÃES, monsenhor José de Souza Teles. [Carta] 16 jun. 1900, Mariana [para] Padre José Severiano de Rezende, São João del-Rei. Conselhos para um melhor

desempenho sacerdotal. (Manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

-----. *[Carta]* 6 ago. 1900, Mariana [para] Padre José Severiano de Rezende, São João del-Rei. Informa sobre suas obrigações sacerdotais e o aconselha a não voltar a Mariana naquele momento. (Manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

-----. *[Carta]* 3 jun. 1901, Mariana [para] Padre José Severiano de Rezende, São João del-Rei. Resposta aos conselhos solicitados sobre procedimento sacerdotal. (Manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

LEBESGUE, Philéas. *[Carta]* [s. d.], [Paris] [para] José Severiano de Rezende, [Paris]. Elogia o talento do poeta e algumas de suas poesias. DORNAS FILHO, João. “Os dois Severiano de Rezende”. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 31 dez. 1960. 3, p. 10.; DORNAS FILHO, João. “Os dois Severiano de Resende”. *Minas Gerais* Belo Horizonte, 23 dez. 1972. Suplemento Literário. p. 2.

REZENDE, Severiano Nunes Cardoso de. *[Carta]* 5 abril [1894?], São João del-Rei [para] José Severiano de Rezende, Mariana. 4 p. Aconselha o filho a ter paciência, resignação e complacência para com as faltas humanas. Comenta que seria importante para sua carreira sacerdotal uma viagem a Roma com o bispo. (Manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

Correspondência de outros

DANTAS, José Pinto de Souza. *[Bilhete]* [7 nov. 1919, Paris] [para] [José de Freitas Valle, São Paulo]. Notifica apoio à possível nomeação de José Severiano de Rezende a chanceler. (Fotocópia de subscrito em carta de José Severiano de Rezende a José de Freitas Valle, Paris, 7 nov. 1919.) Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

HORTA, cónego José Silvério. *[Carta]* 27 jan. 1900, Mariana [para] Dom Silvério Gomes Pimenta, [s. l.]. 3 p. Notifica, entre outras coisas, a saída do padre Severiano de Rezende de Mariana. (Manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

REZENDE, Severiano Nunes Cardoso de. *[Carta]* 8 mar. [1894?], São João del-Rei [para] monsenhor Júlio de Paula Dias Bicalho, Mariana. 3 p. Solicita apoio para o filho que vai para o seminário. (Manuscrito). Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

Bibliografia

Monografias, periódicos e folheto

ALBUQUERQUE, Medeiros e. *Minha vida*. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1933-34. v. 2.

- ANTELO, Raul. *João do Rio: o dândi e a especulação*. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, 1989.
- ARNOLD, Paul. *Esotérisme de Baudelaire*. Paris: Libr. Philosophique J. Vrin, 1972.
- BALAKIAN, Anna. *O simbolismo*. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loiola*. Lisboa: L&PM, 1971.
- . *Câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. São Paulo: L&PM, 1989.
- BAUDELAIRE, Charles. *Curiosités esthétiques*. Paris: Hermann, 1968.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Trad. padre Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Encyclopædia Britannica, 1966.
- BLAKE, William. *A união do céu e do inferno*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- BOWRA, Cecil Maurice. *La herencia del simbolismo*. Buenos Aires: [?], 1951.
- BROAD, Lewis. *Amizades e loucuras de Oscar Wilde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- BROCA, Brito. *Pontos de referência*. [Rio de Janeiro]: Ministério da Educação e Cultura, [1962].
- BRUNEL, P., PICHOS, C., ROUSSEAU, A. M. *Que é literatura comparada?*. São Paulo: Perspectiva, [s. d.].
- CAMPOS, Haroldo de. *Deus e o diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASASANTA, Mário. *Eduardo Prado: trechos escolhidos*. Rio de Janeiro: Agir, 1959.
- CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1996.
- DABEZIES, André. *Le mythe de Faust*. Paris: Armand Colin, 1990.

- DEMOUGIN, Jacques (coord.). *Dictionnaire historique et technique des littératures*. Paris: Larousse, 1985. v. 1.
- DICIONÁRIO das artes plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.
- DIMAS, Antonio. *Tempos eufóricos: análise da revista Kósmos-1904/1909*. São Paulo: Ática, 1983.
- DOSSIER de l'Art: Gustave Moreau*, Dijon, n. 51, oct. 1998.
- ELIADE, Mircea. *Mefistófeles e o andrógino: comportamentos religiosos e valores espirituais não europeus*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- ELLMAN, Richard. *Oscar Wilde*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa. Centro de Pesquisas. Setor de Filologia. *Sobre o pré-modernismo*. Rio de Janeiro. 1988.
- GOETHE, J. Wa. *Fausto*. Trad. Silvio Meira. Rio de Janeiro: Agir, 1968.
- GOTLIB, Nádia Batella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.
- HUYSMANS, J.-K. *Às avessas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- , *Là-bas*. Paris: Booking International, 1994.
- LAFFONT, BOMPIANI. *Le nouveau dictionnaire des auteurs*. Paris: R. Laffont, 1994. v. 2-v. 3.
- LAUTRÉAMONT, comte de. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1970.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1992.
- LEVIN, Orna Messer. *Figurações do dândi: um estudo sobre a obra de João do Rio*. Campinas: UNICAMP, 1996.
- LIMA JÚNIOR, Renato Rodrigues. *José Severiano de Rezende: uma biografia literária*. Campinas, 1998. (Projeto de Mestrado apresentado à FAPESP). (Digitado).
- MADÉLÉNAT, Daniel. *La biographie*. Paris: PUF, 1984.
- MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *A vida vertiginosa de João do Rio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- , *Vida e obra de Machado de Assis: apogeu*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. v. 4.

- MALCOLM, Janet. *A mulher calada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MATTOS, Betty, TRAVASSOS, Alda Rosa. *Colombo: 100 anos no dia-a-dia da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1994.
- MAUROIS, André. *Aspects de la biographie*. Paris: Au sans pareil, 1928.
- MENEZES, Raimundo. *Bastos Tigre e a belle époque*. São Paulo: Edart, 1966.
- MICELI, Sérgio. *Poder, sexo e letras na república velha*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- MICHAUD, Guy. *La doctrine symboliste: documents*. Paris: Nizet, 1947.
- *Le symbolisme tel qu'en lui-même*. Paris: Nizet, 1994.
- MICHELET, Victor-Émile. *Les compagnons de la hiérophanie: souvenirs du mouvement hermétiste à la fin du XIX siècle*. Nice: Dorbon-Ainé, 1977.
- MORAES, Marcos Antônio (org.). *Correspondência: Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp, 2000.
- NEEDEL, Jeffrey. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O diabo no imaginário cristão*. São Paulo: Ática, 1986.
- O'BRIEN, Edna. *James Joyce*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
- OLIVEIRA, Márcia Ramos. *Lupicínio Rodrigues: a cidade, a música, os amigos*. Porto Alegre: IFCH/UFRGS, [1994]. (Dissertação em História).
- ORGANON: o pacto fáustico e outros pactos*. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Filosofia, n. 19, 1992.
- PÉLADAN, Josephin. *L'art idéaliste et mystique*. Paris: Chamuel, 1894.
- PEIXOTO, Sérgio Alves. *A consciência criadora na poesia brasileira: do barroco ao simbolismo*. São Paulo: Anna Blume, 1999.
- PRAZ, Mario. *A carne, a morte e o diabo na literatura romântica*. Campinas: Unicamp, 1996.
- REVUE des sciences humaines: Joris-Karl Huysmans*. Villeneuve-d'Ascq: Université Lille III, n. 170-171, fev.-mars 1978.
- RICHARD, Noël. *Le mouvement décadent*. Paris: Nizet, 1968.

- RICUPERO, Rubens. *José Maria da Silva Paranhos, barão do Rio Branco: uma biografia fotográfica*. Rio de Janeiro: Fundação Alexandre de Gusmão, 1995.
- RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Org. Simões, 1952.
- ROSE-CROIX: revue traditionnelle de l'ancien et mystique ordre de la rose-croix, Le Tremblay, n. 179, automne 1996.
- SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas das letras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SCHERER, OSB., Michael Emílio. *Frei Domingos da Transfiguração Machado*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1980.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- SONTAG, Susan. *Sob o signo de saturno*. São Paulo: L&PM, 1986.
- SOUZA, Eneida Maria de. *Traço crítico*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.
- VANTIEGHIEM, Philippe. *Dictionnaire des littératures*. Paris: Quadrige/PUF, 1968. v. A-C.
- VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- VIANA FILHO, Luís. *A verdade na biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1945.
- WALCH, G. *Anthologie de poètes français d'hier et d'aujourd'hui*. [s. l.]: Delagrave, 1935.
- WATT, Ian. *Mitos do individualismo moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- WERNEK, Maria Helena. *O homem encadernado*. Rio de Janeiro: UERJ, 1996.

Artigos

- ARRIGUCCI JR., Davi. "Fragmentos sobre a crônica". In: *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 51-67.
- ASCHER, Nelson. "O escritor universal". *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 ago. 1999. Mais!, p. 4-5.
- COGNIAT, Raymond. "Exposition Tarsila". *Revue de l'Amérique Latine*, Paris, t. XII, n. 56, La vie artistique, p. 159-160, 1^{er} août 1926.

- LARBAUD, Valéry. "Divertissement Philologique". *Nouvelle Revue Française*, Paris, n. 153, p. 685-698, 1^{er} juin 1926.
- LEBESGUE, Philéas. "Cinquantenaire". *Bulletin de la Société des Amis de Philéas Lebesgue*, Tillé, n. 14, [não paginado], 14 mai-août 1990.
- MASSA, Jean-Michel. "Philéas Lebesgue lusophile". *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, v. 3, p. 603-615, 1971.
- , "La correspondance luso-brésilienne de Philéas Lebesgue". *Nouvelles Études Luso-Brésiennes*. Rennes: Université de Haute Bretagne, v. IX, p. 41-51, 1973.
- MOTTLEY, David. "Sinopse". In: BOITO, Arrigo. *Mefistofele*. [s. l.]: Sony classical, [s. d.], p. 13-15.
- RESTIVO, Mike. "Martinist Initiation". 5 p. Disponível na Internet [wysiwyg://28/http://www.geopages...hens/Acropolis/1896/martinist.html](http://www.geopages...hens/Acropolis/1896/martinist.html).
- REYES, Alfonso. "De la biografía". In: *La experiencia literaria*. Buenos Aires: Losada, 1942. p. 111-114.
- , "La biografía oculta". In: *La experiencia literaria*. Buenos Aires: Losada, 1942. p. 115-117.
- RIBEIRO, Luís Filipe. "Fausto: o mito da negatividade". *Grogoatá*, Niterói, n. 6, p. 217-225, 1^o sem. 1999.
- "O RISO encontra eco". *Veja*, São Paulo, ano 21, n. 37, p. 107, 20 nov. 1989.
- ROUZET, Anne. "Les ex-libris art nouveau en Belgique". *Revue de l'université de bruxelles – 1981/3*: "l'art nouveau – littérature et beaux-arts à la fin du 19^e s.", Bruxelles, [paginação desconhecida], 1981/3.
- SCHERER, Barrymore Laurence. "O tormento demoníaco de Boito". In: BOITO, Arrigo. *Mefistofele*. [s. l.]: Sony classical, [s. d.], p. 8-13.
- SOCIEDADE das Ciências Antigas. "A obra de Stanilas de Guaita". 11 p. Disponível na Internet [wysiwyg://45/http://www.geocities.com/Athens/2341/opusculo/oogsca7.htm](http://www.geocities.com/Athens/2341/opusculo/oogsca7.htm).
- "1891 Ordre de la Rose-Croix Catholique et Esthétique du Temple et du Graal". 10 p. Disponível na Internet [wysiwyg://http://www.geocities.com/Athens/Thebes/6370/peladan.htm](http://www.geocities.com/Athens/Thebes/6370/peladan.htm).

ANEXOS

Cronologia da vida e obra de José Severiano de Rezende

- 1871– José Severiano de Rezende nasce em Mariana, Minas Gerais, a 23 de janeiro. Ele é filho primogênito de Severiano Nunes Cardoso de Rezende, professor, jornalista, teatrólogo e político com Custódia Augusta de Melo Rezende.
- No dia 13 de abril, é batizado pelo cônego Inácio Pereira de Almeida, tendo como padrinhos: José Pereira de Melo, seu avô materno e Albina Joaquina da Silva Nunes, sua avó paterna.
 - Em dezembro, no dia 4, o bispo Dom Antônio Ferreira Viçoso, ao crismá-lo, profetiza que seria padre. Foi seu padrinho nessa cerimônia o parlamentar Benjamim Rodrigues Pereira.
- 1872– Em março, Severiano Nunes Cardoso de Rezende volta com sua família para São João del-Rei, onde assume o cargo de professor vitalício de Língua Portuguesa do externato oficial.
- 1886– Inicia curso de Humanidades no Liceu Mineiro em Ouro Preto, onde tem como colega Alphonsus de Guimaraens. Começa publicar poemas na imprensa.
- 1888– Dirige, aos 17 anos, o jornal sanjoanense pró republicano *O Tribunal*.
- 1889– Cursa o primeiro ano da Faculdade de Direito da Cidade de São Paulo e inicia colaboração em jornais paulistas.
- 1890– Sendo um dos redatores do jornal santista *Diario da Manhã*, publica artigos sobre a Questão Acadêmica, ocorrida em 21 de junho, defendendo o professor monarquista Justino de Andrade, jubilado da Faculdade de Direito por se indispor com estudantes republicanos. Os artigos foram reunidos, nesse mesmo ano, no livro *Cartas paulistas*: artigos sobre a questão acadêmica, editado pela tipografia do *Diario de Santos*.
- Repetente do primeiro ano do curso jurídico, abandona a Faculdade em novembro para se dedicar exclusivamente ao jornalismo.
- 1893– Em fins desse ano, retorna para São João del-Rei.
- Em 14 de dezembro, requer matrícula na Faculdade Livre de Direito de Minas Gerais localizada em Ouro Preto.
- 1894– Em março, ingressa no Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte em Mariana.
- Nos dias 26 e 27 de maio e no dia 13 de junho, o seu pai, então deputado provincial, publica a sua revelia, três poemas no jornal oficial *Minas Geraes*.

- Em vista disso, no Seminário é repreendido e obrigado a queimar todos os seus versos como prova de obediência, humildade e fé.
- 1895– Em 25 de junho, solicita que passem mandados de diligência, para se habilitar *de genere e de moribus* e possa receber as Ordens Menores.
- 1897– A 18 de dezembro, é ordenado padre em Mariana pelo então bispo Dom Silvério Gomes Pimenta.
- No dia 23 do mesmo mês, padre José Severiano de Rezende celebra sua primeira missa na capela do Palácio Episcopal.
 - Ainda em dezembro, recebe a direção do jornal diocesano *O Viçoso*.
- 1898– Em janeiro, viaja ao Rio de Janeiro para comprar maquinaria para a tipografia diocesana. No dia 14, celebra missa para seus companheiros de imprensa na igreja de São Francisco de Paula. O evento foi detalhada e festivamente comentado pelos diários cariocas da época.
- No dia 27 de fevereiro, circula o primeiro número do remodelado semanário, agora intitulado *D. Viçoso*.
- 1899– Anônimos, revoltados com suas críticas publicadas no periódico, atiram, na madrugada de 24 de julho, uma bomba à porta de sua residência.
- 1900– Retira-se de Mariana escoltado por amigos a 18 de janeiro e vai para São João del-Rei, onde assume o cargo de capelão da Santa Casa de Misericórdia.
- 1901– A 24 de novembro, inicia colaboração no jornal carioca *Correio da Manhã*, no qual publica crônicas, poemas e os capítulos do livro *Eduardo Prado*.
- 1902– Em 17 de novembro, D. Silvério lhe concede carta de excardinação da então Diocese de Mariana.
- 1903– A 17 de janeiro, é registrada uma autorização no livro *Provisões e despachos/sacerdotes*, da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro para que possa exercer suas funções sacerdotais durante o ano.
- Publica, em maio, o folheto *A verdade*: sobre o caso beneditino, no qual critica o sexagenário abade frei João das Mercês Ramos que não quer abandonar a investidura abacial, opondo-se à ordem superior com a desculpa de que o mosteiro seria invadido por frades estrangeiros interessados apenas na apropriação do patrimônio do mosteiro.
- 1905– Em 13 de fevereiro, envia carta a Machado de Assis comunicando sua pretensão à vaga de José do Patrocínio na Academia Brasileira de Letras. Apresenta apenas o livro *Eduardo Prado*: páginas de crítica e polêmica,

editado pela N. Falconi & Co., como sendo a sua única obra e citando que possui alguns artigos esparsos esperando ser reunidos em volume.

– Em 31 de outubro, ocorre o polêmico pleito sendo ele e Domingos Olímpio derrotados por Mário de Alencar que fora protegido por Machado de Assis.

1907– No dia 28 de novembro, aos 36 anos, solicita passaporte para viagem a Europa, ainda se qualificando como padre, mas indicando como profissão: escritor. No canhoto do livro talão de passaportes está escrito que a cor dos seus olhos é verde-amarelo mesclado e que as falangetas dos dedos mínimos de ambas as mãos são curvas.

1908– A editora H. Garnier publica no Brasil, assinada pelo padre José Severiano de Rezende, uma edição revista e aumentada do livro *Curso metódico de geografia física, política, histórica, comercial e astronômica...*, de Joaquim Maria de Lacerda.

– A Livraria Chardron publica em Porto, Portugal, *O meu flos sanctorum* com prefácio do visconde de São Boaventura. A obra anuncia no verso da folha de rosto o título de 3 outros volumes em preparação: *O meu flos sanctorum*, 2ª série; *Idéias e Ideais*, 1ª série e *O livro do sacerdote*.

1909– Em Paris, Philéas Lebesgue publica pequena análise de *O meu flos sanctorum* na revista *Mercure de France* de 16 agosto.

1911– Em 31 de março, o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, publica versão de seu artigo “Malazarte de Graça Aranha”, indicando que o artigo fora publicado antes na revista parisiense *Œuvre*.

1914– A editora católica Studium de Stará říše, República Checa, publica a versão checa de *O meu flos sanctorum* (*Muj flos sanctorum*) como volume de uma coleção intitulada *Boa obra*. A tiragem foi de 380 exemplares.

1915– Viaja ao Brasil para tentar estabilizar sua vida na França. Encontra-se com Alphonsus de Guimaraens em Belo Horizonte, onde, a 25 de setembro, participam de um jantar oferecido pela Academia Mineira de Letras.

1916– Tira, em 5 de abril, o passaporte nº 197 para retorno à França, registrando que sua profissão é Homem de Letras e que seu estado civil é solteiro. No canhoto do passaporte está escrito que seus olhos são verdes.

1917– No dia 16 de agosto, o Despacho nº 14, do ministro de Estado das Relações Exteriores Nilo Peçanha, o registra como integrante do serviço interno do Consulado.

1918– O Despacho ministerial nº 9, de 28 de junho, o nomeia auxiliar de 3ª classe do Consulado.

- No dia 16 de julho, o *Mercure de France* publica a carta aberta “Péladan jugé par un brésilien”, enviada por Severiano de Rezende, em repúdio aos necrológios depreciativos da genialidade de Joséphin Péladan, divulgados na imprensa parisiense.
-
- 1919- O Despacho nº 24, de 30 de novembro, do ministro de Estado das Relações Exteriores Domício da Gama, comunica sua promoção a auxiliar de 2ª classe.
- O Despacho nº 3, de 12 de dezembro, do ministro de Estado das Relações Exteriores José Manuel de Azevedo Marques o transfere para o Consulado de Cádiz, na Espanha. A transferência foi cancelada.
- 1920- Em 14 de fevereiro um decreto do presidente de Portugal autoriza ao ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal indicar José Severiano de Rezende para a comenda de oficial da Ordem de Cristo.
- Em Lisboa, Portugal, publica seu livro de versos *Mysterios*, numa edição de 200 exemplares, pela editora Aillaud e Bertrand.
- 1921- Portaria de 17 de abril, de acordo com o art. 4º, § 2º do Registro do Corpo Consular, o remove para o Consulado de Yokohama, Japão. Essa transferência foi cancelada também, mas dessa vez foi desligado do Consulado de Paris.
- Em 25 de julho, assume o posto de auxiliar do Consulado brasileiro de Cardiff, capital do País de Gales, Grã-Bretanha.
- 1922- No dia 7 de janeiro, um telegrama do ministro de Estado das Relações Exteriores José Manuel de Azevedo Marques informa sua exoneração do cargo em Cardiff, conforme solicitara, com ajuda de custo para viagem de regresso ao Brasil.
- Em maio, publica em Paris, o opúsculo *Hymne à l'Homme qui viendra*, versão da ode “Hino ao Homem Venturo” do livro *Mysterios*. A ode foi traduzida com assessoria de Philéas Lebesgue e teve por editor Henri Gaulon.
 - Desembarca no Rio de Janeiro no dia 16 de agosto e inicia colaboração diária no jornal carioca *A Notícia* em 30 de agosto.
- 1923- Philéas Lebesgue, na *Revue de l'Amérique Latine* de março, publica pequena análise de *Mysterios*.
- 1924- Às 3h30min, do dia 28 de março, faz a conferência “L'esprit latin” no Museu Galliéra em Paris, pela exposição de arte latino-americana, durante a *Semaine Latine*.
- 1925- Em 7 de abril, o embaixador brasileiro em Paris Luís Martins de Souza Dantas comunica ao ministro de Estado das Relações Exteriores Félix Pacheco o

sucesso da missão de propaganda brasileira confiada a José Severiano de Rezende: conferências, destacando ainda que ele escreve cartas e artigos contra notícias malévolas sobre o Brasil.

1927– Em 1º de junho, a *Revue de l'Amérique Latine* publica versão francesa do poema “A Lúcifer” feita pelo poeta francês Victor-Émile Michelet.

– No dia 18 de junho, a *Revue Bleue*, de Paris, publica artigo de Philéas Lebesgue intitulado: “Un grand lyrique brésilien: J. Severiano de Rezende”, que consagra o talento do poeta. O texto é seguido pela versão francesa do poema “Cântico à vida” feita pelo próprio autor.

1928– O poeta francês André Delacour lê no *Journal Parlé* da rádio T.S.F. de Paris, em 18 de janeiro, o discurso encomiástico “Un poète brésilien: José Severiano de Rezende” por ocasião de uma homenagem prestada a seu talento por um círculo de literatos franceses.

– Um ofício da Embaixada do Brasil em Paris, de 8 de maio, informa ao ministro das Relações Exteriores Otávio Mangabeira a sua consagração em círculos literários parisienses.

– Philéas Lebesgue lança, em Paris, sua versão de *Iracema*, de José de Alencar, Severiano de Rezende escreve o prefácio da edição.

1929– Em 15 de janeiro, inicia colaboração na revista oficial do simbolismo francês *Mercure de France*, assinando a seção “Lettres Brésiliennes”.

– No dia 14 de junho o Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal envia ao embaixador de seu país no Brasil o diploma de oficial da Ordem de Cristo para fazê-lo chegar as suas mãos.

– O seu texto “A pintura brasileira”, sobre a exposição de Tarsila do Amaral na galeria parisiense Percier em 1926, é incluído no catálogo da exposição da pintora em São Paulo.

– Inicia a publicação de crônicas semanais na folha “Le Brésil”, do *Journal des Nations Américaines*. Essas serão publicadas até 1931.

1930– Em 1º de março, publica sua segunda e última colaboração nas “Lettres Brésiliennes” do *Mercure de France*.

1931– No dia 2 de janeiro, uma portaria do ministro de Estado das Relações Exteriores Afrânio de Melo Franco o designa para o cargo de auxiliar do Brasil, junto ao Institut International de Coopértion Intellectuelle em Paris

– Em 13 de novembro, falece em Paris. No dia 17, é sepultado no vilarejo de Bram, Departamento de Aude, sul da França.

- No *Mercure de France*, do dia 1º de dezembro, Philéas Lebesgue lhe dedica um necrológio.
- 1971– No dia 23 de janeiro, durante as comemorações de seu centenário de nascimento em São João del-Rei, são lançadas edições revistas de *O meu flos sanctorum* (1970) e de *Mistérios* (1971) numa tiragem de mais ou menos mil exemplares cada.
- 1972– O *Minas Gerais* dedica-lhe um Suplemento Literário, a 23 de dezembro, intitulado “Severiano de Rezende: reencontro com o poeta simbolista”.
- 1999– José Maurício de Carvalho, professor titular do Departamento das filosofias e métodos da Fundação de Ensino Superior de São João del-Rei-FUNREI, lançou o livro *A vida é um mistério: contribuição de José Severiano de Rezende à doutrina tradicionalista* pelas Edições CEFIL de Londrina.

* * *

Hymne à l'Homme qui viendra

Οὐ μὲν πως πάντες βασιλεύσασιν ἐνθαῖδ' Ἀχαιῶν.
 οἷε ἀγαθὸν πολυκαιρανὶν εἰς αἴρας ἴστω,
 κίς βασιλεύς, ἃ ἔδωκε Κρόνου παῖς ἀγκυλομήτεω
 σκηπτρὸν ἰγῆι θεμιστάς, ἵνα σφίσι βασιλεύῃν.

ILLIADA, Canto II

*Cet Hymne, que je fais précéder de quelques citations non superflues, qui, en l'étayant, l'éclairent, et, en quelque sorte, le comentement, je l'ai porté en moi très longtemps et l'ai parfait en 1917-1918. Je n'ai pas cru, malgré l'armistice, devoir le retrancher de mon recueil *Mysterios*, édité en 1920. La traduction-adaptation que l'on va lire et à laquelle mon ami Phiéas Lebesgue, poète et linguiste, a bien voulu collaborer, ne saurait reproduire ni la forme ni le rythme de l'original. J'ai pensé néanmoins qu'il fallait désincruster de la gangue primordiale ce poème, qui est en somme un témoignage de ma foi en la France, au sort de laquelle est mystérieusement lié celui de toutes les autres nations.*

J. S. de R.

Paris, Mai 1922.

*O mihi tam longæ maneat pars ultima vitæ
 Spiritus et, quantum sat erit tua dicere fata!*
 VIRGILE (Églogue. IV)

..... *infin che il Veltro
 Verrà, che la farà morir con doglia.
 Questi non mangera terra nè peltro,
 Ma sapienza e amore e virtude
 E sua nazione sarà tra Feltro e Feltro.*
 DANTE (L'Enfer, I)

..... *Il faut donc mettre ensemble la justice et la force,
 et pour cela faire que ce qui est juste soit fort, et que
 ce qui est fort soit juste.*
 PASCAL (Pensées)

*Mettez-vous en colère et ne péchez pas, dit
 l'Écriture. O sainteté méconnue! O sainteté de
 l'indignation! Ne serait-ce pas toi, par hasard, qui
 tiendrais la torche dans la nuit funèbre où s'agite
 l'Histoire du monde? O sainteté des grandes colères,
 tu es la plus oubliée de toutes les saintetés possibles,
 et les lois humaines ne touchent pas. N'est-ce pas toi,
 2vierge des abîmes, qui as le secret des tremblements
 de terre? Tu sais pourquoi la foudre éclate et
 pourquoi le sol terrestre s'entr'ouvre sous le pas des
 hommes.*

ERNEST HELLO (Le Siècle)

Tout branle et rue dans notre monde. Ne croyons qu'a la gloire du nom français.

CHARLES MAURRAS (*Action Française*, 14 avril 1918)

23. *et dixi: Dominator Domine, ex omni sylvā terræ et omnibus arboribus ejus, elegisti vineam unicam.*

24. *et ex omni terra orbis, elegisti tibi foveam unam, et ex omnibus floribus orbis, elegisti tibi LILIUM UNUM.*

IV, ESDRAS, V

10. *Quia manda remanda, manda remanda, expecta reexpecta, modicum ibi, modicum ibi.*

ISAIE, XXVII

1. *Ecce in justitia regnabit Rex et principes in judicio præerunt.*

2. *Et erit vir sicut qui absconditur a vento, et celat se a tempestate, sicut rivi aquarum in siti et umbra petrae prominentis in terra deserta.*

.....
5. *Non vocabitur ultra is, qui insipiens est, princeps, neque fraudulentus appellabitur major.*

8. *Princeps vero ea, quæ digna sunt principe, cogitabit, et ipse super duces stabit.*

ISAIE, XXXII

10. *Eo quod deceperint populum meum, dicentes: Pax, et non est pax, et ipse ædificabat parietem, illi autem liniebant eum luto absque paleis.*

11. *Dic ad eos, qui liniunt absque temperatura, quod casurus sit: eri enim imber inundans, et dabo lapides prægandes desuper irruentes, et ventum procellæ dissipantem.*

12. *Siquidem ecce cecidit paries: numquid non dicetur vobis: ubi est litura quam linistis?*

13. *Propterea hæc dicit Dominus Deus: Et erumpere faciam spiritum tempestatum in indignatione mea et imber inundans in furore meo erit: et lapides grandes in ira in consumptionem.*

14. *Et destruam parietem, quam linistis absque temperamento: et adæquabo eum terræ et revelabitur fundamentum ejus: et cadet et consumetur in medio ejus: et scietis quia ego sum Dominus.*

15. *Et complebor indignationem meam in pariete et in his qui liniunt eum absque temperamento, dicamque vobis: Non est paries et non sunt qui liniunt eum.*

EZECHIEL, XIII

14. *Et curabant contritionem filiaë populi mei cum ignominia, dicentes: Pax, pax, et non erat pax.*

JEREMIE, VI

5. *Vocem terroris audivimus: Formido, et non est
pax.*

JEREMIE, XXX

10. *Sicut scriptum est: Quia non est justus
quisquam:*

11. *Non est intelligens, non est requirens Deum.*

12. *Omnes declinaverunt, simul inutiles facti sunt,
non est qui faciat bonum, non est usque ad unum.*

13. *Sepulchrus patens est guttur eorum, linguis suis
dolose agebant: venenum aspidum sub labiis eorum:*

14. *Quorum os maledictione et amaritudine plenum
est:*

15. *Veloces pedes eorum ad effundendum
sanguinem,*

16. *Contritio et infelicitas in viis eorum:*

17. *Et viam pacis non cognoverunt.*

SAINT PAUL, ad. Rom. III

*ET VIDI ALIUM ANGELUM FORTEM
DESCENDENTEM DE CÆLO AMICTUM NUBE,
ET IRIS IN CAPITE EJUS, ET FACIES EJUS ERAT
UT SOL, ET PEDES EJUS TANQUAM COLUMNÆ
IGNIS, ET HABEBAT IN MANU SUA LIBELLUM
APERTUM, ET POSUIT PEDEM SUUM DEXTRUM
SUPER MARE, SINISTRUM ALUTEM SUPER
TERRAM, ET CLAMAVIT VOCE MAGNA
QUEMADMODUM LEO RUGIT.*

APOCALYPSE, X, 1-3

*... ET VIDI, ET ECCE NUBEM CANDIDAM, ET
SUPER NUBEM SEDENTEM SIMILEM FILIO
HOMINIS, HABENTEM IN CAPITE SUO
CORONAM, ET IN MANU SUA FALCEM
ACUTAM.*

APOCALYPSE, XIV, 14 passim

SEIGNEUR!

Il est certain et je le sais:

du haut de ton trône éthéré tu vas faire le geste
qui rendra, dans le tintamarre, les remous et les ouragans,
manifeste

le Sauveur! Il viendra, fort et magnifique,
de sa voix faisant tonner ton Nom et son Nom.

Il viendra

et le monde, stupéfait à son aspect et à son commandement,
extatique tressaillera en l'anxiété qui est soif et faim,
ancienne et immortelle anxiété vers la justice et la gloire,
anxiété

haletante violemment pour l'amour et pour le bien,

anxiété
 que je n'ai jamais trouvée ni mensongère ni illusoire,
 mais clairvoyante, âpre et tenace, brûlante fièvre,
 songe aussi,
 qui m'accompagna fidèle à travers ma jeunesse tumultueuse,
 illuminant auroralement mes longs cauchemars,
 songe
 d'un avenir d'or,
 d'intègre, d'intrépide vertu,
 d'âme reconstruction par-dessus les troubles démantèlements,
 songe fauve
 de la brumeuse réalité lointaine,
 certitude aujourd'hui
 de ce qui va prendre corps et s'approcher
 parmi la sourde vocifération des foules sanglantes hurlant vengeance,
 certitude,
 pressentiment foncier,
 intrinsèque espérance de ceux
 que la misère et l'opprobre et la douleur et la révolte consomment,
 certitude
 que cet âge enfin va voir surgir
 cet Homme.

Avant l'hosanna qui retentira de mer en mer, de terre en terre,
 car j'aperçois déjà le flamboiement de son glaive dans la brume,
 je veux, en un rythme incandescent de vindice et de guerre,
 entonner une telle louange
 qu'elle résume tous les autres chants en son honneur.

D'où viens-tu
 et dans quelle lande aride et désertique
 se cache ton mystérieux anonymat incohérent,
 si tu es la foudre et le tonnerre,
 si tu es la cataracte et la catapulte,
 si tu es le débordement des crues dans les ravins et les fondrières,
 si tu es le vaste mugissement du flot
 se ruant sur les rocs et dans les grottes?

(Vois, ô Poète, au-dessus, le vol augural des goélands!)

si tu es le souffle des autans dans la forte tourmente

(Écoute, ô Poète, dans les cathédrales les carillons en fête!)

si tu es le fracas de la sphère qui flambe
 et, dans la fanfare de l'inconnu,
 l'étreinte vespérale

des tremblements de terre et des tremblements de mer?

Tu viens de loin et tu es proche... En quelle forêt épaisse.
 en quelle île absconse,
 sur quel indiscernable promontoire,
 en quelle solitude silencieuse
 épies-tu le signal de ton heure irrésistible,
 nocturne maëlstrom puissant qui couves en ton vertige l'auroreignée?
 Tu viens de loin... mais qui, dans le dense chaos, saura d'où tu viens?
 et dans quelle ténèbre s'occulte ton exceptionnel secret
 et de ta mission qui donc a pu scruter l'insigne arcane,
 par lequel tu es *ab æterno* l'Oint armipotent et surhumain,
 sacré victorieux à travers quelles amertumes,
 élu depuis combien d'années pour être le plus glorieux des paladins?

(Et partout je vois flotter festons, oriflammes
 partout j'entends des hymnes!

L'étoile de ton berceau
 est un astre de terreur et d'épouvante
 et l'acier exterminateur,
 foudroyant,
 à ton poing,
 scintillera plus clair qu'aux journées de Lépante
 afin de réaliser l'expurgement splendide.

Tu mets en cendres dais, tricliniums, chaises, curules
 où se dresse et s'entortille
 le multiple Dol,
 tu supplantas l'hydre et l'orfraie,
 tu anéantis le noir et sournois empire
 de la politique et du comptoir,
 de la paperasse et du protocole.

Tel Mars resplendissant en la prestance d'Apollon,
 de fleurs te couronne Diane et de lumière Minerve:
 dans ta poitrine frémissent l'esprit de la Pucelle
 et le fantôme napoléonien
 en l'ancestrale répulsion pour toute œuvre félonne.

Repoussant des parvis les meutes et les chiourmes,
 tu combats, ô Combattant, pour le droit nouveau:
 au peuple qui était esclave et à la race qui était serve
 tu redonneras la notion d'être un peuple et d'être une race

Moi, qui ne sais ni m'émouvoir ni m'énivrer,
 avant, hélas! en mon âme étouffé le myste et le visionnaire,

je m'émerveille de voir que tu es réellement
le plus pur Renouveau
du beau jardin des lys ancien et légendaire.

(Quels effluves il y a dans l'air, et ces *Te Deums* en Europe
et ces vivats et ces hourras!)

Formidable et fatal!
tu viens à l'instant nécessaire.
L'ignivome coursier argenté que tu montes galope
devant ta troupe bigarrée.

(Et quelle est donc cette armée, en plus, angélique et multitudinaire!)

Et l'on a pour de bon la sensation unique, véridique, péremptoire
que c'est la victoire, la victoire, la victoire,
la Victoire!
et l'authentique frisson de la gloire.

L'épervier crispé, aux serres sordides,
qui s'alimente de rossignols,
s'envole au loin, par devant le heurt
et le vacarme de tes héros.

Jusqu'aux régions sauvages du Nord
tu tailles en pièces la horde crasse et balourde
en des prouesses qui sont autant d'éclairs
éclos au sein des matins vermeils.

Tu es sourd aux doléances du pusillanime,
et la brute opaque ne t'émeut point:
tu vas et tu vaincs, ne connaissant pas d'obstacles,
trombe de ténébres dissoute en soleils.

Prompt à voler par la steppe, tu es l'aiglon
qui balaie les vagues et les mascarets
et, refondant kremlins et alcazars,
tu plantes la Croix sur tous les sommets.

Aux nouvelles terres que tu embrasses, ô preux!
tu montres le pallium des cieux nouveaux
et devant la Cathèdre bâtie sur la pierre tu déposes
la richesse de tes triomphes et le trésor de tes trophées.

La plèbe en pleurs, abasourdie d'angoisse,
abstergée et exempte de ses souillures,
tu la délivres de la verge de fer, et voici qu'un labarum d'amour

se déploie sur les mécréants.

Et tandis que dans les brises soufflant jusqu'aux bornes du monde
hulule la rage des Absalons
et que tu accules l'intrigue dans les perfides barathres déliquescents
de ses salons,

tandis que tu foules valeureux sous tes talons
l'audacieux amas grouillant d'aspics
et que tu mets en débandade, sous tes coups,
en bloc, les corybantes des temples et les satrapes,

tu règnes! et le monde, fatigué de despotes,
rassasié de la simagrée torte des rustres,
éclate dans une explosion d'allégresse
et le chœur unanime des multitudes rédimées t'appartient.

Tu viens
et ta soudaine présence
inspire la frayeur comme les apparitions.
Tu instaures l'époque des renaissances véritables,
tu inaugures l'ère des résurrections totales.

Tu viens
et il semble que c'est du fond des limbes immémoriaux
que tu surgis de nouveau à la vie
afin d'annoncer aux hommes qu'outre-terre
il existe des choses immortelles.

Tu viens... et je vois que c'est des bords lointains où déferle en
sanglots l'océan incommensurable et turbulent de la souffrance
humaine

que, depuis longtemps, *sciens infirmitem*, tu es parti, sachant,
ô *vir dolorum*, comment et combien l'humanité est triste

et de quelle façon il était besoin de lui rendre le bonheur de penser
et d'agir seulement pour la vie future.

Tu viens... au tréfonds de ton être s'accroît la recrudescence,
l'obscur impatience de l'Élu qui sent déjà dans ses entrailles

cette vorace inquiétude qui est à la fois transe et béatitude, ce
on ne sait quoi qui dans les profondeurs de l'âme est comme
la plénitude ample et sereine

d'une force inéluctable qui l'envahit, devant laquelle aucun

pouvoir sur la terre ne dresse sa volonté,

force pareille à la collision absolue de deux abîmes, laissant
se déchaîner sans entraves les salutaires cataclysmes

et répandant à l'entour la blanche, la limpide harmonie de
l'aube qui réveille les vallées et va baigner les cordillères.

Tu viens... la clameur émanée des plaines et descendue d'en
haut est l'immense alluvion dominatrice d'une seule énorme prière

exhalée vers toi pressante des Douze Portes de l'infini, l'appel,
qui, flamme ou torche, exaspère l'ardeur de ton zèle

piaculaire oblation, faite de tous les cris, plainte, râle, vagis-
sément, alarme, quintessenciée dans le creuset clarifique du Karma

voix qui se joint à celle des Anges et des Saints, expiatoire
voix qui te pousse et t'incite à l'essor impérial de la victoire,
voix

planant dans l'au-delà sur ceux qui prient, sur ceux qui pensent,
baume pour ceux qui pleurent, bénédiction pour ceux qui
souffrent.

Tu viens... sur ton étendard resplendit le Cœur qui saigne,
ouvrant aux assoiffés de paix le havre si difficile à atteindre,

aux affamés d'amour ouvrant pour toujours l'estuaire dont
l'onde bouillonnante jaillit des sources vives du Calvaire.

Tu viens... l'Homme nouveau en toi se lève contre le vieil
Homme, car tu es le chevalier rude et intégral de l'Évangile
et le truchement tentaculaire du Saint Paraclet.

ET C'EST POURQUOI DANS LA PALPITATION DE TA VENUE JE CHANTE!

Il faut donc que la lyre en liesse fasse taire les thrènes, quand
je te vois traverser comme un géant le Rhin

et d'un coup mettre à bas les barbares barbacanes du monstre
resté impuni aux aguets par derrière ce fleuve-là.

En ta dextre puissante l'épée est fouet et cimenterre et, si de
pitié, de honte et de peine elle se contracte

(chez Parsifal le don fleurit de compassion suprême et Lohengrin

réconforta le cœur meurtri, le sein gonflé d'Elsa)

en elle se soulève surtout, terrifiante et hautaine, la haine qui
à la gorge empoigne le mal et qui étrangle le crime,

en elle la colère fulgure contre l'égoïsme immonde, contre Klingsor
et contre Ortrude et contre Telramund,

en elle s'exalte la fureur mélancoliquement acerbe, si le fol
transgresse la Norme, si l'impie blasphème le Verbe

et l'indignation qui vibre en ton geste redoutable, c'est la rafale
d'en haut qui s'élançe et gronde en grandissant

Le SPIRITUS PROCELLARUM QUI FACIT VERBUM EJUS, dans leurs repaires
bloquant les reptilles et dans leurs mares les batraciens

jusqu'à ce que renaisse enfin la glèbe délivrée et féconde pour
les revivescences matinales de la clarté qui l'inonde.

Et tu es le Signe de la Salvation contre le Fauve légendaire,
que tu fais disparaître au seul resplendissement de ta face austère

irradiant le courroux vengeur des Keroubs primitifs et des Morts
que nous voyons tout à coup être Vivants

et qui auront créé, dans les plaines sidérales, au-dessus des
revers, l'épiphanie universelle de la blême Nemésis.

De l'hosanna qui retentira de mer en mer, de terre en terre,
car je vois déjà dans la brume le flamboiement de ton glaive,
j'ai voulu, en un rythme incandescent de vindicte et de guerre,
à l'avance chanter ton los
en un chant qui tous les autres chants résume.

Mais ce que j'ai pressenti dans le silence en méditant,
ce que plein d'assurance j'extravase dans mon vers
c'est maintenant le halètement, bien qu'indéfini, de l'Univers
qui, sans savoir qui tu es, ahane désespérément vers toi.

C'est l'aspiration séculaire des races douloureuses
dans la dernière cristallisation,
lent et subtil amalgame de lys et de roses,
stylisant, ô jeune Chef, ton blason.

Dans les extases, dans les hymnes, dans les vigiles
le prophète, le barde, l'ascète ne doutent pas

que tu ne sois prêt à venir,
 car ils savent que tu es l'informe désir²
 dont le souffle agite la nuit inquiète
 dans le monstrueux effondrement de l'Histoire à reconstruire.

Et si mon âme s'est auréolée de ce rêve illassable,
 de cette opiniâtre et folle apothéose,
 si je crois que du tragique et effroyable
 choc entre le Bien et le Mal, toi, toi seul, es capable
 d'appareiller dans la guerre implacable l'immarcescible paix,

SI J'AI PU T'ESPÉRER ET TE PRÉDIRE

permets-moi d'être le précurseur qui te salue
 en la veille du jour de tremblement et d'épouvantement
 DIES IRÆ de ton avènement miraculaire,
 et laisse-moi m'embraser dans l'incendie et dans la splendeur
 de ta gloire, de ta force, de ton amour.

Et que l'immense et misérable cohue humaine,
 épais troupeau tabide et vagabond,
 revive aux rayons de ton sceptre, ô Roy,
 ressuscite aux coruscations de ta lance
 et, enfin arrachée hors du tourbillon profond,

t'acclame et te bénisse, ô Sauveur de la France,

O SAUVEUR DU MONDE!

Hymne à l'Homme qui viendra. Paris: Henri Gaulon. 1922. 16p.

* * *

Un poète brésilien: José Severiano de Rezende

De tous les écrivains étrangers qui ont fait de la France leur patrie spirituelle, parce qu'ils voient en elle l'âme pensante de l'univers, le poète brésilien José Severiano de Rezende est un de ceux qui croient le plus fermement à sa mission et qui, dans leur œuvre, l'ont exaltée le plus de magnificence et de grandeur.

M. Severiano de Rezende est originaire de cette province de Minas où, dès la fin du XVIII^e siècle s'est fait sentir l'influence pré-romantique où, plus tard, le vent des idées françaises devait faire frémir les cœurs et enflammer les énergies qui conquièrent au Brésil son autonomie: il a reçu l'empreinte de notre pensée et la formation de notre littérature. Avec tous nos poètes symbolistes, il a lu Baudelaire et aimé Verlaine. Catholique, mais d'un catholicisme large et tolérant, il a médité sur les Livres Saints et approfondi l'étude de l'Évangile selon Saint Jean. Dante est le poète de qui il a reçu son illumination. Et, guidé par lui, il a retrouvé la pensée du Moyen-Âge, et essayé, pour le temps présent, de reconstituer la synthèse d'idées que cette grande époque avait si merveilleusement opérée.

C'est pourquoi il n'a jamais cédé à ce nationalisme aigu qui chez certains peuples, s'est tellement exaséré de nos jours, qu'il peut être la cause de prochaines et terribles calamités. S'il aime sa patrie et ne songe pas à se libérer d'aucun des devoirs qu'elle pourrait lui imposer, il la considère pourtant comme une province de cette humanité spirituelle à la tête de laquelle marche la France dont les destinées influent sur celles des autres nations.

De même sa religion peut lui enseigner le renoncement, le don de soi, le sacrifice volontaire. Elle ne peut pas lui faire nier, ou mutiler la vie; parce que, a-t-il, dans une ode sublime: "Toute la Création, de l'homme à l'étoile, aspire à vivre! Autour de la même loi tout évolue et tourne pour naître, pour renaître; le passé, le présent, l'avenir se mêlent dans la ronde ardente du Devenir Suprême... Et comme j'ai vécu aujourd'hui et jadis, je crois que je vivrai dans les siècles des siècles, Amen."

Pour lui, les phases successives par lesquelles doit passer la conscience humaine, afin de conquérir l'immortalité, sont les mêmes que celles par où les vieux alchimistes voulaient faire passer la matière du Grand Œuvre pour la création de la pierre philosophale. Dans sa grande Épopée, intitulée: *les Mystères*, il nous montre d'abord l'homme enfoncé dans la chair, prisonnier de ses sens, esclave de ses passions. Son *Poème de l'Instinct* est le cri sauvage et magnifique des desirs charnels. Il nous offre le spectacle de l'enfer intérieur que chacun de nous porte en soi. Comme Baudelaire, il descend jusqu'au fond des cycles maudits où l'âme pleure, si le corps ricane et jouit.

Mais Severiano de Rezende n'oublie pas que l'homme, jusque dans les pires déchéances, garde la nostalgie de la pureté, et l'aspiration vers les virginités de l'azur. Aussi, dans la seconde partie de son œuvre: *Le Livre de la contrition et de la meurtrissure*, il nous montre dans ces fautes et ces turpitudes, par le repentir, le principe même de la rédemption. Un songe à Verlaine, le poète du remords et de la pénitence, et il lui dit des paroles comme celles-ci: "L'homme qui passe et rit ne peut certes te comprendre,/O Toi le plus sincère, le plus véritable des poètes,/Et à ton exemple qui donc est capable de se repentir/De tant de fautes si formelles, si entières?"

Cela le conduit à la troisième partie des *Mystères*, où les âmes libérées par les épreuves successives, connaissent enfin la joie infinie de la connaissance suprême dans l'éternelle contemplation de Dieu. Cette rédemption, comme Victor Hugo, dans LA FIN DE SATAN, et avant lui, comme Goethe, dans Le second FAUST, le poète la veut totale.

Le Maudit lui même peut en bénéficier, s'il abdique son orgueil et, si touché par l'Amour, il tombe à genoux au pied de la Croix.

Cette grandiose épopée se termine par un HYMNE À L'HOMME QUI VIENDRA. Et dans cet hymne, M. Severiano de Rezende proclame sa foi en la France. L'Homme qui viendra sera son Sauveur; et il prophétise que c'est elle qui, en restaurant et en faisant regner partout la spiritualité, rachetera le monde et le préparera pour le Jour dernier du Jugement.

Les MYSTÈRES du poète brésilien sont, comme l'œuvre du poète florentin, une sorte de *Divine comédie*. C'est une épopée cosmique, avec un accent moderne, et qui utilise toutes les acquisitions de la théologie et de la mystique contemporaines. Ils exprime ces vastes conceptions dans une langue admirable de richesse et de chaleur. Il a le don des images saisissantes, du rythme large et suggestif. Il sait allier la finesse mordante au lyrisme enflammé. Car ce poète est aussi maître de sa forme que de sa pensée.

M. Severiano de Rezende est aussi un prosateur de race. Sous le titre de: FLOS SANCTORUM, il a écrit une manière de *Légende Dorée*, aussi naïve et parfumée que celle dont le vieux Sylvestre Bonnard faisait ses délices, mais d'une signification plus profonde et d'une pensée plus ancylopedique, et dont un de nos écrivains, M. Philéas Lebesgue, a pu écrire qu'elle "a peut-être réjoui davantage les articles et les poètes que les dévots au front étroit."

Sous l'inspiration de M. Joseph Mélon, un maître de chez nous qui s'apparente à lui par la puissance de l'esprit et la force éclatante du verbe, un groupe d'écrivains français, en présence de M. de Souza Dantas, ambassadeur du Brésil à Paris, fêtera dimanche prochain, José Severiano de Rezende, car la France, en raison de l'hommage qu'il lui a rendu, n'a plus le droit de l'ignorer.

André Delacour

Article donné au *Journal Parlé* par T.S.F. de la Tour Eiffel, le 18 janvier 1928. 2p. (Inédito).

* * *